

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
LITERÁRIOS E TRADUTOLÓGICOS EM FRANCÊS

Lucília Souza Lima Teixeira

**INTERSECÇÕES ENTRE LEITURA, TRADUÇÃO E AVALIAÇÃO:
DESDOBRAMENTOS PARA O ENSINO**

São Paulo

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
LITERÁRIOS E TRADUTOLÓGICOS EM FRANCÊS

**INTERSECÇÕES ENTRE LEITURA, TRADUÇÃO E AVALIAÇÃO:
DESDOBRAMENTOS PARA O ENSINO**

Lucília Souza Lima Teixeira

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para a obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Estudos Linguísticos,
Literários e Tradutológicos em Francês

Orientador: Prof. Dr. Alain Marcel Mouzat

São Paulo
2010

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Teixeira, Lucília Souza Lima.

Intersecções entre leitura, tradução e avaliação:
desdobramentos para o ensino / Lucília Souza Lima Teixeira ;
orientador: Alain Marcel Mouzat. -- São Paulo, 2010.
239 f. : il.

Dissertação (Mestrado)--Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento
de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos Linguísticos,
Literários e Tradutológicos em Francês.

1. Língua francesa. 2. Ensino de língua estrangeira. 3. Leitura. 4.
Tradução. I. Título. II. Mouzat, Alain Marcel.

CDD 440

Lucília Souza Lima Teixeira

Intersecções entre leitura, tradução e avaliação: desdobramentos para o ensino

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês do Departamento de Letras Modernas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês

Aprovado em: ___/___/2010

Banca Examinadora

Prof. Dr. Alain Marcel Mouzat (orientador)

Instituição: FFLCH/USP

Assinatura: _____

Prof^a Dr^a Matilde Virginia Ricardi Scaramucci

Instituição: IEL/UNICAMP

Assinatura: _____

Prof^a Dr^a Cristina Moerbeck Casadei Pietraróia

Instituição: FFLCH/USP

Assinatura: _____

Prof^a Dr^a Stella Esther Ortweiler Tagnin (suplente)

Instituição: FFLCH/USP

Assinatura: _____

Prof^a Dr^a Vera Lucia Marinelli (suplente)

Instituição: FE/USP

Assinatura: _____

Prof^a Dr^a Heloísa Brito de Albuquerque Costa (suplente)

Instituição: FFLCH/USP

Assinatura: _____

Aristides José e Verenice

Nell e Tide

Hemirene e Elenice

Tetê e Dindinha

Laidinha, Ruth e Tio José

Pilares da minha vida

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Alain Mouzat pela colaboração e disposição, à professora Dra. Cristina Casadei Pietraróia, pelos primeiros anos de estudo de francês, coordenadora nos primeiros anos de monitoria, pela grande contribuição a minha formação, pelas leituras, apoio, confiança e oportunidades.

Ao projeto COMET: professora Dra. Stella Tagnin, que me fez descobrir a Linguística de Corpus e sua versatilidade. À Sabrina Matuda por toda a ajuda e paciência no manejo do WST e Carmem Dayrell pelas dicas para o uso do WST.

Aos professores: Ligia Ferreira, por apresentar valiosos aspectos interculturais da tradução e ensino de línguas; Heloísa Cintrão, que me ofereceu mapas de orientação para estudos da tradução; Francis Aubert, pela apresentação de tantas modalidades de tradução; John Milton por revelar os (poli)sistemas da tradução; Sabina Kudman, pelas primeiras aulas de francês; Eliane Lousada, pela opinião em relação à avaliação e Cláudia Pino, pela ajuda com os processos burocráticos.

Ao Centro de Línguas: à amiga Daniela Prado pela generosidade em compartilhar e pela companhia em vários momentos de ensino e aprendizado; ao coordenador prof. Dr. Paulo Massaro, pelo apoio e compreensão; à diretora Rosane de Amado Sá, pela ajuda em alguns apuros. Aos colegas: Cícero Oliveira, Ana Amélia Coelho, Roberto de Abreu, Luciana Schoeps, Fernando Durand, Mariana Giordani, Adriana, Ingrid, Roberta, Márcio, Cristina, Jamila, Maíra, Ângela Corte, Larissa Locoselli, Bruna Macelo, Marcílio Vieira, Charles, Artur, Kalid, Cláudia Ozon, Daniela Hirakawa e as caras secretárias Eliane e Alzira.

Às amigas: Alessandra Rigonato, Samantha Balarin Viana, Marta Leitão, Lorine Barnabé, Juliane Freitas, Silvia Almeida, Carla Cavalcanti e Elizabeth Paik.

Aos colegas de pós: Fabiana Silva, Lara Milani, Rita Jover-Faleiros, Gisele Galafacci, Sahsha Dellatorre e Cláudia Viegas

A todos os alunos do francês instrumental I e II, em especial: professora Lusiné, professora Luciana, Nanci, Francisca, Olavo, Luiz, Bárbara, Camila, Patrícia, Renata, Wellington e Sidney.

Aos alunos do curso de leitura de textos para a graduação em 2008: Thiago dos Santos, Tiago, Lislière, Suzana, Agnelo, Camila, Eneida, Rodolfo, Daniel, Janaína, Paulo e Vitória.

A André, Fernanda e Luiza, pela ajuda com números.

Aos amigos: Julianas Rocha e Pedreira, Bárbara Saunders, Anna Cavazza, Carlos Eduardo Nogueira e Claudine Broyer.

Ao Marcos e família

Aos queridos Adriana e Edison, Álvaro e Rejane

À Edite, pela gentileza e esclarecimentos.

RESUMO

TEIXEIRA, L. S. L. **Intersecções entre a leitura, tradução e avaliação: desdobramentos para o ensino.** 239 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Percorremos nessa pesquisa caminhos entre a leitura, tradução e avaliação que muitas vezes se cruzam, como na didática de línguas e nos estudos cognitivos. Os processos e estratégias de tradução, forçosamente, demandam variados tipos de leitura em língua estrangeira que, por sua vez, ativam outras estratégias em diferentes momentos, como a leitura do texto traduzido feita em comparação ao texto original, denominada *leitura crítica da tradução*. A prática da tradução exercita a leitura, ao mesmo tempo em que faz com que o leitor-tradutor reflita sobre suas próprias atividades e percursos. A avaliação da compreensão escrita de um texto em língua estrangeira é a finalidade dos exames universitários de proficiência que representam uma das etapas exigidas durante processo seletivo para o mestrado e doutorado nos programas de pós-graduação. Esses exames podem ter diferentes modalidades dentro de um mesmo centro aplicador ou universidade, como acontece na USP. Em alguns casos, exige-se a tradução, se não integral, de um trecho do texto para o qual também são feitas outras questões: dissertativas, múltipla escolha ou opção por verdadeiro ou falso. Nessa pesquisa, analisamos as traduções de trechos de textos de exames de proficiência em francês feitas por candidatos aos programas de pós-graduação para o mestrado e doutorado na ECA, nos anos 2002, 2004, 2005 e 2006, e na Faculdade de Letras, nos anos 2004, 2006 e 2007. Os trechos de tradução foram inseridos no programa *WordSmith Tools*, que ajuda a visualizar um *corpus* para que seja analisado, por isso muito usual nas pesquisas em Linguística de Corpus. Confrontamos nossas postulações de erros com as soluções, dificuldades, problemas e procedimentos encontrados no *corpus*. Considerando o objetivo do exame de proficiência e como não há indícios de um método de correção da tradução no *corpus*, procuramos distinguir os erros de leitura dos de expressão escrita e compreender as estratégias utilizadas pelos candidatos. Essa distinção deveria estar presente nos critérios de correção que deveriam ser explicitados pelos elaboradores para que pudessem ser conhecidos de antemão pelos candidatos. Dentro da USP, é crescente a busca por preparo aos exames de proficiência nos cursos instrumentais, entre eles o de francês, que têm como principal foco a compreensão de textos em língua estrangeira. Para que os atuais alunos leiam suas bibliografias e sendo, alguns desses também futuros candidatos a essas provas, deve-se atentar para os exercícios de tradução, já que esses trabalham e revelam a compreensão do leitor-tradutor. Nosso objetivo é refletir sobre os critérios de avaliação dos exames e contribuir para o ensino da leitura em FLE, auxiliando os cursos instrumentais a incorporarem a prática da tradução, apresentando seus benefícios para a leitura.

Palavras-chave: FLE; Francês instrumental; Exame de proficiência; Avaliação; Leitura em LE

ABSTRACT

TEIXEIRA, L. S. L. **Intersections between reading, translation and assessment: developments in teaching.** 239 p. Dissertation (Masters in Arts). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

In this research we go through the paths between reading, translation and assessment that often intersect, like in language teaching and cognitive studies. The processes and strategies of translation strongly require different kinds of reading in a foreign language, which, in their turn, activate other strategies at different times, like reading the translated text and comparing it to the original text, which is called *critical reading of translation*. The practice of translating exercises the reading process, at the same time that it makes the reader-translator reflect on their own activities and pathways. The assessment of reading comprehension of a text in a foreign language is the purpose of the university proficiency exams that represent one of the steps required during the selection process for masters and doctorate programs in graduate school. These exams may have different modalities within a single applying centre or university, as it occurs at USP. In some cases it is required the translation of a text's extract, if not the whole text, and questions about it are made, which can be in form of essay, multiple choice or true or false options. In this research, we analyse the translation of excerpts from texts of French proficiency exams taken by candidates for postgraduate programs for master's and doctorate at ECA, in the years 2002, 2004, 2005 and 2006, and at the Faculty of Arts, University of Sao Paulo, in the years 2004, 2006 and 2007. The excerpts were entered into the translation program *WordSmith Tools*, which helps to visualise a *corpus* that will be analysed, being very used in Corpus Linguistics' polls. We confronted our supposed mistakes with the solutions, difficulties, problems and procedures found in the *corpus* and verified whether the exercise of translation reveals (in) comprehension by the candidates. Inside USP there is an increase of search for reading courses that prepare to the proficiency exams, and that includes the Reading in French course, which focuses on reading comprehension in a foreign language. For the current students to read their bibliographies, and being some of them future candidates to the proficiency exams, it is important that the reading courses give special attention to the translation exercises, since they show and work on the comprehension of the reader-translator. Our aim is to reflect on the assessment criteria of the exams and contribute to the teaching of reading in FFL, assisting reading courses to incorporate the practice of translation, by presenting its benefits for reading.

Keywords: FFL; Reading in French; Proficiency Examination; Assessment, Reading in an FL.

SUMÁRIO

Introdução.....	09
------------------------	-----------

Capítulo 1: Leitura e Tradução

1.1. A compreensão textual e suas estratégias.....	12
1.2. A prática da tradução como uma das estratégias de compreensão.....	15
1.3. Leitura e tradução na didática de línguas.....	26

Capítulo 2: Leitura, Tradução e Avaliação

2.1. Os exames de proficiência em língua estrangeira.....	29
2.2. A avaliação da leitura.....	36
2.3. A avaliação da tradução.....	39
2.3.1. Modalidades tradutórias, uma tentativa de análise.....	39
2.3.2. As dificuldades encontradas.....	49
2.3.3. Os modelos de avaliação de tradução e os estudos do erro...50	
2.4. A tradução como avaliação da compreensão.....	57

Capítulo 3: A pesquisa realizada

3.1. O <i>Corpus</i> de estudo.....	61
3.2. A Linguística de Corpus e o programa <i>WordSmith Tools</i>	63
3.3. Postulações de erro.....	68
3.4. Procedimentos de anotação do <i>corpus</i>	70
3.5. Descrições do <i>corpus</i> anotado	
3.5.1. <i>Subcorpus</i> I.....	73
3.5.2. <i>Subcorpus</i> II	79
3.5.3. <i>Subcorpus</i> III.....	86
3.5.4. <i>Subcorpus</i> IV	95
3.5.5. <i>Subcorpus</i> V	100
3.5.6. <i>Subcorpus</i> VI	110
3.5.7. <i>Subcorpus</i> VII.....	115

Capítulo 4: Análises e resultados

4.1 Avaliando as operações de leitura nas traduções.....	125
4.1.1. Os microprocessos.....	126
4.1.2. Os processos de integração.....	150
4.2. A relação entre as notas das traduções e das questões.....	157

Considerações finais e novas perspectivas.....	159
---	------------

Referências Bibliográficas.....	166
--	------------

Anexos

A - Transcrição de entrevistas com elaboradores de provas de proficiência

A01 – Inglês	172
A02 - Espanhol.....	177
A03 – Italiano.....	180
A04 – Francês.....	182

B - Textos das provas analisadas

B01 – ECA 2002	187
B02 – ECA 2004	189
B03 – ECA 2005	191
B04 – ECA 2006	194
B05 – Letras 2004	199
B06 – Letras 2006	203
B07 – Letras 2007	205

C- Análise pelas modalidades de tradução.....	207
--	------------

D – <i>WordList</i> dos trechos originais	223
--	------------

E – Gráficos das provas (relação nota das questões – nota na tradução)

E01 – ECA 2002	233
E02 – ECA 2004	234
E03 – ECA 2005	235
E04 – ECA 2006	236
E05 – Letras 2004	237
E06 – Letras 2006	238
E07 – Letras 2007	239

*Se ao leitor algumas coisas escapam, ao tradutor não se pode escapar. Desta maneira,
adquire-se inteligência e juízo*¹

Plínio

Carta 9 em 50 d.C.

¹ Nossa tradução. Texto em espanhol: *Si al lector se le escapan algunas cosas, ao traductor no se le pueden escapar. Con ello se adquiere inteligencia y juicio.* (VEGA: 1994,78).

Texto original em latim: *Quo genere exercitationis proprietas splendorque uerborum, copia figurarum, uis explicandi, praeterea imitatione optimorum similia inueniendi facultas paratur; simul quae legentem fefellissent, transferentem fugere non possunt. Intelligentia ex hoc et iudicium acquiritur.*

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa percorre caminhos da leitura, da tradução, da avaliação e do ensino. No âmbito da prática da tradução em Francês Língua Estrangeira (FLE), o presente trabalho visa analisar, discutir e compreender algumas das principais estratégias utilizadas pelos candidatos aos exames de proficiência, no caso a tradução, com o objetivo de contribuir para o ensino da leitura em FLE, mais especificamente, para o curso de francês instrumental.

Os primeiros passos para iniciar esta pesquisa foram dados durante a graduação. A escolha pela área de Letras proporcionou-me não só a chance de começar a aprender a língua francesa, como também a de começar a aprender como se aprende e se ensina uma língua estrangeira, o que foi complementado pela licenciatura. Em 2006, iniciei uma monitoria no Centro de Línguas da FFLCH, onde comecei a aprender a prática de como ensinar uma língua estrangeira com um objetivo específico, o da leitura.

Os alunos dos cursos instrumentais são, em sua maioria, estudantes da graduação e pós-graduação de diferentes unidades da Universidade, alguns querem ter um primeiro contato com a língua francesa, outros precisam ler em língua estrangeira, ou pela bibliografia do curso, ou para passar pela prova de proficiência em língua estrangeira, exigência para a entrada nos programas de pós-graduação de mestrado e doutorado.

Como eram esses exames? Eu mesma ainda não havia passado por um. Fui à procura de informações e questionei meus próprios alunos, que me relataram diferentes tipos de provas que pretendiam fazer ou que já tinham feito. A coordenação de francês do Centro de Línguas me apresentou algumas das provas elaboradas pelo Centro e constatei que realmente existiam diferentes tipologias de provas de acordo com cada unidade ou programa. Logo, teve o início de uma nova atividade como monitora, participar da equipe de proficiência em francês na elaboração e correção de exames aplicados pelo Centro de Línguas.

Desta maneira, pude observar e participar dos dois processos: acompanhando os alunos, alguns destes futuros candidatos, nas aulas de francês instrumental, e elaborando as provas de proficiência. Vi se interligarem em uma rede alguns elementos presentes nos dois processos: as estratégias de leitura, as inferências, a identificação dos referentes, dos correferentes, dos falsos cognatos e, entre outros, a tradução. Sobre esta última, tanto alunos nas aulas de instrumental quanto candidatos durante os exames questionavam: quais

são os critérios usados pelos corretores? Deve-se fazer uma tradução literal? A tradução deve ser *ipsis litteris*? É algo positivo ou negativo para o corretor? Se não traduzir bem, quer dizer que não entendi o texto?

Muitas vezes, os trechos são selecionados por conter expressões e termos específicos da língua francesa, mas seria possível comprovar no *corpus* uma postulação de erros feita por um avaliador?

Em relação ao ensino, outra questão importante foi, justamente, se ao detectar as dificuldades e problemas mais comuns nas traduções feitas para os exames e compreendendo as estratégias utilizadas, poderíamos propor exercícios de tradução em um curso voltado para a leitura, a fim de auxiliar os alunos, alguns também futuros candidatos à prova de proficiência, na leitura em FLE. A essa pergunta, soma-se outra: O aluno com pouco conhecimento linguístico consegue, pode ou deve traduzir?

Foram esses fatores que me fizeram questionar o papel da tradução na avaliação e no ensino da leitura em FLE e que justificam uma pesquisa sobre estas questões que pode contribuir para a correção das provas de proficiência que exigem a tradução e para o ensino nos cursos dedicados à leitura em língua estrangeira.

O primeiro capítulo desta dissertação aborda o papel da tradução na construção de sentido, partindo de como se dá a compreensão de um texto, dos processos e estratégias utilizados pelo leitor para vê-los interagir na tradução. Assim, discutimos as possíveis intervenções da tradução nos processos de compreensão, pois ela constitui um modo particular de leitura, ao mesmo tempo em que também é geradora de outras leituras.

No segundo capítulo tratamos da avaliação da leitura e da tradução, feitas de forma separada, e suas classificações existentes, dentre elas, nossa primeira tentativa de análise, para então, refletirmos sobre a avaliação da leitura pela tradução, descrevendo primeiramente o caso dos exames de proficiência, pois estes formam nosso *corpus* de estudo. Para essa descrição, contamos com entrevistas realizadas com membros de equipes de proficiência de francês e outras línguas.

No terceiro capítulo, apresentamos o contexto de nossa pesquisa e o *corpus* de estudo, dividido em 07 *subcorpora*, equivalente às diferentes provas pesquisadas, cedidas pelo Centro de Línguas e pela área de francês do Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP. Utilizamos o programa computacional *WordSmith Tools*, bastante conhecido nas pesquisas da Linguística de Corpus, que nos ajuda a visualizar as variedades,

dificuldades, problemas e procedimentos de tradução, para descrever cada prova a partir das anotações no *corpus*, apresentadas em suas imagens. Assim, confrontamos nossas postulações de erro feitas inicialmente com as reais traduções dos candidatos.

No quarto capítulo, selecionamos uma amostragem retirada dos *subcorpora* para apresentar os resultados encontrados de acordo com as operações de leitura identificadas e refletir sobre o posicionamento da avaliação. Muitas vezes, os erros contidos nas traduções nos levaram aos caminhos e interferências que prejudicaram os candidatos durante os processos de construção de sentido. Relacionamos também as notas obtidas nas questões de compreensão às da tradução apresentadas em gráficos.

Esperamos, com nosso trabalho, discutir as especificidades do exercício de tradução na avaliação da leitura e o possível resgate de uma prática que foi por muito tempo banida dos cursos instrumentais. A partir das teorias sobre os processos e estratégias de leitura e tradução, assim como suas avaliações, e analisando provas de proficiências, nosso objetivo principal é auxiliar os cursos instrumentais a implementar a prática da tradução, apresentando seus benefícios para a leitura, além de auxiliar corretores e candidatos quanto aos critérios da avaliação da tradução na prova de proficiência.

CAPÍTULO 1: LEITURA E TRADUÇÃO

Ao descrever os processos e as estratégias de leitura e tradução, notamos vários pontos em comum entre as duas atividades que também aparecem em uma relação paradoxal de conflitos e colaborações mútuas ao longo da didática das línguas.

1.1. A compreensão de um texto e suas estratégias

As reflexões sobre a leitura passaram por vários momentos. Nas primeiras teorias em que o autor era privilegiado e somente sua intenção era considerada, colocando o leitor como mero receptor da mensagem. Nos estudos formalistas, o código informava por ele mesmo e os outros atores (leitor, autor) estavam excluídos do processo comunicativo. Segundo Jouve (2003), somente nos anos 1970 começaram os estudos que, impulsionados pela estética da recepção de Jauss (1991) e a teoria do leitor implícito de Iser (1987), no campo literário, passam a levar em conta o papel do leitor e do gênero textual na construção do sentido.

A linguística textual traz novas reflexões, principalmente a partir da obra de Bakhtin que discute a ligação da linguagem ao pensamento na interação das variáveis leitor–texto–contexto através do dialogismo e do interacionismo. A partir de então, deu-se uma maior ênfase à intertextualidade e à pragmática, de onde surgem os estudos sobre a enunciação na leitura e a mudança de posicionamento enunciativo leitor-tradutor durante o processo tradutório. Esta evolução é acompanhada da união dos estudos linguísticos com outros campos de estudo como a psicologia e a neurolinguística, que são as bases dos estudos cognitivos.

Já abordando a leitura por meio de estudos no campo da cognição, Giasson (1990) descreve os processos de compreensão de um texto na leitura e afirma que o leitor integra diferentes habilidades e interage com o texto. O leitor utiliza estruturas afetivas e cognitivas ao ler um texto. As primeiras estão ligadas aos (des)interesses e atitudes do leitor em relação ao texto, tais como: atração, repulsão, indiferença, medo ou desafio. As estruturas cognitivas atuam em parceria com as afetivas, unindo os conhecimentos que o leitor possui sobre a língua (conhecimentos sintáticos, semânticos, pragmáticos) e sobre o mundo, por suas experiências, pelo que já é por ele conhecido. Encontramos o mesmo

direcionamento em Richard (1991 *apud* PLASSARD, 2007), para quem a compreensão é também construída na interação de dois conhecimentos: os conhecimentos anteriores e os conhecimentos adquiridos pela leitura, que passam por diferentes tratamentos ao longo da elaboração do sentido.

Os processos de compreensão de um texto descritos pela autora são: *Microprocessos* - relativos à compreensão de informações no nível microtextual, de frase e reconhecimento de palavras, quando a leitura se dá por grupos de palavras; *Macroprocessos* - aqueles que se iniciam da compreensão global do texto, utilizando o conhecimento da estrutura textual; *Processos de elaboração*, quando o leitor realiza inferências e predições, fazendo um elo com os seus conhecimentos anteriores; *Processos de integração* – quando há a compreensão de referentes e correferentes, o leitor distingue as diferentes relações estabelecidas pelos conectores, formando elos entre proposições ou frases e *Processos Metacognitivos* - conhecimento sobre os processos de leitura e uso de estratégias que facilitam a integração de conhecimentos novos aos conhecimentos enciclopédicos, permitindo ao leitor ser capaz de refletir sobre a sua própria compreensão.

Nessa perspectiva, as pesquisas feitas pelos estudos cognitivos para investigar determinado processo focalizam as estratégias nele empregadas. O termo estratégia para a ciência cognitiva designa a procura do melhor caminho para se chegar a um objetivo estabelecido (DIJK e KINTSCH, 1983). As estratégias de leitura também atuarão na tradução do texto e se interligam auxiliando o leitor a ter outras formas de abordar o texto além da leitura integral e linear, permitindo uma leitura seletiva, auxiliando a busca, detecção e localização de informações precisas. No entanto, dependendo do caso, a leitura linear e integral também pode ser necessária (PLASSARD, 2007). As estratégias de leitura são:

- O *sobrevoos* (*survol*, *balayage* ou *skimming*) é a varredura do texto ou folheada de páginas, observação das imagens e de palavras-chave do ‘chapeau’ ou ‘lead’ de um texto jornalístico, por exemplo, o que facilita o reconhecimento da tipologia e estrutura textual. A partir deste sobrevoos, o leitor pode decidir qual será a próxima estratégia a ser utilizada;
- A *sinalização* (*balisage*) é permitida por elementos textuais que funcionam como “sinais” e ajudam o leitor a se localizar no texto, saber que caminho

seguir, ter referenciais da organização e encadeamento do texto (GOUADEC, 1999);

- *A seleção (écremage ou scanning)* aplica-se geralmente a textos curtos. O leitor extrai os elementos que ajudarão a constituir a compreensão global, extraindo o assunto do texto antes mesmo de lê-lo integralmente, pela varredura ou sobrevoos do título, subtítulo, palavras em destaque. Assemelha-se à sinalização, e
- *A localização (repérage)* atua em vários níveis e em diferentes fases dos processos de compreensão, na localização de uma informação precisa, por exemplo: encontrar citações, números ou nomes próprios. A localização é utilizada nos principais processos da leitura e também da tradução, onde há antecipação, identificação e verificação.

O leitor que conhece e sabe utilizar essas estratégias aborda o texto com mais facilidade e autonomia. A psicolinguística textual identifica certos procedimentos presentes na construção da compreensão e tenta entendê-los em uma rede hierarquizada de conceitos que são convocados pelas estratégias de leitura (COIRIER, GAONAC'H, PASSEREAULT, 1996). Essas estratégias, presentes em todos os processos de leitura, podem ser usadas simultaneamente, não são exclusivas de um gênero textual e colocam em jogo muitos elementos: esquemas, organizações de sequências, eventos, *scripts* e sequências pré-construídas, que são representações atuantes na macroestrutura textual e que são realizadas de acordo com os conhecimentos conceituais e linguísticos do leitor e da situação na qual se apresenta (MARCUSCHI, 1985).

Segundo Minsky (1975 *apud* COIRIER, GAONAC'H, PASSEREAULT, 1996), os esquemas são ativados por conhecimentos armazenados na memória e constituem dados organizados. Um esquema é a representação cognitiva que reagrupa informações associadas a um objeto, situação ou acontecimento. Os *scripts* são uma categoria de esquemas que apresentam um complexo encadeamento de causas por meio de sequências cronológicas estereotipadas encontradas no cotidiano, como: “ir ao cinema” ou “ao dentista”. De acordo com os autores, a compreensão é controlada pelos esquemas, específicos a cada leitor ou à tarefa a ser cumprida, podendo ser explícitos pela instrução e objetivo da tarefa, ou implícitos como opiniões, crenças e estratégias. Ademais, podemos

ter acesso a certas estratégias, verificá-las e estimulá-las através do ensino da leitura e também dos exercícios de tradução.

1.2. A prática da tradução como uma das estratégias para a compreensão

As relações entre leitura em língua estrangeira e tradução são tão próximas que se pode chegar a pensar em uma identificação completa, onde traduzir é ler e ler é traduzir ou vê-las como duas linhas paralelas, que paradoxalmente se cruzam em vários pontos.

Ler e traduzir são duas atividades de alguma forma paralelas, e também em relação de identidade parcial, articuladas uma e outra ao redor de objetos epistemológicos comuns, tais como texto, leitor, operações cognitivas, ou de finalidades compartilhadas, por exemplo: apropriação, compreensão, avaliação. (PLASSARD, 2007: 262)¹

Em *Lire pour Traduire*, Freddie Plassard (2007) mostra o papel da leitura e de suas estratégias no processo de tradução. Em nossa pesquisa, caminhamos no sentido contrário, investigando o papel da prática da tradução, suas modalidades e especificidades aplicadas ao ensino de leitura em língua estrangeira, não excluindo a primeira direção, visto que a leitura é indispensável em diferentes estágios tradutórios. O *corpus* da pesquisa nesta obra, onde a língua materna é o francês e a estrangeira, o alemão, assemelha-se ao aqui proposto pelo fato de ser formado por trechos de textos escolhidos também para tradução em exames de concursos universitários. No entanto, os candidatos são apenas da área de tradução e os textos são literários.

A autora esquematiza o processo de tradução em 16 etapas que se interligam em um vai-e-vem entre as leituras dos textos original (TO) e traduzido (TT) e a escrita da tradução. Em muitas dessas etapas podemos identificar as estratégias de leitura descritas no item anterior. A tradução exige um primeiro tipo de leitura do TO, depois outras leituras interagem na elaboração do TT, sob a forma de marcas formais e nocionais de modelos textuais na escala micro e macrotextual e, finalmente, leituras do TT, esses dois tipos de leitura se relacionam nas idas e vindas de um texto a outro (PLASSARD, 2007). Logo, o processo de tradução propicia leituras ainda mais exercitadas, fortificadas.

¹ Nossa tradução. Texto original em francês: *Lire et traduire sont deux activités en quelque sorte parallèles, voire en relation d'identité partielle, articulées l'une et l'autre autour d'objets épistémologiques communs tels que texte, lecteur, opérations cognitives, ou de finalités partagées, appropriation, compréhension, évaluation, par exemple.*

As estratégias e os processos macro e microtextuais, de elaboração, de integração e metacognitivos descritos por Giasson (1990) atuam também na tradução de um texto, pois essas mesmas estratégias e processos reaparecem na formulação e na leitura do TT. A tradução além de geradora de leituras também é composta por elas, logo seus processos são válidos para esta nova construção. As estratégias de leitura orientam os percursos do tradutor-leitor, auxiliando-o tanto na leitura quanto nas possíveis intervenções no TT. Visto a importância de conhecermos o processo tradutório, descrevemos as 16 etapas do modelo sugerido por Plassard (2007).

Na primeira etapa do processo de tradução se estabelece o enfoque global do texto em língua estrangeira, com o *sobrevo* e a observação de sua macroestrutura, para depois partir para uma leitura integral e linear, ligando os conhecimentos anteriores aos adquiridos na leitura, formando representações mentais.

A etapa 2 acontece no âmbito da escrita e precede a volta à leitura do TO na etapa 3. É o momento em que o tradutor faz anotações, marcas, sublinhados e observações de ordem metacognitiva, um alerta para o que deve ser melhorado, pesquisado, já que há a identificação de dúvidas e dificuldades. Está presente nessa etapa a *localização*, estratégia de leitura que exerce uma função particular na prática da tradução, encontrando as dificuldades potenciais e preparando as buscas de elementos que devem ser aprofundados tanto para a realização da tradução quanto para o aprendizado da língua estrangeira.

Atentando-se à contextualização, na etapa 3, retorna-se à leitura do TO, seguindo as pistas deixadas pelas referências textuais, como o assunto ou a linha ideológica do autor. No caso dos textos das provas de proficiência, essas referências são conhecidas pelos candidatos, pois fazem parte de suas áreas de estudo.

Na etapa 4, o tradutor realiza uma escrita paralela, na qual também faz suas marcações, grifos etc. É o momento da tomada de notas de elementos que devem ser explicitados na tradução. Trata-se de mais um momento em que há a interação das operações cognitivas. Ainda no plano da escrita, a etapa 5 conta com a reformulação do TT, quando o tradutor toma conhecimento da totalidade das dificuldades e define seu posicionamento quanto à escrita do novo texto.

Com a etapa 6, temos um retorno à leitura do TO, um aprofundamento da compreensão e integrações cognitivas, o que corresponde ao processo de *elaboração* da leitura (GIASSON, 1990). Ocorre um refinamento das representações referenciais e textuais feitas anteriormente e que serão comprovadas ou não. Como a compreensão

produz e é formada por essas representações, que integram informações novas aos conhecimentos anteriores, nos casos onde essas integrações não ocorrem, o leitor tenta realizar uma inferência para conseguir superar esta desconexão. A inferência está ligada ao metac conhecimento, à capacidade do leitor, e também do tradutor, em detectar lacunas, incompreensões e preenchê-las:

É da justa ponderação do implícito e do explícito, da antecipação dos conhecimentos do interlocutor ou do leitor que depende o “sucesso” da comunicação, logo da tradução. Para isto, não é raro que o tradutor, assim como o intérprete, deva começar por explicitar a si próprio o implícito do texto lido (Seleskovitch, 1968:55), estratégia cognitiva qualificada de autoexplicação (Golder e Gaonac’h, 1998, 96) ou de “substituição mental” que toma precisamente a forma de inferências.² (PLASSARD, 2007: 122)

Ainda no campo da leitura, a etapa 7, chamada de *leitura exploratória*, representa o momento em que o tradutor busca orientação acerca de informações pontuais e questões ligadas ao microtextual. Na etapa 8, temos a primeira *releitura crítica* do TT e sua confrontação ao TO, é o momento do diagnóstico dos erros, o tradutor os percebe e tenta escolher meios para superá-los. Este tipo de leitura, também chamada de “análise justificativa” por Delisle (1984), é uma verificação de que o novo texto possui o mesmo sentido do original ao longo das outras leituras efetuadas na elaboração da tradução. Essa verificação pode levar o tradutor a modificar palavras, estruturas e significados, reformulando, adequando a sua produção às leituras efetuadas. Ao verificar, apreciar, reformular, adequar, o tradutor-leitor está fazendo interagir seus conhecimentos linguísticos, enciclopédicos, cognitivos e metacognitivos, de controle e análise de seu saber traduzir e de seu saber ler.

Assim, a leitura crítica pode influenciar na qualidade da tradução, corrigindo erros e propondo alternativas. Gouadec (1989 *apud* PLASSARD 2007) enumera cinco operações realizadas pela leitura crítica ou releitura que agem ora somente no texto traduzido, ora considerando os dois textos. A *releitura de marcação* (*relecture de pointage*) situa-se na observação integral do texto original, sem omissões, em uma leitura ascendente, palavra

² Nossa tradução. Texto original em francês: *C’est la juste pondération de l’implicite et de l’explicite, de l’anticipation des connaissances de l’interlocuteur ou du lecteur que dépend le “succès” de la communication, donc de la traduction. Pour ce faire, il n’est pas rare que le traducteur, tout comme l’interprète, doive commencer par se expliciter a lui-même l’implicite du texte lu (Seleskovitch, 1968:55), stratégie cognitive qualifiée d’autoexplication (Golder et Gaonac’h, 1998, 96) ou de “suppléance mentale” qui prend précisément la forme d’inférences.*

por palavra, na micro-estrutura textual, essa leitura pode verificar cifras, nomes próprios e critérios tipográficos; *releitura genérica* assemelha-se à leitura ingênua, mas prepara a atuação de uma leitura de avaliação e de reconhecimento de disfunções textuais como a ambiguidade, incoerência e falsos cognatos; *releitura ou revisão linguística–estililista*, uma nova leitura com suas eventuais correções; *releitura ou revisão técnica* no nível macrotextual, e, finalmente, a *releitura de controle da congruência ou convergência*, entre o texto partida e o texto de chegada.

A tradução permite que o leitor-tradutor observe a leitura através destas duas perspectivas diferentes. Assim, a leitura na tradução abarca a compreensão do texto de partida e a elaboração do novo texto proporciona uma nova tecelagem, com novas relações e articulações, mas, de toda forma, colocando a tradução a serviço da leitura:

Ler ou traduzir, é estabelecer os elos que formam o tecido do texto, é tecer novamente o texto em todas as suas dimensões, intratextual, extratextual, referencial, intertextual, atividade de retomada do texto lido em uma nova voz, re-enunciação, dupla enunciação ou co-enunciação, articulação do mesmo e do outro que, na tradução, concretiza-se em uma verbalização efetiva (...) ler, traduzir, é ligar para reconstruir o texto, é tecer novamente a textualidade.³ (PLASSARD, 2007: 265)

Durante as leituras, ou releituras críticas da tradução que não podem ser confundidas com a revisão de traduções porque são feitas pelo próprio tradutor e não por um terceiro, o tradutor muda novamente de posição enunciativa voltando a ser então leitor. A tradução, ao propiciar leituras e releituras, propicia também mudanças de posicionamento enunciativo, o que obriga a pessoa que traduz a saber se comportar, a ser outro enunciador, a se distanciar da posição que há pouco ocupava para conhecer diferentes visões do texto, da leitura e da tradução. Desta forma, o tradutor assume uma dupla identidade:

O tradutor trabalha necessariamente com uma imagem, consciente ou inconsciente, de seu leitor: ele traduz à intenção de seu leitor, ele se coloca em seu lugar, cria e recria este leitor ao longo de seu trabalho. Seria correto dizer que todo tradutor é ao mesmo tempo leitor e habitado por um segundo leitor, diferente dele, mas, no entanto, extensão de sua própria pessoa? O tradutor é um leitor duplicado. O segundo leitor nele

³ Nossa Tradução. Texto original em francês: *Lire ou traduire, c'est rétablir les liens qui font le tissu textuel, c'est retisser le texte dans toutes ses dimensions, intratextuelle, extratextuelle, référentielle, intertextuelle, activité de reprise du texte lu dans une nouvelle parole, ré-énonciation, double énonciation ou co-énonciation, articulation du même et de l'autre qui, en traduction, se concrétise en une verbalisation effective (...) lire, traduire, c'est lier pour reconstruire le texte, c'est retisser la textualité.*

mesmo, o que lê, modifica e relê a tradução, é uma construção.⁴ (HEWSON, 1995 *apud* PLASSARD, 2007: 223)

Na etapa 9, o tradutor-leitor faz uma revisão do TT, com outras reformulações e já com certo distanciamento do TO. Nesta etapa, o tradutor pode se servir da *leitura documentária*, externa ao primeiro texto, em que o próprio tradutor elabora uma representação mais precisa deste por meio de consultas a outras fontes textuais, situando-o em relação ao domínio ao qual pertence. Nas traduções feitas para a prova de proficiência, esse tipo de leitura não é possível, é pressuposto o conhecimento do assunto do texto pelo candidato. No entanto, pode ser uma boa opção para um trabalho feito em sala de aula, contando com a heterogeneidade do grupo e feito em uma continuidade.

A etapa 10 é chamada de *leitura funcional* e também ocorre fora da leitura do TO, nela dá-se a confirmação de elementos pontuais pela consulta de instrumentos terminológicos que darão informações sobre usos e definições. No caso das proficiências, seria o momento ideal para que o candidato consultasse o dicionário.

Voltando mais uma vez para o campo da escrita, a etapa 11 ocorre de maneira paralela para auxiliar a escrita do TT, pela consulta de uma lista de difusão com o vocabulário específico da área. Essa etapa não é possível durante a prova de proficiência, em que somente o uso do dicionário é permitido, mas é outra boa opção para o trabalho do léxico em um curso de língua. Em seguida, a etapa 12 apresenta novamente reformulações do TT, juntamente à resolução de dificuldades pontuais que haviam ficado em aberto.

Retornando à leitura, temos na etapa 13 a segunda releitura do TT, quando o próprio tradutor avalia seu trabalho, colocando-se no lugar do destinatário da tradução, nas provas de proficiência, o candidato se colocaria no lugar do corretor. Para tanto, é necessário verificar a equivalência de sentidos funcionais e referenciais, além dos critérios textuais de coesão e coerência. Nessa mesma direção, a etapa 14 apresenta a terceira releitura do TT, observa-se o respeito às convenções enunciativas do domínio textual e a autonomia da textualidade da tradução.

Finalmente, a etapa 15, nomeada como *acabamento/refinamento*, é a última fase da tradução propriamente dita, quando o tradutor observa a legibilidade, inteligibilidade e

⁴ Nossa tradução. Texto original em francês: *Le traducteur nécessairement travaille avec une image, conscient ou inconscient, de son lecteur à lui: il traduit à l'intention de son lecteur, il se met à sa place, il crée et recrée ce lecteur au fil de son travail. Serait-il exact de dire que tout traducteur est à la fois lecteur et habité par un deuxième lecteur, différent de lui mais, néanmoins, extension de sa propre personne? Le traducteur est un lecteur doublé. Le deuxième lecteur en lui, celui qui lit, modifie et relit la traduction, est une construction.*

eufonia de seu texto. Com a finalização do processo, temos na etapa 16 a capitalização dos resultados das pesquisas realizadas pelo tradutor ao longo do processo. O registro dessas informações alimentaria um banco de dados e seria útil como ferramenta pedagógica ou como *corpus* para futuras pesquisas.

A seguir, temos a esquematização de Plassard (2007) da execução do processo de tradução nessas 16 etapas ⁵:

PROCESSOS DE TRADUÇÃO Plassard (2007:272)			
LEITURA		ESCRITA	
<i>Leitura externa (documentação)</i>	<i>Leitura interna (releitura) (TO/TT)</i>	<i>Escrita/ reescrita (TO/TT)</i>	<i>Escrita "paralela"</i>
3. Leitura extensiva - contextualização temática e nocional (enriquecimento da bagagem cognitiva) - Impregnação da ordem temática, estilística e ideológica	1. Leitura intensiva/metódica - Reconhecimento global Dos protocolos Da macroestrutura - Leitura integral, linear Pré-compreensão - atração semântica e ativação de conhecimentos anteriores - Antecipação / Hipóteses de sentido - emprego da representação mental	2. Apropriação material do TO Anotação Marcações: sublinhados... - Fragmentos de tradução - Observações de ordem cognitiva: procurar, precisar, verificar etc.	4. Apropriação da documentação Apropriação material: diversas operações de escrita (marcação, sublinhados...) Apropriação cognitiva: Tomada de notas - elementos que permitem explicitar o TO - formulações específicas reutilizáveis para a redação do TT
7. Leitura exploratória Sinalização de informações pontuais que respondem à questões de ordem microtextual.	6. Apropriação cognitiva do TO - Aprofundamento da compreensão do TO - integrações cognitivas - A finamento das representações mentais (referenciais e textuais)	5. Reformulação do TT - Escrita de 'aproximação' (esclarecimento) - Sinalização da totalidade das dificuldades - definição do projeto, da posição e do horizonte tradutórios	
10. Leitura funcional Confirmação ou verificação de elementos pontuais, eventualmente já lidos, mas que necessitam de um aprofundamento Diversas verificações nas ferramentas terminológicas e outras. (uso, definição, etc.)	8. Releitura crítica do TT Confrontação do TT ao TO Apointamento (integralidade do texto) Percepção de omissões, erros, etc. Escolha metacognitiva de meios para remediá-los	9. Revisão do TT Variantes de reformulação, distanciamento em relação ao TO Exploração da leitura documental Retomada de "estereótipos" (da enunciação e do gênero) - Integração ao TT dos elementos recolhidos da leitura documental (complemento cognitivo)	11. Consulta de listas de difusão Envio eventual de mensagem(s) sobre uma ou mais listas de difusão especializadas no domínio de conhecimento ou combinações linguísticas, para resolver problemas ou a título de consulta

⁵ Nossa tradução

LEITURA		ESCRITA	
<i>Leitura externa</i>	<i>Leitura interna (TO/TT)</i>	<i>Escrita/reescrita (TT)</i>	<i>Escrita "paralela"</i>
	13. Segunda releitura do TT Avaliação de ordem tradutológica: -fidelidade do TT ao sentido do TO - Equivalência funcional, formal e referencial do TT com o TO Avaliação da ordem textual do TT: coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, situação e intertextualidade	12. Segunda revisão do TT -resolução de dificuldades pontuais que permaneceram em aberto -reorganizações macrotextuais ou microtextuais que resultam da resolução destas dificuldades	
	14. Terceira releitura do TT Respeito da terminologia, das convenções enunciativas (fraseologia) e genéricas (estruturação) próprias ao domínio considerado	15. Acabamento, refinamento Última etapa do processo, variável segundo o tipo de texto -legibilidade material Inteligibilidade "à flor do texto" Eufonia Plenitude da tradução	16. Registro ou gravação das ferramentas do tradutor Acesso à informação útil: contatos ou endereços úteis, fontes bibliográficas Capitalização de resultados de pesquisa: alimentação/enriquecimento de bases terminológicas pessoais Envio de uma mensagem recapitulando as listas de difusão consultadas

Ainda que esse modelo do processo de tradução apresente especificidades do *corpus* de estudo de Plassard (2007), notamos em suas etapas vários momentos importantes, dos quais podemos destacar a detecção de erros e tentativa de solucioná-los, as releituras dos TO e TT e a avaliação da própria tradução, com a confrontação desses dois textos, a fim de verificar se estes possuem o mesmo sentido e se a tradução obedece aos critérios textuais.

Portanto, é clara a importância de se conhecer os percursos cognitivos da leitura e da tradução que envolvem estratégias e processos comuns. Mesmo assim, a autora relata que raramente as teorias da tradução estudam a leitura, com exceção da *teoria interpretativa da tradução*, baseada principalmente nos estudos de Lederer e Seleskovitch (1984), que é centrada, sobretudo na fase inicial da tradução, em que se dá a construção do sentido, ou seja, na leitura e do *modelo cognitivo*, que aplicado nos estudos da leitura e da tradução procura explicar o funcionamento mental do leitor e do tradutor, descrevendo e

compreendendo seus processos. Aliás, tentar compreender esses processos faz parte dos objetivos desta pesquisa e será desenvolvido na análise do *corpus*, no capítulo 4.

Em *Lire pour Traduire*, Plassard (2007) relaciona as visões dos teóricos da tradução e da leitura, principalmente os estudiosos do modelo cognitivo, às dos da teoria interpretativa, a fim de verificar seus pontos em comum em relação à leitura e à tradução. A teoria interpretativa propõe a tradução como uma dupla interpretação, a compreensão do texto original em língua estrangeira e interpretação da própria atividade tradutória, assuntos também contemplados pelos estudos cognitivos.

Inicialmente, os estudos cognitivos da tradução tiveram como etapa a proposta de Krings e W. Wilss (1988 *apud* PLASSARD, 2007), que adotam o método psicolinguístico da introspecção, que consiste em dizer em voz alta todos os pensamentos, emoções e raciocínios que vêm à mente no decorrer da tradução. Esta é apresentada globalmente para depois se diferenciar nas variações de um tradutor a outro ou em um mesmo tradutor e divide-se em três etapas que demandam a presença da leitura: preliminar (apropriação do texto), tradução propriamente dita (reformulação) e a fase de volta ao texto (exame crítico). Neste ponto, vê-se a relação da leitura e tradução através dessas três operações principais: a compreensão, a reformulação e a verificação, também presentes nas etapas do processo tradutório descrito por Plassard (2007).

A fim de conhecer melhor a atividade da tradução e ter acesso a certos processos cognitivos atuantes durante a prática tradutória, Krings (1986) aplica o método de introspecção, ou protocolos verbais (*Think-Aloud Protocols*), em oito alunos alemães com nível avançado em francês língua estrangeira que estão terminando a graduação em Letras. Para atingir esse objetivo, foram estudados os problemas de tradução e as estratégias encontradas por esses alunos para solucioná-los.

Dentre esses problemas, que representam mais de 90% das verbalizações feitas na pesquisa de Krings (1986), se destacam três tipos: os de compreensão, os de compreensão e produção e, finalmente, os de produção. Os indicadores dos problemas de tradução detectados foram: a explicitação de um problema pelo sujeito; o uso de material de consulta (dicionários); quando um fragmento do texto original é sublinhado; a análise semântica de um item do texto original; a hesitação na procura de um equivalente potencial; as alternativas levantadas de equivalência; o exame de uma possível equivalência; quando princípios específicos de tradução são discutidos; quando há modificação na redação do texto traduzido; a qualidade da tradução feita é avaliada; e pela

presença de elementos paralinguísticos ou não linguísticos (sons produzidos, suspiros etc.).

As estratégias de tradução identificadas nessa pesquisa são:

- **Estratégias de compreensão:** são detectadas a partir de problemas de compreensão do texto original que também geram problemas de tradução. Diante desses problemas, os alunos geralmente retomam o texto em língua estrangeira para uma leitura mais cuidadosa para compreender o texto nos pontos em que se encontram os problemas de tradução. Há dois subtipos de estratégias de compreensão: a *inferência* e a *consulta a fontes de referência*. Considerando o segundo subtipo, o procedimento mais comum utilizado pelos alunos foi primeiramente procurar os dicionários bilíngues e depois conferir em um dicionário monolíngue. Já o uso do primeiro subtipo, a inferência, ou seja, a tentativa de resolver problemas de compreensão com base nos próprios conhecimentos linguísticos ou extralinguísticos, foi usada quando os dicionários não resolveram o problema de tradução. São os mesmos processos inferenciais descritos na literatura sobre estratégias de leitura.
- **Estratégias de recuperação da memória:** são definidas na literatura sobre estratégias comunicativas como tentativas conscientes para se lembrar de um item lexical quando há alguma falha na memória. Esther Glahn (1980 *apud* Krings, 1986) enumera seis maneiras de recuperação da memória: esperar que o termo apareça na consciência, evocar semelhanças formais, evocar campos semânticos, evocar outras línguas, evocar situações de aprendizagem e utilizar procedimentos sensoriais. Assim, quando o termo aparece na consciência, o sujeito considera o problema resolvido. Mas, a partir do momento em que não se encontra uma associação interlinguística, os alunos usam sinonímias, paráfrases, reformulações para encontrar equivalentes. Outras maneiras de se recuperar a memória são as buscas em dicionários, as associações feitas com outras línguas estrangeiras conhecidas e a evocação de situações relacionadas à palavra, normalmente situações de aprendizagem.
- **Estratégias de monitoramento:** agem quando os sujeitos avaliam um termo candidato a equivalente. São muito usadas depois de uma estratégia de recuperação de memória. Em vários casos, a preocupação dos sujeitos em relação à equivalência

é feita entre dois termos, não entre o termo diante de um novo texto. Para monitorar uma escolha, atuam as intuições e as crenças a respeito de itens da língua estrangeira, nem sempre corretas. Tais tipos de intuição são parte essencial da interlíngua, ou seja, a língua intermediária entre a língua estrangeira e materna, muito presente na aprendizagem.

- **Estratégias de redução:** são aplicadas quando não há como resolver um problema, a não ser que algum componente formal ou funcional seja desconsiderado. A modalidade mais recorrente nos dados observáveis da pesquisa de Krings (1986) foi a substituição de itens metafóricos por não-metafóricos e de item marcados por não-marcados culturalmente.
- **Estratégias de tomada de decisão:** são usadas quando dois ou mais equivalentes potenciais são levantados pelo sujeito que não possui critérios claros para escolher. A maioria dos alunos recorreu a “princípios tradutórios”, nesses casos. Os “princípios tradutórios” formulados mostraram-se bastante independentes de critérios semânticos, sintáticos e propriamente linguísticos, são mais externos ao texto e à linguagem do que as estratégias de monitoração. O uso dessa estratégia é limitado a casos em que a monitoração não havia conduzido a uma decisão. Segundo o autor, essas estratégias poderiam ser formuladas a partir de enunciados de instruções do tipo: “se dois equivalentes parecem igualmente adequados, escolha o mais literal” ou “escolha o mais curto”; ou, “se um dos equivalentes aparece no dicionário bilíngue e o outro não, escolha o que aparece” ou, “se todos os equivalentes aparecem no dicionário, escolha o que aparece em primeiro lugar”.

Os resultados dos protocolos verbais da pesquisa de Krings (1986) mostram que, por um lado, alguns estudantes não têm preocupação com a produção do novo texto e sim com a compreensão do texto original e, por outro lado, aponta que há alunos que traduzem o texto mesmo sem compreendê-lo inicialmente. Este fato nem sempre é perceptível apenas pela análise das traduções, por isso, no caso dos exames de proficiência, o elaborador escolhe trechos com problemas de língua, cujas respostas passam pela compreensão do texto original, podendo também comparar o resultado desse exercício ao obtido nas questões dissertativas.

Em uma pesquisa que também utiliza a técnica de introspecção dos protocolos verbais, Gerloff (1986) analisa o comportamento tradutório de alunos estadunidenses em nível intermediário de francês. A autora relata que a principal preocupação dos tradutores novatos é em relação à compreensão, já os tradutores que se mostraram mais competentes se preocupam, sobretudo, com a produção do novo texto.

O processo de tradução é simplificado pela pesquisadora finlandesa Tirkkonen-Condit (1989) em 03 fases: estágio preparatório (pré-análise), escrita (produção da tradução) e edição (revisão e finalização). A autora relata em sua pesquisa com estudantes de tradução as diferenças entre o tradutor profissional e não profissional, identificando os momentos de tomadas de decisão e conclui que a melhor tradução foi feita pelo sujeito que confiava mais nas suposições baseadas em seu conhecimento de mundo, aquele que compreendia melhor o texto.

Como a leitura e a tradução são atos de comunicação, as duas atividades têm como objeto o texto na interação deste com o leitor e/ou tradutor. Essas duas atividades são consideradas comunicativas por recriarem novas situações e é justamente por esta possibilidade de comunicação que Barthes (1996) as coloca dentro de um “contrato social”, pois as práticas da leitura e da tradução estão dentro da prática textual, que por sua vez está inserida na prática social.

Ademais, pré-traduções e pré-leituras constroem a compreensão do texto, relacionando duas operações: *leitura ascendente ou semasiológica (bottom-up)*, operação linear, que parte de unidades menores para acessar as maiores, do signo para acessar o sentido, essa operação é privilegiada pela linguística estrutural e *descendente ou onomasiológica (top-down)*, operação não linear, que se inicia da macro para a micro estrutura, do sentido ao signo, a psicologia cognitiva se interessa por esta abordagem (KATO, 1990).

Há um consenso entre os modelos cognitivos e a teoria interpretativa da tradução de que a leitura seja a construção de representações mentais de um texto na interação que este estabelece com o leitor. O modelo de Van Dijk e Kintsch (1983) mostra a articulação entre as micro e macroestruturas, entre o nível local e global, entre estratégias ascendentes e descendentes, dentro de uma hierarquização semântica. Como a tradução é reconstrução da leitura do texto original, ela também obedece a critérios de textualidade como a coesão e a coerência, e atua na intertextualidade.

1.3. Leitura e tradução na didática de línguas

Na didática do FLE, a tradução e a leitura possuem uma longa história em comum ao longo das diferentes metodologias. Nosso intuito não é o de descrever todas as metodologias, mas apontar momentos em que a leitura e a tradução estão presentes em situações conflitantes, pois são práticas textuais muito próximas no ensino de línguas.

No ensino tradicional “gramática-tradução”, a aprendizagem da língua estrangeira era realizada através de textos considerados representativos da literatura-cultura estrangeira. As lições partiam da leitura de tais textos para a aplicação de questionários, exercícios de vocabulário e gramática, e eram finalizadas por um exercício de tradução, o que representava a etapa final da compreensão (PIETRAROIA, 1997). Traduzir os textos da língua estrangeira para a língua materna era o exercício mais recorrente do aluno (COSTE, 1978 *apud* PIETRAROIA, 1997: 25). Logo depois, com o estruturalismo, a metodologia direta retirou a tradução do ensino, uma vez que a nova metodologia primava pelo oral, pela impregnação da língua estrangeira e a tradução não era vista como compreensão. A prática tradutória reaparece na metodologia ativa, para depois voltar a ser banida no áudio-oral da década de 1970.

Dentro do contexto escolar francês, Ladmiral (1972) relata que os exercícios de tradução eram reservados para as línguas mortas, grego e latim e não se aplicavam às línguas vivas. Segundo a metodologia direta, esses exercícios, que compreendem a *version* (exercícios escolares de tradução do latim e grego para a língua materna, no caso, o francês) e o *thème* (exercício mais gramatical que consiste na tradução de um texto em língua materna para a língua estrangeira), teriam efeitos negativos sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras no contexto escolar francês. Nos primeiros anos de ensino, a tradução permanecia ausente, para depois aparecer de forma breve e “prudente” e só nos últimos anos se apresentar na forma de exercícios escritos. A aprendizagem de outras línguas seria desestabilizada por conta das “resistências psicolinguísticas” da língua materna, e por outro lado, os exercícios de tradução causariam também uma inibição da expressão em língua materna, ou seja, haveria interferências nos dois sentidos, uma deterioração nos dois sistemas linguísticos. Esse é o panorama apontado por Ladmiral ⁶ (1972:09):

⁶ Nossa tradução. Texto original em francês: *La version et surtout le thème seront considérés comme des exercices « réactionnaires », rescapés de l'antique méthode, purement livresque, où il fallait apprendre tout un catalogue rébarbatif de règles de grammaire et de lecture et autres tableaux de conjugaison..., pour se lancer ensuite « à coups de dictionnaire » dans l'entreprise tâtonnante et ânonnante de traduction.*

A “versão” e principalmente o “tema” serão considerados como exercícios «reacionários», sobreviventes do antigo método, puramente livresco, no qual era preciso aprender todo um catálogo cansativo de regras de gramática e de leitura e outros quadros de conjugação..., para se lançar em seguida a «consultas ao dicionário» em um trabalho hesitante e penoso da tradução.

Dessa forma, a metodologia direta iguala a leitura feita para os exercícios de tradução ao estudo “cansativo” de regras gramaticais e de conjugações. Embora venha acompanhada frequentemente de efeitos negativos, Ladmiral (1972) relata que a tradução era tolerada para uma finalidade extrema, a verificação do que o aluno realmente entendeu do texto em língua estrangeira, ou seja, para a verificação da compreensão.

A partir da década de 1970, o francês instrumental muda o ensino da língua francesa nos países em que foi implantado, propondo uma metodologia de ensino da leitura considerando seu projeto e a formulação de hipóteses através das diferentes estratégias aqui já descritas. A metodologia instrumental recusa a tradução, mas a partir dos anos 1990, com as pesquisas realizadas sobre a aquisição de línguas, o erro, a interlíngua e a importância da língua materna, esse posicionamento começou a mudar no ensino/aprendizagem da leitura em línguas estrangeiras. A interlíngua é um sistema linguístico intermediário entre a língua materna e a língua estrangeira presente durante o processo de aprendizagem, no qual é grande a importância dos erros no processo de aquisição da linguagem, pois através deles o aluno confirma ou não hipóteses sobre o funcionamento da nova língua (SIQUIEROLLI, 2001). Logo, as relações do aprendiz com a língua estrangeira passam pela interlíngua.

Atualmente, é preciso pensar em mudanças e complementações ao curso instrumental já que temos um público e situações diferentes da época em que foi implantado (PIETRAROLA, 2009). Com efeito, a tradução começou a ser defendida no ensino, como na perspectiva de Filgueiras (1996) que prioriza os aspectos positivos da prática da tradução para o ensino de línguas estrangeiras como, por exemplo, ressaltar as particularidades da língua, ao mesmo tempo em que treina o leitor-tradutor a verificar o contexto e não as palavras individualmente. Por isso, para a autora, os exercícios de tradução podem contribuir para a leitura em língua estrangeira.

Outros estudiosos, como Silva e Ridd (2007), também ressaltam a importância da prática consciente da tradução como uma ajuda para a compreensão de textos em língua estrangeira e criticam sua ausência no ensino da leitura. Segundo os autores, os efeitos negativos da tradução na leitura em língua estrangeira são enfatizados por falta de dados concretos que mostrem exatamente como o conhecimento da língua materna é útil para a aprendizagem da língua estrangeira.

De acordo com Kern (1994 *apud* SILVA e RIDD, 2007), muitos professores de língua estrangeira consideram a tradução como uma “muleta” indesejável, como descreve Ladmiral (1972), uma herança da metodologia tradicional do ensino de línguas. No entanto, há de se reconhecer que a língua materna continua agindo na forma de uma tradução mental ou no reconhecimento dos cognatos e de certas estruturas. Esta tradução inconsciente é feita sem o controle do aluno ou do professor, podendo permitir que mecanismos de tradução subliminar prejudiquem a compreensão, opondo-se às vantagens da tradução consciente, exercitada, que serve de apoio para o aluno que conhece e que utiliza os processos controlar e avaliar sua própria tradução, monitorando também sua compreensão.

Considerando esses dois posicionamentos diante dos aspectos polêmicos e conflitantes nas relações entre a tradução, a leitura e o ensino, não se pode negar que a tradução está presente no ensino de uma língua estrangeira, ainda que na forma mental, em diferentes estágios da aprendizagem. Uma pesquisa realizada por Kato (1990) coloca a tradução como mediadora da aprendizagem da leitura, nela a autora descreve o processo cognitivo da leitura de um aluno em nível avançado de inglês, para isso ela se utiliza da tradução de um texto proposto inicialmente apenas para a compreensão. Podemos, então, pensar como um lugar possível para a tradução o de regular a presença da interlíngua no aprendizado. Assim, seria melhor termos essa ferramenta de controle do que apenas ignorá-la.

CAPÍTULO 2: LEITURA, TRADUÇÃO E AVALIAÇÃO

A avaliação é uma das principais questões discutidas no âmbito do ensino. Primeiramente, tratamos desse tema considerando individualmente a leitura e depois a tradução, para, assim, analisarmos o caso da avaliação da leitura via tradução, como acontece em alguns exames de proficiência que, aliás, constituem o *corpus* de nossa pesquisa.

2.1. Os exames de proficiência

Os processos seletivos para o ingresso nos programas de pós-graduação, tanto para o mestrado quanto para o doutorado, podem incluir análise do projeto de pesquisa, provas específicas e/ou entrevistas, além do exame de proficiência em língua estrangeira como uma das etapas eliminatórias desses processos, na maioria dos casos, é a primeira etapa.

Assim, podemos considerar o exame de proficiência como de alta relevância no contexto universitário. A pesquisa de Lanzoni (2004) mostra o efeito retroativo dos testes de proficiência em inglês em uma universidade pública, ou seja, “o impacto que exercem sobre o ensino, aprendizagem, currículo e na elaboração de materiais didáticos, assim como nas atitudes dos envolvidos - alunos, professores, escola” (SCARAMUCCI, 2001 *apud* LANZONI, 2004).

De acordo com o programa escolhido, o candidato pode ser liberado deste exame caso apresente um certificado oficial de proficiência nas quatro habilidades linguísticas: expressão oral e escrita, compreensão oral e escrita, considerando-se determinado nível ou pontuação.

Para a língua inglesa alguns dos exames mais reconhecidos são: TOEFL (*Test of English as a Foreign Language*), o IELTS (*International English Language Testing System*) e CPE (*Cambridge Proficiency in English*); para o português, o CELPBRAS (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros), desenvolvido pelo ministério da Educação, é o único certificado brasileiro de proficiência em português como língua estrangeira reconhecido oficialmente; para o espanhol, o DELE (*Diplomas de Español como Lengua Extranjera*) do Instituto Cervantes e o CELU (*Certificado de Español Lengua y Uso*) do Ministério de Educação, Ciência e Tecnologia da República Argentina; para a língua italiana, o CILS (*Certificazione di Italiano come Lingua Straniera*) da

Università per Stranieri di Siena, nível B2 ⁷; para o alemão o *Großes Deutsches Sprachdiplom* ou o *Kleines Deutsches Sprachdiplom*, aplicados pelo Instituto Goethe; e para o francês, o DALF (*Diplôme approfondi de Langue Française*) nível C1 ⁸, TCF (*Test de Connaissance du Français*), elaborados pelo *Centre International d'études pédagogiques*, e o Nancy 3, da Universidade de Nancy II, é obtido através de um programa de nível superior de língua, literatura e civilização francesas.

Segundo o *Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas* (2001), o utilizador de uma língua lê para: compreender o essencial; obter informações específicas; compreender pormenores; compreender as questões implícitas etc. Esse guia europeu mostra escalas para: a compreensão escrita geral; a leitura de instruções; a leitura de correspondência; a leitura para orientação e a leitura para obter informações e argumentos. Colocamos a baixo os níveis de competência dos dois últimos tipos de leituras e destacamos nas tabelas as características exigidas para um candidato à pós-graduação, que variam entre o nível B2, C1 e C2:

Níveis	LEITURA PARA ORIENTAÇÃO
C2	Como B2.
C1	Como B2.
B2	É capaz de percorrer rapidamente um texto longo e complexo, localizando pormenores relevantes. É capaz de identificar rapidamente o conteúdo e a relevância de novas questões, artigos e relatórios acerca de um vasto leque de assuntos profissionais, decidindo se vale a pena um estudo mais aprofundado.
B1	É capaz de percorrer textos longos de forma a localizar a informação desejada e de reunir informações de diferentes partes de um texto ou de diferentes textos de modo a cumprir uma dada tarefa. É capaz de procurar e de entender informações relevantes em materiais do dia-a-dia, tais como cartas, brochuras e documentos oficiais breves.
A2	É capaz de procurar informações específicas e previsíveis em materiais simples do dia-a-dia, tais como publicidade, prospectos, ementas, inventários e horários. É capaz de localizar informações específicas em listas e isolar a informação pretendida (p. ex.: utilizar as Páginas Amarelas para encontrar um serviço ou um comerciante). É capaz de entender sinais e avisos: em lugares públicos, tais como ruas, restaurantes, estações de caminho-de-ferro; em locais de trabalho, tais como orientações, instruções, avisos de segurança.
A1	É capaz de reconhecer nomes, palavras e expressões muito elementares que lhe sejam familiares, nas situações comuns do quotidiano.

^{9 e 8} Níveis de competências segundo o *Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas* (2001)

Níveis	LEITURA PARA OBTER INFORMAÇÕES E ARGUMENTOS
C2	Como C1.
C1	É capaz de entender em pormenor um vasto leque de textos longos e complexos, passíveis de ocorrerem na vida social, profissional ou académica, identificando pequenos pormenores que incluem atitudes e opiniões implícitas ou abertamente expressas.
B2	É capaz de obter informações, idéias e opiniões de fontes altamente especializadas no âmbito da sua área. É capaz de entender artigos especializados fora do âmbito da sua área, desde que possa utilizar eventualmente um dicionário para confirmar a sua interpretação da terminologia. É capaz de entender artigos e relatórios relacionados com problemas atuais nos quais o escritor adota uma posição ou um ponto de vista próprios.
B1	É capaz de identificar as conclusões principais de textos argumentativos claramente articulados. É capaz de reconhecer uma linha de argumentação no tratamento das questões apresentadas, embora não necessariamente em pormenor. É capaz de reconhecer questões significativas em artigos de jornal simples sobre assuntos que lhe são familiares.
A2	É capaz de identificar informações específicas em material escrito muito simples que encontra, como cartas, brochuras e artigos breves de jornal que narrem acontecimentos.
A1	É capaz de ficar com uma idéia do conteúdo de material informativo muito simples e de descrições breves e simples, especialmente se houver ajuda visual.

A definição da capacidade do leitor que se enquadra nos níveis exigidos para a proficiência na pós-graduação é justamente reconhecer os pormenores da leitura de um texto de especialidade ou académico. Muitos dos certificados de proficiência, como os que citamos, se baseiam nos níveis de competência do *Quadro Comum de Referência para Línguas* (2001).

Na ausência de um destes certificados oficiais, o candidato deverá prestar um exame de proficiência que, aplicado ao contexto universitário, destina-se a avaliar determinada capacidade linguística. O regimento da pós-graduação determina que são as Comissões Organizadoras dos Programas (CCP) quem estabelecem as modalidades do exame que, por sua vez, devem ser aprovados pela Comissão de Pós-Graduação (CPG).

Dessa forma, o exame de proficiência na Universidade de São Paulo (USP) possui diferentes modalidades de acordo com a unidade, departamento, programa, nível ou orientador, que podem exigir provas diferenciadas para o mestrado e doutorado, com opções de línguas, notas mínimas e prazos para a realização da prova também diferentes. Não há consenso quanto à proibição ou uso de dicionários que, se autorizado, podem ser bilíngues ou monolíngues.

Encontramos na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) um exemplo dessa diversidade. Para os programas de Letras existem provas com

questões dissertativas, de múltipla escolha ou opção por verdadeiro ou falso, nelas a tradução de um trecho do texto pode ou não ser exigida. A partir do primeiro semestre de 2009, as provas para os programas dos departamentos de Letras Modernas (DLM - exceto o programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês), Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV), Letras Orientais (DLO), Teoria Literária e Literatura Comparada (DLLT) e Linguística (DL), até então elaboradas por professores dos respectivos departamentos, passaram a ser elaboradas pelas equipes de proficiências do Centro de Línguas desta faculdade.

Consultando os sites dos departamentos de pós-graduação da Faculdade⁹, notamos que para os exames de proficiência dos programas de Sociologia, História Econômica e Social, Geografia Física e Humana, que são preparados pelos professores de cada departamento, as provas consistem unicamente da tradução para o português de trechos de livros ou artigos relativos à área. O programa de Sociologia chega a especificar o tamanho do trecho traduzido, cerca de 30 linhas. Para a Ciência Política, que destaca a proibição do uso de dicionários, e Filosofia não há especificações quanto ao tipo de prova.

Já o exame de proficiência para o ingresso em Antropologia Social assemelha-se aos realizados pelos programas de Letras, cuja prova é baseada na leitura de um texto sobre o qual o candidato responderá, em português, a uma série de questões (dissertativas ou de múltipla escolha). Dentre estas questões, podemos encontrar algumas que são também um exercício de tradução, como os que são feitos em provas objetivas de tradução, onde o candidato deve responder qual é a melhor tradução para a determinada frase, expressão ou palavra.

Outras unidades como a Escola de Comunicações e Artes (ECA) e POLI (Escola Politécnica) realizam um convênio com um instituto especializado, no caso o Centro de Línguas. As equipes de proficiência são geralmente compostas por um educador, monitor(es), com a supervisão do coordenador da área. Em outras unidades há outros centros aplicadores de provas, como a Aliança Francesa, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP) e a FUVEST, na Faculdade de Direito. No exame desse último centro aplicador, encontramos uma informação sobre os critérios utilizados na correção

⁹ <http://www.fflch.usp.br/pos/Linkspos.htm>, acessado em março de 2008

da tradução¹⁰: “compreensão geral do texto, compreensão específica de termos e estruturas e legibilidade do texto em português.”

Caso o candidato seja desclassificado em outras fases do processo seletivo, os exames de proficiência em contexto universitário são válidos por 02 anos e não são considerados para outros fins, como esclarece o Centro de Línguas em seu site:

Conforme o Comunicado nº 04, enviado a todas as Unidades da USP em 20 de dezembro de 2004, o Centro de Línguas **não emite** Certificado ou Atestado de Proficiência. Isso se deve ao fato de ser medida apenas a **proficiência de leitura**, conforme exige o processo seletivo de pós-graduação; o certificado ou atestado de proficiência exige a comprovação de outras habilidades, que não são medidas pelo nosso exame.¹¹ (www.fflch.usp.br/cl)

De acordo com essa afirmação, os exames elaborados por este centro se destinam a avaliar se os candidatos **compreendem um texto em língua estrangeira**. Trata-se de avaliar a leitura de um texto acadêmico da área de estudo dos candidatos, ou seja, verificar se esses possuem capacidades linguísticas e comunicativas, já que ingressando na pós-graduação, o aluno certamente se deparará com bibliografias em diferentes idiomas. Portanto, não são avaliadas as expressões orais e escritas e tampouco a compreensão oral nas provas. Não significa que o candidato tenha que saber redigir um texto acadêmico em outra língua ou compreender um palestrante estrangeiro e com ele se comunicar.

Contudo, alguns desses exames começam a avaliar também outras competências. A respeito do “construto”, ou seja, aquilo que é representado idealmente para ser avaliado, Scaramucci (2009) relata que muitas vezes os construtos não são divulgados nos editais, mas são “implícitos”, determinados pelos elaboradores das políticas que o exame visa implementar.

No Centro de Línguas, as diferentes provas seguem as exigências de modalidades (questões de múltipla escolha, dissertativas, tradução, verdadeiro ou falso) de acordo com a unidade, departamento ou programa conveniado à instituição. Para saber como são essas provas e quais são as suas especificidades, consultamos as equipes de proficiência das línguas que são oferecidas pelo centro e que possuem maior procura pelos programas de pós-graduação. Por meio de um roteiro de perguntas, as entrevistas,

¹⁰ Prova no site da FUVEST: www.fuvest.br/outros/fd2010/fd2010fra.pdf

¹¹ Negrito do próprio texto.

transcritas¹² no anexo A, foram realizadas com membros das equipes de inglês, espanhol, italiano e francês, que detalham os exames por eles elaborados e suas opiniões a respeito da avaliação, inclusive da tradução. Os responsáveis pelos exames que foram entrevistados dizem não conhecer os critérios de avaliação de outras línguas. Notamos, pelas entrevistas, que existem particularidades nos exames dos diferentes idiomas.

No ano de 2009, foram aplicados 49 exames de proficiência em inglês para 24 unidades da USP. A educadora e responsável pelos exames de inglês relata que a constituição do exame passa por alterações desde 2001, data em que começou a ser elaborado pelo Centro de Línguas. Segundo ela (anexo A01), em outros anos, a tradução de um trecho do texto fazia parte do exame, mas que devido às dificuldades na correção, principalmente em achar erros e dar nota às palavras corretas, deixaram de exigí-la. A ex-diretora do Centro, em relato pessoal, explica que essa decisão foi tomada devido ao aumento excessivo da demanda pelo exame de inglês e pela falta de verba para contratar novos membros para a equipe.

O exame de inglês é composto apenas por questões de múltipla escolha para os candidatos ao mestrado e os candidatos ao doutorado devem também redigir um resumo em inglês, um *abstract*, de outro texto. Perguntamos, então, se dessa maneira o exame passaria a avaliar também a expressão escrita, ao que a educadora explicou dizendo que isso se deve a imposições feitas pelos departamentos e citou como exemplo o caso de um dos programas da Escola Politécnica (USP), cujos candidatos ao doutorado devem ser capazes de redigir trabalhos em inglês, por conta dessa exigência, a prova deve constar de uma redação nessa língua estrangeira e as questões de compreensão passam a não terem muita importância. A responsável pelo exame comenta a dificuldade de padronizar as provas, já que cada unidade ou departamento possui diferentes critérios para a proficiência.

Justamente sobre a representação do que significa proficiência no contexto da pós-graduação, a análise de Siqueira (2009), que em sua dissertação estuda os discursos de coordenadores, alunos e candidatos de diferentes programas, encontra critérios variados para o exame de proficiência, mais especificamente para o exame de inglês, e diferentes representações do termo. Embora se apresente como um conceito cristalizado, a proficiência possui representações flutuantes que podem variar até mesmo em relação ao “tempo”, pois alguns coordenadores dizem que aceitam vivência no exterior como

¹² Segundo as normas de transcrição do projeto NURC/SP, coordenado por Dino Preti (1999)

comprovação da proficiência em língua estrangeira, através dos vistos de entrada e saída de um país anglófono, em um período de 06 meses a 01 ano, o que é questionado pela autora.

Na área de espanhol, a principal preocupação apontada pela educadora entrevistada (anexo A02) é evitar os estereótipos dos leitores brasileiros em relação à leitura em espanhol, como se essa não fosse uma língua estrangeira, pela idéia de que não é preciso conhecer a língua para ler bem. A prova, que é a mesma para candidatos ao mestrado e doutorado, é constituída, desde 2007, apenas por questões de múltipla escolha, devido à praticidade na correção para uma equipe pequena com uma grande quantidade de candidatos e por evitar pedidos de revisão. Outro tipo de exercício, a escrita em espanhol, foi exigido em uma ocasião por imposição do programa para o qual a prova fora elaborada para que seguisse os mesmos moldes das provas de inglês. Esse exercício foi considerado muito problemático e não foi mais utilizado nas provas de espanhol por não estar testando a leitura, mas a escrita.

Segundo a educadora, a tradução está presente nas questões de múltipla escolha em vários momentos, como paráfrases do texto feitas pelos elaboradores, ou a respeito de uma determinada palavra ou expressão. As principais críticas recebidas em relação ao exame, como a extensão do texto, em torno de 05 páginas, e a dificuldade da prova, são por ela rebatidas, pelo fato de espelharem uma situação de leitura acadêmica e pela transparência entre as duas línguas, o que impossibilita o uso de um texto mais curto.

A prova de proficiência em italiano é composta por dois textos, cada um com 10 questões de múltipla escolha, não é exigido nenhum tipo de exercício de tradução. O monitor elaborador dos exames de italiano relata que exercícios que envolvem a tradução são feitos nas provas para os programas de Língua, Literatura e Cultura Italianas do DLM, elaboradas pelos próprios professores do programa. De acordo com o entrevistado (anexo A03), a preocupação do exame de italiano é verificar se os candidatos são capazes de ler e interpretar textos acadêmicos no idioma, razão essa que dispensa questões “maldosas, com pegadinhas e exceções às regras de gramática da língua”. Para o monitor, não é necessário elaborar questões absurdas, bastam pequenos detalhes para detectar quem não conhece a língua.

O exame de francês é aplicado atualmente para 05 unidades da Universidade: Faculdade de Educação, Escola de Comunicação e Arte (ECA), Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), Faculdade de Letras e Programa de Integração da América Latina

(PROLAM). A educadora responsável pelas provas de francês menciona (anexo A04) que as provas são constituídas por questões de múltipla escolha e que a tradução está presente somente na Faculdade de Letras para os candidatos ao mestrado do DLM inscritos no programa de Estudos Linguísticos Literários e Tradutológicos em francês. Essa escolha se justifica, segundo a educadora, pelo fato desses candidatos serem mais preparados por terem feito a graduação na área de francês.

Os cursos instrumentais, entre eles o de francês, têm como principal objetivo a compreensão de textos em língua estrangeira e recebem uma significativa e permanente demanda da comunidade acadêmica para a leitura de bibliografias e/ou para conseguir bons resultados na proficiência em língua estrangeira nesses exames. Como os alunos dos cursos instrumentais provêm de diferentes unidades da Universidade, o curso pode, em algum momento, preparar e orientar os alunos para diferentes tipos de exames, logo, atentar também para a prática de exercícios de tradução, ainda que não haja uma fórmula pronta para ter bons resultados nos exames de proficiência.

2.2. A avaliação da leitura

Construto dos exames de proficiência, a avaliação da leitura é uma difícil tarefa, em que é necessário medir a competência da compreensão escrita, pois esta abrange saberes e habilidades das capacidades: *linguística*, relativos ao sistema da língua estrangeira; *textual*, relativos ao discurso e sua organização; *referencial*, relacionados à experiência e conhecimento de mundo; *de relação*, relacionar comportamentos regulares e estratégias de acordo com a intenção/papel do participante e *situacional*, onde outros fatores que podem afetar as escolhas realizadas. (COSTE, 1978)

No entanto, há quem duvide que isso seja possível, como Lehmann e Moirand (1980), que acreditam não existir meios objetivos para que uma terceira pessoa possa avaliar a competência da leitura, um processo subjetivo no qual estão envolvidas as concepções linguísticas dos próprios avaliadores. Por este ponto de vista, somente o próprio leitor seria capaz de se autoavaliar:

Com efeito, o que pode avaliar os testes de leitura: o componente linguístico? o componente referencial? o componente textual? Não se

avalia frequentemente a capacidade dos estudantes em reproduzir as práticas que lhes foram propostas ou impostas? Ou simplesmente seus conhecimentos anteriores do domínio de referência? A única avaliação concebível é a que poderia medir o grau de realização do projeto do leitor, uma vez a leitura terminada. De fato, único mestre de seu projeto, somente o aprendiz esteja em posição de avaliar seu aprendizado, sua competência de leitura e suas práticas de comunicação.¹³ (LEHMANN, D. e MOIRAND, S. 1980, 14)

Encontramos na revista *Lidil* (1994), da Université Stendhal de Grenoble, que trata do tema da linguística na didática das línguas e cujo décimo número: *L'évaluation de la lecture: approches didactiques et enjeux sociaux* é dedicado especificamente à avaliação da leitura, outros posicionamentos em relação a esse tipo de avaliação, como os de Dabène e Turcotte (1994), que mesmo se referindo à leitura em francês língua materna nos oferecem reflexões sobre a leitura em língua estrangeira.

Dabène (1994) critica a maior parte das avaliações de leitura por não levarem em consideração os processos executados pelo leitor para produzir sentido e não questionarem, em uma dada leitura, as interações estabelecidas entre o leitor, o texto e o contexto. O autor é a favor de uma abordagem “ecológica”, quando as situações de leitura são ‘naturais’ dentro das práticas sociais, muitas vezes, opostas às práticas escolares de leitura. A avaliação da leitura no ambiente escolar deve estar inserida em um projeto de tarefas de leitura:

Portanto, é importante, de um ponto de vista didático, que a avaliação do saber-ler se insira em uma rede diversificada de projetos e tarefas de leitura integrada às atividades escolares de aprendizagem: deste ponto de vista, os procedimentos de avaliação são inseparáveis de uma modificação das práticas escolares, numa perspectiva de regulação das aprendizagens.¹⁴ (DABENE: 1994 09)

A crítica de Turcotte (1994), especialista da avaliação em leitura, é feita em relação à coerção do tempo imposto nas avaliações de leitura. Para o autor, os processos

¹³ Nossa Tradução. Texto original em francês: *En effet que peuvent évaluer les testes de lecture: la composante linguistique? la composante référentielle? la composante textuelle? N'évalue-t-on pas plus souvent la capacité des étudiants à reproduire les pratiques qui leur ont été proposées ou imposées? Ou simplement leurs connaissances préalables du domaine de référence? La seule évaluation concevable est celle qui pourrait mesurer le degré de réalisation du projet du lecteur une fois la lecture accomplie. Seul maître de son projet, il n'y a en fait que l'apprenant qui soit en mesure d'évaluer son apprentissage, sa compétence de lecture et ses pratiques de communication.*

¹⁴ Nossa Tradução. Texto original em francês: *Il est donc important, d'un point de vue didactique, que l'évaluation du savoir-lire s'insère dans un réseau diversifié de projets et de tâches de lecture intégré aux activités scolaires des apprentissages.*

de leitura ocorrem de maneira automática, sem controle consciente do leitor, exceto quando ocorre uma dificuldade que suspende a execução automática de uma das operações mentais, por exemplo: uma palavra ou estrutura desconhecida. Neste caso, a leitura se torna mais lenta, e se ela deve ser executada em um tempo fixo, a compreensão do texto é afetada. Contudo, pode-se controlar outra ‘variável’: o assunto do texto escolhido para a avaliação deve ser da área dos alunos. No caso das provas de proficiência, esta variante é controlada, o texto escolhido faz parte da área do conhecimento dos candidatos.

No tocante à avaliação da leitura, segundo o autor, o objeto de análise é o leitor, o exame é um instrumento de avaliação adaptado ao objeto e ao meio, os tipos de texto, que no caso dos exames de proficiência, são geralmente acadêmicos ou informativos. Assim, Turcotte (1994) propõe que os exames de leitura abranjam duas perspectivas: *avaliação autêntica* e *avaliação de desempenho*.

A *avaliação autêntica* é contra os testes de múltipla escolha, já que se deveria avaliar as competências de leitura do aluno/candidato e não as respostas propostas pelo examinador, pois “o candidato deve produzir uma resposta que revele as competências que executou na construção do sentido”. A avaliação autêntica é sensível ao contexto, às condições em que se realizam os exames que agirão nos processos afetivos e cognitivos empregados. Turcotte (1994) ainda contesta o uso de textos recortados, parciais e sem referência, onde o leitor não consegue entrar em contato com a forma real do texto, nem com o pensamento do autor.¹⁵ Na avaliação das competências pelo *desempenho*, o exame deve abranger as dimensões linguísticas, cognitivas (questões de compreensão simples com a finalidade de verificar uma unidade de informação), afetivas e metacognitivas (questões de percepção e de metacognição ligadas entre si, fazendo o aluno refletir sobre sua atividade de leitura, sobre suas escolhas, interligando conhecimentos prévios).

Desta forma, o processo de elaboração do exame de leitura para Turcotte (1994) deve ser coerente com os princípios de *avaliação autêntica*, algo incompatível com os exames de múltipla escolha, pois não contam com a produção do aluno, e permitir aos examinadores e professores se questionarem sobre a própria atividade da leitura e sobre a avaliação.

¹⁵ fato relatado por candidatos em alguns exames de proficiência em que não há referências bibliográficas do texto original.

Outros estudos em relação à leitura em língua materna, como o de Bain, Erard e Séchaud (1994) sobre como ajudar os leitores “precários” e elaborar testes de leitura e o de Calaque (1994) que discute a avaliação da compreensão de textos e propõe como exercícios itinerários de leitura, são feitos ao longo de um curso de língua e não apenas em uma prova. Como tratam de contextos diferentes, não os abordaremos nesse estudo.

Visto o amplo panorama que abrange o tema da avaliação da leitura e suas competências e a variedade de exames de proficiência que tentam medi-las, o que já podemos afirmar é que os critérios adotados deveriam ser claramente definidos e conhecidos pelos avaliadores e candidatos.

2.3. A avaliação da tradução

Com o intuito de analisar o produto da tradução, a fim de tentar conhecer o processo das diferentes escolhas feitas pelos candidatos, encontramos diferentes modelos de avaliação de tradução. Mostraremos alguns destes modelos, embora sejam aplicados para avaliar tradutores profissionais ou estudantes universitários de tradução, fora do contexto de avaliação da leitura. Abordaremos o modelo de avaliação da qualidade tradutória de Juliane House (1977), baseado em teorias pragmáticas do uso linguístico e o estudo de Christopher Waddington (2000) que descreve diferentes métodos de avaliação. Antes, relatamos abaixo nossa primeira tentativa de análise.

2.3.1. As modalidades tradutórias, uma tentativa de análise

As *modalidades tradutórias*, apesar de não se referirem diretamente à avaliação de tradução, mostram o grau de diferenciação linguística entre os dois textos e apresentam a modalidade do erro. Este modelo foi utilizado no início desta pesquisa para classificar as traduções da prova que constitui nosso primeiro *subcorpus*, o exame da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) no ano de 2002, com 26 candidatos, sobre o texto *De Superman au surhomme* de Umberto Eco¹⁶. Relatamos aqui esta classificação como testemunha de uma tentativa de análise e do processo da pesquisa.

¹⁶ texto integral no anexo B01 e classificação no anexo C.

As modalidades tradutórias, inicialmente concebidas como procedimentos técnicos de tradução, foram elaboradas pelos linguistas canadenses Jean Vinay e Jean-Paul Darbelnet em *Stylistique Comparée du français et de l'anglais* (1977), que em um primeiro momento se preocuparam em teorizar sobre a didática da tradução. Esta obra ainda hoje é considerada um marco de referência para os estudos de tradução, embora tenha suscitado críticas, como a de Robert Larose que, no artigo *Le Comparatisme en Procès* (1989), considera o método orientado para a simples transcodificação de termos e não para a tradução, entendida por ele como a equivalência da mensagem. (BALLARD, 1998:48)

Segundo Ballard (1998), o comparatismo está presente na teorização da tradução por uma herança histórica observável desde a Carta de Aristeu (II a.C) que relata o trabalho dos tradutores judeus ao traduzirem a Torah para o grego, passando pelas reflexões sobre o ato tradutório de Cícero (46 a.C) e São Jerônimo (395), pela crítica de Bachet de Méziriac (1635) à *Vida dos Homens Ilustres* de Plutarco, traduzida por Amyot, presente também na busca de relações genealógicas durante o século XIX ao se observar semelhanças e diferenças entre as línguas, como também nos estudos da gramática comparada de Schlegel (1808), nos estudos de literatura comparada e recepção de textos. Já nos Estudos de Tradução, Vinay e Darbelnet (1977) criaram uma sistematização que influenciou outros linguistas como Deslisle a usarem o método comparativo para exercícios contrastivos para a formação de tradutores.

Ballard (1998), da mesma forma que Aubert (1998), critica os procedimentos tradutórios de Vinay e Darbelnet como metodologia da tradução por esta não dar conta do erro como um procedimento do aprendizado da tradução:

A observação das traduções realizadas por pessoas diferentes mostra que a *interpretação pode ser VARIÁVEL*. Esta variação que visava a disseminar a desordem anteriormente, visa agora a ser aceita, sendo o problema a distinção entre a DIFERENÇA ACEITÁVEL e a DIFERENÇA INACEITÁVEL, ou seja, que é preciso in-tegrar o erro à teorização.¹⁷ (BALLARD, 1998:60)

¹⁷ Nossa Tradução. Texto original em francês: *L'observation des traductions réalisées par des personnes différentes fait apparaître que l'interprétation peut être VARIABLE. Cette variabilité qui tendait à semer le trouble antérieurement tend maintenant à être acceptée, le problème étant de faire la part entre la DIFFÉRENCE ACCEPTABLE et la DIFFÉRENCE INACCEPTABLE, c'est-à-dire qu'il faut in-tégrer l'erreur dans la theorisation*

Na teoria dos linguistas canadenses, os *procedimentos tradutórios* são sete: 01. Empréstimo, 02. Decalque, 03. Tradução literal, 04. Transposição, 05. Modulação 06. Equivalência e 07. Adaptação. Os procedimentos se relacionam em uma escala cujo grau zero entre os eixos de distanciamento e de proximidade do texto original é o *empréstimo*. Como diz Aubert:

Vinay e Darbelnet propuseram um conjunto do que denominavam procedimentos técnicos de tradução. Tais procedimentos, organizados em forma de escala partindo de um 'grau zero' da tradução (o empréstimo) e atingindo, em seu outro extremo, o procedimento mais distante do texto-fonte (adaptação), tinham como intenção original construir uma referência didática, no quadro da formação de tradutores profissionais. (1998:102)

O modelo apresentava limitações e foi reformulado por Francis Aubert (1998) que o nomeou de *modalidades tradutórias*, pois o estudo não descreve o procedimento e sim o produto da tradução. A fim de empreender investigações mais adequadas, considerando a linguagem em relação aos elementos textuais e extratextuais e para possibilitar a quantificação dos dados, Aubert (1998) definiu a palavra como unidade textual, redefiniu cada modalidade e acrescentou outras como o erro, a correção e a tradução intersemiótica.

Essa classificação não se presta a medir a qualidade tradutória, as modalidades atestam o grau de diferenciação linguística entre os dois textos que poderá ser quantificado e passar por tratamento estatístico. Esta classificação mostra quanto e como o texto original reaparece no texto traduzido, restituindo o texto original e considerando os seus contextos. A tradução mesmo de um pequeno trecho, até mesmo uma expressão ou palavra pede uma adequação ao contexto, uma análise feita pelo candidato, em situações diferentes, como leitor e como tradutor e novamente como leitor, agora também de seu próprio texto, podendo retornar à primeira posição e retomar o processo.

Em sua reformulação, Aubert (1998) descreve, então, 13 modalidades no total: 01. Omissão, 02. Transcrição, 03. Empréstimo, 04. Decalque, 05. Tradução literal, 06. Transposição, 07. Explicitação/Implicitação, 08. Modulação, 09. Adaptação, 10. Tradução intersemiótica, 11. Erro, 12. Correção e 13. Acréscimo.

As modalidades de tradução estão divididas em dois tipos: *diretas* (transcrição, empréstimo, decalque, e tradução literal), que corresponde às modalidades acessórias que apresentam menor grau de dificuldade para o tradutor e *obíquas* (transposição, explicitação/implicação, modulação, adaptação, acréscimo, erro, tradução intersemiótica e correção), que ao contrário das diretas, exigem reflexão semântica e cultural profunda. (GEHRING, 1998)

Esta classificação também considera as modalidades híbridas, a concomitância de duas ou mais modalidades para uma mesma palavra, embora a contagem seja feita considerando apenas a modalidade mais próxima do centro da escala das modalidades de tradução, que para Aubert é a *tradução literal*.

Abaixo daremos as definições de Aubert (1998) seguidas de exemplos de classificações das modalidades retirados das traduções em nosso primeiro *subcorpus*, as palavras correspondentes estão em itálico. Na coluna da tradução entre parênteses está a referência do candidato, na coluna do texto original, entre colchetes, os primeiros dois números referem-se à quantidade de palavras e os dois últimos à modalidade em que estas palavras foram classificadas. Quando não houver a ocorrência de uma modalidade no *corpus*, recorreremos aos exemplos dados por Aubert (1998).

01. Omissão. Informação contida em determinado segmento textual na língua de partida (LP) é omitida na língua de chegada (LC) sem deixar traços, não sendo recuperada no implícito do texto traduzido.

Ex:

Texto original	Texto traduzido
<i>Souvent</i> ,[01.01] la vertu du héros (trecho 3)	___ a virtude do herói. (A03)
La réalisation parfaitement <i>aboutie</i> [01.01] d'un pouvoir naturel (trecho 3)	A realização perfeitamente ___ de um poder natural. (A06) A realização perfeita de um poder natural. (A25)
ses pouvoirs ultra-surnaturels <i>ne sont que la réalisation parfaitement aboutie d'un pouvoir naturel</i> [11.01] (trecho 3)	e seus poderes sobrenaturais ___ (A03)
l'habileté guerrière, <i>voire</i> [01.01] l'intelligence (trecho 4)	a habilidade guerreira, ___ a inteligência (A05) a habilidade guerreira, inteligência (A11) a habilidade guerreira, ___ a inteligência (A16) a habilidade para a luta, a inteligência (A21)

As linhas subscritas nas traduções indicam um espaço deixado pelo candidato, índice que comprova que o candidato optou pela omissão por encontrar uma dificuldade estrutural ou um desconhecimento lexical, e talvez não tenha tido tempo de resolvê-la. Como o ocorre com tradutores de jornais que pressionados pelo prazo para entregar uma tradução, acabam fazendo cortes e não podem reelaborar ou refletir sobre as escolhas adotadas.

A presença das lacunas nesses casos possibilita fazer a hipótese de que o candidato não tenha tentado esconder a omissão do examinador, ao contrário, deixa-a explícita. A omissão ocorre também quando não há lacuna alguma, neste caso, não se pode afirmar se o tradutor encontrou tal dificuldade ou se preferiu omitir o termo. Logo, a modalidade da omissão pode ser uma escolha do tradutor por não traduzir, pelos dois motivos acima mencionados. Assim, a omissão pode revelar uma não-leitura ou ainda uma dificuldade, desconhecimento do tradutor.

02. Transcrição. Reprodução - unidades linguísticas universais (números, fórmulas, nomes próprios), ou o que é igualmente estrangeiro a ambas as línguas.

Ex:

Texto original	Texto traduzido
Hercule	<i>Hercule</i>
Siegfried	<i>Siegfried</i>
Roland	<i>Roland</i>
Pantagruel	<i>Pantagruel</i>
Peter Pan	<i>Peter Pan</i>
Sherlock Holmes	<i>Sherlock Holmes</i>

O nome próprio *Hercule* que foi traduzido em algumas provas por “Hércules”, está classificado como tradução literal e não como transcrição. A transcrição, no caso de números, nomes próprios, palavras de outro idioma, pode representar um dado a ser verificado na releitura crítica pelo tradutor.

03. Empréstimo. Segmento original da LP é mantido na LC. O grau zero para Vinay e Darbelnet (1977).

Ex: *CPU, slogan, software*

Esta modalidade não foi encontrada nas traduções analisadas. O empréstimo pode significar uma novidade, um conhecimento adquirido na leitura em língua

estrangeira ou uma opção do tradutor deixar o novo texto mais característico da cultura da língua de partida.

04. Decalque. Segmento textual original é trazido para LC com alterações ortográficas adequadas à LC. Considera-se decalque o segmento cuja integração na LC não seja atestada no dicionário desta.

Ex:

Texto original	Texto traduzido
l' intelligence <i>sylogistique</i> (trecho 04)	a inteligência <i>sylogistica</i> (A09)

O decalque mostra que o tradutor forçou uma forma linguística da língua estrangeira para que encaixasse na língua de chegada. O exemplo acima foi o único encontrado nas 26 provas.

05. Tradução literal. Segmento textual original é traduzido com a devida adequação lexical. Para Aubert são considerados quatro critérios para a classificação nesta modalidade:

- O mesmo número de palavras;
- Cada palavra traduzida deve pertencer à mesma categoria das palavras correspondentes no texto original;
- Manutenção da mesma ordem do original;
- Opção lexical de tradução para cada palavra do segmento ter sido feita entre as mais prováveis, correspondendo às primeiras opções dadas pelo dicionário¹⁸.

Ex:

Texto original	Texto traduzido
Souvent, la vertu du héros s'humanise (trecho 3)	Frequentemente, a virtude do herói se humaniza (A23)
la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière (trecho 4)	A astútica, a rapidez, a habilidade guerreira (A01)

A tradução literal, feita palavra-por-palavra, é uma modalidade muitas vezes considerada inadequada pelo simples fato de ser literal, no entanto, pares de línguas próximos, como é o caso do português e francês, possibilitam uma maior ocorrência da

¹⁸ Durante a realização desta prova, a consulta de dicionário restringiu-se ao monolíngue.

tradução literal, mas para assim ser classificada é necessário ter uma adequação lexical que satisfaça os critérios acima citados.

Por outro lado, traduzir literalmente pode ser encarado, no caso da avaliação, como uma maneira do tradutor demonstrar que conhece as correspondências entre as duas línguas, além de ser a forma mais segura, sem ousar maiores liberdades, porém, mesmo assim, corre o risco de cair em erros e formas “engessadas”, não naturais para a língua de chegada.

06. Transposição. Alteração na forma lexical ou gramatical dos elementos ou sua ordenação no período. Pode ser obrigatória, exigida pela diferenciação estrutural das línguas ou facultativa, quando é utilizada apenas pela escolha do tradutor. A diferenciação entre transposição obrigatória e facultativa não foi levada em consideração na classificação.

Ex:

Texto original	Texto traduzido
<i>en passant</i> [02.06] (trecho 1)	<i>passando</i> (A01)
<i>ne sont que</i> [03.06] (trecho 3)	<i>não são mais que</i> (A04)
	<i>são somente</i> (A05)
	<i>não são mais do que</i> (a06)
	<i>são apenas</i> (A14)
	<i>não são nada além</i> (A17)
<i>de l' [02.06] imagination</i>	<i>Da imaginação</i>
<i>à ceux</i> [02.06] <i>du commun des mortels</i>	<i>aos dos comuns mortais</i>
	<i>àqueles do comum dos mortais</i> (A06)
	<i>aos do comum dos mortais</i> (A07)
	<i>em relação aos mortais</i> (a09)
	<i>aos poderes dos normais comuns</i>
<i>Voire</i>	<i>De fato</i>
	<i>E mesmo</i> (a07)
	<i>Ou mesmo</i> (a14)
	<i>Na verdade</i> (A19)
	<i>Até mesmo</i> (A20)

Por exigir mudança na estrutura, a transposição requisita conhecimentos das duas línguas em questão por parte do tradutor. A transposição atesta também a compreensão do tradutor enquanto leitor, que precisou ao ler, de uma operação de leitura diferente da leitura feita palavra-por-palavra.

07. Explicitação – Implicitação. No texto original, elementos significativos foram mantidos implícitos (pressupostos como conhecimento geral da comunidade linguística), na tradução foram explicitados para outra comunidade, ou inversamente.

08. Modulação. Sempre que um determinado segmento for trazido de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no co-texto específicos. Apresenta o efeito de sentido, com mudança de registro na LC. Pode ser obrigatória ou facultativa.

Ex:

Texto original	Texto traduzido
En passant	<i>Passam (A17)</i>
le héros doué [03.08]	<i>Os heróis dotados (A02)</i>
L'imagination	<i>O imaginário (A13)</i>
Doué	<i>Com</i>
ultra-surnaturels [01.08]	<i>muito além do natural (A01)</i>
	<i>Sobrenaturais (A03)</i>
	<i>sobre-naturais (A10)</i>
	<i>acima do natural (A 20)</i>
Pouvoir	<i>Qualidade (A11)</i>
parfaitement [01.08]	<i>Perfeita (A14)</i>
Naturel	<i>Humano (A17)</i>
syllogistique [01.08]	<i>Lógica (A01)</i>
	<i>De argumentação (A26)</i>
Guerrière	<i>De guerrear</i>
	<i>Para a luta (A21)</i>
Pur	<i>Natural (A07)</i>
État	<i>Maneira (A11)</i>
intelligence syllogistique [02.08]	<i>capacidade logística (A17)</i>

Como a tradução exterioriza as representações que foram interiorizadas na leitura, observa-se nas traduções acima que representações diferentes com “alterações na superfície” podem carregar o mesmo sentido.

09. Adaptação. Diante de realidades extralinguísticas (antropológicas ou outras), o texto procede a uma “aculturação” desta realidade.

Por envolver diferenças culturais, Aubert considera a adaptação o grau de maior distanciamento das modalidades tradutórias. A adaptação está na fronteira do domínio nocional da tradução em geral.

Ex: Baguette (francês) – bengala (português)
 Cachaça (português) – brandy (inglês)

10. Acréscimo. Expansão do texto original, por conta e risco do tradutor, introduzindo informação suplementar, não explicitada, nem implicitada no original. O acréscimo não se confunde com uma das formas de transposição (desdobramento de uma palavra em várias) ou com a explicitação. Não há como contabilizar o acréscimo na contagem das modalidades, pois a classificação é feita sempre no texto original.

11. Erro. Em Vinay e Darbelnet (1977) o erro está apenas na tradução literal. Para Aubert (1998) é possível prever duas formas de erro:

- a) Emprego de uma modalidade inadequada (empréstimo ou decalque em circunstâncias que caberia tradução literal)
- b) Erro de interpretação, como um tropeço em falso cognato.

Ainda no erro, Aubert lista os deslocamentos linguístico-semântico-culturais de tal forma que o texto traduzido torna-se ininteligível ou passa a transmitir um conteúdo diferente de qualquer leitura em língua estrangeira razoável do original.

Texto original	Texto traduzido
En passant	<i>Passando-se (A11)</i>
le héros doué [01.11]	<i>O herói detém (A03)</i>
Pouvoir	<i>Procedência (A09)</i> <i>Proveer (A10)</i>
à ceux du [03.11] commun	<i>Tem algo em comum (A19)</i>
Souvent, la vertu [02.11]	<i>Segundo a vertente (A01)</i>
Vertu	<i>Realidade (A20)</i>
Souvent	<i>Sempre (A04)</i> <i>Desta maneira (A25)</i>
Aboutie	<i>Contida (A08)</i> <i>Confinada (A15)</i> <i>Adaptada (A25)</i>
Ne sont que	<i>Não implica (A09)</i> <i>Não estão que (A10)</i>
ultra-surnaturels [01.11]	<i>Supernaturais (A11)</i> <i>Ultranaturais (A13)</i>
habileté [01.11]	<i>Atividade (a04)</i>
voire	<i>Percepção (A06)</i> <i>Ver (A08)</i>

	<i>Visão (A09)</i>
	<i>Olha (A10)</i>
	<i>Vide (I3)</i>
Pur	<i>Para (A18)</i>

Como vimos, para Aubert (1998) a modalidade erro na tradução se refere ao emprego de uma modalidade não adequada ou erro de interpretação, ou seja, erro na interpretação da leitura em língua estrangeira (ZANOTTO, 1993). Como não há critérios definidos para avaliar o primeiro caso, é necessário cautela na avaliação. Fora desta classificação, frequentemente diferentes modalidades, como a modulação e o acréscimo são consideradas erro, o que pode ser comprovado se compararmos a modalidade erro com o que foi assim considerado pelo corretor da prova.

11. Tradução intersemiótica. Manifesta-se pela passagem de um elemento simbólico no original a segmento textual no texto traduzido.

Ex: na tradução juramentada, o brasão do Reino Unido.

12. Correção. Ocorre quando ao detectar erros factuais e/ou linguísticos, inadequações no texto em língua de partida, o tradutor optar por “melhorar” o texto traduzido em comparação com o texto original.

Chegamos, então, à análise dos dados obtidos com a classificação das modalidades. Como já foi mencionado, a interpretação dos resultados centra-se no produto tradutório e não no processo. Os resultados mostraram o predomínio da Tradução literal (58,16%), seguida da Transposição (18,94%), a Transcrição (8,58%) Modulação (6,37%), Omissão (03,98%) e Erro (03,56%). A grande ocorrência da Tradução literal permite constatar o baixo grau de liberdade, criatividade e intervenção dos candidatos no decorrer da prova, ao traduzir a mensagem do texto de partida para o texto de chegada.

As modalidades de tradução diretas tiveram percentuais elevados (70%) em relação às modalidades oblíquas (30%). O empréstimo, a adaptação, a correção e a tradução intersemiótica não foram encontradas no corpus. A transposição, que aparece com a segunda maior frequência (18,94%), mas bem abaixo da ocorrência da tradução literal (58,16%), também configura uma das exigências imposta pela língua de chegada,

tal incidência no emprego da transposição está, da mesma maneira, condicionada ao par de línguas em questão. A omissão (3.98%) e o erro (3.54%) ocorreram em proporções quase idênticas, mostrando os momentos em que houve uma dificuldade ou problema de tradução.

<i>MODALIDADES- direção tradutória francês-português</i>	<i>nº de palavras</i>	<i>%</i>
01. Omissão	85	3,986
02. Transcrição	183	8,583
03. Empréstimo	-	-
04. Decalque	01	0,046
05. Tradução literal	1240	58,161
06. Transposição	404	18,949
07. Explicitação/Implicitação	07	0,328
08. Modulação	136	6,378
09. Adaptação	-	-
10. Acréscimo	-	-
11. Erro	76	3,564
Total	2132	100

É importante ressaltar que as modalidades possuem uma frequência esperada de acordo com o par de línguas envolvido (a língua francesa possui uma correspondência lexical bem próxima ao português, o que tende a manter, muitas vezes, a mesma ordem e estrutura gramatical). O resultado da classificação também depende do tipo de texto que é traduzido, no caso de textos técnicos, científicos, acadêmicos ou informativos, a alta ocorrência da tradução literal já é esperada. Diferentemente, se tratássemos de um texto literário e/ou poético (ZANOTTO, 1993). A situação de avaliação também contribui com o alto percentual de tradução literal.

2.3.2. As dificuldades encontradas

Ao tentar fazer o elo desta classificação com o uso das estratégias e processos de tradução e sua contribuição para o ensino de leitura em francês língua estrangeira, percebem-se limitações do modelo, por exemplo, a desconsideração do processo e do contexto. Pensando no ensino de francês instrumental, interessa-nos também compreender o processo feito pelo aluno, no qual a leitura está envolvida. Porém, este modelo coloca a tradução apenas no nível da palavra. Ao estudar a tradução enquanto avaliação da leitura, devemos atingir os níveis sintático e semântico, passando para a

frase, para o parágrafo (caso dos exames que serão aqui analisados) e, finalmente, para o nível do texto.

Além disso, outras dificuldades foram encontradas ao longo de nossa tentativa de utilizar as modalidades como metodologia para análise do *corpus*. Como podemos ver no anexo C, a visualização da classificação das modalidades nas traduções é complicada porque não temos uma visão do todo e sim de partes dos textos traduzidos e não conseguimos comparar uma tradução com as demais. Tivemos também problemas na classificação: além da própria dificuldade de classificação (muitas modalidades próximas ou híbridas), inicialmente, estávamos classificando pelo texto traduzido e não pelo original. O fato da modalidade do acréscimo ser desconsiderada na classificação também causou dificuldades, e, finalmente, a contagem manual é demorada e passível de erros. Essas são as razões pelas quais optamos por não analisar nosso *corpus* por essa metodologia. Por outro lado, em um curso em que o objetivo principal seja a tradução, essa classificação deve ser ensinada, pois facilita a descrição e explica aos alunos outros meios de traduzir.

De qualquer forma, essa tentativa de abordar nosso *corpus* de estudo representou uma etapa importante para a pesquisa, em que as provas foram transcritas, ainda que a caligrafia de alguns alunos dificultasse nosso trabalho. Essa digitação foi reaproveitada e, depois de alguns ajustes, facilitou o uso do programa *WordSmith Tools*, como veremos na análise do *corpus*, no capítulo 4, no qual continuamos a nos referir à terminologia dos conceitos das modalidades tradutórias.

2.3.3. Os modelos de avaliação de tradução e o estudo do erro

Antes de nos debruçarmos sobre os modelos usados para a avaliação de tradução, encontramos na obra de House (1977) a descrição dos primeiros experimentos utilizados por empresas para medir a qualidade tradução profissional. Esses experimentos possuem como característica comum não fazer referência ao texto original e se valer apenas da recepção, até mesmo física (gestual), do texto traduzido ou da entonação da pessoa que lê esses textos em voz alta.

No mesmo ano de 1969, Nida & Taber criaram quatro experimentos. O primeiro deles foi a *técnica de Cloze*: o avaliador recebia um texto traduzido em que uma palavra

a cada cinco estava apagada, ele deveria, então, preencher cada espaço com a palavra que lhe parecesse melhor para o contexto. Quanto maior o número de acertos, mais fácil seria a compreensão do texto, porque sua previsibilidade seria mais alta. Assim, o grau de compreensibilidade foi relacionado ao ‘grau de previsibilidade’: quanto mais fácil para o leitor adivinhar a palavra seguinte numa oração, mais fácil seria compreender aquela palavra no novo contexto.

A reação dos leitores diante de traduções foi a base do segundo experimento de Nida e Taber. Tratava-se da apresentação de textos traduzidos em que os leitores tinham que responder as questões: “qual soa melhor?”, “qual é mais clara?” e “qual é mais fácil de entender?”. O terceiro experimento de Nida e Taber consistia na verificação da reação à leitura de várias traduções. A leitura em voz alta era feita para uma pessoa, que em seguida deveria explicar o conteúdo para várias outras que não estavam presentes no momento da leitura, esperando que isso revelasse “a eficiência com que o sentido era transmitido, em termos de completude do conteúdo e em termos de correção da compreensão” (HOUSE, 1977).

Próximo a este terceiro, o quarto experimento de Nida e Taber foi considerado como “um dos melhores testes para uma tradução: a leitura em voz alta ou tradução por várias pessoas diante de uma platéia”. A leitura seria equivalente à comunicação da mensagem do texto. As dificuldades claras de leitura do texto traduzido, observáveis em voz alta, sinalizariam as inadequações da tradução.

Em 1958, o experimento de Miller e Beebe-Center consistia em três etapas: primeiramente, pediam a opinião de vários avaliadores competentes; em seguida testavam a tradução em confronto com uma ‘tradução modelo’, ou seja, de ‘excelência comprovada’, por meio de uma série de índices estatísticos e, finalmente, formulavam perguntas sobre um trecho, que seriam respondidas por entrevistados que tivessem lido alternativamente o texto original e o texto traduzido; se as respostas equivalassem entre os entrevistados, os textos poderiam ser considerados equivalentes. A mesma sugestão foi feita por Macnamara em 1967.

Em um segundo experimento de Miller e Beebe-Center, em 1958, considerava os movimentos corporais realizados por pessoas após terem sido expostas às instruções do texto original e do texto traduzido. Se os movimentos fossem comparáveis, os textos eram equivalentes.

O último experimento citado por House (1977) é o de Carroll realizado em 1966: orações soltas extraídas de três traduções mecânicas e três traduções humanas para o inglês de um artigo russo sobre cibernética, organizadas aleatoriamente, deveriam ser ordenadas de melhor a pior. A tarefa deveria ser feita primeiro por um grupo de falantes nativos do inglês, sem conhecimento de russo, selecionados por sua inteligência verbal, conhecimento e interesses científicos. Eles executaram a tarefa comparando as traduções testadas com uma tradução modelo. Em um segundo momento, uma classificação semelhante foi feita por falantes nativos do inglês com excelente nível de leitura em russo. A tarefa foi executada comparando as traduções para o inglês com o original russo.

Nenhum dos experimentos, descritos acima, possuem critérios para uma avaliação objetiva da tradução, pois não relacionam o texto original aos textos traduzidos e, principalmente, porque não apresentam parâmetros para medir os resultados dos testes. Para oferecer um modelo baseado em critérios verificáveis, House (1977) desenvolve um modelo de avaliação da qualidade da tradução que tem implicações para o ensino de línguas estrangeiras, com o uso da tradução no ensino e como esta funcionaria em diferentes níveis de aprendizado e de acordo com os pares linguísticos.

Esse modelo consiste na validação das dimensões textuais, já que cada texto possui um perfil próprio que deve ser mantido em sua tradução. As dimensões propostas pela autora são: o *tópico (field)* referente aos itens lexicais, sintáticos e textuais; o *campo (tenor)* que abrange as relações entre os atores do texto como leitor-autor e o *meio (mode)*, referente ao canal de comunicação, como por exemplo, se é oral ou escrito, diálogo ou monólogo. Se em algum caso uma ou mais dessas dimensões apareça alterada na tradução, a autora diz que o novo texto não é uma tradução e sim uma versão.

Outros diferentes modelos utilizados para a avaliação de tradução foram compilados por Waddington (2000), são métodos de avaliação de traduções feitas por profissionais ou aprendizes universitários de tradução, apresentados em estudos publicados ou por meio de comunicações pessoais.

Segundo o autor, há dois tipos de métodos para a avaliação de tradução: Os *Métodos baseados em análises de erros*: no qual a nota é dada pela somatória os pontos

negativos que resultam da análise para depois subtraí-los do total que se dá ao exercício de tradução e os *Métodos holísticos*: que se baseiam na apreciação global da tradução e usam escalas que descrevem diferentes graus de competência tradutória. Existem dois tipos de métodos holísticos. O primeiro considera a competência tradutória indivisível e apresenta uma escala global, o segundo divide a competência em várias subcompetências como: qualidade de transmissão de sentido, qualidade de expressão linguística, etc. Neste caso, tem-se a nota somando as notas parciais de cada subcompetência.

Os modelos de análises de erros e holístico devem necessariamente fundamentar-se em critérios de qualidade que podem ser iguais para os dois sistemas. Existem métodos que combinam esses dois tipos de avaliação, somando a análise de erros ao julgamento global. Em nossa pesquisa, privilegiamos a análise de erro e não o método holístico, pelo primeiro se adaptar melhor ao exercício de tradução na proficiência, por ser um fragmento de um texto, no qual não será dada ênfase à qualidade da expressão em português.

Desta forma, recorreremos a Waddington (2000) que descreve os métodos que utilizam a análise de erros e que se diferenciam pela definição e classificação que se dá aos erros. O autor nos mostra quatro tipos de abordagem de análise de erro, citando os métodos que utilizam:

Os métodos da primeira abordagem que classificam os erros em **erros de língua** e **erros de tradução** são os seguintes:

- *Método do SICAL 3 (Système Canadien d'appréciation de la qualité linguistique 3)*: Os erros de tradução acontecem quando não se transmite o significado de uma palavra ou de um grupo de palavras do texto original, omissões ou adições desnecessárias. Erros de língua acontecem ao não se ater às normas de bom uso da língua de chegada. Agrupam-se em quatro categorias de erros: léxico, pontuação, sintaxe e estilo.
- *Método de McGill*: faz a mesma distinção entre erros de tradução e erros de expressão linguística, estes últimos constam de quatro subcategorias: tipografia, ordem das palavras, uso inadequado e composição.

- *Método de Scheel*: faz uma lista alfabética de 31 erros, não os divide em erros de expressão nem de compreensão, mas utiliza os termos: contrassensos, falso sentido e “non-sens” (sem sentido).

Os métodos que consideram as **dimensões funcional e cultural** são:

- *Método de Hurtado*: Divide os erros em 4 categorias: 1) Inadequações que afetam a compreensão do texto original (erros de tradução de SICAL3) e inclui as categorias de contrassenso, falso sentido, sem sentido, outro sentido, adição e supressão desnecessária de informação. Também fala sobre alusões extralinguísticas não solucionadas e inadequação de variação linguística (erros de estilo, dialeto, registro). 2) Inadequações que afetam a expressão da língua de chegada (erros de língua) que se dividem em 5 subcategorias: ortografia/pontuação, gramática, léxico, erros textuais e estilística. 3) Inadequações funcionais: erros que afetam a função textual prioritária e erros de qualquer outra função secundária. 4) Acertos: categoria que diferencia a “boa equivalência” e a “muito boa equivalência”.
- *Método de Nord*: A linguista elabora um método de correção de acordo com sua visão funcionalista. O erro de tradução consiste em um descumprimento da função da tradução ou de determinado aspecto funcional. Os erros de tradução aparecem em 3 categorias: 1) Pragmáticos, quando não se cumprem as funções pragmáticas. 2) Culturais, quando se contravém as convenções culturais da língua de chegada. 3) Linguísticos, erros que aparecem quando há falta de competência na língua de chegada e erros produzidos por divergências entre os sistemas linguísticos da língua de chegada e língua de partida, que podem ocorrer mesmo que o tradutor tenha competência suficiente nas duas línguas.
- *Método de Schmitt*: inclui a categoria *Cultura*. Há 4 tipos de erros semânticos_(erros de tradução): 1) Sem sentido, 2) Outro sentido, 3) Erros de números ou unidades de medidas, 4) Erros de transmissão de sentidos causados por erros de leitura e 13 erros de expressão (erros de língua) divididos em 4 grupos : 1) Léxico e estilo de textos técnicos:

erros de terminologia técnica; erros de estilo. 2) Organização textual: estrutura (terma/rema) – quando a tradução é confusa, coerência: conteúdo do TC é pouco claro ou incompreensível, complexidade desnecessária: redação complicada ou difusa, estrutura: a construção da frase é complicada e torpe. *Layout* deve corresponder às normas da cultura da chegada. 3) Gramática: sintaxe, erros involuntários que se devem a uma modificação realizada durante o processo de tradução, vê-se que o tradutor fez uma modificação e se esqueceu de fazer as mudanças necessárias (tempo verbal, pessoa, gênero, etc.). 4) Ortografia e pontuação: distingue-se entre erros voluntários e involuntários.

O corretor que aplicasse esse último método teria dificuldades em saber qual categoria corresponderia a um determinado erro, pois as categorias são próximas ou sobrepostas. Segundo Waddington (2000) é justo que se distinga erros cometidos “conscientemente” dos erros aparentemente involuntários. No entanto, não é fácil colocar em prática esta categoria, pois em muitos casos a decisão do corretor a respeito seria apenas uma especulação.

Os métodos da abordagem que consideram **critérios linguísticos e extralinguísticos** são:

- *Método de Ferrari*: Como critério linguístico, faz a distinção entre *erro de compreensão do texto original* (erro de tradução): falso sentido, contrassenso, sem sentido e omissão e *erro de expressão na LC* (erros de língua): léxico, gramática, estilo e pontuação. Para os critérios extralinguísticos, divide-os em *conhecimento do tema e do assunto e cultura geral*. Assim como Nord (1988) assinala que entre as competências necessárias para se realizar uma tradução encontram-se não somente a competência de transmissão, mas também a competência cultural e competência investigadora. O autor comenta a dificuldade em se avaliar essas competências em uma prova tradicional na qual o aluno deve utilizar todas de uma só vez.
- O *Método de Hewson* (1995) demanda que a avaliação não se dê apenas no produto, mas também no processo de tradução e indica 03 níveis onde os erros podem ocorrer: o erro linguístico, o cultural e também aquele

devido à coerção do mundo real (limitações do mundo real da tradução, uso correto de dicionários e banco de dados, conhecimento de processadores de texto, a limitação do tempo etc.)

E finalmente, a abordagem que classifica os **erros que invalidam uma tradução** é representada pelo método de:

- *Franco*, faz 13 classificações de erros, sendo 05 relacionadas à tradução e à compreensão (erros de tradução; de compreensão que invalidam o conjunto da tradução; erros que não invalidam o conjunto da tradução; erros situacionais; erros de transparência e omissões sem justificção) e 08 sobre a expressão linguística (ortografia e pontuação; léxicos e terminológicos; problemas nos quais se entende a tradução, mas poderia estar melhor expressa; erros de registro; repetições não motivadas; incoerência sintática; erros na ordem das palavras; má distribuição dos parágrafos).

Os métodos acima descritos possuem também diferentes visões a respeito da maneira de como se deve ponderar os erros. Apenas Ferrari, Franco e SICAL3 optam por ponderação variável (de acordo com o objetivo da prova e a dificuldade do texto original), os outros são a favor da ponderação fixa. Nas provas de proficiência, o objetivo da tradução é fixo, procura-se verificar a compreensão do texto original da área de especialidade do candidato. No entanto, a dificuldade e extensão do trecho a ser traduzido e os tipos de erros encontrados são variáveis, como os que foram revelados nas traduções do *corpus* de nossa pesquisa, descrito e anotado no capítulo 3.

Assim como faz Hurtado (2001) ao distinguir *erro* e *erro grave*, consideramos os erros de leitura como os de maior gravidade nas traduções feitas nos exames de proficiência. A autora considera *erro grave* aqueles que interferem na transmissão do sentido (contrassenso, sem sentido, falso sentido) e a eles subtrai 02 pontos e para os outros erros, subtrai 01 ponto, com exceção dos erros de pontuação que são penalizados por 0,25 ponto.

Durante a coleta do nosso *corpus*, encontramos apenas uma prova em que houve claramente a utilização de um método para a ponderação na correção. Por meio de uma comunicação pessoal, os corretores dessa prova nos descreveram o método utilizado. Trata-se de uma tabela de pontos que decresce de acordo com a quantidade de erros,

sendo que o erro grave tem peso dobrado em relação a um erro “leve”, assim como faz Hurtado (2000).

Utilizamos para a análise do *corpus* de nossa pesquisa uma combinação das classificações dos métodos aqui descritos, a fim de conseguirmos descrever os que nele ocorrem. Na análise usamos a distinção entre erro de leitura (de tradução) e erro de expressão na língua de chegada (de língua), já que a principal função da tradução em nossos *subcorpora* é a de avaliar a leitura. Outra classificação utilizada é a distinção feita por de Pym (1998) entre *erros binários*, para os quais é clara a diferença entre certo e errado, e *não binários*, que não estão totalmente errados, nem certos.

Contudo, muitas vezes podemos perceber que a fronteira entre essas classificações pode ser flutuante e os tipos de erro podem ser próximos, o que dificulta traçar um limite exato entre eles. As representações feitas na leitura são exteriorizadas na tradução e o erro *não binário* parece estar presente nas representações que carregam alterações, mas que ainda estão dentro do sentido, ou seja, está próximo das fronteiras do sentido, que uma vez atravessadas encontram o lugar do erro binário.

Não há como saber ao certo quais são os erros apontados pelos corretores nas provas de proficiência que formam o nosso *corpus*, algumas vezes o corretor circula o erro, em outros casos faz um sinal ao lado, ou apenas um comentário ao final da prova dizendo que há erros, sem necessariamente apontá-los. Apenas pela observação do *corpus* não conseguimos saber os critérios utilizados pelos corretores na correção e ponderação dos erros e acertos, também não é dada ao candidato nenhuma informação a esse respeito, sequer na prova ou no edital do exame.

2.4. A tradução como avaliação da compreensão

Depois de expostos diferentes modelos e opiniões sobre as avaliações da leitura e da tradução, realizados separadamente, refletimos sobre o uso da tradução para avaliar a leitura, de forma que a escrita do novo texto ateste a compreensão do texto original. No entanto, tivemos dificuldades em encontrar bibliografias a respeito, pois raros são aqueles que levantam essa problemática, dentre eles, Bouvet (2002) que se posiciona favoravelmente em relação ao uso da tradução na avaliação da leitura, como nos relata Silva e Ridd (2007:60):

Segundo Bouvet (2002) é justamente na área da tradução que aparece a mais notável diferença entre leitores proficientes e menos proficientes em segunda língua/ língua estrangeira: o uso da tradução integrativa por leitores proficientes e as estratégias de tradução desintegrativa por leitores menos proficientes.

Para o autor, *tradução desintegrativa* se faz no nível local, palavra por palavra, revelando uma ausência de coesão na leitura e a *tradução integrativa*, ao contrário, atesta a coerência na tradução, estratégia de nível mais elevado, utilizada por leitores proficientes, leitores que pela tradução mostram uma compreensão coerente, conseguindo também resolver problemas e superar dificuldades.

Em contrapartida, frequentemente encontramos posicionamentos contrários ao uso da tradução para avaliar a leitura ilustrados em discursos como “leio, compreendo, mas não consigo traduzir” ou que “exige-se para a tradução capacidades que não estão presentes na compreensão do texto como, por exemplo, a capacidade de transferência”. Contudo, como vimos no item 1.1, nos processos de leitura são constituídos por transferências e ligações dos conhecimentos anteriores aos conhecimentos adquiridos na leitura. Nestes moldes, a tradução é coerente com os princípios da *avaliação autêntica* de Turcotte (1994), já mencionado no item 2.2, pois é baseada na produção do leitor.

Certamente, existem especificidades da competência tradutória, mas nosso questionamento é saber se o exercício de tradução avalia a competência de leitura. Ainda que para Hurtado (2005) a competência tradutória seja um conhecimento especializado que identifica o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues, não se espera de um candidato em um exame de proficiência, mesmo que se exija a tradução, que ele ateste sua competência tradutória mas sim, sua compreensão do texto, sua competência de leitura.

Por essa razão, é necessário considerar a tradução dos candidatos nas provas de proficiência como traduções não profissionais, para as quais questões relativas ao estilo e expressão devem ser menos importantes. Verificar-se-à principalmente a compreensão do texto original a partir desta tradução. Um bom leitor muitas vezes compensa a falta de conhecimento linguístico por meio de reformulações e inferências, o que é manifestado no texto traduzido.

Portanto, nos exames de proficiência, pela tradução de um trecho selecionado, onde se encontram possíveis problemas de leitura, o corretor pode inferir quem são os bons leitores. Segundo Scaramucci (2009) a validação de um exame é o processo de

coletar e ter evidências corretas, argumentadas nos resultados. Logo, a validade é uma característica ou qualidade de um teste, um critério para a sua aceitabilidade. Se a tradução for uma operação capaz de verificar a leitura poderemos considerá-la válida para avaliarmos a compreensão de um texto em língua estrangeira.

No entanto, trata-se de uma avaliação local da compreensão que visa detectar também as (in)compreensões e especificidades da língua em um determinado trecho do texto. De maneira autônoma, feita isoladamente, sem as questões de compreensão, como é feito em algumas unidades da Universidade, a tradução pode não mostrar a diferença de um leitor ingênuo que compreende o texto globalmente, mas que não é capaz de compreender aspectos linguísticos fundamentais para uma compreensão mais detalhada. É justamente dessa compreensão que ele necessitará na prática durante sua pesquisa, ao ler textos científicos, como relata o Quadro Europeu Comum de Referências para Línguas (2001) ao colocar nas competências dos níveis mais avançados a capacidade de perceber os pormenores de um texto de especialidade.

Da mesma maneira, Vigner, sobre a leitura de textos técnicos e de especialidade, ressalta que:

A necessidade de uma decodificação perfeita será absolutamente um imperativo, pois um erro de compreensão pode ter consequências graves, tanto do ponto de vista humano (problemas da segurança no trabalho) quanto econômicos.¹⁹ (1979: 133)

Nas provas de proficiência que exigem um trecho de tradução, o exercício de tradução é responsável por detectar essa leitura mais detalhada. De toda forma, seria importante também fazer uma comparação entre as notas das questões de compreensão e as da tradução, como propomos pela análise do *corpus* de estudo no capítulo 4.

Posicionamentos contrários e favoráveis existem para muitos métodos de avaliação, como vimos no item 2.2, no caso da leitura, em que há críticas para todos os meios de avaliação: as questões dissertativas podem ser mal elaboradas, ambíguas, não claras ou muito abrangentes; as questões de múltipla escolha, além de não contarem com a produção do leitor, podem direcionar a leitura e ser igualmente ambíguas. Da mesma maneira, podem haver críticas em relação ao uso do exercício de tradução como

¹⁹ Nossa tradução. Texto original em francês: *La necessite d'un décodage parfait sera absolument impérative, une erreur de compréhension peut avoir des conséquences graves tant au point de vue humain (problème de la sécurité dans le travail) qu'économique.*

avaliação da leitura. Contudo, como vimos no item anterior, alguns métodos de avaliação da tradução detectam acertos e erros de leitura.

Em nossa pesquisa, identificamos justamente as operações feitas pelos candidatos nos exames de proficiência que atestam suas (in)compreensões, detectando os problemas, dificuldades, soluções e estratégias utilizadas. De qualquer forma, é necessário estabelecer critérios de correção nos exercícios de tradução feitos para esses exames, para torná-los mais claros aos candidatos e elaboradores.

Pela ilustração abaixo, podemos ver as intersecções presentes entre a leitura, tradução e avaliação:



Discutimos nesse capítulo as intersecções: entre a avaliação e a leitura, item 2.2, onde se localizam as questões de compreensão; entre a avaliação e tradução, item 2.3, com os diferentes modelos relatados por Waddington (2000) e, no item 2.4, a avaliação da leitura pela tradução, que é o caso do *corpus* de nossa pesquisa, ou seja, exercícios de tradução feitos nos exames de proficiência, e que se encontra na intersecção das três atividades. A ilustração também mostra, no encontro entre leitura e tradução, uma possível colaboração dos exercícios de tradução para a leitura.

CAPÍTULO 3: A PESQUISA REALIZADA

Os trechos originais correspondentes às traduções feitas por candidatos nas provas de proficiência que formam o *corpus* dessa pesquisa são, primeiramente, comparados entre si, a fim de sabermos se há itens lexicais que se repetem nas provas. Com base no trecho original, partimos de postulações de erro que os candidatos menos preparados cometeriam para, em seguida, verificá-las. Sendo assim, fizemos um mapeamento das soluções, erros, problemas e dificuldades encontrados nas traduções dos candidatos, utilizando ferramentas da Linguística de Corpus ao descrever e analisar *corpus* de nossa pesquisa.

3.1. O *Corpus* de estudo

Analizamos as traduções de trechos de textos da área de estudo dos candidatos em 07 provas de proficiência em língua francesa, nossos *subcorpora*. As traduções foram produzidas por candidatos ao mestrado e/ou doutorado e fazem parte da avaliação, assim como as questões de compreensão do texto. O valor dado ao exercício de tradução nestes exames varia de 03 a 05 pontos, como podemos observar na tabela abaixo.

Quatro provas foram elaboradas e aplicadas pelo Centro de Línguas da FFLCH: para a Escola de Comunicações e Artes (ECA) nos anos de 2002, 2004, 2005 e 2006, as provas de proficiência destas unidades são aplicadas uma vez ao ano. As outras três foram elaboradas pelos professores da área de Francês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Letras, cujo processo seletivo para a pós-graduação é semestral, nos anos 2004 (1º semestre), 2006 (2º semestre) e 2007 (1º semestre).

<i>Corpus</i> provas de proficiência analisadas	Número de candidatos	Pontos para a tradução	Nº de palavras do texto	Nº de palavras do trecho
ECA 2002 (<i>Subcorpus</i> I)	26	3	559	74
ECA 2004 (<i>Subcorpus</i> II)	29	4	749	134
ECA 2005 (<i>Subcorpus</i> III)	30	4	870	210
ECA 2006 (<i>Subcorpus</i> IV)	06	4	1614	175
Letras 2004 (<i>Subcorpus</i> V)	71	4	1477	138
Letras 2006_2 (<i>Subcorpus</i> VI)	40	4	404	127
Letras 2007_1 (<i>Subcorpus</i> VII)	78	5	382	92
TOTAL 07 provas	280			

Como esse estudo pode ser ampliado acrescentando-se outras provas de proficiência destas mesmas unidades ou de outras da Universidade e, assim, observar semelhanças e diferenças entre as traduções dos candidatos de diferentes áreas ou unidades, temos um *corpus* dinâmico.

Não se trata de *corpus* de aprendizes, como abaixo define Granger, pois não podemos saber se todos os candidatos são aprendizes de francês ou qual seria o nível de conhecimento nesta língua estrangeira, não há também informações sobre a nacionalidade dos candidatos; supõe-se que as produções estejam em língua materna, português, mas não podemos afirmar. Este quadro já seria diferente da definição de *corpus* de aprendizes:

Corpora de aprendizes são coleções eletrônicas de dados textuais autênticos de Língua Estrangeira/ Segunda Língua montados de acordo com critérios explícitos para uma finalidade particular da LE/SL. Eles são codificados de maneira padronizada e homogênea, documentando suas origens e proveniências.²⁰ (2002:07)

Há *corpora* de aprendizes com linguagem traduzida, mas nesses casos os textos são produções realizadas ao longo de um determinado curso. As traduções que analisaremos são produtos de uma avaliação. Contudo, sua análise pode fornecer, além de outras aplicações, sugestões de exercícios de tradução para um curso instrumental, que tem como público alunos que se preparam para as provas de proficiência. Desta forma, denominamos o conjunto dos *subcorpora* desta análise como “*corpus* de candidatos” e iniciamos sua exploração.

Anteriormente, já havia digitado as traduções em tabelas no *Word* dentro de um único arquivo, efetivando outro tipo de análise, manual (embora utilizando o computador) para a classificação das modalidades tradutórias descritas no item 2.3.1, colocada integralmente no anexo C. Nessa digitação, mantive todos os erros dos candidatos, mesmo os de ortografia, assim como as tentativas de dialogar com o corretor, estas observações foram transcritas entre colchetes, por exemplo: [candidato: desculpe a letra] ou [candidato: estou nervoso]. Da mesma forma, transcrevi as

²⁰ Nossa tradução. Texto original em inglês: *Computer learner corpora are electronic collections of authentic Foreign Language/Second Language textual data assembled according to explicit design criteria for a particular SLA/FLT purpose. They are encoded in a standardised and homogeneous way and documented as to their origin and provenance.*

impressões que os corretores escreveram ao lado da tradução, por exemplo: [corretor: tradução muito fraca] ou [corretor: tradução excelente].

Para utilizar as informações que já tinha para esta análise, foram necessárias algumas mudanças. O programa *WordSmith Tools* só aceita textos em formato *txt*; tive, então, que separar as traduções em arquivos diferentes para cada candidato em *txt* utilizando o *Bloco de Notas*, e nomeando estes arquivos de acordo com um código dado a cada candidato para facilitar a sua identificação e observar seu comportamento ao longo da tradução (ex: *ECA2002A24* = unidade, ano e código do candidato).

Outro problema que surgiu no decorrer da utilização do programa foi o fato de não haver padronizado a quantidade de traços subscritos para representar uma omissão explícita, ou seja, quando o candidato deixou uma lacuna visível na tradução. Então, revisei todos os documentos em formato *txt* e padronizei o número de traços subscritos para três, pois sem um padrão, caso colocasse na busca do *Concord* um traço subscrito, o programa leria muitas vezes a mesma omissão, dependendo da quantidade de traços. Marcamos nas imagens das análises também as omissões que denominamos “veladas”, não perceptíveis em uma leitura “de sobrevo”, essas omissões são dificilmente detectadas.

3.2. A Linguística de Corpus e o programa *WordSmith Tools*

Diante das dificuldades descritas (item 2.3.2.) em relação ao uso da classificação das modalidades tradutórias de Aubert (1998) como metodologia de análise, a Linguística de Corpus apresenta como uma de suas principais vantagens a possibilidade de nos levar do produto ao processo, analisando o nível da palavra, da frase, para depois passarmos ao trecho. Outra vantagem para as pesquisas que utilizam a Linguística de Corpus é a assegurar a representatividade do *corpus* de estudo, já que uma grande quantidade de textos poderá ser analisada mais facilmente de acordo com o que se planeja verificar.

A Linguística de Corpus é uma área que trata do uso de *corpora* linguísticos computadorizados por meio de evidências empíricas extraídas por computador (BEBER SARDINHA, 2004). Em torno desta área, há discussões sobre como caracterizá-la, para aqueles que a utilizam como base metodológica, é somente uma metodologia, outros a

consideram uma teoria da linguagem, pois produz novos conhecimentos, há ainda aqueles que a julgam como uma abordagem, ou perspectiva, para se chegar à linguagem. De acordo com Beber Sardinha (2004), esse último termo vem sendo usado por influentes linguistas do *corpus*, como Douglas Biber, na expressão *corpus-based approach*, ou seja, abordagem baseada em *corpus*.

A análise de um *corpus*, ou seja, um conjunto de documentos, dados e informações sobre determinada matéria como define o dicionário Aurélio (2006) é objeto de muitas pesquisas. Para a Linguística de Corpus, um *corpus* é um conjunto de textos compilados segundo critérios específicos exigidos pelo planejamento de uma determinada pesquisa, sempre em formato eletrônico, pois será explorado por uma ferramenta computacional, no caso deste trabalho, também baseado em corpus, o programa utilizado foi o *WordSmith Tools*. Esta também é a definição de *corpus* dada por Percy, C; Meyer, C; Lancashire (1996, *apud* BERBER SARDINHA, 2004): “uma coletânea de porções da linguagem que são selecionadas e organizadas de acordo com critérios linguísticos explícitos, a fim de serem usadas como uma amostra da linguagem”.

Muitas vezes, tentamos instintivamente aplicar a Linguística de Corpus mesmo sem conhecê-la, quando procuramos num site de busca, como o *Google*, as maiores frequências de certas construções linguísticas, observando contexto em que se encontram. No entanto, os sites de busca não são usados em pesquisas da Linguística de Corpus, pois aceitam qualquer tipo de texto, não há critérios de seleção, portanto, não podemos chamar de *corpus*.

Os avanços da Linguística de Corpus estão relacionados ao desenvolvimento da tecnologia, porém, antes do surgimento do computador (ou ainda hoje, para quem não conhece a ferramenta computacional e realiza pesquisas manualmente), já se faziam coletas de *corpus*. Contudo, sua exploração, por não contar com a precisão de uma máquina, era (é) bem mais demorada e passível de erros.

Para Berber Sardinha (2004), a Linguística de Corpus analisa a linguagem de maneira contrária à visão de Chomsky, para quem a análise do linguista é feita de maneira introspectiva, não sendo necessário um grande número de dados que comprovem um determinado uso. O uso de *corpora* muda as diretrizes de uma pesquisa,

da intuição para a observação, da possibilidade para a probabilidade, que é também a posição de Halliday em relação aos estudos da linguagem.

Ainda assim, quando se fala em Linguística de Corpus, alguns acreditam que se realizem pesquisas meramente estatísticas. Entretanto, desde o primeiro *corpus* linguístico eletrônico de 1964, o *Brown University Standard Corpus of Present-day American English*, que contava com um milhão de palavras (BERBER SARDINHA, 2004), o grande número de pesquisas nesta área mostra que a exploração de *corpora* possui inúmeras possibilidades de abordagem e pode ser analisada quantitativa e qualitativamente.

Variados estudos são possíveis pela Linguística de Corpus e sua abrangência parece inesgotável; o uso da ferramenta computacional pode estar presente em estudos sobre tradução como o de Alvamar Lamparelli (2007), ensino de tradução com Guilherme Fromm (2008), terminológicos com Josimeire Martins (2007) e Elisa Teixeira (2008), estudos sobre variantes linguísticas, como o de Luciana Ginezi (2008), sobre a terminologia e fraseologias de Sabrina Matuda (em andamento), no ensino de línguas estrangeiras, ou materna, Gisele Pinheiro (2008) e, até mesmo, em análises e críticas literárias como Lourdes Gonçalves (2006) e Sérgio Aguiar (em andamento).²¹

No tocante ao ensino, Berber Sardinha (2004) enumera quatro áreas de concentração do uso de *corpus*: a descrição da linguagem nativa, a descrição da linguagem do aprendiz, a transposição de metodologias de pesquisa acadêmica para a sala de aula e o desenvolvimento de materiais de ensino, currículos e abordagens.

Em relação à tradução, o uso de *corpus* é relevante para o ensino e aprendizagem e também para a prática de tradutores profissionais:

A Linguística de Corpus é uma metodologia relevante para o tradutor, quer proporcionando-lhe, por meio da construção e análise de um corpus, um processo de aprendizagem que lhe revela características culturais, pragmáticas, sintáticas e lexicais da área em um estudo, quer auxiliando-o, durante o processo tradutório, a encontrar, no *corpus* construído, os equivalentes mais adequados para os termos que procura. (TAGNIN e TEIXEIRA, 2004: 356)

Nos últimos anos, grandes investimentos no Processamento da Linguagem Natural (PLN) custeados por grandes empresas colocam os estudos da Linguística de

²¹ Testes e dissertações de participantes do projeto COMET (Corpus Multilíngue para Ensino e Tradução) da Universidade de São Paulo (USP).

Corpus em evidência. O programa *WordSmith Tools*, desenvolvido por Mike Scott em 1995, é uma das ferramentas que ajudam a analisar um *corpus*. A versão 5.0 que foi utilizada neste trabalho foi obtida pela internet, no site: www.lexically.net. Este programa é formado por três recursos principais: *WordList*, *KeyWord* e *Concord* que descrevemos abaixo, segundo Beber Sardinha (2004).

A *WordList* cria listas das palavras mais frequentes do *corpus* que podemos visualizar pela frequência ou em ordem alfabética. Nessas listas há quatro colunas que mostram: os itens contidos no texto, quantas vezes o item ocorreu, a porcentagem dessa ocorrência e a frequência dos lemas, que compreendem as formas derivadas de uma palavra. Como ilustra abaixo a imagem das primeiras posições da *WordList* do *corpus* em língua portuguesa *Lácio Web*²².

N	Word	Freq.	%	Texts	%
2	DE	77.030	2,65	3.446	99,51
3	A	43.137	2,14	3.431	99,08
4	O	17.166	1,75	3.424	98,87
5	E	11.021	1,66	3.382	97,66
6	QUE	78.597	1,18	3.269	94,40
7	DO	61.422	0,92	3.296	95,18
8	DA	58.599	0,88	3.268	94,37
9	É	50.878	0,76	2.861	82,62
10	EM	46.506	0,70	3.255	93,99
11	PARA	38.178	0,57	3.136	90,56
12	SE	33.487	0,50	2.623	75,74
13	UM	33.337	0,50	2.879	83,14
14	OS	31.990	0,48	2.977	85,97
15	À	31.091	0,47	2.186	63,12
16	UMA	29.882	0,45	2.698	77,91
17	NO	28.526	0,43	3.071	88,68
18	COM	28.450	0,43	3.050	88,07
19	NÃO	25.928	0,39	2.564	74,04
20	NA	25.220	0,38	2.947	85,10

imagem A

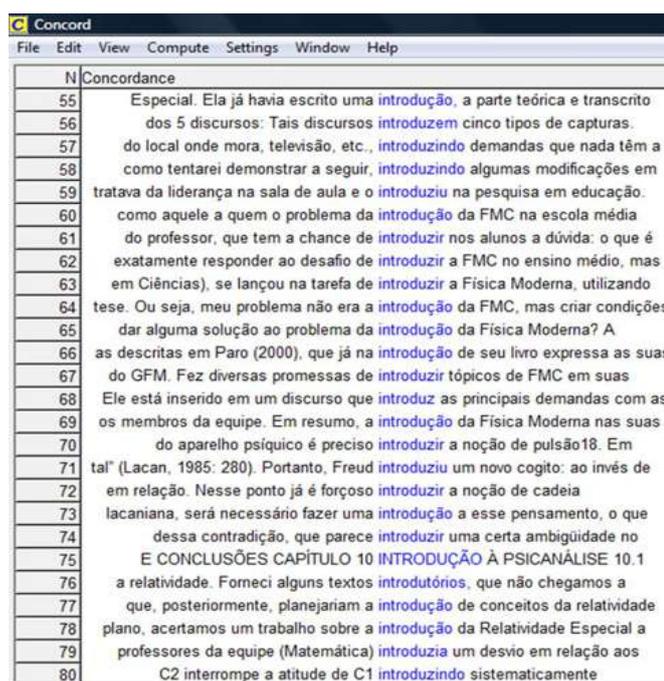
Há também nessa ferramenta, as estatísticas dos dados que estão presentes nas listas como, por exemplo, o número de *tokens* (total de palavras do *corpus*), de *types* (palavras distintas) e a relação entre os dois, a *type-token ratio*. Essa razão pode indicar a riqueza lexical do texto e, quando se tratar de uma tradução, podemos também observar o grau de liberdade e criatividade por esses dados. No entanto, precisaríamos de um trabalho mais estatístico para usar essas informações em nossa pesquisa.

A *KeyWords* é a lista de palavras-chave, geradas pela comparação de dois corpora: o *corpus* de estudo com um *corpus* de referência. Uma maneira bastante usual

²² <http://www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb/>

nas pesquisas baseadas em *corpus* é, justamente, iniciar a análise pelas palavras das primeiras posições da *KeyWords*, pois muitas vezes são mostradas as palavras que dão o assunto, o tópico do *corpus* de estudo. Em muitos casos, a *KeyWords* se difere da *WordList* por excluir das primeiras posições as palavras gramaticais e mostrar as palavras de conteúdo. Em nossa pesquisa, também baseada em *corpus*, não iremos utilizar essa ferramenta.

A ferramenta *Concord* gera linhas de concordância por meio de uma ou mais palavras de busca ou nós, cujas ocorrências serão mostradas alinhadas verticalmente em uma lista, juntamente com as palavras do entorno. Na(s) palavra(s) de busca, o asterisco pode ser usado no final de uma palavra para deixar a busca mais abrangente. Por exemplo, na imagem abaixo, ao procurar no *corpus* de referência *Lácio Web* por *introd** o programa relaciona todas as possibilidades de variação, como: “introdução”, “introduzem”, “introduziu”, “introduzia”, “introdutórios” etc.



N	Concordance
55	Especial. Ela já havia escrito uma introdução , a parte teórica e transcrito
56	dos 5 discursos: Tais discursos introduzem cinco tipos de capturas.
57	do local onde mora, televisão, etc., introduzindo demandas que nada têm a
58	como tentarei demonstrar a seguir, introduzindo algumas modificações em
59	tratava da liderança na sala de aula e o introduziu na pesquisa em educação.
60	como aquele a quem o problema da introdução da FMC na escola média
61	do professor, que tem a chance de introduzir nos alunos a dúvida: o que é
62	exatamente responder ao desafio de introduzir a FMC no ensino médio, mas
63	em Ciências), se lançou na tarefa de introduzir a Física Moderna, utilizando
64	tese. Ou seja, meu problema não era a introdução da FMC, mas criar condições
65	dar alguma solução ao problema da introdução da Física Moderna? A
66	as descritas em Paro (2000), que já na introdução de seu livro expressa as suas
67	do GFM. Fez diversas promessas de introduzir tópicos de FMC em suas
68	Ele está inserido em um discurso que introduz as principais demandas com as
69	os membros da equipe. Em resumo, a introdução da Física Moderna nas suas
70	do aparelho psíquico é preciso introduzir a noção de pulsão ¹⁸ . Em
71	tal" (Lacan, 1985: 280). Portanto, Freud introduziu um novo cogito: ao invés de
72	em relação. Nesse ponto já é forçoso introduzir a noção de cadeia
73	lacaniana, será necessário fazer uma introdução a esse pensamento, o que
74	dessa contradição, que parece introduzir uma certa ambigüidade no
75	E CONCLUSÕES CAPÍTULO 10 INTRODUÇÃO À PSICANÁLISE 10.1
76	a relatividade. Fornei alguns textos introdutórios , que não chegamos a
77	que, posteriormente, planejaríamos a introdução de conceitos da relatividade
78	plano, acertamos um trabalho sobre a introdução da Relatividade Especial a
79	professores da equipe (Matemática) introduzia um desvio em relação aos
80	C2 interrompe a atitude de C1 introduzindo sistematicamente

imagem B

Outros usos do *Concord* são a lista de agrupamentos lexicais (*clusters*), a lista de colocados (*patterns*) que ajudam a identificar pelo *corpus* as colocações de uma língua. Além disso, pode-se obter um gráfico de distribuição de cada palavra nos textos em que aparecem.

Assim, ao utilizarmos a Linguística de Corpus, percebemos como ela pode contribuir para detectar e analisar os diferentes perfis dos candidatos, do mesmo modo que identificamos os erros, problemas, soluções de traduções.

3.3. Postulações de erro

Por minha experiência como professora de Francês Instrumental e membro da equipe de proficiência em francês do Centro de Línguas da FFLCH-USP por mais 04 anos, pude marcar as possíveis dificuldades dos candidatos nos trechos escolhidos para a tradução nas provas de proficiência que constituem nosso *corpus* de estudo. Trata-se de uma das etapas utilizadas no procedimento de análise que descreveremos no próximo item. Em geral, correspondem a categorias como: falsos cognatos, estruturas gramaticais particulares da língua francesa, pronomes, expressões idiomáticas etc.

Para sabermos o que os trechos selecionados para a tradução nas 07 provas que constituem o *corpus* de estudo têm em comum, fizemos um *corpus* desses trechos. Assim, os dois *corpora* são paralelos, ou seja, envolvem textos originais em francês e suas traduções para o português.

Pela observação da *WordList* dos trechos dos textos originais escolhidos para a tradução (anexo D), classificamos os itens lexicais que fazem parte das postulações de erro nas provas que constituem nosso *corpus*, nas seguintes categorias:

- Pronomes: *il* (5 provas), *on* (4 provas), *dont* (2 provas), *qui* (3 provas), *ceux* (2 provas)
- Conjunções: *mais* (4 provas), *comme* (2 provas), *donc* (2 provas)
- Advérbios: *ne* (5 provas), *n'* (4 provas), *ni* (1 prova), *toujours* (1 prova), *ailleurs* (1 prova), *ainsi* (1 prova), *parfois* (01 prova), *voire* (1 prova), *souvent* (1 prova), *pourtant* (1 prova), *surtout* (1 prova), *aussi bien* (1 prova),
- Locuções adverbiais: *peu ou prou* (01 prova), *à la fois* (01 prova)
- Preposições: *pour* (5 provas), *dans* (5 provas), *sur* (4 provas), *dès* (2 provas), *pendant* (1 prova), *selon* (1 prova), *depuis* (1 prova)
- Locuções prepositivas: *à l'égard de* (1 prova)
- Substantivos: *hasard* (1 prova);
- Adjetivos: *aboutie* (1 prova), *péritel* (1 prova)

- Formas verbais: *éteindre* (1 prova), *faut* (1 prova), *ressort* (1 prova)
- Expressões: *Pour le meilleur et pour le pire* (1 prova), *du commun des mortels* (1 prova)

Destes itens, observamos em contexto: *en*, *ne* e *il* , pois podem ter valores diferentes, como podemos notar abaixo:

N	Concordance	File
1	que soient les intérêts des deux interlocuteurs, ils n'en sont pas moins solidaires: ils forment un couple parfois	tras 2007_1.txt
2	artistique désintéressé. Ils sont toujours tentés de voir en leur éditeur un héritier de ces bourgeois de la Monarchie	tras 2007_1.txt
3	intégrer et de les organiser dans le jugement critique. Je n'en relèverai qu'un, pour le moment, à titre d'exemple: on a	tras 2006_2.txt
4	Comprendre une oeuvre ne peut, dès lors, se réduire à en dégager la structure ou à la rattacher à son auteur. C'est	letras 2004.txt
5	celui à qui l'on parle (l'allocutaire) qu'il convient de prendre en compte. L'influence de la pragmatique sur l'étude des	letras 2004.txt
6	capter les chaînes payantes de la TNT censément lancées en septembre. Il faudra donc à ce moment-là un autre	eca 2006.txt
7	que vous en enregistrez une autre (en qualité numérique). En revanche, attention : ces adaptateurs, comme ces teles	eca 2006.txt
8	une chaîne pendant que vous en enregistrez une autre (en qualité numérique). En revanche, attention : ces	eca 2006.txt
9	permettant de regarder une chaîne pendant que vous en enregistrez une autre (en qualité numérique). En	eca 2006.txt
10	et sortir, faire et défaire, éclairer et éteindre, elles mettent en mouvement, exigent du sensoriel de s'extraire du	eca 2005.txt
11	En prison, mais il en est de même à l'usine, à l'école ou dans l'espace public,	eca 2005.txt
12	n prison, mais il en est de même à l'usine, à l'école ou dans	eca 2005.txt
13	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel en passant par Peter Pan, le héros doué de pouvoirs	eca 2002.txt

en - imagem C

O item lexical *en* é um pronome em 4 provas (linhas 1, 3, 4 e 9), três deles estão presentes em provas da Faculdade de Letras, nos anos de 2004, 2006 e 2007. Nas outras 9 provas *en* é uma preposição.

N	Concordance	File
1	des termes doit fort peu au hasard. Comprendre une oeuvre ne peut, dès lors, se réduire à en dégager la structure ou à la	letras 2004.txt
2	est toujours au service d'un effet à produire, le phénomène ne peut qu'être exacerbé dans une oeuvre littéraire où	letras 2004.txt
3	sert moins à renseigner qu'à agir sur autrui, un énoncé ne peut se comprendre par la seule référence à son	letras 2004.txt
4	Il faudra donc à ce moment-là un autre décodeur qui ne vous sera fourni que par les diffuseurs et qui permettra	eca 2006.txt
5	attention : ces adaptateurs, comme ces teles numériques, ne permettront pas de capter les chaînes payantes de la TNT	eca 2006.txt
6	musicale, chorégraphique, photographique, littéraire..., ne doit manquer à nul m2 du territoire: les artistes sont les	eca 2005.txt
7	il ne part d'un genre que pour l'inscrire dans ses lieux et ne délimite un lieu que pour considérer quel(s) genre(s) de	eca 2004.txt
8	ou un champ discursif (politique, scientifique...); mais il ne part d'un genre que pour l'inscrire dans ses lieux et ne	eca 2004.txt
9	vertu du héros s'humanise, et ses pouvoirs ultra-sumaturels ne sont que la réalisation parfaitement aboutie d'un pouvoir	eca 2002.txt

ne - imagem D

A partícula *ne* é usada em negações apenas nas linhas 5 e 6. Há ainda 2 ocorrências de negação com *ne* sem outra partícula negativa, presentes na prova da Faculdade de Letras de 2004 (linhas 1 e 3). Das 9 ocorrências de *ne*, 5 fazem parte da construção restritiva *ne...que* (linhas 2, 4, 7, 8 e 9).

N	Concordance	File
1	la frivolité de ses intérêts, de ses passions et du monde qu'il décrit.	tras 2006_2.txt
2	il inclut à la fin du Temps retrouvé, c'est-à-dire à la fin du	tras 2006_2.txt
3	auteur. C'est la relation mutuelle entre écrivain et lecteur qu'il faut analyser.	letras 2004.txt
4	parle (le locuteur) et celui à qui l'on parle (l'allocutaire) qu'il convient de prendre en compte. L'influence de la	letras 2004.txt
5	payantes de la TNT censément lancées en septembre. Il faudra donc à ce moment-là un autre décodeur qui ne vou	eca 2006.txt
6	Du Chef Dubos, directeur marketing produit chez Philips, il faudra attendre septembre pour que l'offre s'élargisse. Au	eca 2006.txt
7	casse vos anciens téléviseurs, dits analogiques. Pourtant, il faudra s'équiper d'un décodeur ou d'un adaptateur	eca 2006.txt
8	la morale ou le soin, mais par le droit de tout espace où qu'il soit sur le territoire à disposer et jouir de la totalité des	eca 2005.txt
9	En prison, mais il en est de même à l'usine, à l'école ou dans l'espace	eca 2005.txt
10	ou un champ discursif (politique, scientifique...); mais il ne part d'un genre que pour l'inscrire dans ses lieux et ne	eca 2004.txt

il - imagem E

Como podemos ver pela imagem acima, das 10 ocorrências do pronome *il*, 07 são impessoais, uma característica dos textos acadêmicos em francês, e apenas nas linhas 1, 2 e 10 este pronome possui uma referência pessoal.

Percebemos que os falsos cognatos, como *depuis* e *pourtant*, tão afamados como os vilões dos exames, não são itens lexicais comuns entre os trechos traduzidos, pois possuem apenas 1 ocorrência nesse *corpus*. Os problemas, dificuldades e erros que se apresentam nos trechos traduzidos vão além das armadilhas dos falsos cognatos, revelam incompreensões do texto original, logo, não previsíveis, como veremos na descrição do *corpus*.

3.4. Procedimento de anotação do *corpus*

O mesmo procedimento de descrição foi utilizado para todas as provas. Consideramos, primeiramente, o **contexto** da produção das traduções feitas para exames universitários de proficiência, nos quais o candidato tem que mostrar que sabe, que compreendeu, que é conhecedor do assunto e, da mesma forma, tenta evitar mostrar o que não compreendeu. Tudo isto, sem esquecer a coerção do tempo, pois outras questões, que correspondem a 50% e 70% do valor total da prova, devem ser respondidas.

Em seguida, fizemos a **postulação dos erros** que, de certa forma, já são esperados pelo corretor, como mencionamos no item anterior. As palavras em negrito, que aparecem nos excertos dos trechos escolhidos para a tradução, são as que primeiramente marcamos como hipótese de erro, são elas que investigamos

inicialmente. Para iniciar as **linhas de concordância**, por meio da ferramenta *Concord*, precisamos de palavras de busca que estejam próximas às postulações de erro, para que possamos “esmiuçar” cada parte do trecho e observar o seu entorno.

Para tanto, as palavras de busca utilizadas para gerar as linhas de concordância estão presentes, senão em todos, na maioria dos candidatos. São as palavras mais transparentes ou algum índice comum que nos permita observar as diferentes escolhas de tradução e verificar nossa postulação de erro. Por essa razão, verificamos na *WordList* de cada *subcorpus* quais dessas palavras próximas aos erros postulados possuem a mesma frequência, ou aproximadamente a mesma, que o número de candidatos que fizeram a prova. Escolhemos uma palavra de busca para cada fragmento do trecho selecionado, a fim de analisarmos todo trecho em detalhes.

Apresentamos três tabelas nas imagens da *WordList*, as duas primeiras mostram as palavras de maior frequência do *subcorpus* e a última, as de menor frequência, possível lugar de erros ou soluções criativas de tradução.

É preciso destacar que as numerações das linhas de concordância não correspondem em todas as imagens aos mesmos candidatos. Embora tenhamos selecionado a opção de ordenar por nome de arquivo, para justamente estabelecer a ordem das linhas por candidatos, quando há omissões esta ordem é alterada.

Com a observação do *corpus* pelas linhas de concordância, é ele próprio que nos mostra outras dificuldades e variações não perceptíveis à primeira vista, mas que se tornam aparentes a partir desta visualização.

Passamos, então, à próxima etapa: anotar os acertos e os erros nas imagens do *Concord*. Já observamos que a fronteira nas classificações linguísticas muitas vezes é sutil e flutuante. No entanto, para os erros encontrados, fizemos uma distinção atentando principalmente para os que afetam a compreensão do texto original: contrassenso, falso sentido, sentido ampliado ou restringido, outro sentido e sem sentido. Quanto aos erros de expressão linguística, notamos, entre outros, os de grafia, concordância nominal e verbal, pontuação e principalmente, os casos em que o candidato não consegue formar um texto, ainda que curto, coerente e coeso.

Transformamos as listas com as linhas de concordância em arquivos de imagem (extensão *jpg*) e depois marcamos pelo programa *CorelDraw* os acertos em verde, e os erros em vermelho. As marcações em amarelo representam as traduções que

não estão totalmente certas ou totalmente erradas, são as formas não binárias definidas por Pym (1998).

Em cada *subcorpus*, as **omissões explícitas**, aquelas em que os candidatos deixam espaços vazios no texto traduzido, foram representadas nas transcrições por três traços subscritos. As ocorrências de omissões explícitas de expressões ou palavras iguais são destacadas nas anotações, pois podem mostrar as dificuldades dos candidatos ou problemas de tradução. As omissões veladas, mais difíceis de detectar, foram marcadas pelo símbolo: ()

Quando há **apreciação do corretor**²³ em relação a determinadas traduções, fizemos uma comparação entre elas considerando a anotação já realizada. Os dois gráficos de cada *subcorpus* (anexo E) mostram justamente a **relação entre as notas** que os candidatos obtiveram na tradução e nas questões de compreensão.

Pelas descrições dos *subcorpora*, agora anotados, é possível comparar quando nossa postulação de erro se comprova ou não, já que temos em mão este mecanismo que nos tira de uma simples introspecção.

3.5. Descrição do *corpus* anotado

Apresentamos a seguir as imagens extraídas da ferramenta *Concord* do programa *WordSmith Tools* em cada *subcorpus* de nossa pesquisa. As postulações de erro estão destacadas em negrito nos excertos do trecho original. As traduções que foram marcadas em vermelho representam erros de leitura e/ou de expressão linguística, em amarelo, estão os erros não binários (PYM, 1998) e em verde, marcamos os acertos e soluções criativas, portanto as imagens se autoexplicam.

²³ Mesmo que em alguns casos haja mais que um corretor, vamos nos referir a eles no singular.

3.5.1. Subcorpus I – ECA 2002

Em 2002, a prova de proficiência em francês da Escola de Comunicações e Artes (ECA), elaborada pela equipe de proficiência do Centro de Línguas, foi a mesma tanto para candidatos ao mestrado quanto para os de doutorado, totalizando 26 candidatos. O texto original conta com 559 palavras, sendo que o trecho escolhido para o exercício de tradução, abaixo transcrito, possui 74 palavras. O valor dado à tradução foi de 03 pontos, os outros 07 pontos foram atribuídos a quatro questões dissertativas sobre este mesmo texto. A duração da prova foi de 02 horas e permitiu-se apenas o uso de dicionários monolíngues.

O trecho selecionado para a tradução na proficiência da ECA em 2002 foi:

De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagrue en passant par Peter Pan, le héros doué de pouvoirs supérieurs à ceux du commun des mortels est une constante de l'imagination populaire. Souvent, la vertu du héros s'humanise, et ses pouvoirs ultra-surnaturels ne sont que la réalisation parfaitement aboutie d'un pouvoir naturel, la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, voire l'intelligence syllogistique et le sens de l'observation à l'état pur que l'on retrouve chez Sherlock Holmes.

WordList

N	Word	Freq	%	Texts	%
1	A	183	9,11	26	100,00
2	DE	133	6,62	26	100,00
3	E	59	2,94	26	100,00
4	PODERES	50	2,49	24	92,31
5	O	42	2,09	26	100,00
6	QUE	38	1,89	24	92,31
7	DOS	36	1,79	24	92,31
8	EM	32	1,59	22	84,62
9	SE	32	1,59	26	100,00
10	UMA	31	1,54	26	100,00
11	HERÓI	28	1,39	16	61,54
12	NATURAL	28	1,39	25	96,15
13	DO	27	1,34	18	69,23
14	PAN	26	1,29	26	100,00
15	PANTAGRUEL	26	1,29	26	100,00
16	PETER	26	1,29	26	100,00
17	POPULAR	26	1,29	26	100,00
18	ROLAND	26	1,29	26	100,00
19	CONSTANTE	25	1,25	25	96,15
20	HOLMES	25	1,25	25	96,15
21	PASSANDO	25	1,25	25	96,15
22	POR	25	1,25	25	96,15
23	SHERLOCK	25	1,25	25	96,15
24	É	24	1,20	24	92,31
25	HABILIDADE	24	1,20	24	92,31
26	HERÓIS	24	1,20	14	53,85
27	IMAGINAÇÃO	24	1,20	24	92,31
28	OBSERVAÇÃO	24	1,20	24	92,31
29	SEUS	24	1,20	24	92,31
30	SUPERIORES	24	1,20	24	92,31
31	À	23	1,15	12	46,15
32	HÉRCULES	23	1,15	23	88,46
33	MORTAIS	23	1,15	23	88,46
34	PODER	23	1,15	22	84,62
35	RAPIDEZ	23	1,15	23	88,46
36	SÃO	23	1,15	20	76,92
37	UM	23	1,15	22	84,62
38	VIRTUDE	23	1,15	23	88,46
39	INTELIGÊNCIA	22	1,10	22	84,62
40	SIEGFRID	22	1,10	22	84,62
41	ESTADO	20	1,00	20	76,92
42	SENSO	20	1,00	20	76,92
43	NÃO	19	0,95	18	69,23
44	REALIZAÇÃO	19	0,95	19	73,08
45	ASTÚCIA	18	0,90	18	69,23
46	GUERREIRA	18	0,90	18	69,23
47	PURO	18	0,90	18	69,23
48	HUMANIZA	17	0,85	17	65,38
49	PERFEITAMENTE	17	0,85	17	65,38
50	SOBRENATURAIS	17	0,85	17	65,38
51	SILÓGICA	16	0,80	16	61,54
52	DA	15	0,75	14	53,85
53	EQUENTEMENTE	15	0,75	15	57,69
54	NA	14	0,70	13	50,00
55	AOS	13	0,65	13	50,00
56	COMUNS	13	0,65	13	50,00
57	OS	13	0,65	12	46,15
58	COMUM	12	0,60	12	46,15
59	DOTADO	12	0,60	12	46,15
60	MAIS	12	0,60	12	46,15
61	ULTRA	11	0,55	11	42,31
62	DOTADOS	10	0,50	10	38,46
63	ENCONTRAMOS	8	0,40	8	30,77
64	COM	7	0,35	6	23,08
65	NOS	7	0,35	6	23,08
66	AO	6	0,30	6	23,08
201	QUALIDADE	1	0,05	1	3,85
202	REALIDADE	1	0,05	1	3,85
203	REMETE	1	0,05	1	3,85
204	REMETEM	1	0,05	1	3,85
205	REPORTA	1	0,05	1	3,85
206	RESULTAR	1	0,05	1	3,85
207	RETRABALHO	1	0,05	1	3,85
208	SAGACIDADE	1	0,05	1	3,85
209	SEGUNDO	1	0,05	1	3,85
210	SENTA	1	0,05	1	3,85
211	SER	1	0,05	1	3,85
212	SILÓGICA	1	0,05	1	3,85
213	SILGISMO	1	0,05	1	3,85
214	SITUAÇÕES	1	0,05	1	3,85
215	SOBRENATURAIS	1	0,05	1	3,85
216	SUPERDOTADOS	1	0,05	1	3,85
217	SUPERIOR	1	0,05	1	3,85
218	SUPERNATURAIS	1	0,05	1	3,85
219	SYLLOGISTICA	1	0,05	1	3,85
220	TAL	1	0,05	1	3,85
221	TEM	1	0,05	1	3,85
222	TENDEM	1	0,05	1	3,85
223	TODO	1	0,05	1	3,85
224	ULTRANATURAIS	1	0,05	1	3,85
225	VEJO	1	0,05	1	3,85
226	VERIFICAMOS	1	0,05	1	3,85
227	VERTENTE	1	0,05	1	3,85
228	VIDE	1	0,05	1	3,85
229	VIRTUDES	1	0,05	1	3,85
230	VISÃO	1	0,05	1	3,85
231	VISTA	1	0,05	1	3,85
232	VOLTEMOS	1	0,05	1	3,85

imagem 01

De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel en passant par Peter Pan, le héros doué de pouvoirs supérieurs (...)

Pan.cnc	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	de Roland à Pantagruel, passando por Peter Pan, os heróis dotados de poderes superiores aos
2	de Roland a Pantagruel, passando-se por Peter Pan, os heróis dotados de poderes superiores
3	de Roland a Pantagruel, passam por Peter Pan, os heróis dotados de poderes superiores
4	de Roland à Pantagruel, passando por Peter Pan, o herói dotado de poderes superiores àquele
5	de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan, o herói, dotado de poderes superiores aos do
6	de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan, o herói dotado de poderes superiores à média
7	de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan, o herói dotado de poderes superiores aos dos
8	de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan, que o herói dotado de poderes superiores tem
9	de Roland à Pantagruel, passando por Peter Pan, os heróis dotados de poderes superiores aos
10	de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan, o herói com poderes superiores acima do
11	de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan, o herói dotado de poderes superiores aos
12	de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan, os heróis dotados de poderes superiores
13	de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan, o herói dotado de poderes superiores aos dos
14	de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan, os heróis dotados de poderes superiores em
15	de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan, o herói dotado de poderes superiores aos dos
16	de Roland a Pantagruel, passando-se por Peter Pan, os heróis dotados de qualidades superiores
17	de Roland à Pantagruel, passando por Peter Pan, o herói dotado de proveer (poderes)
18	de Roland à Pantagruel e passando para Peter Pan, os heróis possuem uma procedência superior,
19	de Roland à Pantagruel e passando por Peter Pan, o herói dotado de poderes superiores àqueles
20	de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan, o herói dotado de poderes superiores aos do
21	de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan, o herói dotado de poderes superiores àqueles
22	de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan, os heróis dotados de poderes superiores aos
23	de Roland à Pantagruel, passando por Peter Pan, os heróis dotados de poderes superiores à
24	de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan, o herói detêm poderes superiores ao comum
25	de Roland à Pantagruel, passando por Peter Pan, os heróis dotados de poderes superiores dos
26	de Roland à Pantagruel passando por Peter Pan, e a vista mais comum dos mortais que o herói

imagem 02

(...) *de poderes superiores à ceux du commun des mortels est une constante de l'imagination populaire. (...)*

Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	os heróis dotados de poderes superiores aos comuns dos mortais é uma constante da imaginação popu
2	heróis dotados de poderes superiores aqueles do comum dos mortais é uma constante da imaginação popu
3	os heróis dotados de poderes superiores esses comuns dos mortais é uma constante da imaginação popu
4	o herói dotado de poderes superiores àquele do comum dos mortais é uma constante (presença) da imagi
5	Pan, o herói, dotado de poderes superiores aos do mortal comum, é uma constante da imaginação popu
6	o herói dotado de poderes superiores à média comum dos mortais é uma constante na imaginação popu
7	Pan, o herói dotado de poderes superiores aos dos comuns mortais é uma constante de imaginação popu
8	dotado de poderes superiores tem algo em comum com os mortais é uma constante da imaginação popu
9	Pan, o herói com poderes superiores acima do comum dos mortais é uma constante na imaginação popu
10	herói dotado de poderes superiores aos poderes dos normais comuns é uma constante na imaginação popu

11 os heróis dotados de poderes superiores (aqueles) dos comuns mortais é uma constante da imaginação popu
 12 Pan, o herói dotado de poderes superiores (aos) dos mortais comuns é uma constante na imaginação popu
 13 dotados de poderes superiores em relação aos comuns dos mortais é uma constante do imaginário popul
 14 Pan, o herói dotado de poderes superiores (aos) dos mortais comuns, é uma constante na imaginação popu
 15 heróis dotados de qualidades superiores (aos) comuns dos mortais, são uma constante na imaginação popu
 16 dotado de proveer (poderes) superdotados (aos) comum dos mortais é uma constante da imaginação popu
 17 uma procedência superior, acima do normal, em relação aos mortais é uma constante na imaginação popu
 18 ~~aqueles do comum dos mortais é uma constante na imaginação popular. Constantemente, a virtude do~~
 19 o herói dotado de poderes superiores (aqueles) do comum dos mortais é uma constante na imaginação popu
 20 Pan, o herói dotado de poderes superiores (aos) do comum dos mortais é uma constante na imaginação popu
 21 o herói dotado de poderes superiores (aqueles) do comum dos mortais é uma constante na imaginação popu
 22 de poderes superiores (aos) dos comuns mortais é uma (característica) constante da imaginação popu
 23 heróis dotados de poderes superiores à aqueles dos pobres (comuns) é uma constante da imaginação popu
 24 Pan, o herói detêm poderes superiores (ao) comum dos mortais e essa é uma constante no imaginário popul
 25 Pan, os heróis dotados de poderes superiores (dos) comuns mortais são uma constante na imaginação popu
 26 mais comum dos mortais que o herói deve possuir poderes superiores é uma constante na imaginação popu

imagem 03

(...) *l'imagination populaire. Souvent, la vertu du héros s'humanise, (...)*

C Concord				
File Edit View Compute Settings Window Help				
N	Concordance			
1	na imaginação popular.	Constantemente,	a virtude	dos heróis se humaniza e seus poderes
2	uma constante da imaginação popular.	Sempre,	a virtude	dos heróis se humaniza, e seus poderes ultra
3	da imaginação popular.	Com muita frequência	a virtude	dos heróis se humaniza, e os seus poderes
4	constante na imaginação popular.	Muitas vezes	a virtude	do herói se humaniza, e seus poderes
5	na imaginação popular.	Frequentemente	a virtude	do herói se humaniza, e seus poderes
6	na imaginação popular.	Constantemente,	a virtude	do herói se humaniza, e seus poderes
7	na imaginação popular.	Frequentemente	a virtude	dos heróis são humanizadas e sua
8	da imaginação popular.	Frequentemente	a virtude	dos heróis se humaniza e seus poderes
9	na imaginação popular.	Frequentemente,	a virtude	dos heróis se humaniza, e essas qualidades
10	na imaginação popular.	Frequentemente	a virtude	do herói se humaniza, e seus poderes ultra
11	constante do imaginário popular.	Muitas vezes	a virtude	dos heróis se humanizam e seus poderes
12	na imaginação popular.	Frequentemente	a virtude	do herói se humaniza e seus poderes
13	constante da imaginação popular.	Muitas vezes	a virtude	dos heróis se humaniza e seus poderes
14	na imaginação popular.	Frequentemente,	a virtude	dos heróis se humaniza e seus poderes
15	na imaginação popular.	Frequentemente	a virtude	do herói se humaniza e seus poderes
16	é uma contante da imaginação popular.	Sempre	a virtude	dos heróis se humanizam e seus poderes
17	da imaginação popular.	Frequentemente	a virtude / coragem	do herói se humaniza, e seus
18	na imaginação popular.	Frequentemente,	a virtude	do herói se humaniza, e seus poderes
19	da imaginação popular.	Frequentemente,	a virtude	do herói se humaniza e seus poderes
20	da imaginação popular.	Frequentemente,	a virtude	do herói se humaniza, e seus poderes
21	da imaginação popular.	Frequentemente,	a virtude	dos heróis sobre humanos e seus poderes
22	constante da imaginação popular.	Desta maneira	a virtude	dos heróis se humaniza, e seus poderes
23	da imaginação popular.	Frequentemente,	a virtude	do herói se humaniza, e seus poderes

imagem 04

1	ção popular. Frequentemente, a virtude do herói se humaniza, e
2	ção popular. Desta maneira, a virtude dos heróis se humaniza, e
3	ção popular. Frequentemente, a virtude dos heróis sobre
4	ção popular. Frequentemente, a virtude do herói se humaniza, e
5	ção popular. Frequentemente, a virtude do herói se humaniza e
6	ção popular. Frequentemente, a virtude do herói se humaniza, e
7	ção popular. Frequentemente a realidade do herói se humaniza
8	ção popular. Frequentemente a virtude / coragem do herói se
9	ção popular. Sempre a virtude dos heróis se humanizam e seus
10	ção popular. Frequentemente a virtude do herói se humaniza e
11	ção popular. Frequentemente, a virtude dos heróis se humaniza
12	ção popular. Muitas vezes, a virtude dos heróis se humaniza e
13	ção popular. Frequentemente, a virtude do herói se humaniza e
14	ário popular. Muitas vezes, a virtude dos heróis se humanizam e
15	ção popular. Frequentemente a virtude do herói se humaniza, e
16	ção popular. Frequentemente a virtude dos heróis se humaniza,
17	ção popular. Frequentemente a virtude dos heróis se humaniza
18	ção popular. Frequentemente a virtude dos heróis são
19	ção popular. Constantemente a virtude do herói se humaniza, e
20	ção popular. Frequentemente a virtude do herói se humaniza, e
21	ção popular. Muitas vezes, a virtude do herói se humaniza, e
22	ção popular. Com muita frequência, a virtude dos heróis se
23	ção popular. Sempre, a virtude dos heróis se humaniza, e seus
24	ário popular. ____, as virtudes do herói se humanizam e seus
25	ção popular. Contantemente, a virtude dos heróis se humaniza e
26	ção popular. Segundo a vertente dos heróis humanistas, seus

imagem 05

(...) ses pouvoirs ultra-surnaturels **ne** sont **que** la réalisation parfaitement **aboutie** d'un pouvoir naturel,(...)

C reali_.cnc	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	poderes sobrenaturais não são mais do que a perfeita realização continuada de um poder natural, A astúcia, a
2	seus poderes ultra-sobrenaturais não passam de uma realização adaptada de um poder natural, a esperteza,
3	e seus poderes ultra-sobrenaturais são somente realizações perfeitamente levados de um poder natural,
4	seus poderes ultra-sobrenaturais não são mais que a realização perfeitamente conduzida de um poder
5	e seus poderes sobrenaturais não passam da realização perfeitamente bem sucedida de um poder
6	seus poderes ultra-sobrenaturais não são mais que a realização perfeitamente bem-sucedida de um poder
7	e seus poderes acima do natural não são mais que a realização perfeita que leva a um poder natural, a
8	constante de imaginação popular. Frequentemente a realidade do herói se humaniza e seus poderes acima

9	poderes <u>ultra-sobrenaturais</u> <u>não são nada mais que</u> a realização perfeitamente <u>resultante</u> de um poder
10	e seus poderes <u>sobrenaturais</u> <u>são somente</u> a realização perfeitamente <u>bem sucedida</u> de um poder
11	são <u>apenas</u> a expressão perfeita da realização de um poder natural, a astúcia, a rapidez, a
12	e seus poderes <u>sobrenaturais</u> <u>não passam de</u> uma realização perfeitamente <u>confinada</u> de um poder
13	e seus poderes <u>ultrasobrenaturais</u> <u>são apenas</u> a realização perfeita de um poder natural, a esperteza, a
14	e seus poderes <u>ultranaturais</u> <u>não são mais que</u> a realização perfeitamente <u>dada</u> de um poder natural: a
15	e seus poderes <u>ultra sobrenaturais</u> <u>são somente</u> a realização perfeitamente <u>bem-sucedida</u> de um poder
16	qualidades <u>supernaturais</u> <u>não são mais do que</u> a realização perfeitamente <u>resultante</u> de uma qualidade
17	e seus poderes <u>sobre-naturais</u> <u>não estão que</u> a realização perfeitamente <u>resultar</u> de um poder natural, a
18	e sua procedência <u>sobre natural</u> <u>não implica que</u> realizações perfeitas <u>tendem a</u> uma ___ natural, a
19	e seus poderes <u>sobrenaturais</u> <u>nã são que</u> a realização perfeitamente <u>contida</u> de um poder natural, a
20	e seus poderes <u>ultrasobrenaturais</u> <u>são somente</u> a realização perfeitamente <u>concluída</u> de um poder natural,
21	<u>poderes ultra-sobrenaturais</u> <u>não são mais do que</u> a realização perfeitamente ___ de um poder natural, a
22	e os seus poderes <u>ultra-sobrenaturais</u> <u>são somente</u> a realização perfeitamente <u>bem sucedida</u> de um poder
23	seus poderes <u>ultra sobrenaturais</u> <u>não são mais que</u> a realização perfeitamente <u>atingível</u> de um poder natural,
24	<u>poderes ultra-sobrenaturais</u> <u>não são mais que</u> que a realização perfeitamente <u>resultante</u> de um poder

imagem 06

(...) *la rapidité, l'habileté guerrière, voire l'intelligence syllogistique et le sens de l'observation (...)*

C inteligência.cnc	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	a rapidez, a habilidade de guerrear, <u>ver</u> a inteligência de argumentação e o senso de
2	a rapidez, a habilidade guerreira, <u>e mesmo</u> a inteligência silogística e o senso de observação
3	a rapidez, a habilidade guerreira, <u>vejo</u> a inteligência silogística e o sentido de de
4	a rapidez, a habilidade guerreira, <u>ver</u> a inteligência silogística e o senso de observação
5	a astúcia, a rapidez, a habilidade para a luta, a inteligência silogística e o senso de observação
6	rapidez, habilidade guerreira, <u>até mesmo</u> a inteligência silogística e o senso de observação
7	a rapidez, a habilidade guerreira, <u>na verdade</u> a inteligência silogística e o senso de observação
8	a rapidez, a habilidade (bélica) de guerreiro, a inteligência silogística e o senso de observação
9	a rapidez, a habilidade guerreira, <u>o</u> a inteligência de silogismo e o sentido de
10	rapidez, a habilidade guerreira <u>e até mesmo</u> a inteligência silogística e o senso de observação
11	a rapidez, a habilidade guerreira, <u>ou mesmo</u> a inteligência silogística e o senso de observação
12	a rapidez, a habilidade para a guerra, <u>vide</u> a inteligência silogística e o senso de observação
13	astúcia, a rapidez, a habilidade guerreira, <u>até</u> a inteligência silogística e o sentido de
14	o artifício, a rapidez, a habilidade guerreira, a inteligência silogística e o senso de observação
15	a rapidez, a habilidade guerreira, <u>olha</u> a inteligência <u>sillogística</u> e o sentido de
16	a rapidez, a habilidade de guerra, <u>a visão da inteligência</u> lógica e sua preocupação com todo
17	a rapidez, a habilidade guerreira, <u>ver</u> a inteligência lógica e o senso de observação ao
18	a rapidez, a habilidade guerreira, <u>e mesmo</u> a inteligência silogística e o senso de observação
19	a habilidade guerreira, <u>a percepção com inteligência</u> silógica e o senso de observação no
20	a rapidez, a habilidade guerreira, ___ e <u>o</u> a inteligência silogística e o senso de observação
21	a astúcia, a rapidez, a atividade guerreira, a inteligência silogística e o senso de observação
22	a rapidez, a habilidade guerreira, <u>de fato</u> a inteligência lógica e o senso de observação em

imagem 07

(...) et le sens de l'observation à l'état pur que l'on retrouve chez Sherlock Holmes.

N	Concordance	File
1	de observação são situações para que nos encontremos em Sherlock Holmes.	ca 2002 a26.txt
2	e o senso de observação em estado puro que encontramos em Sherlock Holmes.	ca 2002 a25.txt
3	silogística e o sentido de de observação retrabalhou-se em Sherlock Holmes.	ca 2002 a24.txt
4	de observação ao estado puro que a gente reencontra (acha) em Sherlock Holmes.	ca 2002 a23.txt
5	de observação que encontramos em seu estado mais puro em Sherlock Holmes.	ca 2002 a22.txt
6	e o senso de observação em estado puro que nos remetem a Sherlock Holmes.	ca 2002 a21.txt
7	e o senso de observação ao modo de ser que se reencontra Sherlock Holmes.	ca 2002 a20.txt
8	de observação em seu estado puro tal qual verificamos em Sherlock Holmes.	ca 2002 a19.txt
9	e o senso de observação ao estado para que nós voltemos à Sherlock Holmes.	ca 2002 a18.txt
10	observação – que em estado puro, nos remete, nos reporta a Sherlock Holmes.	ca 2002 a17.txt
11	e o sentido de observação no estado puro que se encontra em Sherlock Holmes.	ca 2002 a16.txt
12	e o senso de observação em estado puro que encontramos em Sherlock Holmes.	ca 2002 a15.txt
13	e o senso de observação em estado puro que encontramos em Sherlock Holmes.	ca 2002 a14.txt
14	e o senso de observação em estado puro que encontramos em Sherlock Holmes.	ca 2002 a13.txt
15	de observação em estado puro, como o que se encontra em Sherlock Holmes. [corretor: ótimo]	ca 2002 a12.txt
16	silogística e o senso de observação à maneira que nos lembra Sherlock Holmes.	ca 2002 a11.txt
17	e o sentido de observação a estado puro que nos reencontra em Sherlock Holmes.	ca 2002 a10.txt
18	lógica e sua preocupação com todo o pano senta-se com Sherlock Holmes. [corretor: muito fraca]	ca 2002 a09.txt
19	o senso de observação ao estado puro que a gente encontra em Sherlock Holmes. [corretor: 3 erros graves]	ca 2002 a08.txt
20	o senso de observação em estado natural que encontramos em Sherlock Holmes. [corretor: ótimo]	ca 2002 a07.txt
21	e o senso de observação no estado puro que se encontra em Sherlock Holmes.	ca 2002 a06.txt
22	de observação no seu estado puro que nós encontramos em Sherlock Holmes.	ca 2002 a05.txt
23	de observação no estado puro que podemos encontrar em Sherlock Holmes. [corretor: erros graves]	ca 2002 a04.txt
24	da observação e as estado puro que nós encontramos em Sherlock Holmes.	ca 2002 a02.txt
25	em seu estado puro (aguçado nos faz ir ao encontro de Sherlock Holmes.	ca 2002 a01.txt

imagem 08

Opções de tradução

N	Concordance	Se
1	ao estado puro que a gente reencontra (acha) em Sherlock Holmes.	
2	comum dos mortais é uma constante (presença) da imaginação popular.	
3	a astúcia, a rapidez, a habilidade (bélica) de guerreiro, a inteligência	
4	Peter Pan, o herói dotado de proveer (poderes) superdotados aos comum dos	
5	aos dos comuns mortais é uma (característica) constante da imaginação	
6	superiores à aqueles dos pobres (comuns) é uma constante da	
7	de observação em seu estado puro (aguçado) nos faz ir ao encontro de	

imagem 09

Omissões explícitas

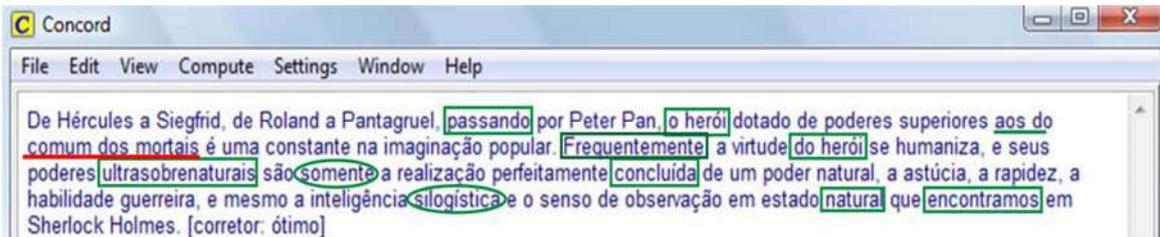
N	Concordance	Set	Tag	Word #	t. #	os. #	t. #	os. #	t. #	os. #	File
1	natural, a astúcia, a rapidez, a habilidade guerreira, a inteligência de silogismo e o sentido de			58	1 3%	0 5%		0 5%			ca 2002 a16.txt
2	não implica que realizações perfeitas tendem a uma natural, a astúcia, a rapidez, a habilidade de guerra,			52	1 3%	0 4%		0 4%			ca 2002 a09.txt
3	não são mais do que a realização perfeitamente de um poder natural, a sagacidade, a rapidez, a			49	1 2%	0 1%		0 1%			ca 2002 a06.txt
4	a astúcia, a rapidez, a habilidade guerreira, e a inteligência silogística e o senso de observação no			63	1 7%	0 7%		0 7%			ca 2002 a05.txt
5	natural, a astúcia, a rapidez, a habilidade guerreira, e a inteligência silogística e o senso de			61	1 3%	0 4%		0 4%			ca 2002 a05.txt
6	do herói se humanizam e seus poderes sobrenaturais as virtudes do herói se humanizam e seus poderes			40	0 8%	0 8%		0 8%			ca 2002 a03.txt
7	mortais e essa é uma constante no imaginário popular.			29	0 1%	0 1%		0 1%			ca 2002 a03.txt

imagem 10

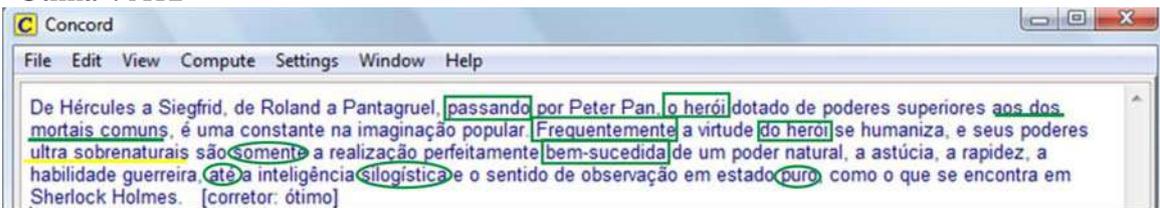
Apreciações do corretor

Ótima:

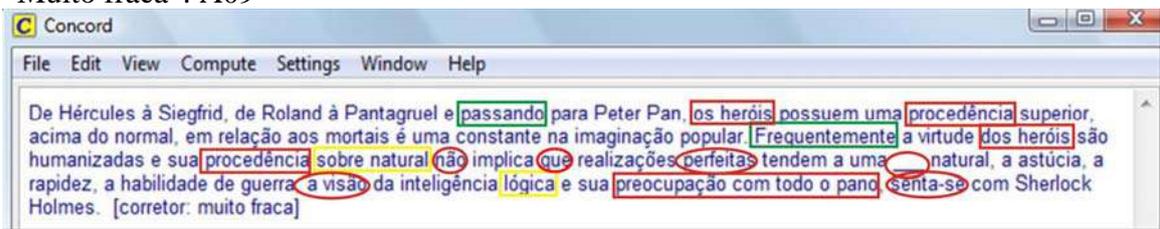
A07



“Ótima”: A12



“Muito fraca”: A09



imagens 11

3.5.2. Subcorpus II- ECA 2004

A prova da ECA no ano de 2004 foi a mesma para candidatos ao mestrado e doutorado, em um total de 29 candidatos. O texto original conta com 749 palavras, sendo que os dois trechos não sequenciais escolhidos para a tradução possuem no total 134 palavras. O valor dado à tradução foi de 04 pontos, os outros 06 pontos foram dados em quatro questões dissertativas sobre o texto. A duração da prova foi de 02 horas, permitiu-se apenas o uso de dicionários monolíngues.

Trecho selecionado para a tradução:

Les instruments dont on dispose pour analyser ces corpus peuvent paraître modestes si on les compare à ceux de la stylistique littéraire, mais on aurait tort de

penser que pour analyser ces textes de faible prestige on n'a pas besoin d'outils élaborés. C'est seulement depuis peu que les sciences du langage, s'ouvrant à des problématiques nouvelles, proposent des outils mieux adaptés. (...) L'analyste du discours peut prendre pour base de travail un genre de discours (une consultation médicale, un cours de langue, un débat politique télévisé...) aussi bien qu'un secteur de l'espace social (un service d'hôpital, un café, un studio de télévision...) ou un champ discursif (politique, scientifique...); mais il ne part d'un genre que pour l'inscrire dans ses lieux et ne délimite un lieu que pour considérer quel(s) genre(s) de discours lui sont associés.

WordList

N	Word	Freq	%	Texts	%
1	UM	277	7.30	29	100.00
2	DE	260	6.85	29	100.00
3	QUE	100	2.64	29	100.00
4	PARA	96	2.53	29	100.00
5	DISCURSO	84	2.21	29	100.00
6	SE	77	2.03	29	100.00
7	GÊNERO	76	2.00	28	96.55
8	DO	68	1.79	28	96.55
9	NÃO	68	1.79	29	100.00
10	MAS	56	1.48	29	100.00
11	POLÍTICO	52	1.37	28	96.55
12	INSTRUMENTOS	51	1.34	28	96.55
13	ANALISAR	49	1.29	26	89.66
14	DA	48	1.27	27	93.10
15	OS	48	1.27	29	100.00
16	O	40	1.05	26	89.66
17	A	39	1.03	22	75.86
18	OU	35	0.92	29	100.00
19	UMA	35	0.92	28	96.55
20	AS	33	0.87	28	96.55
21	E	33	0.87	27	93.10
22	TEXTOS	33	0.87	28	96.55
23	COMO	32	0.84	23	79.31
24	TRABALHO	32	0.84	29	100.00
25	TELEVISÃO	31	0.82	28	96.55
26	CAMPO	29	0.76	25	86.21
27	DEBATE	29	0.76	29	100.00
28	POUCO	29	0.76	20	68.97
29	S	29	0.76	20	68.97
30	SOCIAL	29	0.76	29	100.00
31	BASE	28	0.74	28	96.55
32	ESPAÇO	28	0.74	24	82.76
33	ESTÚDIO	28	0.74	28	96.55

imagem 12

Les instruments dont on dispose pour analyser ces corpus peuvent paraître modestes si on les compare à ceux de la stylistique littéraire(...)

N	Concordance
1	Os instrumentos que dispomos para analisar este corpus podem parecer modestos se os comparamos aos da estilística literária, mas nos enganamos
2	de que se dispõe para analisar estes textos de comunicação podem parecer modestos se os comparamos aos da estilística literária, e ainda se pode pensar
3	Os instrumentos à nossa disposição para analisar esse objeto talvez pareçam modestos se comparados aqueles da estilística literária, mas seria equivocado
4	Os instrumentos de que dispomos para analisar esses corpus podem parecer modestos se comparados aos da estilística literária, mas seria errado pensar
5	colocados à disposição para analisar esses corpus possuem parâmetros modestos se comparados aos da estilística literária, mas seria errado pensar
6	Os instrumentos onde esses corpos estão dispostos para análise parecem modestos se comparados aqueles de sua estilística literária, mas é possível
7	que dispomos para analisar esses conjuntos de textos podem parecer modestos se nós os compararmos aqueles do estudo de estilo na literatura,
8	dos quais nós dispomos para analisar esses corpus poderiam parecer modestos se nós os compararmos aqueles da estilística literária, mas não
9	Os instrumentos, os quais nos dispomos a analisar o corpus podem ser modestos quando comparados aos da estilística literária, mas enganar-se-á
10	Os instrumentos que dispomos para analisar estes corpus podem parecer modestos se comparados aos da estilística literária, mas teremos razão em
11	Os instrumentos que dispomos para analisar o corpus podem parecer modestos se os comparamos do estilo literário, mas é injusto pensar que para
12	dos quais dispomos para analisar esses conjuntos de textos podem parecer modestos se os comparamos aqueles da estilística literária, mas nós nos
13	Os instrumentos de que dispomos para analisar seus corpus podem parecer modestos se os comparamos aqueles da estatística literária, mas não seria
14	Os instrumentos que serão utilizados para analisar este corpus podem parecer modestos se comparados aos da estilística literária, mas será um erro pensar
15	que dispomos para analisar estes conjuntos de enunciados podem parecer modestos se os comparamos aos da estilística literária, mas teremos direito
16	Os instrumentos de que se dispõe para analisar corpus podem parecer modestos se comparados aos instrumentos da estilística literária, mas seria
17	Os instrumentos que dispomos para analisar estes corpus podem parecer modestos se nós os compararmos aqueles de estilística literária. Mas nós nos
18	instrumentos de que se dispõe para analisar esses corpus podem parecer modestos se comparados ao da estilística literária, mas têm-se enganado
19	instrumentos que nós dispomos para analisar esse assunto poderia parecer modesto se nós os comparamos aqueles instrumentos utilizados para analisar
20	que dispomos para analisar estes fenômenos linguísticos podem parecer modestos se nos dispormos a compara aqueles dos estilos literários, mas

21	Os instrumentos <u>que dispõem</u> de uma análise <u>de seus</u> <u>corpus</u> <u>modestos</u> <u>se comparados</u> ao estilo literário, mas <u>se</u> pensar que para análise <u>de</u>
22	Os instrumentos <u>de que dispomos</u> para analisar esses <u>corpus</u> <u>podem parecer</u> modestos <u>se comparados</u> aos dos estudos literários, mas erraríamos se
23	instrumentos <u>dos quais dispomos</u> para analisar estes <u>corpus</u> <u>podem parecer</u> modestos <u>se nós os</u> <u>compararmos</u> a <u>aqueles</u> da estética literária, mas teríamos
24	Os instrumentos <u>que dispomos</u> para análise do <u>corpus</u> <u>podem parecer</u> modestos <u>se comparados</u> ao estilo literário, mas teríamos de pensar que par
25	<u>que se dispõem</u> para analisar esse <u>corpus</u> (os textos efêmeros) <u>podem parecer</u> modestos <u>se os compararmos</u> aos da estilística literária, mas estaríamos
26	dispomos para analisar <u>o conteúdo</u> , o corpo desses textos <u>podem parecer</u> modestos <u>se comparados</u> aos do estilo literário, mas nos enganamos ao
27	Os instrumentos <u>que dispõem</u> para analisar estes <u>corpus</u> <u>podem parecer</u> modestos <u>se comparados</u> a <u>aqueles</u> da estilística literária, mas equivocamos a
28	<u>de onde dispõem</u> para analisar esses aspectos <u>podem</u> ser <u>parâmetros</u> modestos <u>se comparados</u> às suas estéticas literárias, mas teremos

imagem 13

(...) mais on *aurait tort* de penser que pour analyser ces textes de faible prestige (...)

Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	são corpus <u>que se comparados</u> com a estilística literária nos <u>faz</u> pensar que a análise desses textos de <u>reconhecido</u> prestígio não foram
2	se os compararmos aos da estilística literária, mas <u>nos enganamos</u> se <u>pensarmos</u> que para analisar estes textos de <u>pouco</u> prestígio não
3	se os compararmos aos da estilística literária, <u>e ainda se pode</u> pensar que para avaliar estes textos <u>sem</u> prestígio não se precisa
4	se comparados a <u>aqueles</u> da estilística literária, mas <u>seria equivocado</u> pensar que, para analisar esses textos de <u>pouco</u> prestígio, não
5	modestos se comparados aos da estilística literária, mas <u>seria errado</u> pensar que para analisar esses textos de <u>pouco</u> prestígio não se tem
6	modestos se comparados aos da estilística literária, mas <u>seria errado</u> pensar que para analisar esses textos de <u>pouco</u> prestígio não são
7	se comparados a <u>aqueles</u> de sua estilística literária, mas <u>é possível</u> pensar pela análise desses textos de <u>prestígio</u> não há outras
8	do estudo de estilo na literatura, mas nós <u>estariamos errados</u> em pensar que para analisar esses textos de <u>pouco</u> prestígio, nós não
9	a <u>aqueles</u> da estilística literária, mas <u>não teríamos razão</u> de pensar que para analisar textos de <u>fraco</u> prestígio não são necessários
10	comparados aos da estilística literária, mas <u>enganar-se-á</u> quem pensar que para analisar estes textos de <u>prestígio medíocre</u> não são
11	se comparados aos da estilística literária, mas <u>teremos razão</u> em pensar que para analisar esses textos de <u>sólido</u> prestígio não há
12	parecer modestos se os comparar aos do estilo literário, mas <u>é injusto</u> pensar que para analisar os textos de <u>menor</u> prestígio não
13	a <u>aqueles</u> da estilística literária, mas nós <u>nos enganamos</u> se <u>pensamos</u> que, para analisar esses textos de <u>pequeno</u> prestígio, não
14	os compararmos a <u>aqueles</u> da estilística literária, mas <u>não seria errado</u> pensar que para analisar estes textos de <u>pouco</u> prestígio onde mesmo
15	modestos se comparados aos da estilística literária, mas <u>será um erro</u> pensar que para analisar estes textos de <u>pouco</u> prestígio não serão
16	se os compararmos aos da estilística literária, mas <u>teremos direito</u> de pensar que para analisar estes textos de <u>fraco</u> prestígio não precisamos
17	comparados aos instrumentos da estilística literária, mas <u>seria errado</u> pensar que, para analisar esses textos de <u>pouco</u> prestígio, não se tem
18	a <u>aqueles</u> de estilística literária. Mas nós <u>nos enganariamos</u> ao pensar que para analisar estes textos de <u>pouco</u> prestígio não
19	se comparados ao da estilística literária, mas <u>têm-se enganado</u> quem pensar que para analisar esses textos de <u>fraco</u> prestígio não se tem
20	para analisar os estilos literários, mas nós <u>estariamos errados</u> se <u>pensarmos</u> que este tipo de análise não necessita de um método de
21	a comparar a <u>aqueles</u> dos estilos literários, mas <u>estamos errados</u> de pensar que para analisar estes textos de <u>pouco</u> prestígio nós não
22	seus corpus <u>modestos</u> se compara ao estilo literário, mas <u>se</u> pensar que para análise <u>de</u> os textos <u>de</u> prestígio não <u>é</u> elaborado.
23	se comparados aos dos estudos literários, mas <u>errariamos</u> se <u>pensássemos</u> que para analisar esses textos de <u>pouco</u> prestígio não
24	os comparar a <u>aqueles</u> da estética literária, mas <u>teríamos errado</u> em pensar que para analisar estes textos de <u>pouco</u> prestígio não
25	parecer modestos se comparados ao estilo literário, mas <u>teríamos de</u> pensar que para analisar estes textos de <u>grande</u> prestígio não é
26	se comparados aos do estilo literário, mas <u>nos enganamos</u> ao pensar que para analisar estes textos de <u>pouco</u> prestígio não
27	se comparados a <u>aqueles</u> da estilística literária, mas <u>equivocamos</u> ao pensar que para analisar estes textos <u>ausentes</u> de prestígio não
28	às suas estéticas literárias, mas <u>teremos arbitrariamente</u> que pensar que para analisar esses textos <u>de nível</u> de prestígio não terá a

imagem 14

(...) C'est seulement *depuis* peu que les sciences du langage, s'ouvrant à des
 problématiques nouvelles (...)

Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	não foram elaborados aleatoriamente. <u>É</u> somente <u>após</u> que as <u>ciências</u> linguísticas <u>abordam</u> as novas problemáticas, propõe
2	de ferramentas elaboradas. <u>Foi</u> somente <u>a</u> <u>pouco</u> que as <u>ciências</u> da linguagem <u>abriram-se</u> a estes novos problemas e
3	não se precisa ferramentas elaboradas. <u>É</u> fato recente que as <u>ciências</u> da linguagem <u>se abrindo</u> às novas problemáticas,
4	elaborados. <u>A</u> <u>medida</u> em que enfrenta novos problemas, as <u>ciências</u> da linguagem propõem instrumentos melhor adaptados a
5	de ferramentas elaboradas. Somente <u>há</u> pouco tempo as <u>ciências</u> da linguagem <u>se abrirem</u> para as novas problemáticas,
6	necessárias ferramentas elaboradas. Somente <u>a</u> pouco tempo as <u>ciências</u> da linguagem <u>vêm se dedicando</u> às novas problemáticas,
7	não há outras elaborações. <u>É</u> somente <u>pouco</u> <u>depois</u> que as <u>ciências</u> da linguagem se ocupam das novas problemáticas,
8	de instrumentos, meios elaborados. Somente <u>há</u> pouco é que as <u>ciências</u> linguísticas <u>abrindo-se</u> a novas problemáticas, propõem
9	ferramentas elaboradas. Somente <u>depois</u> que as <u>ciências</u> da língua <u>se abrirem</u> às novas problemáticas, proporão
10	são necessárias ferramentas elaboradas. Somente <u>depois</u> que as <u>ciências</u> da língua <u>se abrirem</u> às novas problemáticas,

11	de instrumental mais elaborado. Somente depois que as ciências da linguagem se abrem a estas novas problemáticas,
12	de ferramentas elaboradas. No instante depois que as ciências da linguagem se abriram às novas problemáticas,
13	de ferramentas elaboradas. É apenas recentemente que as ciências da linguagem, abrindo-se às novas problemáticas,
14	—um estúdio de televisão— ou, um campo do discursivo (político, ciência, científico...) mas ele não faz parte de um gênero que por
15	outros elaborados. Este somente depois de um pouco que as ciências da linguagem se abriram as problemático novos, propondo
16	instrumentos elaborados. Este é somente o início pequeno que as ciências da linguagem, se abrindo às novas problemáticas, propõe
17	de instrumentos elaborados. É somente há pouco que as ciências da linguagem, se abriram às problemáticas novas,
18	de ferramentas elaboradas. Há somente pouco tempo, as ciências da linguagem, abrindo-se a novas problemáticas, propõem
19	instrumentos elaborados. É somente a partir do momento que as ciências da linguagem se abrem a novas problemáticas que se
20	de ferramentas elaboradas. É somente desde pouco que as ciências da linguagem começaram a trabalhar as novas
21	de um método de trabalho elaborado. Faz pouco tempo que as ciências da linguagem se abriram para esses novos problemas e
22	precisamos de instrumentos elaborados. Só recentemente que as ciências da linguagem se abriram a essa problemática nova,
23	___ prestígio não ___ elaborado. É somente depois ___ que as ciências da linguagem, se ouviu os problemas novos, propondo
24	de instrumentos elaborados. Foi somente há pouco tempo que as ciências das línguas, abrindo-se a questões e problemáticas novas
25	precisamos de ferramentas elaboradas. É somente depois que as ciências da linguagem, se abrindo para novas problemáticas,
26	instrumento elaborado. É preciso somente depois de um pouco da ciência da linguagem, percebe as problemáticas antes
27	um instrumental elaborado. Foi apenas há pouco tempo que as ciências da linguagem, abrindo-se a problemáticas novas,
28	elaboradas. O que aconteceu somente pouco depois que a ciência da linguagem se abriu para as novas problemáticas
29	de instrumentos elaborados. É somente há pouco que as ciências da linguagem, abrindo-se às novas problemáticas, provêm
30	instrumento elaborado. Será somente a partir do momento que as ciências da linguagem ouvirem suas novas problemáticas, propondo

imagem 15

(...) *proposent des outils mieux adaptés. L'analyste du discours peut prendre pour base de travail un genre de discours (...)*

Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	abordam as novas problemáticas, propõe outros meios adaptados. A análise do discurso propõe como base de trabalho um gênero de discurso (uma
2	a estes novos problemas e propuseram ferramentas melhores adaptadas. O analista do discurso pode ter como base de trabalho um gênero de discurso
3	problemáticas, propuseram ferramentas de trabalho melhor adaptadas. O analista do discurso pode tomar por base de trabalho um gênero de discurso
4	as ciências da linguagem propõem instrumentos melhor adaptados a eles. O analista do discurso pode tomar como base do trabalho um gênero de discurso
5	para as novas problemáticas, propondo ferramentas melhor adaptadas. A análise do discurso pode tomar por base de trabalho um tipo de discurso (uma
6	às novas problemáticas, propondo ferramentas melhor adaptadas. O analista do discurso pode ater-se, como base de trabalho, a um gênero de
7	novas problemáticas, propondo outros meios para melhores adaptações. A análise do discurso tem por base de trabalho um gênero de discurso (uma
8	abrindo-se a novas problemáticas, propõem instrumentos melhor adaptados. O analista do discurso pode tomar como base de trabalho um gênero de discurso
9	a estas novas problemáticas, propondo instrumentos mais adaptados. A análise do discurso pode tomar como base para o trabalho um gênero do
10	às novas problemáticas, propuseram ferramentas melhor adaptadas. O analista do discurso pode pegar por base o trabalho de um gênero de discurso
11	às novas problemáticas, propõem ferramentas mais bem adaptadas. O analista do discurso pode tomar como base de trabalho um gênero de discurso
12	se abriram as problemático novos, propondo outros melhor adaptados. O analista do discurso pode tomar por base do trabalho um gênero de discurso
13	se abrindo às novas problemáticas, propõe instrumentos melhor adaptados. O analista do discurso pode ter por base de trabalho um gênero de discurso (uma
14	às problemáticas novas, propondo instrumentos melhores adaptados. O analista do discurso pode tomar por base de trabalho um gênero de discurso
15	abrindo-se a novas problemáticas, propõem ferramentas mais adaptadas. O analista do discurso pode tomar como base de trabalho um gênero de discurso
16	problemáticas, propondo instrumentos de trabalho melhores adaptados. O analista do discurso pode ter como base de trabalho um gênero do discurso
17	a essa problemática nova, propondo instrumentos melhores adaptado. O analista do discurso pode ter por base de trabalho um gênero do discurso (uma
18	da linguagem, se ouviu os problemas novos, propondo outras adaptações. A análise do discurso pega para base do trabalho um gênero de discurso
19	a questões e problemáticas novas, propôs instrumentos melhor adaptados. O analista do discurso pode ter por base de trabalho um gênero de discurso (uma
20	para novas problemáticas, propuseram ferramentas melhor adaptadas. A análise do discurso pode pegar por base de trabalho um gênero de discurso
21	antes inacessíveis, propondo outros manuais melhor adaptados. A análise do discurso pouco têm por base um trabalho do gênero de discursos
22	a problemáticas novas, propuseram instrumentos mais adaptados. O analista do discurso pode tomar como base de trabalho um gênero de discurso
23	abriu para as novas problemáticas propondo instrumentos mais adaptados. O analista do discurso pode basear seu trabalho num gênero de discurso (uma
24	às novas problemáticas, provêm os instrumentos melhor adaptados. O analista do discurso pode tomar como base de trabalho um gênero de discurso
25	problemáticas, propondo a partir deste momento melhores adaptações. O analista do discurso pode pegar por base de trabalho um gênero de discurso

imagem 16

(...) *(une consultation médicale, un cours de langue, un débat politique télévisé...) aussi bien qu'un secteur (...)*

Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	discurso (uma consulta médica, um curso de línguas, um debate político televisivo...) ou bem no setor da área social
2	de discurso (uma consulta médica, um curso de língua, um debate político televisionado...) assim como um setor do
3	discurso (uma consulta médica, um curso de línguas, um debate televisivo...) bem como um setor do espaço social

4	de discurso (uma <u>consulta</u> médica, uma <u>aula</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>transmitido pela TV...</u>), <u>bem como</u> um setor
5	de discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>televisado...</u>) <u>assim como</u> um setor do
6	de discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>na TV</u>), <u>assim como</u> a um setor do espaço
7	discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de línguas, um <u>debate</u> político <u>televisivo...</u>) <u>bem como</u> um setor do espaço
8	discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de línguas, um <u>debate</u> político <u>televisado...</u>), <u>bem como</u> um setor do
9	de discurso (uma <u>receita</u> médica, um <u>curso</u> de línguas, um <u>debate</u> político <u>televisivo</u>), <u>bem como</u> um setor do espaço
10	discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de línguas, um <u>debate</u> político <u>televisivo</u>) <u>como também</u> um setor do espaço
11	discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de línguas, um <u>debate</u> político <u>na tv...</u>) <u>assim como</u> um setor do espaço
12	de discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>televisado...</u>) <u>ou</u> outro lugar do espaço
13	de discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>televisado...</u>) <u>bem como</u> um setor do
14	de discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>da televisão...</u>) <u>bem como</u> o setor do espaço
15	de discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>televisado...</u>) <u>e mesmo</u> um setor do
16	discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de línguas, um <u>debate</u> político <u>televisado...</u>) <u>bem como</u> um setor do
17	discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de línguas, um <u>debate</u> político <u>na televisão...</u>) <u>da mesma forma que</u> um
18	de discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>televisado...</u>) <u>assim como</u> um setor do
19	do discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>televisivo</u>), <u>assim também que</u> um secretário
20	ou abordagem <u>análises</u> médicas, um <u>curso</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>televisado</u> <u>como também</u> no setor social
21	do discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>televisado...</u>) <u>tanto quanto</u> um setor do
22	de discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>televisivo...</u>) <u>também</u> um setor do espaço
23	discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de línguas, um <u>debate</u> político <u>televisado...</u>), <u>assim como</u> um setor
24	de discurso (uma <u>receita</u> médica, uma <u>aula</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>transmitido pela televisão</u>) <u>assim como</u> um
25	(de um <u>consultório</u> médico, um <u>curso</u> de línguas, um <u>debate</u> <u>televisivo...</u>) <u>também</u> um setor de espaço social (um
26	de discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>televisado...</u>) <u>tanto quanto</u> um setor do
27	discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de línguas, um <u>debate</u> político <u>televisado...</u>) <u>tanto quanto</u> em um espaço
28	de discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de língua, um <u>debate</u> político <u>televisado...</u>) <u>assim como</u> um setor do
29	discurso (uma <u>consulta</u> médica, um <u>curso</u> de línguas, um <u>debate</u> político <u>televisado...</u>) <u>assim, bem como</u> um setor

imagem 17

(...) de l'espace social (un service d'hôpital, un café, un studio de télévision...) ou un champ discursif (politique, scientifique...); mais il **ne** part d'un genre **que** pour l'inscrire (...)

Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N Concordance	
1	serviço hospitalar <u>um bar</u> , um estúdio de televisão...) ou no campo discursivo (político, científico...); mas <u>não</u> parte de um gênero <u>que</u> por acreditar mas ____
2	viço de um hospital, <u>um bar</u> , um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico); mas ele <u>não</u> parte de um gênero <u>sem</u> inscrevê-lo em seus l
3	erviço de hospital <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico...); mas ele <u>não</u> parte de um gênero para inscrevê-lo em se
4	ocial (uma clínica <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico...); mas ele <u>não</u> parte de um gênero para escrever suas lei
5	erviço de hospital <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico...); mas parte de um tipo de discurso <u>apenas</u> para inscrevê
6	al (um serviço hospitalar <u>um café</u> um estúdio de TV), ou a um campo discursivo (político, científico), mas <u>não</u> divide um gênero pelos espaços nos quais se insc
7	erviço de hospital <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico); mas ele <u>não</u> parte de um gênero <u>que</u> se inscreve dentro de
8	erviço de hospital <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico...); mas ele <u>apenas</u> parte de um gênero para o inscrever de
9	m serviço de hospitalar <u>um café</u> um estúdio de televisão) ou um campo discursivo (político, científico); mas ele <u>não</u> parte de um gênero para inscrevê-lo dentro d
10	m serviço hospitalar <u>um café</u> um estúdio de televisão) ou um campo do discurso (político, científico), mas ele <u>não</u> parte de um gênero <u>que</u> esteja inscrito em se
11	serviço de hospitalar <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico...) mas <u>não</u> parte de um gênero <u>que</u> possa se inscrever dent
12	erviço de hospital <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico...); mas ele parte de um gênero para inscrevê-lo com suas
13	ço do hospital <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou, um campo do discursivo (política, ciência, científico...) mas ele <u>não</u> faz parte de um gênero <u>que</u> por es
14	erviço de hospital <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico...); mas <u>não</u> é parte de um gênero por se inscrever nestes
15	erviço de hospital <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico...), mas ele <u>não</u> parte de um gênero <u>que</u> para inscrever nes
16	<u>um lugar um se toma café</u> , um estúdio de televisão...) ou um campo de discurso (político, científico...); mas ele <u>so</u> parte de um gênero para inscrevê-lo em seus
17	erviço de hospital <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico...); mas ele <u>não</u> parte de um gênero <u>que</u> se inscreve dentro
18	um serviço hospitalar <u>um café</u> um estúdio de televisão) ou um campo discursivo (político, científico...), ____
19	riço de hospital <u>um café</u> um estúdio de televisão...), ou um campo discursivo (político, científico...), mas ele parte de um gênero para lhe inscrever em um l
20	serviço de hospitalar <u>um café</u> um estudo de televisão...) ou um grande discurso (político, científico...); mas <u>não</u> parte de um gênero <u>que</u> para inscrever ____ que
21	de hospital <u>uma lanchonete</u> , um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico...); mas ele <u>so</u> parte de um gênero para inscrevê-lo num lu
22	ocial (um hospital <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico...) mas ele <u>não</u> parte de um gênero <u>que</u> por o inscrever nes
23	erviço de hospital <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou uma área discursiva (política, científica) mas ele <u>não</u> é divisa de um gênero para inscrever espaços
24	um serviço hospitalar <u>um café</u> um estúdio de televisão) ou um campo discursivo (político, científico, etc.); mas ele <u>não</u> parte de um gênero <u>senão</u> para inscrever
25	erviço hospitalar <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou no campo do discurso (político, científico...) mas ele parte de um gênero <u>somente</u> para inscrevê-lo ne
26	erviço de hospital <u>um café</u> um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico...); mas ele <u>não</u> parte de um gênero <u>senão</u> para o inscrever
27	m serviço de hospitalar <u>um café</u> um estúdio de televisão) ou um campo discursivo (político, científico); mas ele <u>não</u> parte de um gênero <u>que</u> para estar inscrito e

imagem 18

(...) mais il **ne** part d'un genre **que** pour l'inscrire dans ses lieux et **ne** delimita un lieu **que** pour considérer (...)

inscr_ECA 2004.cnc	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	um campo discursivo (político, científico); mas ele não parte de um gênero sem inscrevê-lo em seus lugares e não delimita um lugar sem considerar quais
2	campo discursivo (político, científico...); mas ele não parte de um gênero para inscrevê-lo em seus espaços e nem delimita um espaço para considerar qual(is)
3	curso (político, científico...); mas parte de um tipo de discurso apenas para inscrevê-lo em seus lugares e delimita um lugar apenas para considerar qual (ou
4	ivo (político, científico), mas não divide um gênero pelos espaços nos quais se inscreve e não delimita um espaço considerando qual(s) gênero(s) de discurso
5	campo discursivo (político, científico); mas ele não parte de um gênero que se inscreve dentro de seus meios e nem delimita um meio por considerá-lo
6	discursivo (político, científico...); mas ele apenas parte de um gênero para o inscrever dentro de seus espaços e não delimita um local senão para considerar
7	um campo discursivo (político, científico); mas ele não parte de um gênero para inscrevê-lo dentro de seu campo e nem delimita um campo para considerar qual
8	o do discurso (político, científico), mas ele não parte de um gênero que esteja inscrito em seu lugar e nem delimita um lugar que possa considerar um discurso
9	po discursivo (político, científico...) mas não parte de um gênero que possa se inscrever dentro desses campos e não delimita um campo que possa considerar
10	al, um café, um estúdio de televisão...); mas ele não parte de um gênero para o inscrever em seus lugares e não delimita um lugar para considerar qual (quais) g
11	o campo discursivo (político, científico...); mas ele parte de um gênero para inscrevê-lo com suas ligações e delimita um lugar para considerar quais (ou qual
12	campo discursivo (político, científico...), mas não é parte de um gênero por se inscrever nestes lugares e não se delimita um lugar para considerar qual(is) gên
13	o discursivo (político, científico...), mas ele não parte de um gênero que para inscrever nestes lugares e não delimita um lugar que para considerar quais
14	campo de discurso (político, científico...); mas ele só parte de um gênero para inscrevê-lo em seus campos, e só delimita um campo para considerar que
15	mpo discursivo (político, científico...); mas ele não parte de um gênero que se inscreve dentro de seus locais e não delimita um local por considerar qual(is) g
16	campo discursivo (político, científico...), mas ele parte de um gênero para lhe inscrever em um lugar (para lhe localizar) e delimitar um lugar que possa consid
17	grande discurso (político, científico...); mas não parte de um gênero que para inscreve que para considerar que (ais) gênero(s) de discurso eles são assoc
18	o campo discursivo (político, científico...); mas ele só parte de um gênero para inscrevê-lo num lugar/ ambiente social para considerar qual (is) gênero(s) de di
19	o discursivo (político, científico...) mas ele não parte de um gênero que por o inscrever nestes lugares e que não delimita um "lugar" para considerar qual (is)
20	a área discursiva (política, científica) mas ele não é divisa de um gênero para inscrever espaços e nem delimitar um espaço por considerar que alguns gêneros
21	curso (político, científico, etc.); mas ele não parte de um gênero senão para inscrevê-lo em seus espaços (lugares), e não delimita um espaço (lugar) senão
22	o do discurso (político, científico...) mas ele parte de um gênero somente para inscrevê-lo nessas categorias e determina um local somente para considerar
23	curso (político, científico...), mas ele não parte de um gênero senão para o inscrever nos seus lugares e não delimita um lugar senão para considerar que (ai
24	discursivo (político, científico); mas ele não parte de um gênero que para estar inscrito em seu lugar e não delimitado, e não um lugar delimitado que pode ser c

imagem 19

(...) pour considérer quel(s) genre(s) de discours lui sont associés.

Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	considerar que o(s) gênero(s) do(s) discurso(s) são associados .
2	sem considerar quais gêneros de discurso lhe são associados .
3	considerar qual(is) gênero(s) de discurso lhe são associados . [corretor: erro ne_que]
4	considerar qual(is) gênero(s) de discurso é (são) associado(s) a ela
5	qual (ou quais) o(s) tipo(s) de discurso lhe estão associados .
6	considerando qual(s) gênero(s) de discurso lhe são associados . [corretor: erro]o
7	seus meios e nem delimita um meio por considerá-lo associado a aquele gênero do discurso
8	qual (quais) gênero(s) de discurso a ele está (estão) associado(s) .
9	considerar qual gênero(s) de discurso lhe(s) são associados . [corretor: erro]
10	um lugar que possa considerar um discurso a ele associado .
11	considerar qual(is) gênero(s) de discurso lhe são associados . [corretor: erro grave]]
12	considerar qual (quais) gênero(s) de discurso lhe são associados . [corretor: erro grave]]
13	(ou qual) gêneros (ou gênero) de discurso lhe são associados .
14	que (ais) gênero(s) de discurso a elas são associadas .
15	considerar qual(is) gênero(s) de discurso lhe são associados .
16	para considerar quais gêneros de discurso lhe são associados .
17	para considerar que gênero(s) de discurso lhes são associados .
18	por considerar qual(is) gênero(s) de discurso são associados .
19	não os limita por considerar que esses gêneros são associados dentro da comunicação.
20	considerar qual (is) gênero(s) de discurso lhe são associados .
21	considerar que (ais) gênero(s) de discurso eles são associados .
22	para considerar qual (is) gênero(s) de discurso são associados a ele
23	considerar qual (is) gêneros(s) de discurso a ele são associados .
24	que alguns gêneros de discurso a ele não estão associados .
25	qual (is) o(s) gênero(s) de discursos lhe estão associados .
26	considerar qual (quais) gênero(s) de discursos estão associados com ele
27	considerar que (ais) gênero(s) de discurso a ele são associados . [corretor: excelente tradução]
28	ser considerado qualquer gênero de discurso de sua associação . [corretor: erro]ro

imagem 20

N	Concordance	Set	Tag	Word #	t. #	os. #	os. #	os. #	os. #	File
1	por acreditar mas ___ e delimitações			103	2 7%	0 2%		0 2%		ca 2004 a29.txt
2	de um gênero que por acreditar mas			100	2 3%	0 9%		0 9%		ca 2004 a29.txt
3	disponíveis para análise são corpus			7	0 5%	0 6%		0 6%		ca 2004 a29.txt
4	campo discursivo (político, científico...),			108	3 0%	0 0%		0 0%		ca 2004 a11.txt
5	parte de um gênero que para inscrever			104	2 4%	0 0%		0 0%		ca 2004 a08.txt
6	adaptações. A analista do discurso			52	2 9%	0 5%		0 5%		ca 2004 a08.txt
7	não ___ elaborado. É somente depois			34	1 8%	0 0%		0 0%		ca 2004 a08.txt
8	análise ___ os textos ___ prestígio não			29	0 7%	0 5%		0 5%		ca 2004 a08.txt
9	pensar que para análise ___ os textos			26	0 7%	0 3%		0 3%		ca 2004 a08.txt
10	mas ___ pensar que para análise			23	0 7%	0 0%		0 0%		ca 2004 a08.txt
11	se compara ao estilo literário, mas			18	0 0%	0 6%		0 6%		ca 2004 a08.txt
12	de uma análise ___ seus corpus			10	0 3%	0 9%		0 9%		ca 2004 a08.txt
13	___ dispõe de uma análise			7	0 3%	0 6%		0 6%		ca 2004 a08.txt
14	Os instrumentos			2	0 7%	0 2%		0 2%		ca 2004 a08.txt

imagem 21

Apreciação do corretor

N	Concordance	Set	Tag	Word #	t. #	os. #	os. #	os. #	os. #	File
1	de discurso lhe são associados. [corretor: erro ne que]e]			131	2 7%	0 8%		0 8%		ca 2004 a27.txt
2	de discurso lhe são associados. [corretor: erro]o]			128	2 9%	0 9%		0 9%		ca 2004 a24.txt
3	discurso lhe(s) são associados. [corretor: erro]]			114	1 9%	0 9%		0 9%		ca 2004 a21.txt
4	de discurso lhe são associados. [corretor: erro grave]]			131	2 8%	0 8%		0 8%		ca 2004 a19.txt
5	de discurso lhe são associados. [corretor: erro grave]]			122	2 7%	0 8%		0 8%		ca 2004 a18.txt
6	discurso a ele são associados. [corretor: excelente tradução]			131	2 8%	0 8%		0 8%		ca 2004 a02.txt
7	de discurso de sua associação. [corretor: erro]ro]			145	2 9%	0 9%		0 9%		ca 2004 a01.txt

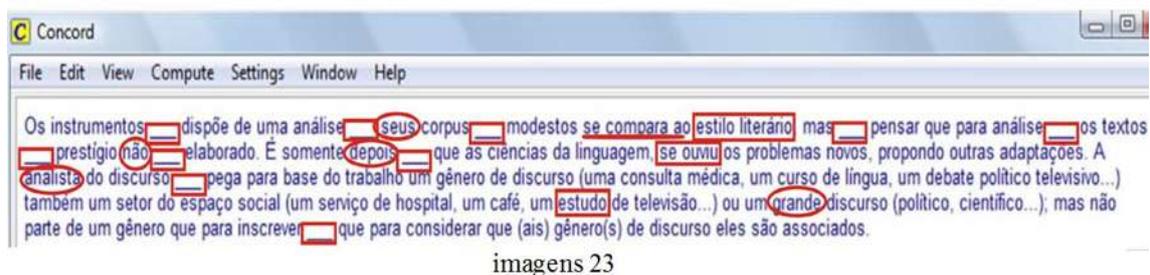
imagem 22

Tradução excelente (A02)

Os instrumentos que dispõe para analisar estes **corpus** podem parecer modestos se comparados **aqueles** da **estilística literária** mas **equivocamos** ao pensar que para analisar estes textos **ausentes** de prestígio não necessitemos de instrumentos elaborados. E somente **(há)** pouco que as ciências da linguagem **(abrindo-se)** às novas problemáticas **(provêm)** os instrumentos melhor adaptados. **O analista** do discurso pode tomar como base de trabalho um gênero de discurso (uma **consulta** médica, um curso de língua, um debate político televisionado...) **(assim como)** um setor do espaço social (um serviço de hospital, **um café**, um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico...); mas ele **(não)** parte de um gênero **(senão)** para o inscrever nos seus lugares e **(não)** delimita um lugar **(senão)** para considerar que (ais) gênero(s) de discurso **(e)** são associados. [corretor: excelente tradução]

Tradução com erro grave (A19)

Os instrumentos que dispomos para analisar estes **corpus** podem parecer modestos se comparados **(aos)** da **estilística literária**, mas **(teremos razão)** em pensar que para analisar esses textos de **(sólido)** prestígio não há necessidade de instrumental mais elaborado. Somente **(depois)** que as ciências da linguagem se abrem a estas novas problemáticas, propondo instrumentos mais adaptados. **(A)** análise do discurso pode tomar como base para o trabalho um gênero do discurso (uma consulta médica, um curso de línguas, um debate político na tv...), **(assim como)** um setor do espaço social (um serviço de hospital, um café, um estúdio de televisão...) ou um campo discursivo (político, científico...) mas **(não)** parte de um gênero que possa se inscrever dentro desses campos **(e não)** delimita um campo que possa considerar qual(is) gênero(s) de discurso **(he)** são associados. [corretor: erro grave]



imagens 23

3.5.3. Subcorpus III

A prova da ECA, em 2005, foi a mesma para candidatos ao mestrado e doutorado, logo, a tradução foi feita pelos 30 candidatos. O texto original conta com 870 palavras, sendo que o trecho escolhido para a tradução possui 210 palavras. O valor dado à tradução foi de 04 pontos, os outros 06 pontos foram atribuídos a seis questões dissertativas sobre o texto. A duração da prova foi de 02 horas e permitiu-se o uso de dicionários monolíngües.

Trecho selecionado para a tradução:

En prison, mais il en est de même à l'usine, à l'école ou dans l'espace public, la présence artistique comme intellectuelle ou professionnelle n'est pas mue par la culpabilité, la bonté, la morale ou le soin, mais par le droit de tout espace où qu'il soit sur le territoire à disposer et jouir de la totalité des biens culturels, d'où qu'ils viennent, du passé, du présent ou de l'avenir, biens esthétiques, biens scientifiques, biens sociaux, biens critiques, biens communs... La création musicale, chorégraphique, photographique, littéraire..., ne doit manquer à nul m² du territoire: les artistes sont les artisans, les passeurs et les militants de cette présence agissante, comme ailleurs, pas plus ni moins, dans l'esprit du droit, avec passion, vigilance, jubilation, inspiration, application, méthode... Les oeuvres font circuler, entrer et sortir, faire et défaire, éclairer et éteindre, elles mettent en mouvement, exigent du sensoriel de s'extraire du sensible, de l'intime, de forcer la porte de l'extime, du rationnel de se nourrir de l'immatériel, comme se nourrissent sans relâche le figuratif et l'abstrait. Les oeuvres déportent, déplacent, exhortent les identités à accepter de mourir, pour que se dévoilent d'autres raisons d'être, que naissent des métamorphoses. Les oeuvres combattent les discriminations: leur liberté n'a d'autre finalité que l'égalité des hommes.

WordList

N	Word	Freq	%	Texts	%
1	DO	249	4.44	30	100.00
2	A	240	4.28	30	100.00
3	E	164	2.92	29	96.67
4	DE	144	2.57	29	96.67
5	BENS	139	2.48	28	93.33
6	AS	127	2.26	27	90.00
7	OS	127	2.26	30	100.00
8	QUE	125	2.23	30	100.00
9	OU	112	2.00	29	96.67
10	SE	96	1.69	27	90.00
11	NÃO	93	1.66	29	96.67
12	O	93	1.66	27	90.00
13	COMO	83	1.48	30	100.00
14	OBRAS	75	1.34	26	86.67
15	NA	66	1.18	25	83.33
16	ESPAÇO	58	1.03	29	96.67
17	DIREITO	55	0.98	27	90.00
18	PRESEÇA	55	0.98	30	100.00
19	TERRITÓRIO	51	0.91	28	93.33
20	DOS	50	0.89	28	93.33
21	DA	49	0.87	25	83.33
22	EM	47	0.84	27	90.00
23	NO	42	0.75	23	76.67
24	NEM	39	0.69	21	70.00
25	ONDE	36	0.64	22	73.33
26	PELA	36	0.64	20	66.67
27	MAS	35	0.62	25	83.33
28	PARA	33	0.59	22	73.33
29	COM	32	0.57	28	93.33
30	ARTÍSTICA	31	0.55	30	100.00
31	PRESENTE	30	0.53	29	96.67
32	PRISÃO	30	0.53	30	100.00
33	ARTISTAS	29	0.52	28	93.33

imagem 24

En prison, mais il en est de même à l'usine, à l'école ou dans l'espace public, la présence artistique (...)

N	Concordance
1	A prisão bem como a indústria a escola ou dentro de um espaço público, a presença artística
2	Na prisão, tanto quanto na usina na escola ou no espaço público, a presença artística como
3	Na prisão, porém ou mesmo na usina na escola ou no espaço público, a presença artística como
4	Na prisão, assim como na usina na escola ou espaço público, a presença artística como
5	Na prisão, mas também na indústria na escola ou no espaço público, tanto a presença artística como
6	Na prisão, mas acontece o mesmo na usina na escola ou no espaço público, a presença artística, como
7	Na prisão, ou mesmo na usina na escola ou no espaço público, a presença artística, como
8	Na prisão, assim como na fábrica na escola ou no espaço público, a presença artística, tanto como
9	Prisão não é mesma estrutura do que a escola no espaço público, presença artística como intelectual
10	Na prisão, como também na usina na escola ou no espaço público, a presença artística, como a
11	Na prisão, o mesmo que na fábrica na escola ou em um espaço público, a presença artística como
12	A prisão não é como uma fábrica , uma escola ou um espaço público, a presença artística, como a
13	Tanto na prisão quanto na usina na escola ou no espaço público, a presença artística, intelectual
14	Na prisão, da mesma maneira que na fábrica na escola ou nos espaços públicos tanto a presença artística
15	Na prisão, assim como na usina na escola ou no espaço público, a presença artística, intelectual
16	Na prisão, a usina a escola , no espaço público a presença artística como
17	Na prisão, mas o mesmo também acontece na fábrica na escola ou no espaço público, a presença artística tanto
18	Na prisão, o mesmo que acontecia na indústria na escola e no espaço público, a presença artística como a
19	Na prisão, na mesma forma que na fábrica e na escola , ou no espaço público, a presença artística, assim
20	Na prisão, mas mesmo na usina na escola ou no espaço público, a presença artística como
21	Na prisão, mas isso vale da mesma forma para a fábrica a escola ou o espaço público, a presença artística como
22	Na prisão, assim como na usina na escola ou no espaço público, as presenças artística,
23	Uma prisão, é a mesma que uma usina , (fábrica) a escola , ou espaço público. A presença artística como
24	Na prisão, e o mesmo é na usina na escola ou no espaço público, a presença artística, assim
25	Na prisão, ou mesmo a usina a escola ou dentro de um espaço público, a presença artística
26	Na prisão, como na indústria na escola ou dentro do espaço público, a presença artística
27	Na prisão, é como na escola , usina ou dentro de espaço público, há a presença

imagem 25

(...) *la présence artistique comme intellectuelle ou professionnelle n'est pas mue par la culpabilité, la bonté, la morale ou le soin, mais par le droit (...)*

Concord	
e Edit View Compute Settings Window Help	
N Concordance	
1	um espaço público, a presença artística não serve para refletir sobre a culpa, a bondade ou a moral, mas um espaço em que prevaleça os
2	artística como intelectual ou profissional, não é substituída pela culpa, a bondade, a moral ou a limpeza , mas pelo direito de todo espaço
3	a presença artística como intelectual ou profissional não é movida pela culpabilidade, pela bondade, pela moral ou o senso , mas pelo direito de
4	a presença artística como intelectual ou profissional não mudam pela culpa, bondade, moral ou atenção , mas pelo direito de todo espaço ou
5	artística como a intelectual ou a profissional, não foi movida pela culpabilidade, pela bondade, pela moral ou pelo cuidado , mas pelo direito
6	a presença artística, como intelectual ou profissional, não é movida pela culpabilidade, a bondade, a moral ou o soin , mas pelo direito de todo
7	como intelectual ou profissional, não é silenciada (emudecida) pela culpabilidade, a moral ou o pecado . Mas pelo direito de todo espaço ou
8	artística, tanto como intelectual ou profissional, não é movida a culpabilidade, bondade, moral ou cuidado , mas pelo direito que todo
9	como a intelectual ou profissional, não é mudada (alterada) pela culpa, pela bondade, pela moral ou pela preocupação , mas pelo direito
10	artística como intelectual ou profissional não é transformada em culpa, bondade, a moral ou dever , mas no direito do espaço em que se
11	artística, como a intelectual ou profissional não é determinada pela culpabilidade, bondade, moral ou pela preocupação , mas pela
12	a presença artística, intelectual ou profissional, não se move pela culpabilidade, pelo altruísmo, pela moral ou preocupação . Sim, deve se
13	presença artística quanto a intelectual ou profissional não é regida pela culpa, pela bondade, pela moral ou pelo bem-estar , mas pelo direito de
14	a presença artística, intelectual ou profissional não é movimentada pela culpa, abandono, a moral ou o tratamento , mas pelo direito ao espaço
15	artística tanto quanto a intelectual ou profissional não é movida pela culpabilidade, a bondade, a moral ou o cuidado, mas pelo direito de todo
16	público, a presença artística como a intelectual não é movida pela culpabilidade, pela bondade ou moralidade, mas pelo direito de se ter
17	artística, como a intelectual ou a profissional, não é provida pela culpa, a bondade, a moral, ou as preocupações , mas pelo direito de
18	como a intelectual e profissional, não deve ser uma pele para recobrir a culpa, a bondade, a moral, mas sim um direito a todo o espaço, no qual
19	artística como intelectual ou profissional não é transformada pela culpa, pela bondade, a moral ou vigilância, Mas pelo direito de todo
20	artística como intelectual ou profissional, não deve ser movida por culpa, bondade, moral ou obrigação , mas pelo direito de em todo
21	artística, intelectual ou profissional não devem apontar para a culpabilidade, a bondade, a moral ou outro tipo de preocupação , mas
22	público. A presença artística como intelectual ou profissional não é movida pela culpabilidade, a bondade, moral, mas por direito de todo onde que ele
23	A presença artística como a intelectual ou profissional não é por culpa , bondade ou moral, o território e seu espaço desse dispor da
24	artística, assim como a intelectual ou profissional não é juizada pela culpabilidade, pela bondade, pela moral ou pelo soin , mas pelo direito
25	a presença artística como intelectual ou profissional Não está para culpa a bondade a moral, Mas para o direito de todo espaço onde
26	artística como intelectual ou profissional não é transformada pela culpa, a bondade ou a preocupação , mas pelo direito de todo espaço
27	a presença artística como intelectual ou profissional não é movida pela culpa, bondade, moral ou cuidados , mas pelo direito de todo espaço ou
28	a presença artística como intelectual ou profissional não é calada pela culpa, bondade, moral ou sonho , uns pelo direito do espaço onde quer

imagem 26

(...) *de tout espace où qu'il soit sur le territoire à disposer et jouir de la totalité des biens culturels, d'où qu'ils viennent, du passé (...)*

Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N Concordance	
1	pelo direito de todo espaço onde quer que seja o território à dispor e gozar da totalidade dos bens culturais, de onde quer que venha do passado, do presente o
2	direito de todo espaço a que ele seja sobre o território a se dispor e juntar à totalidade dos bens culturais, de onde eles venham do passado, do presente ou
3	todo espaço ou do que seja que esteja sobre o território, dispor e apreciar da totalidade dos bens culturais, de onde quer que venham do passado, do presente
4	todo espaço qualquer que seja sobre o território que se dispõe e aproveitar da totalidade dos bens culturais, dos quais eles vêm do passado, presente ou do fu
5	espaço onde quer que ela esteja sobre o território, esteja a dispor e fruir da totalidade dos bens culturais, de onde quer que eles venham do passado, do
6	lo direito de todo espaço ou que seja todo território a dispor e a desfrutar da totalidade de bens culturais, indiferente da origem passado, presente ou futuro
7	espaço tem, onde quer que se localize no território, de dispor e usufruir da totalidade dos bens culturais, de onde quer que venham do passado, do presente
8	o direito de todo espaço que esteja sobre o território a dispor e desfrutar da totalidade dos bens culturais, venham eles do passado, do presente ou do futuro,
9	o espaço em que se pode expressar sobre o território à disposição e usufruir da totalidade dos bens culturais, de onde vêm do passado, do presente ou do futuro
10	o à lei de todo espaço, onde ele seja um território (espaço) disposto a fluir a totalidade dos bens culturais, onde os que vêm do passado, do presente ou a
11	to de todo o espaço onde quer que seja , sobre o território a incitar e gozar da totalidade dos bens culturais, de onde quer que eles venham do passado, do
12	pelo direito ao espaço como um todo não importa onde seja o lugar e gozar da totalidade dos bens culturais, não importa de onde eles venham do passado, do
13	de todo espaço, onde quer que ele esteja no território, em dispor e usufruir da totalidade dos bens culturais, de onde quer que venham do passado, presente ou
14	mas pelo direito de se ter espaço total sobre o território se dispor e juizar a totalidade dos bens culturais, donde vêm do passado ou presente ou terão bens
15	de culpabilidade, pela bondade ou moralidade, mas pelo direito de se ter espaço total sobre o território se dispor e juizar a totalidade dos bens culturais, den
16	moral, ou as preocupações, mas pelo direito de usufruir (dispor, desfrutar) da totalidade dos bens culturais, de onde quer que eles venham do passado,
17	mas sim um direito a todo o espaço, no qual ele atua no território, usufruta da totalidade dos bens culturais, venham eles de onde vieram seja do passado, do p
18	, pelo direito as espaço do território que se ocupa e pelo direito de fruir da totalidade dos bens culturais, de onde eles vêm do passado, presente ou porvir
19	o direito de em todo espaço, quem sabe sobre o território, de dispor e de ter a totalidade dos bens culturais, de onde quer que eles venham do passado, do
20	de preocupação, mas para o direito de todo espaço Um território deve dispor da totalidade dos bens culturais, de onde eles vêm do passado, do presente ou do

21	oral, mas por direito de todo <u>onde que ele está sob</u> o território a <u>dispor</u> da <u>totalidade</u> dos bens culturais, <u>de onde que eles vieram</u> do passado, do presente
22	al não é por culpa, bondade ou moral. o território e seu espaço <u>dispor</u> da <u>totalidade</u> dos bens culturais <u>do presente, do passado ou do futuro</u> , bens estéticos
23	elo "soin", mas pelo direito de todo o espaço <u>onde se passa</u> <u>dispor</u> e <u>produzir</u> a <u>totalidade</u> de bens culturais, <u>de onde vierem</u> do passado, do presente, ou do futuro
24	Mas para o direito de todo espaço <u>onde esteja</u> sobre o território de <u>usufruir</u> na <u>totalidade</u> os bens culturais <u>sejam</u> do passado, do presente ou do que estará
25	reito de todo espaço <u>onde é distribuído</u> pelo território dispostos e <u>o prazer</u> da <u>totalidade</u> dos bens culturais <u>de onde vem</u> do passado, do presente ou do futuro
26	ados, mas pelo direito de todo espaço <u>ou que seja</u> pelo território a <u>apreciar</u> de <u>totalidade</u> dos bens culturais <u>seja donde vierem</u> do passado, do presente ou do futuro
27	ito do espaço <u>onde quer que esteja</u> sobre o território a <u>explorar</u> e <u>desfrutar</u> da <u>totalidade</u> dos bens culturais, <u>de onde quer que ele venha</u> do passado, do presente, do futuro

imagem 27

(...) *du présent ou de l'avenir, biens esthétiques, biens scientifiques, biens sociaux (...)*

C presente ECA 2005.cnc	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	a no passado, <u>presente</u> ou <u>futuro</u> e que estes valores estéticos, científicos, sociais,
2	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> , bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
3	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> , bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
4	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> , bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
5	i, do passado, <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> , bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
6	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> , bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
7	sem, passado, <u>presente</u> ou <u>futuro</u> , bens estéticos, sociais, críticos, comuns... A
8	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> que sejam bens estéticos, bens científicos,
9	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> , bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
10	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> , bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
11	o passado, do <u>presente</u> ou <u>a dever</u> bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
12	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>devenir (futuro)</u> , bens estéticos, científicos, sociais,
13	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> , bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
14	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> , bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
15	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> , bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
16	i, do passado, <u>presente</u> ou <u>futuro</u> dos bens estéticos, científicos, sociais, críticos,
17	fo passado ou <u>presente</u> ou <u>terão</u> bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
18	i, do passado, <u>presente</u> ou <u>futuro</u> bens estéticos, científicos, sociais, críticos ou
19	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> dos bens estéticos, científicos, sociais,
20	i, do passado, <u>presente</u> ou <u>porvir</u> bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
21	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
22	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> bens estéticos, científicos, sociais, críticos,
23	o passado, do <u>presente</u> ou <u>de vir</u> bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
24	os e atores do <u>presente</u> com eles está o espírito da vigilância, do júbilo, inspiração
25	s culturais, do <u>presente</u> , do passado ou do <u>futuro</u> bens estéticos, bens científicos,
26	o passado, do <u>presente</u> , ou do <u>futuro</u> bens estéticos, científicos, sociais, bens
27	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>que estará por vir</u> bens estéticos, bens científicos,
28	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
29	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> bens estéticos, bens científicos, bens sociais,
30	o passado, do <u>presente</u> ou do <u>futuro</u> bens estéticos, científicos, sociais, críticos,

imagem 28

(...) *biens critiques, biens communs... La création musicale, chorégraphique, photographique, littéraire..., ne doit manquer à nul m² du territoire: (...)*

C Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	passem a exercer função dentro do processo de criação artística da música <u>literatura</u> , etc <u>para</u> para extrair a sensibilidade do interior, alimentar o espírito
2	is, bens críticos, bens comuns... A criação musical, <u>coreográfica</u> <u>fotográfica</u> , <u>litéria</u> ... <u>não deve faltar em nenhum metro quadrado do território</u> Os artistas
3	is, bens críticos, bens comuns... A criação musical, <u>coreográfica</u> <u>fotográfica</u> , <u>litéria</u> ... <u>não deve precisar unicamente do m2 do território</u> Os artistas são a
4	cos, bens sociais, bens comuns... A criação musical, <u>coreográfica</u> <u>fotográfica</u> , <u>litéria</u> ... <u>não deve faltar a nenhum m2 de território</u> Os artistas são os arte
5	is, bens críticos, bens comuns... A criação musical, <u>coreográfica</u> <u>fotográfica</u> , <u>litéria</u> ... <u>não deve faltar em nenhum m2 do território</u> Os artistas são os arte

6	is, bens críticos, bens comuns... A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não deve faltar a nenhum metro 2 de território	Os artistas são o
7	cos, sociais, críticos, comuns... A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não deve faltar sequer m2 de território (espaço)	Os artistas são c
8	is, bens críticos, bens comuns... A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não deve faltar em nenhum metro quadrado do território	Os arti
9	não é mudo por bondade, moral. ____ Criação	musical, coreográfica	literária	não deve fracassar no nenhum m2 de território	Os artistas são :
10	is, bens críticos, bens comuns... A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não deve faltar em nenhum m2 do território	Os artistas são os
11	is, bens críticos, bens comuns... A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não se deve faltar em nenhum m2 do território	Os artistas são os
12	ciais, bens críticos, bens comuns. A criação musical	coreográfica	fotográfica, literária...	não dando falta a nenhum m2 do território (espaço)	Os artistas s
13	ficos, sociais, críticos, comuns... A criação musical,	coreografia	fotografia, literária...	não deve faltar nada	Os artistas são os artesões, os autores e
14	is, bens críticos, bens comuns... A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não deve estar ausente do território	Os artistas são os artesões
15	is, bens críticos, bens comuns... A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não deve faltar em nenhum m2 do território	Os artistas são os
16	iais, bens críticos, bens comuns. A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...		
17	cos, sociais, críticos, comuns... A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não deve faltar em nenhum metro quadrado do território	Os arti
18	is, bens críticos, bens comuns. A criação musical,	coreográfica	fotográfica e literária...	não tem demarcação em um m2 do território	Os artistas são os
19	cos, sociais, críticos ou comuns. A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não devem faltar em 1 m2 sequer do território	Os artistas são os
20	is, bens críticos, bens comuns... A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não pode faltar em nenhum metro quadrado do território	Os arti
21	s, bens críticos, bens comuns... A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não pode faltar em um só m2 do território	os artistas são os a
22	socialis, críticos, bens comuns... A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não deve faltar em um m2 do território	Os artistas, autores e n
23	ciais, bens críticos, bens comuns. A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não marca o direito de nenhum território	Artistas são os artesões
24	iais, bens críticos, bens comuns. A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não está apnsionada a um território	Os artistas são os artesões,
25	iais, bens críticos, bens comuns. A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	sem esquecer um m2 de território	Os artistas são os artesões,
26	is, bens artísticos, bens comuns... A criação musical,	coreógrafa	fotográfica, literária...	indicada ao nulo m2 do território	Os artistas são os artesões, i
27	is, bens críticos, bens comuns... A criação musical,	coreográfico	fotográfica, literária...	não deve faltar em nenhum m2 do território	Os artistas são os
28	os, sociais, críticos, comuns... A criação musical,	coreográfica	fotográfica, literária...	não deve se tomar nulo num território de metros quadrados	Os

imagem 29

(...) *les artistes sont les artisans, les passeurs et les militants de cette présence agissante, comme ailleurs (...)*

Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N Concordance	
1	Os artistas são os artesãos, os passistas , os autores e os militantes desta presença agitadora , como alhures , não mais
2	Os artistas são artesãos, os passantes , os autores e os militantes desta presença agitadora , como outros , nem mais
3	Os artistas são os artesãos condutores , os autores e os militantes dessa presença agitada , como em qualquer lugar ,
4	Os artistas são os artesões, os condutores , os autores e os militantes dessa presença eficaz , como por outro lado , nem
5	Os artistas são os artesãos, os transmissores , os autores e os militantes dessa presença motivadora , como sempre , mas nem
6	de território (espaço): Os artistas são os artesãos, os autores e militantes desta presença agitadora como outros , nem mais nem
7	do território: Os artistas são artesãos, passantes , autores, militantes desta presença atuante , como alhures , nem mais e
8	Os artistas são os artesãos, os passadores , os autores e os militantes dessa presença efetiva , como aliás , nem mais nem
9	Os artistas são os artesãos, os condutores , os autores e os militantes desta presença agitada , como indiferentes , não muito
10	Os artistas são os artesões, parceiro , as criaturas e os militantes desta presença agitada , como parte , nem muito nem
11	não deve faltar nada: Os artistas são os artesãos, os autores e militantes desta presença experimental , como alhures (fora dali) ,
12	Os artistas são os artesãos, os passadores , os autores e os militantes dessa presença efetiva de um outro ponto de vista ,
13	Os artistas são os artesões, os passantes , os autores e os militantes dessa presença que agita , como em todo lugar , nem
14	Os artistas são artesãos, os passadores , os autores e os militantes dessa presença ativa , como também , nem mais nem
15	Os artistas são os artesãos, os passageiros , os autores e os militantes , de presença marcante , mas não muito dentro do
16	do território: Os artistas são os artesãos, os autores e os militantes dessa presença estimulante , dentro do espírito do
17	m2 do território: Os artistas são artesãos, os autores e os militantes dessa presença militante , com espírito do direito, com
18	território: Os artistas são os artesãos, condutores , os autores e militantes dessa presença agitadora como nos outros lugares ,
19	os artistas são os artesãos, os passantes , os autores e os militantes dessa presença agitadora , como forasteiros , nem
20	não deve faltar em um m2 do território: Os artistas, autores e militantes dessa presença deve surgir com no espírito do
21	território: Artistas são os artesãos, ele passam , os autores e os militantes dessa presença agigante como virão , nem mais nem
22	Os artistas, os artesãos, os passantes , os autores e os militantes dessa presença agente , como em outros lugares , nem
23	território: Os artistas são os artesãos, os condutores , os autores e os militantes dessa presença agitada , como aliás , nem mais nem
24	m2 do território: Os artistas são os artesãos, os autores e os militantes deste presença como um outro lugar , nem mais nem
25	Os artistas são os artesãos, os passantes , os atores e os militantes da presença ativa , como em algum lugar , mas não ?
26	Os artistas são os artistas, os figurantes , os atores e os militantes desta presença como alhures , nem mais nem menos,

imagem 30

(...) *pas plus ni moins, dans l'esprit du droit, avec passion, vigilance, jubilation, inspiration, application, méthode...* (...)

Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	presença, como alhures, <u>nem mais nem menos</u> com paixão, <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação. As obras fazem c
2	mas não ? <u>nem menos</u> , dentro do espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação, método as obras fa
3	<u>nem mais nem menos</u> , dentro do espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , inspiração, aplicação, método. As obras circula
4	<u>nem mais nem menos</u> dentro do espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação e método. As obras
5	lugares, <u>nem mais nem menos</u> , no espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>jubilacão</u> , inspiração, aplicação, método... As ol
6	os agentes e atores do presente com eles está o espírito de <u>vigilância</u> , do <u>júbilo</u> , inspiração aplicação etc. Os trabalhos
7	virão, <u>nem mais nem menos</u> , do espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>jubilacão</u> , inspiração, aplicação e método. As ol
8	presença devem surgir com no espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>jubilacão</u> , inspiração, aplicação, método... As ol
9	<u>nem mais nem menos</u> , no espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação, método... As obras
10	não é transformado pela culpa, pela bondade, e moral ou vigilância. Mas pelo direito de todo espaço, pelo direito de
11	outros lugares, <u>mas não menos</u> , no espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação, métodos... As obr
12	dessa presença militante) com espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação, método... As obras
13	marcante, <u>mas não muito dentro</u> do espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>premiacão</u> , inspiração, aplicação e método. Os
14	também, <u>nem mais nem menos</u> , no espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação, método... As obras
15	lugar, <u>nem mais nem menos</u> , no espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>jubilacão</u> , inspiração, aplicação, método... As ol
16	de vista, <u>nem mais nem menos</u> , no espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação, método... As obras
17	<u>Nem mais nem menos</u> , dentro do espírito do direito com paixão <u>vigilância</u> , <u>jubilacão</u> , inspiração, aplicação, método... As ol
18	como parte nem muito nem pouco do espírito da lei com paixão, <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação, método. As obras
19	não muito nem pouco, no espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>jubilacão</u> , inspiração, aplicação, método... /
20	aliás, <u>nem mais nem menos</u> , no espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>jubilacão</u> , inspiração, aplicação, método... As ol
21	em outros lugares <u>não menos</u> , no espírito de direito com <u>paixão</u> , <u>vigilância</u> As obras circulam, entra e sai, faz e desfaz, el
22	<u>nem mais e nem menos</u> , no espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação, método... As obras
23	<u>mais nem menos</u> , dentro do espírito do direito (lei) com paixão, <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação, método... As obras
24	mas <u>nem mais nem menos</u> , no espírito do direito com <u>paixão</u> , <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação, método... As obras
25	lado, <u>nem mais nem menos</u> , no espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação, método... As obras
26	qualquer lugar, <u>nem mais nem menos</u> , no espírito do direito com <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação, método... As obras
27	outros, <u>nem mais nem menos</u> , no espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação, método... As obras
28	alhures, <u>não mais nem menos</u> , no espírito do direito com paixão, <u>vigilância</u> , <u>júbilo</u> , inspiração, aplicação, método... As duas

imagem 31

(...) *Les oeuvres font circuler, entrer et sortir, faire et défaire, éclairer et éteindre, (...)*

sair.cnc	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	aplicação, método... As duas fazem circular, entrar e sair, fazer de desfazer, ascender e <u>apagar</u> elas colocam
2	aplicação, método... As obras devem circular, entrar e sair, fazer e desfazer, clarear e <u>entender</u> elas põem em
3	aplicação, método... As obras fazem circular, entrar e sair, fazer e desfazer, <u>esclarece</u> e <u>ampliar</u> elas colocam
4	aplicação, método... As obras fazem circular, entrar e sair, fazer e desfazer, acender e <u>apagar</u> elas colocam em
5	aplicação, método... As obras fazem circular, entrar e sair, fazer e desfazer, <u>esclarece</u> e <u>entender</u> elas colocam
6	aplicação, método... As obras irão circular, entrar e sair, fazer e desfazer, <u>esclarece</u> e <u>fazer entender</u> , colocar
7	aplicação, método... As obras fazem circular, entrar e sair, fazer e desfazer, iluminar e <u>apagar</u> elas põem em
8	aplicação, método... As obras fazem circular, entrar e sair, fazer e desfazer, <u>esclarece</u> e <u>estender</u> elas colocam
9	aplicação, método. As obras vão circular, entrar e sair, fazer e desfazer, clareando e <u>esclarecendo</u> elas
10	aplicação, método... As obras fazem circular, entrar e sair, fazer e desfazer, clarear e <u>apagar</u> elas incitam e
11	aplicação, método... As obras devem circular, entrar e sair, fazer de desfazer, iluminar e <u>apagar</u> ela colocam em
12	aplicação, método... As obras fazem circular, entrar e sair, fazer e desfazer, ascender e <u>apagar</u> elas colocam em
13	aplicação, método... As obras fazem circular, entrar e sair, fazer e desfazer, iluminar e <u>apagar</u> elas colocam em
14	aplicação e método. Os trabalhos vão circular, entrar e sair, fazer e desfazer, <u>esclarece</u> e <u>entender</u> elas colocam
15	o sensorial do sensível, o íntimo de esforçando para sair <u>o</u> As obras transportam, exortam a encontrarem
16	paixão, atenção, júbilo... As obras fazem circular, entrar e sair, fazer e desfazer, mover, extrair o sensorial do
17	método... As obras permitem a circulação, entrar e sair, fazer e desfazer, <u>esclarece</u> e <u>entender</u> elas colocam
18	métodos... As obras precisam circular, entrar e sair, fazer e desfazer, <u>esclarece</u> e <u>entender</u> elas
19	aplicação, método... As obras vão circular, entrar e sair, fazer e desfazer, clarear e <u>esclarecer</u> , elas colocam

20	método... As obras de arte fazem circular, entrar e sair, fazer e desfazer, clarear e <u>entender</u> elas exigem do
21	aplicação e método. As obras fazem circular, entrar e sair, faz e __, clarear e <u>entender</u> eles põem em
22	aplicação etc. Os trabalhos vão circular, entrar e sair, fazer e desfazer, eles colocam em movimento, extrai o
23	aplicação, método... As obras fazem circular, entrar e sair, fazer e desfazer, clarear e <u>entender</u> elas põem em
24	aplicação e método. As obras vão circular, entrar e sair, fazem e desfazem <u>esclarecem e entendem</u> elas
25	aplicação, método. As obras circularam, entrar e sair, fazer e desfazer, clarear e obscurecer, elas colocam
26	aplicação, método as obras fazem circular, entrar e sair, fazer e desfazer, <u>esclarecem e compreendem</u> colocam
27	inspiração, aplicação... As obras fazem circular, entrar e sair, fazer e desfazer, elas colocam em movimento, exigem

imagem 32

(...) elles mettent en mouvement, exigent du sensoriel de s'extraire du sensible, de l'intime, de forcer la porte de l'extime, du rationnel de se nourrir de l'immatériel,(...)

Concordance	
N	Concordance
1	elas colocam em movimento, exigem do sensorial do extrato do sensível, do <u>intimo de forçar a porta do público</u> do racional de se nutrir do imaterial, c
2	nder, elas põem em movimento, exigem do sensorial de se extrair do sensível, do <u>intimo de se forçar a porta do periferico</u> do racional de se render ao imater
3	elas colocam em movimento, exigem do sensorio que se extraia o sensível, do <u>intimo que vá para o exterior (que se expresse)</u> do racional que se nutra de
4	r, elas colocam em movimento, exigem do sensorial de se extrair do sensível, do <u>intimo de forçar a porta do exterior</u> do racional de se nutrir do imaterial, co
5	colocam em movimento, exigem que seja extraído o sensorial do sensível, que o <u>intimo force a porta do distanciado</u> que o racional se nutra do material, co
6	cer e fazer entender, colocar em movimento, exigir o sensorial do sensível, do <u>intimo forçar a saída ao exterior</u> do racional se alimentar (nutrir) do imateri
7	gem do sensorial de se extrair do sensível, do intimo de forçar a porta de "não intimo", do racional de se nutrir do imaterial como se nutrissem com rigor
8	r, elas colocam em movimento, exigem do sensorial de se extrair do sensível, do <u>intimo de forçar a porta do não intimo</u> do racional de se nutrir do imateri
9	pagar, elas incitam e movem, exigem do sensorial, de se extrair do sensível, do <u>intimo, de forçar a porta da extroversão</u> do racional de se nutrir do imateri
10	igem do sensorial de se extrair do sensível, do intimo de forçar a porta do não intimo (público); do racional de se alimentar do imaterial, como se aliment
11	ar, ela colocam em movimento, exigem do sensorial de se extrair do sensível, do <u>intimo de forçar a porta do não-intimo (público)</u> do racional de se alimenta
12	agar, elas colocam em movimento, exigem do sensorial s'extrair do sensível, do <u>intimo forçar a porta do comum</u> , do racional, se alimentar do abstrato com
13	colocam em movimento, exigem do sensorial que ele saia do sensível, fazem o <u>intimo forçar a porta do externo ("extime")</u> fazem o racional se alimentar d
14	elas colocam em movimento, exigente do sensorial de extrair da sensibilidade do <u>intimo da força a porta externa</u> do racional de se mover o imaterial como si
15	lar, entrar e sair, fazer e desfazer, mover, extrair o sensorial do sensível, o <u>intimo de esforçando para sair</u> __. As obras transportam, exortam a enco
16	movimentam, exigem que se extraia da experiência sensorial a sensibilidade do <u>intimo a relação com o exterior</u> do racional se nutrir do imaterial, como se
17	colocam em movimento, exigem que do sensorial se extraia o sensível, que o <u>intimo saia o exterior</u> do racional se nutre o imaterial, como se alimento
18	zer, clarear e entender, elas exigem do sensorial para se extrair o sensível, o <u>intimo para forçar a porta do exterior</u> do racional de se nutrir do imaterial c
19	fazer e desfazer, eles colocam em movimento, extrai o sensorial do sensível, do <u>intimo a força da extima</u> o irracional do imaterial, a figura e o abstrato. Os
20	r, elas põem em movimento, Exigem do sensorial que se extraia, do sensível, do <u>intimo, que se force a aparição do extimo</u> do racional que se alimente de
21	elas mantém o movimento, exigem do sensorial de extrair sua sensibilidade do <u>intimo, de forçar a porta do racional</u> de se nutrir do imaterial, como se nut
22	elas colocam em movimento, exigente do sensorial de se extrair do sensível, do <u>intimo de forçar a porta do público</u> do racional de se alimentar do imaterial

Concordance	
N	Concordance
1	agar, elas põem em movimento, exigem que o sensorial se extraia do sensível, da <u>intimidade forçar a porta da "extimidade" (exterioridade)</u> que a racionalidad
2	em movimento, exigem que o sensorial se extraia do sensível, que a <u>intimidade se extorquize</u> , que o racional se nutra do emocional, assim com
3	elas põem em movimento exigem a extração sensorial, da sensibilidade, da <u>intimidade e força verter a estima</u> a razão de se viver sem relaxa da figuraç
4	do público, do racional de se alimentar do imaterial, como se alimentasse desta <u>intimidade</u> sem a interrupção do figurativo e do abstrato As obras enviam, n

Concordance	
N	Concordance
1	as colocam em movimento, exigindo do sensorial de se extrair a sensibilidade do <u>intimo de forçar a porta da estiva</u> do racional de morrer no imaterial, como mor
2	ompreender, colocam um movimento, exigem do sensorial e extraem do sensível, do <u>intimo de forçar a porta da estima</u> do racional e se nutrir do imaterial, como s

imagem 33

(...) comme se nourrissent sans relâche le figuratif et l'abstrait. (...)

Concordance	
N	Concordance
1	do imaterial, como se nutrissem <u>sem descanso</u> o figurativo e o abstrato. As obras deportam,
2	como se surgissem <u>sem relachamento</u> o figurativo e o abstrato. As obras deportam,
3	do imaterial, como se nutrisse <u>sem cessar</u> o figurativo do abstrato. As obras redirecionam,
4	do imaterial, como se nutrissem <u>sem liberar</u> do figurativo e do abstrato. As obras deportam,
5	nutra do material, como se nutre <u>sem relaxar</u> o figurativo do abstrato. As obras transportam,

6 do imaterial, como se nutrem sem colapso o figurativo e o abstrato. As obras exortam,
7 como se nutrem incessante e mutuamente o figurativo e o abstrato. As obras (de arte, de
8 nutrir do imaterial como se nutrissem sem rigor o figurativo e o abstrato. As obras deportam,
9 morrer no imaterial, como morresse sem deixar o figurativo e o abstrato. As obras direcionam,
10 imaterial, como se alimentassem sem relaxar o figurativo do abstrato. As obras desviam,
11 imaterial, como se alimentam sem interrupção o figurativo e o abstrato. As obras ___ exortam as
12 abstrato como se alimentam incessantemente o figurativo e o abstrato. As obras deportam,
13 do imaterial, como se alimentam sem cessar o figurativo e o abstrato. As obras deportam,
14 mover o imaterial como se nasce são relatos de figuras abstratas os trabalhos, local externam a
15 o racional se nutra do emocional, assim como o figurativo do abstrato. As obras transportam,
16 do imaterial, como se nutrir sem relaxamento do figurativo e do abstrato. As obras deportam,
17 o imaterial, como se alimento sem liberdade o figurativo e o abstrato. As obras deportam,
18 racional de se nutrir do imaterial como se nutre o figurativo e o abstrato. As obras deslocam e
19 verter a estima, a razão de se viver sem relaxa da figuração e a abstração. As obras exortam as
20 a força da extima, o irracional do imaterial, a figura e o abstrato. Os trabalhos desenvolvem,
21 do imaterial, como se comesse sem dó o figurativo e o abstrato. As obras reforçam,
22 nutrir do imaterial, como se nutrissem sem ___ o figurativo e o abstrato. As obras reportam, recu:
23 desta intimidade sem a interrupção do figurativo e do abstrato. As obras enviam, mudar
24 e se nutrir do imaterial, como se nutrissem do figurativo e do abstrato. As obras se deslocam

imagem 34

(...) *Les oeuvres déportent, déplacent, exhortent les identités à accepter de mourir, pour que se dévoilent d'autres raisons d'être, (...)*

Concord

File Edit View Compute Settings Window Help

N Concordance

1 abstrato. As obras deportam, deslocam, encorajam as identidades a aceitar a morrer, para se revelarem outras razões de ser, que nascem
2 do abstrato. As obras deportam, mudam, exortam as identidades em aceitar morrer, para que se descubram outras razões de ser, que nascem
3 As obras transportam, deslocam, exortam as identidades a aceitar a morrer para que surjam outras razões de ser, que nascem da
4 exige a extração de sensibilidade. ___ As obras desviam a aceitação de morrer porque revelam outras razões de estar, que nascem de
5 e o abstrato. As obras deportam, deslocam, exortam as identidades a aceitar morrer, para que se descubram outras razões de ser, que nascem
6 As obras deportam, saem fora de lugar, exortam as identidades para aceitar morrer porque se devem às outras razões de existir que nascem
7 As obras direcionam, mudam de lugar, exortam as identidades e aceitam de morrer, para que se desenvolva uma outra razão de ser que nasce
8 e extrair a sensibilidade do íntimo de forçar a porta da estiva do racional de morrer no imaterial, como morresse sem deixar o figurativo e
9 o abstrato. As obras deportam, deslocam, encorajam as identidades à aceitar morrer, para que se desvende outras razões de ser, que poss
10 e o abstrato. As obras deportam, deslocam, exortam as identidades à aceitar morrer, para que se abram outras razões de ser, para que nascem
11 e do abstrato. As obras deportam, mudam, exortam as identidades a aceitar morrer, para que se descubram as outras razões do ser (morte)
12 figuração e a abstração. As obras exortam as identidades a (aceitar) esperar morrer, porque se desenvolve outras razões de ser, que nascem
13 abstrato. As obras reforçam, recolocam, exortando as identidades a aceitar o morrer, para que se desenvolvam outras razões de ser, de existir
14 e do abstrato. As obras enviam, mudam, encorajam as identidades a aceitar a morrer, por que se devem a outras razões de ser, que nascem
15 e do abstrato. As obras se deslocam exortam suas identidades à aceitar de morrer para se desenvolverem outras razões de ser, que nascem

Concord

File Edit View Compute Settings Window Help

N Concordance

1 o abstrato. As obras deportam, mostram, exteriorizam as identidades a aceitar a morte, para que se desenvolvam de outras razões do ser, que nascem
2 o abstrato. As obras redirecionam, deslocam, exortam as identidades a aceitar a morte, para que se descubram outras razões de ser, que nascem a
3 ivo e o abstrato. As obras exortam, deslocam, exilar as identidades a aceitar a morte, pois que se descortinam outras razões de existir (viver), que
4 (de arte, de ciência) deportam, deslocam, exortam as identidades a aceitação da morte, para permitir a revelação de outras razões de ser, que nascem
5 o abstrato. As obras desviam, deslocam, exortam a identidade com a aceitação da morte para que se decidem a outra razão de ser, razões que nascem
6 pção o figurativo e o abstrato. As obras exortam as identidades a aceitar a morte, porque se desenvolvem outras razões de ser que nascem da
7 do abstrato. As obras transportam, deslocam, exorta as identidades a aceitar a morte. As obras combatem as discriminações. Sua liberdade não
8 e o abstrato. As obras deportam, depõem, exortam as identidades à aceitação da morte, para que se descubra outras razões de ser, que nascem da m

9	rativo e o abstrato. As obras <u>deslocam</u> e <u>encorajam</u> as identidades a aceitarem a <u>morte</u> , para descobrirem a <u>razão de ser</u> , que nasce das metamorfi
10	e o abstrato. As obras <u>reportam</u> , <u>recusam</u> e <u>exortam</u> as identidades a aceitar a <u>morte</u> para que se tenham <u>outras razões de ser</u> que nascem das i
11	stima, do racional... ___ As obras <u>deportam</u> <u>exortam</u> as identidades a aceitar a <u>morte</u> , para que se desenvolvam a <u>razão de ser dos outros</u> que na

imagem 35

(...) *que naissent des métamorphoses. Les œuvres combattent les discriminations : leur liberté n'a d'autre finalité que l'égalité des hommes.*

Concordance	
N	Concordance
1	indivíduo possa se transformar e renascer. ___ Atividades como estas combatem a discriminação e colocam os homens como iguais. [corretor: incompleta]
2	outras razões de ser, que nascem das metamorfoses. As obras combatem as discriminações: sua liberdade não tem outra finalidade que a não seja a igualdade de
3	de outras razões do ser, que nascem das metamorfoses. As obras combatem as discriminações: A sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade dos
4	outras razões de ser, que nasçam das metamorfoses. As obras combatem as discriminações: Sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade dos
5	outras razões de ser, que nasçam das metamorfoses. As obras combatem as discriminações: Sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade dos ho
6	surjam outras razões de ser, que nasçam das metamorfoses. As obras combatem as discriminações: sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade entre o
7	ras razões de existir (viver), que nascem das metamorfoses. As obras combatem as discriminações: Sua liberdade não há outra finalidade que a igualdade dos ho
8	de outras razões de ser, que nascem das metamorfoses. As obras combatem a discriminação: A sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade ent
9	e revelam outras razões de estar, que nasço de metamorphoses. As obras combata a discriminação: Liberta e finaliza legalidade dos homens.
10	scobrir outras razões de ser, que nascem das metamorfoses. As obras combatem as discriminações: sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade dos
11	às outras razões de existir que nascem das metamorfoses. As obras combatem a discriminação: Sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade dos l
12	uma outra razão de ser que nasce da metamorfose. As obras combatem as discriminações: Sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade dos hi
13	a outra razão de ser, que nascem das metamorfoses. As obras combatem as discriminações: sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade dos ho
14	outras razões de ser que nascem das metamorfoses. As obras combatem as discriminações: sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade dos
15	razões de ser, que possam nascer das metamorfoses. As obras combatem as discriminações: Sua liberdade tem como única finalidade a igualdade dos hor
16	outras razões de ser, para que nasçam metamorfoses. As obras combatem as discriminações: Sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade dos
17	ir aos atores a razão de ser que nasce da metamorfose. Os trabalhos combate das discriminação: Sua liberdade, sua finalidade e sua igualdade dos homens.
18	outras razões de ser, que nascem das metamorfoses. As obras de arte combatem as discriminações: sua liberdade (a deles - dos homens) não tem outra finalida
19	tam, deslocam, exorta as identidades a aceitar a morte ___ As obras combatem as discriminações: Sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade dos
20	para que outra renasça), que nascem das metamorfoses. As obras combatem a discriminação: sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade entre o
21	e descubra outras razões de ser, que nasce da metamorfose. As obras combatem as discriminações: Sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade entre
22	ara descobrirem a razão de ser, que nasce das metamorfoses. As obras combatem a discriminação: sua liberdade não tem outra finalidade que não seja a igualdade
23	mais tem outra razão que a métamorphoses. Os trabalhos combatem as discriminações: A liberdade não tem outra finalidade que a igualdade entre os
24	as razões de ser, de existir, que nasçam das metamorfoses. As obras combatem as discriminações: Sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade dos
25	devem a outras razões de ser, que nascem da metamorfose. As obras combatem as discriminações: Sua liberdade não tem outra finalidade de um autor que a igu
26	outras razões de ser, que nasçam das metamorfoses. As obras combatem as discriminações: Sua liberdade não tem outra finalidade que a igualdade dos
27	a razão de ser dos outros que nascem das metamorfoses. As obras combatem as discriminações: sua finalidade não é outra que a igualdade dos homens.

imagem 36

Opções de tradução

Concordance		Set	Tag	Word #	t.	# os	#	os	#	c
N	Concordance									
1	que se extraia o sensível, do íntimo que vá para o exterior (que se expresse) do racional que se nutra do imaterial, como se	147	2	5%	0	2%				
2	não é movida pela culpabilidade, a bondade, a moral ou o (soin), mas pelo direito de todo espaço onde quer que ela esteja	32	0	1%	0	5%				
3	aceitar a morte, pois que se descortinam outras razões de existir (viver), que nascem das metamorfoses. As obras combatem as	172	3	4%	0	9%				
4	do íntimo forçar a saída ao exterior, do racional se alimentar (nutrir) do imaterial, como se nutrem sem colapso o figurativo e o	140	2	4%	0	3%				
5	como outros, nem mais nem menos, dentro do espírito do direito (lei) com paixão, vigilância, júbilo, inspiração, aplicação,	99	1	5%	0	1%				
6	fotográfica, literária, não deve faltar sequer m2 de território (espaço). Os artistas são os artesãos, os autores e militantes	75	1	3%	0	9%				
7	artística como intelectual ou profissional, não é silenciada (emudecida) pela culpabilidade, a moral ou o pecado. Mas pelo	21	0	4%	0	1%				
8	incessante e mutuamente o figurativo e o abstrato. As obras (de arte de ciência) deportam, deslocam, exortam as identidades	173	3	4%	0	0%				
9	extraia do sensível, da intimidade forçar a porta da extimidade (exterioridade) que a racionalidade se nutra da imaterialidade,	152	2	5%	0	0%				
10	artística, como a intelectual ou profissional, não é mudada (alterada) pela culpa, pela bondade, pela moral ou pela	23	0	2%	0	1%				
11	fotográfica, literária, não dando falta a nenhum m2 do território (espaço). Os artistas são os artesões, o parceiro, as criaturas e	88	1	3%	0	2%				
12	preocupação à lei de todo espaço, onde ele seja um território (espaço) disposto a fluir a totalidade dos bens culturais onde os	44	0	0%	0	1%				
13	autores e militantes desta presença experimental, como alhures (fora dali). Nem mais nem menos, dentro do espírito do direito,	93	2	6%	0	6%				
14	de onde quer que venha, do passado, do presente ou do devenir (futuro) bens estéticos, científicos, sociais, críticos, comuns... A	62	1	5%	0	1%				
15	se extrair do sensível, do íntimo de forçar a porta do não-íntimo (público) do racional de se alimentar do imaterial, como se	172	2	7%	0	6%				
16	que ele saia do sensível, fazem o íntimo forçar a porta do externo ("extime") fazem o racional se alimentar do imaterial, como se	154	2	9%	0	4%				
17	As obras de arte combatem as discriminações: sua liberdade (a deles - dos homens) não tem outra finalidade que seja a	141	4	2%	0	0%				
18	a moral, ou as preocupações, mas pelo direito de usufruir (dispor, desfrutar) da totalidade dos bens culturais, de onde quer	33	0	8%	0	1%				
19	aceitar morrer, para que se descubram as outras razões do ser (morre uma identidade para que outra renasça), que nascem das	185	3	7%	0	7%				
20	da figuração e a abstração. As obras exortam as identidades a (aceitar) esperar morrer, porque se desenvolve outros razões de	162	4	8%	0	2%				
21	Uma prisão, é a mesma que uma usina, (fábrica) a escola, ou espaço público. A presença artística como	8	0	2%	0	5%				

imagem 37

Omissões explícitas

Concordance					
N	Concordance	Set	Tag	Word #	File
1	de criação artística da música, literatura, etc.			68	ca 2005 a30.txt
2	um espaço em que prevaleça os valores culturais,			38	ca 2005 a30.txt
3	no movimento, exige a extração de sensibilidade,			76	ca 2005 a22.txt
4	onde profissional não é mudo por bondade, moral,			24	ca 2005 a22.txt
5	jubilação, inspiração, aplicação, método...			120	ca 2005 a20.txt
6	sem interrupção o figurativo e o abstrato. As obras			193	ca 2005 a17.txt
7	A criação musical, coreográfica, fotográfica, literária			56	ca 2005 a15.txt
8	do sensível, o íntimo de esforçando para sair			117	ca 2005 a12.txt
9	deslocam, exorta as identidades a aceitar a morte			166	ca 2005 a11.txt
10	método. As obras fazem circular, entrar e sair, faz e			123	ca 2005 a07.txt
11	de se nutrir do imaterial, como se nutrissem sem			156	ca 2005 a04.txt
12	um m2 de território: Os artistas são os artesãos, os			87	ca 2005 a04.txt
13	intima a forçar a porta da estima, do racional...			134	ca 2005 a01.txt

imagem 38

Apreciação do corretor

A 30 – tradução incompleta

A prisão bem como a indústria, a escola ou dentro de um espaço público, a presença artística não serve para refletir sobre a culpa, a bondade ou a moral, mas um espaço em que prevaleça os valores culturais, seja no passado, presente ou futuro e que estes valores estéticos, científicos, sociais, comuns, etc, passem a exercer função dentro do processo de criação artística da música, literatura, etc para extrair a sensibilidade do interior, alimentar o espírito do elemento mais abstrato fazendo com que o indivíduo possa se transformar e renascer. Atividades como estas combatem a discriminação e colocam os homens como iguais. [corretor: incompleta]

A17

Na prisão, da mesma maneira que na fábrica, na escola ou nos espaços públicos tanto a presença artística quanto a intelectual ou profissional não é regida pela culpa, pela bondade, pela moral ou pelo bem-estar, mas pelo direito de todo espaço onde quer que seja, mas pelo direito de todo o espaço onde quer que seja, sobre o território a incitar e gozar da totalidade dos bens culturais, de onde quer que eles venham, do passado, do presente ou do futuro, bens estéticos, bens científicos, bens sociais, bens críticos, bens comuns... A criação musical, coreográfica, fotográfica, literária, não deve estar ausente do território: Os artistas são os artesãos, os "passadores", os autores e os militantes dessa presença efetiva de um outro ponto de vista, nem mais nem menos, no espírito do direito, com paixão, vigilância, júbilo, inspiração, aplicação, método... As obras devem circular, entrar e sair, fazer de desfazer, iluminar e aplacar, ela colocam em movimento, exigem do sensorial de se extrair do sensível, do íntimo de forçar a porta do não-intimo (público), do racional de se alimentar do imaterial, como se alimentam sem interrupção o figurativo e o abstrato. As obras exortam as identidades a aceitar a morte, porque se desenvolvem outras razões de ser que nascem das metamorfoses. As obras combatem as discriminações: sua liberdade não tem outra finalidade, senão a igualdade dos homens".

imagens 39

3.5.4. Subcorpus IV

A prova de proficiência da ECA em 2006 o texto utilizado para toda a prova conta com 1614 palavras e o trecho selecionado para a tradução, acima transcrito, possui 172 palavras. Os candidatos ao mestrado deviam apenas responder às 10 questões de múltipla escolha, o exercício de tradução fez parte somente das provas dos 06 candidatos ao doutorado, valendo 04 pontos. O tempo para realização da prova foi de 02 horas e permitiu-se o uso apenas de dicionários monolíngües.

Trecho selecionado para a tradução:

*Autre bonne nouvelle, vous n'aurez pas à mettre à la casse vos anciens téléviseurs, dits analogiques. **Pourtant**, il faudra s'équiper d'un décodeur ou d'un adaptateur **numérique** (100 €) à brancher sur la **prise péritel** de votre télé. Vous pourrez également acquérir des téléviseurs avec adaptateurs intégrés pour à peu près 100 € de plus qu'un téléviseur analogique. **Cependant**, selon Hubert Bouan Du Chef Dubos, directeur marketing produit chez Philips, **il faudra** attendre septembre **pour que** l'offre s'élargisse. Au second semestre, les industriels devraient proposer des TV numériques **ainsi que** toute une gamme de DVD enregistreurs. Mais, dès la fin du mois de mars, Sagem commercialisera des décodeurs permettant de regarder une chaîne pendant que vous **en** enregistrez une autre (en qualité numérique). En revanche, attention: ces adaptateurs, comme ces télé numériques, ne permettront pas de capter les chaînes payantes de la TNT censément lancées en septembre. **Il faudra donc** à ce moment-là un autre décodeur qui **ne** vous sera fourni **que** par les diffuseurs et qui permettra également de visionner les chaînes gratuites.*

WordList

N	Word	Freq	%
1	DE	44	4.42
2	QUE	38	3.82
3	UM	31	3.11
4	A	25	2.51
5	OS	20	2.01
6	COM	19	1.91
7	SERÁ	17	1.71
8	TELEVISORES	15	1.51
9	PARA	14	1.41
10	VOCÉ	14	1.41
11	NÃO	13	1.31
12	NO	13	1.31
13	SE	13	1.31
14	#	12	1.20
15	ADAPTADORES	12	1.20
16	CANAIS	12	1.20
17	DECODIFICADOR	12	1.20
18	OUTRO	12	1.20
19	SETEMBRO	12	1.20
20	COMO	11	1.10
21	EM	11	1.10
22	DA	10	1.00
23	SEGUNDO	10	1.00
24	E	8	0.80
25	EUROS	8	0.80
26	MAIS	8	0.80
27	TELEVISOR	8	0.80
28	ASSISTIR	7	0.70
29	IGUALMENTE	7	0.70
30	POR	7	0.70
31	ADAPTADOR	6	0.60
32	ASSIM	6	0.60
33	BOA	6	0.60

N	Word	Freq	%
34	CANAL	6	0.60
35	COMERCIALIZARÁ	6	0.60
36	DECODIFICADORES	6	0.60
37	DIGITAL	6	0.60
38	DIRETOR	6	0.60
39	DO	6	0.60
40	FORNECIDO	6	0.60
41	HUBERT	6	0.60
42	MARÇO	6	0.60
43	O	6	0.60
44	OFERTA	6	0.60
45	OU	6	0.60
46	OUTRA	6	0.60
47	PERMITEM	6	0.60
48	PRECISO	6	0.60
49	SAGEM	6	0.60
50	SEMESTRE	6	0.60
51	TNT	6	0.60
52	TOMADA	6	0.60
53	UMA	6	0.60
54	À	5	0.50
55	ADQUIRIR	5	0.50
56	ANALÓGICO	5	0.50
57	ANALÓGICOS	5	0.50
58	ANTIGOS	5	0.50
59	CAPTAR	5	0.50
60	CHEF	5	0.50
61	DIGITAIS	5	0.50
62	DU	5	0.50
63	DUBOS	5	0.50
64	DVD	5	0.50
65	ENQUANTO	5	0.50
66	EQUIPAR	5	0.50

N	Word	Freq	%
203	PELOS	1	0.10
204	PENDENTE	1	0.10
205	PERMITA	1	0.10
206	PERMITE	1	0.10
207	PHILIPS	1	0.10
208	PODERÃO	1	0.10
209	PODEREIS	1	0.10
210	PORÉM	1	0.10
211	PORQUE	1	0.10
212	PRECISARÁ	1	0.10
213	PREÇO	1	0.10
214	PREVISTO	1	0.10
215	PRODUTOS	1	0.10
216	PROGRAMAÇÃO	1	0.10
217	QUAL	1	0.10
218	REGISTRA	1	0.10
219	REGISTROS	1	0.10
220	SELECIONA	1	0.10
221	SÉRIE	1	0.10
222	SÓ	1	0.10
223	SOMENTE	1	0.10
224	SUAS	1	0.10
225	SUPERIOR	1	0.10
226	TANTO	1	0.10
227	TEMPO	1	0.10
228	TER	1	0.10
229	TERÃO	1	0.10
230	TEREIS	1	0.10
231	TRANSMISSORES	1	0.10
232	VARIEDADE	1	0.10
233	VOSSA	1	0.10
234	VOSSOS	1	0.10

imagem 40

Autre bonne nouvelle, vous n'aurez pas à mettre à la casse vos anciens téléviseurs, dits analogiques.(...)

C Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	Outra <u>boa notícia</u> , você não terá que <u>mandar para o ferro-velho</u> seus televisores <u>antigos</u> , <u>chamados</u> de analógicos. No entant
2	Outra <u>boa novidade</u> , você não terá que <u>se desfazer</u> de seus <u>antigos</u> televisores, <u>ditos</u> analógicos. Para ta
3	Outra <u>boa notícia</u> , você não terá que <u>se desfazer</u> de suas televisões <u>antigas</u> , <u>ditas</u> analógicas. Contudo, será nec
4	Outra <u>boa nova</u> , vocês não terão de <u>mandar</u> seus televisores <u>antigos</u> , <u>ditos</u> analógicos, <u>para o ferro velho</u>
5	A outra <u>boa notícia</u> , você não terá que <u>mandar</u> seus <u>antigos</u> televisores, <u>os</u> analógicos, <u>para o fer</u>
6	Outra <u>boa novidade</u> , vós não tereis que <u>colocar no ferro-velho</u> vossos <u>antigos</u> televisores, <u>ditos</u> analógicos. Portant

imagem 41

*(...) vos anciens téléviseurs, dits analogiques. **Pourtant**, il faudra s'équiper d'un décodeur ou d'un adaptateur **numérique** (100 €) (...)*

C Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	antigos, ditos analógicos, para o ferro velho. <u>Contudo</u> , será preciso se <u>equipar</u> de um decodificador ou de um adaptador <u>numérico</u> (E 100) para
2	televisores, os analógicos, para o ferro velho. <u>Para isso</u> , terá que se <u>equipar</u> com o decodificador ou com um adaptador <u>digital</u> (100 euros) para
3	vossos antigos televisores, ditos analógicos. <u>Portanto</u> , ele (fauda) se <u>equipar</u> com um decodificador ou adaptador <u>numérico</u> (100 euros)
4	antigos, chamados de analógicos. <u>No entanto</u> , será necessário <u>equipá-los</u> com um decodificador ou com um adaptador <u>digital</u> (100 euros)
5	de seus antigos televisores, ditos analógicos. <u>Para tanto</u> , necessitará se <u>equipar</u> de um decodificador ou de um adaptador <u>numérico</u> (100 R\$) a
6	de suas televisões antigas, ditas analógicas. <u>Contudo</u> , será necessário <u>equipar-se</u> com um decodificador ou com um adaptador <u>digital</u> (100 euros),

imagem 42

*(...) à brancher sur **la prise péritel** de votre télé. Vous pourrez également acquérir des téléviseurs avec adaptateurs intégrés (...)*

C Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	digital (100 euros) <u>para conectar</u> à tomada de seu televisor. <u>Você</u> poderá <u>igualmente</u> <u>adquirir</u> televisores com adaptadores integrados por aproximadan
2	(100 R\$) <u>a conectar</u> na tomada de sua TV (televisão). <u>Você</u> poderá <u>se igualmente</u> <u>adquirir</u> televisores com adaptadores integrados por aproximadan
3	numérico (E 100) <u>para conectar</u> à tomada do seu televisor. <u>Vocês</u> também poderão <u>adquirir</u> televisores com adaptadores integrados por aproximadan
4	(100 euros), <u>que deverá ser conectado</u> à tomada de sua TV. <u>Você</u> também poderá <u>adquirir</u> aparelhos de televisão com adaptadores integrados por a
5	(100 euros) <u>conectado</u> à tomada de vossa televisão. <u>Vós</u> podereis <u>igualmente</u> <u>adquirir</u> <u>os</u> televisores com adaptadores <u>por pouco</u> mais que 100

imagem 43

*(...) pour 100 € de plus qu'un téléviseur analogique. **Cependant**, selon Hubert Bouan Du Chef Dubos, directeur marketing produit chez Philips (...)*

C Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	<u>co</u> mais de 100 euros <u>superior</u> ao de um televisor analógico. <u>Entretanto</u> , segundo Hubert Bouan Du Chef Dubos, <u>diretor de marketing de produto da Philips</u> ,
2	<u>r aproximadamente</u> 100 R\$ <u>a</u> mais que um televisor analógico. <u>No entanto</u> , segundo Hubert Bouan Du Chef Dubos, <u>diretor comercial de produto</u> , precisará es
3	<u>ximadamente</u> 100 euros <u>a</u> mais que um televisor analógico. <u>Enquanto isso</u> , segundo Hubert Bouan Du Chef Dubos, <u>diretor de marketing de produto da Philips</u>
4	<u>or aproximadamente</u> E 100 <u>a</u> mais que um televisor analógico. <u>No entanto</u> , segundo Hubert Bouan Du Chef Dubos, <u>diretor de marketing de produto da Philips</u>
5	<u>roximadamente</u> 100 euros <u>a</u> mais que um televisor analógico. <u>Então</u> , de acordo com Hubert Bouan, <u>diretor de marketing de produto da Philips</u> , será preciso es
6	adores por <u>pouco</u> mais que 100 euros <u>o</u> televisor analógico. <u>Portanto</u> , <u>conforme</u> Hubert Du Chef Dubos, <u>diretor de marketing dos produtos Philips</u> , ele (fa

imagem 44

...) *il faudra attendre septembre pour que l'offre s'élargisse. Au second semestre, les industriels (...)*

N	Concordance
1	de produto da Philips, será preciso esperar até setembro para que a oferta aumente. No segundo semestre, os fabricantes deverão lan
2	de produto, precisar á esperar setembro para que aumente a oferta. No segundo semestre, os industriais deverão propor TVs
3	de produto da Philips, será preciso esperar até setembro para que a oferta aumente. No segundo semestre, os grupos industriais dever
4	de produto da Philips, será preciso esperar até setembro para que a oferta aumente. No segundo semestre, as industrias oferecerão
5	de produto da Philips, será preciso esperar setembro para que a oferta se amplie. No segundo semestre, os industriais com toda u
6	dos produtos Philips, ele (fudra) atender em setembro porque a oferta se alargou. No segundo semestre os industriais deverão pro

imagem 45

(...) *devraient proposer des TV numériques ainsi que toute une gamme de DVD enregistreurs. Mais, dès la fin du mois de mars, Sagem (...)*

N	Concordance
1	deverão lançar TVs digitais nem como uma variedade de gravadores de DVD. Mas , no fim de março, a Sagem comercializará decodificadores
2	deverão propor TVs (televisores) numéricas assim como uma série de DVD registrados . Mas , a partir do fim do mês de março, Sagem
3	deverão apresetar TVs digitais assim como toda uma gama de DVDs gravadores . Porém , já no final do mês de março, a Sagem
4	oferecerão televisores numéricos assim como toda uma gama de DVD registrados . Mas , até o final de março, Sagem comercializará os
5	semestre, os industriais com toda uma gama de gravadores de DVD. Depois , ao fim do mês de março, Sagem comercializará os
6	os industriais deverão propor como a televisão numérica uma gama de DVD serão registrados . Mais , ao fim do mês de março, Sagem

imagem 46

(...) *Sagem commercialisera des décodeurs (...)*

N	Concordance
1	as, no fim de março, a Sagem comercializará decodificadores que p
2	fim do mês de março, Sagem comercializará decodificadores perm
3	al do mês de março, a Sagem comercializará decodificadores que p
4	s, até o final de março, Sagem comercializará os decodificadores que
5	fim do mês de março, Sagem comercializará os decodificadores qu
6	fim do mês de março, Sagem comercializará os decodificadores pe

imagem 47

(...) *permettant de regarder une chaîne pendant que vous en enregistrez une autre (en qualité numérique). En revanche, attention: ces adaptateurs, (...)*

N	Concordance
1	res que permitem assistir a um canal enquanto você grava a programação de outro (com qualidade digital). Em contrapartida, atenção: esse
2	ecodificadores permitindo assistir a um canal enquanto você registra a um outro (com qualidade numérica). Por outro lado, atenção: esse
3	ores que permitem assistir a um canal ao mesmo tempo em que você grava de outro (com qualidade digital). No entanto, cuidado: esses adap
4	lizará os decodificadores que permitem ver um canal enquanto se grava um outro (em qualidade digital). Contudo, atenção: estes adaptad
5	adores permitindo que se escamine um canal pendente , que nos registros um outro (em qualidade numérica). Em contrapartida, atenção: es:

imagem 48

3.5.4. . Subcorpus V

A prova de proficiência da Faculdade de Letras foi elaborada e corrigida por professores da área de francês. O texto conta com 1477 palavras, destas 138 fazem parte do trecho selecionado para a o exercício de tradução. A mesma prova foi aplicada para candidatos ao mestrado ou doutorado, num total de 71 candidatos. Para o exercício de tradução atribuiu-se 4,0 pontos e 6,0 pontos para três questões dissertativas, em 2 horas de duração, com a possibilidade de consulta de dicionário monolíngüe.

Trecho escolhido para a tradução:

*Ce qui **ressort** des études pragmatiques, c'est donc l'importance de l'interaction dans le discours. Si le langage sert moins à renseigner qu'à agir sur autrui, un énoncé ne peut se comprendre par la seule référence à son émetteur. C'est le couple formé par celui qui parle (le locuteur) et celui à qui l'on parle (l'allocutaire) qu'il convient de **prendre en compte**. L'influence de la pragmatique sur l'étude des textes est donc claire. Si dans le parler quotidien, le langage est toujours au service d'un effet à produire, le phénomène **ne peut qu'être exarcebé** dans une oeuvre littéraire où l'agencement des termes doit fort peu **au hasard**. Comprendre une oeuvre ne peut, dès lors, se réduire à en dégager la structure ou à la rattacher à son auteur. C'est la relation mutuelle entre écrivain et lecteur qu'**il faut** analyser.*

WordList

N	Word	Freq	%	Texts	%
1	A	776	7.89	71	100.00
2	O	421	4.28	71	100.00
3	SE	365	3.71	70	98.59
4	QUE	344	3.50	71	100.00
5	E	280	2.85	71	100.00
6	NÃO	177	1.80	67	94.37
7	PODE	173	1.76	66	92.96
8	DA	161	1.64	71	100.00
9	E	153	1.56	71	100.00
10	UM	152	1.55	69	97.18
11	DE	152	1.55	68	95.77
12	SER	149	1.51	65	91.55
13	FALA	149	1.51	66	92.96
14	DOS	148	1.50	65	91.55
15	UMA	133	1.35	68	95.77
16	SOBRE	131	1.33	70	98.59
17	LINGUAGEM	130	1.32	66	92.96
18	OBRA	124	1.26	63	88.73
19	SEU	113	1.15	63	88.73
20	EM	105	1.07	62	87.32
21	AQUELE	101	1.03	54	76.06
22	AO	99	1.01	56	78.87
23	POR	89	0.90	59	83.10
24	NO	89	0.90	56	78.87
25	ESTUDOS	88	0.89	68	95.77
26	ENTRE	82	0.83	71	100.00
27	OU	79	0.80	65	91.55
28	RELAÇÃO	78	0.79	69	97.18
29	ESTÁ	78	0.79	63	88.73
30	INTERAÇÃO	77	0.78	70	98.59
31	DO	76	0.77	50	70.42
32	EMISSOR	73	0.74	63	88.73
33	PRAGMÁTICA	72	0.73	69	97.18

*Ce qui ressort des études pragmatiques, c'est donc l'importance de l'interaction
dans le discours (...)*

C interação letras 2004 - 1.cnc	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	Então se resolve dar ao estudo da pragmática a importância da interação entre o discurso. Se a linguagem mostra-se resignada, e agi
2	copetência. A influência da pragmática sobre o estudo, está na importância da interação do discurso. A Linguagem certamente mostra a ação do out
3	O que resulta dos estudos pragmáticos é, então a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve menos para informar do q
4	O que os estudos pragmáticos ressaltam é a importância da interação no discurso. Se a linguagem se presta menos a informar, qu
5	A preocupação dos estudos pragmáticos reside na interação entre os discursos. Se na linguagem certas palavras necessit
6	falante quanto o ouvinte, ou o leitor quanto o escritor devem manter relação de interação para que se entendam. [erros] A influência da pragmática so
7	Dos estudos pragmáticos se aproveita a importância da interação para o discurso. Uma vez que a linguagem é mais utilizada ;
8	Se a linguagem é atuante sobre os estudos pragmáticos é importante na interação dentro do discurso. Um enunciado não se compreende por s
9	O estímulo dos estudos pragmáticos é a importância da interação no discurso. Se a linguam fixa menos informação que age si
10	É esse o domínio dos estudos pragmáticos a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve menos a informar que a a
11	O que se evidenciam nos estudos programáticos é a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve mais para significar do q
12	O resultado dos estudos pragmáticos é, então (portanto) a importância da interação dentro do discurso. Se a linguagem diz respeito menos a res
13	Esse que os estudos pragmáticos, é, então a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve mais que a agir sobr
14	O domínio dos estudos pragmáticos é, portanto a importância e a interação no discurso. Se a linguagem serve menos a instruir que a agi
15	O que resulta dos estudos dos modelos pragmáticos, portanto é a importância da interação nos discursos. Se a linguagem serve menos para agir sobre
16	O que se depreende dos estudos pragmáticos é, portanto a importância da interação no discurso. Se a linguagem se presta menos a informar do
17	O que resulta dos estudos pragmáticos é, portanto a importância da interação entre os discursos. Se a língua serve menos a que agir :
18	O que ressaltam nos estudos pragmáticos é, por consequência a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve menos para informar do q
19	O que resulta dos estudos pragmáticos é a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve menos a informar do que
20	O que resulta dos estudos pragmáticos é a importância da interação dentro do discurso. Se a linguagem serve menos a informar i
21	O que compete aos estudos pragmáticos é, portanto a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve menos para esclarecer d
22	O que se evidencia nos estudos pragmáticos é, portanto a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve mais para agir sobre o ou
23	O objetivo dos estudos pragmáticos está a importância da interação nos discursos. Podemos compreender um enunciado por me
24	O que resultou dos estudos pragmáticos, é, pois a importância da interação nos discursos. Se a linguagem mais a esclarecer que a
25	Os componentes estudos pragmáticos, que (dão) importância à interação no discurso. Se a linguagem fixa menos que esclarece aos i
26	O que resulta dos estudos pragmáticos, é, então a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve menos para informar e m
27	Os estudos pragmático ocupam-se da interação no discurso. Eles parte do princípio de que a linguagem impl
28	o autor. Esta é a mútua relação entre o que escreve e o que lê, ou seja, não há interação em ato. [conector: interpretação, erro grave]
29	O estudo da pragmática, tem importância na interação com o discurso. Se a linguagem serve menos a informar do i
30	O que evidencia dos estudos pragmáticos é, então a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve menos a informar que a a
31	Isso que resulta dos estudos pragmáticos é, portanto a importância da interação dos discursos. Se a linguagem serve menos a "reensinar" qu
32	O que sobressai dos estudos pragmáticos é, portanto a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve menos a reensinar que a
33	O que renova estudos pragmáticos é, então a importância da interação do discurso. Se a linguagem serve menos a instruir do que a i
34	É o que compete aos estudos pragmáticos; há, portanto a importância da interação entre os discursos. Se a linguagem serve menos para informa
35	O que resulta dos estudos pragmáticos, é, pois a importância da interação dos discursos. Se a linguagem serve menos para determinar i
36	A importância dos estudos pragmáticos, está na importância da interação dentro do discurso. Se a linguagem que a agir por outros,
37	O que ressaltar dos estudos pragmáticos é, pois a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve menos a reensinar que a i
38	O que resulta dos estudos pragmáticos é, então a importância da interação dentro do discurso. Se a linguagem serve menos para informa
39	O que remete os estudos pragmáticos é a importância da interação do discurso. Se a linguagem serve mais ao reconhecimento q
40	O que sobressai nos estudos pragmáticos é, portanto a importância da interação nos discursos. Se a linguagem serve menos para expressar u
41	Então é no resultado dos estudos pragmáticos que está a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve menos como informação d
42	Isto que compete aos estudos pragmáticos, é, pois a importância da interação dos discursos. Se a linguagem serve menos a informar do q
43	O vigor dos estudos pragmáticos está na importância da interação com o discurso. Se a língua serve para ensinar como agir sot
44	O que se destaca nos estudos pragmáticos é, portanto a importância da interação no interior do discurso. Se a linguagem serve menos a inform
45	O que concerne os estudos pragmáticos é, portanto a importância da interação no interior do discurso. Se a linguagem serve menos a inform
46	Os estudos pragmáticos está na importância da interação com o discurso. Se a língua serve para ensinar como agir sot
47	Por fim os estudos pragmáticos está, então a importância da interação dentro do discurso. Se a linguagem menos certa a ensinar qu
48	A última instância dos estudos pragmáticos é, portanto a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve menos a informar que a ag
49	(para desenvolvimento) dos estudos pragmáticos, dá-se importância da interação no discurso. Se a linguagem é mais). Para o desenvolvimento
50	m é mais). Para o desenvolvimento dos estudos pragmáticos, é, muito importante a interação no discurso. Se a linguagem é um meio de se reensinar a ma
51	O que se evidencia nos estudos pragmáticos é, por consequência a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve mas para esclarecer do qu
52	Este é o objeto dos estudos pragmáticos (logo) a importância da interação do discurso. Se a linguagem marca menos a informação que
53	No que (concerne) aos estudos pragmáticos é, portanto a importância da interação no discurso. Se a linguagem (serve) menos para instruir (infor
54	Isso que provém dos estudos pragmáticos é, então a importância da interação nos discursos. Se a linguagem serve menos a reair que a aq
55	O que decorre dos estudos pragmáticos é, então a importância da interação no discurso. Se a língua serve mais a agir sobre alguém do q
56	Isso que resulta dos estudos pragmáticos é, portanto a importância da interação no discurso. Se a língua serve menos para informar que para i
57	O que compete aos estudos pragmáticos é, pois a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve menos a informar que a ag
58	Isto que compete aos estudos pragmáticos é, portanto a importância da interação no discurso. Se a linguagem serve menos para esclarecer do
59	Disso provém a competência dos estudos pragmáticos a importância da interação dentro do discurso. Se a linguagem serve menos a esclarecei
60	O resultado dos estudos de pragmática centra-se, portanto na importância da interação para o discurso. Uma vez que a linguagem serve menos à sig
61	r reduzido a extrair-se dessa obra a estrutura ou a associá-la à seu autor. É a interação entre o escritor e o leitor que é preciso analisar.
62	O que resulta dos estudos pragmáticos é a importância da interação dos discursos. Se a linguagem dá menos informações do que
63	O estudo pragmático é importante na interação do discurso. A linguagem e a estrutura são as referências do
64	-do discurso. A linguagem e a estrutura são as referências do texto que marcam a interação entre quem escreve e quem lê. A influência da pragmática no

(...) Si le langage sert moins à renseigner qu'à agir sur autrui, un énoncé ne peut se comprendre par la seule référence à son émetteur (...)

enunciado_letras2004 - L.cnc

File Edit View Compute Settings Window Help

N	Concordance
1	presta mais a agir sobre o outro do que a instruir não se pode compreender um enunciado apenas pela referência ao seu emissor. É a dupla (o conjunto) formada
2	s, a importância da interação no discurso. Se a linguagem age sobre o outro um enunciado se refere a seu emissor. Este é o locutor, aquele que fala e possui re
3	discurso. Se a linguagem serve menos a informar do que a agir sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido pela única referência a seu emissor. Ela (a
4	a linguagem serve menos para informar do que para agir sobre outros outro um enunciado não pode se compreender pela única referência a seu emissor. É a dupl
5	discurso. Se a linguagem serve menos a informar que a agir sobre os outros um enunciado não pode se compreender (ou: ser compreendido) somente pela
6	comente pela referência a seu emissor. É a dupla formada por aquele que fala (o enunciação) e aquele a quem se fala (o enunciatário) que se convém salientar. A
7	so. Se a linguagem serve menos para informar do que para agir em um sujeito um enunciado não pode ser compreendido unicamente pela referência a seu emissor. É
8	ínio da pragmática. Se a linguagem serve mais a ação do que a informação então um enunciado não pode ser compreendido somente pela referência do emissor, portanto
9	Se a linguagem é menos utilizado para esclarecer do que agir sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido unicamente pela referência ao seu emissor.
10	— não pode ser compreendido tendo como única referência seu emissor. O enunciado é um casal formado por aquele que fala (o locutor) e por aquele a qu
11	no discurso. Se a linguagem serve menos a informar que a agir sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido tendo como única referência seu emissor. O
12	língua serve menos para ensinar novamente do que para agir sobre os outros um enunciado não pode ser compreendido somente pela referência de seu emissor.
13	scursos. Se a linguagem se presta menos a informar que a agir sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido somente pela referência que faz a seu emis
14	dos discursos. Se a linguagem dá menos informações do que deveria um enunciado não se fará claro (so) com uma particular referência ao seu emissor. É o
15	que a linguagem serve menos à significação e mais à ação sobre outra pessoa um enunciado não pode ser compreendido se fizermos referência somente à seu
16	a linguagem serve menos para esclarecer do que para agir sobre o emissor em um enunciado, não pode se compreender por uma única referência de um emissor. É a
17	no discurso. Se a linguagem serve menos a informar que a agir sobre outrem um enunciado não pode ser compreendido pela única referência ao seu emissor. É a có
18	discurso. Se a língua serve menos para informar que para agir sobre o outro um enunciado não pode se compreender sem referência a seu emissor. É o par formado
19	o no discurso. Se a língua serve mais a agir sobre alguém do que a informar um enunciado não pode ser compreendido apenas pela referência ao seu emissor. É o p
20	ursos. Se a linguagem serve menos a retirar que a agir sobre qualquer outra um enunciado não se pode compreender somente com relação a seu emissor. É o
21	a instruir (informar) que para agir sobre, persuadir, influenciar o outro um enunciado não pode ser compreendido somente pela referência ao seu emissor. É o
22	discurso. Se a linguagem marca menos a informação que o agir sobre os outros um enunciado não pode ser compreendido separadamente de seu emissor. Há uma
23	so. Se a linguagem serve mais para esclarecer do que para agir sobre o outro um enunciado não pode ser entendido por uma única / so referência a seu emissor. É
24	. Se a linguagem é um meio de se reinsinar a maneira de agir sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido somente por sua referência da fala (do locut
25	discurso. Se a linguagem serve menos a informar que a agir sobre o próximo um enunciado não pode ser compreendido pela única referência a seu emissor. É a dup
26	tro do discurso. Se a linguagem menos certa a ensinar que age sobre o outro um enunciado não pode se compreender por somente a referência a seu emissor. É a
27	ação com o discurso. Se a língua serve para ensinar como agir sobre o outro um enunciado não pode ser sua manifestação. É a união formada por aquele que fala (
28	o discurso. Se a linguagem serve menos a informar que a atuar sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido unicamente pela referência a seu emissor. É
29	discurso. Se a linguagem serve menos a informar que a influir sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido fazendo-se referência apenas a seu emissor.
30	ação com o discurso. Se a língua serve para ensinar como agir sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido somente por referência a sua manifestação.
31	discursos. Se a linguagem serve menos a informar do que a agir sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido tendo por referência somente seu emissor. É
32	Se a linguagem serve menos como informação do que para agir sobre outrem um enunciado não pode ser compreendido pela simples referência ao seu emissor. É o
33	menos para expressar uma representação do que ter influência sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido numa única referência ao emissor. É a união
34	so. Se a linguagem serve menos para informar do que para agir sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido pela referência única a seu emissor. É o par
35	o discurso. Se a linguagem serve menos a esclarecer que a agir sobre o outro um enunciado não pode se compreender (so) por sua referência a seu emissor. É o par f
36	so. Se a linguagem serve menos para determinar que para agir sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido somente pela referência a seu emissor. É o
37	ursos. Se a linguagem serve menos para informar que para agir sobre o outro um enunciado não pode se compreender somente pela referência a seu emissor. Há
38	discurso. Se a linguagem serve menos a instruir do que a agir sobre outrem um enunciado não pode ser compreendido somente pela referência a seu emissor. É a
39	em serve menos a reinsinar que a agir sobre o outro não se pode compreender um enunciado pela referência somente a seu emissor. É o par formado por aquele que
40	discursos. Se a linguagem serve menos a reinsinar que a agir sobre o outro um enunciado não pode compreender somente pela referência a seu emissor. É o par fo
41	no discurso. Se a linguagem serve menos a informar que a agir sobre o outro um enunciado não pode ser inteligível apenas pela referência a seu emissor. É o par
42	com o discurso. Se a linguagem serve menos a informar do que a agir sobre um enunciado não pode ser compreendido por apenas uma referência a seu emissor. É
43	o no discurso. Eles parte do princípio de que a linguagem implica ação. Assim, um enunciado não pode ser compreendido apenas por sua referência ao emissor, mas
44	so. Se a linguagem serve menos para informar e mais para agir sobre o outro um enunciado não pode ser entendido apenas pela referência ao seu emissor. É a dupl
45	à interação no discurso. Se a linguagem fixa menos que esclarece aos outros um enunciado não pode ser compreendido pela sua referência ao seu emissor. É a liga
46	agem mais a esclarecer que a agir sobre o outro não se pode compreender um enunciado somente pela referência ao seu emissor. Ela é formada por aquele a que
47	está importância da interação nos discursos. Podemos compreender um enunciado por meio da referência que se faz ao emissor. Há uma relação entre o l
48	a linguagem serve mais para agir sobre o outro do que para apenas informar um enunciado não pode ser compreendido apenas pela referência a seu emissor. É o pa
49	Se a linguagem serve menos para esclarecer do que para agir sobre o próximo um enunciado não pode ser compreendido por uma única referência de seu emissor. É
50	o do discurso. Se a linguagem serve menos a informar que a agir sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido apenas pela referência a quem emite. É o
51	serve menos a informar do que a agir sobre o outro não se pode compreender um enunciado somente pela referência a seu emissor. É o par formado por aquele que
52	so. Se a linguagem serve menos para informar do que para agir sobre o outro um enunciado (so) pode agir sobre o outro por uma só referência à seu emissor. Esta é
53	ão entre os discursos. Se a língua serve menos a que a agir sobre o outro um enunciado não pode se compreendido pela exclusiva referência a seu emissor. É a
54	a linguagem se presta menos a informar do que a agir sobre outro indivíduo um enunciado não pode ser compreendido exclusivamente pela referência a seu
55	língua serve menos para agir sobre os outros não podemos compreender um enunciado apenas pela referência que ele faz a seu emissor. A influência da prag
56	rso. Se a linguagem diz respeito menos a reinsinar que a agir sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido somente pela referência à seu emissor. É o
57	discurso. Se a linguagem serve mais para significar do que a agir sobre o outro um enunciado não pode ser entendido por uma só referência a um emissor. É pela dupl
58	Se as linguagens servem menos para instruir que para agir sobre os outros um enunciado não pode ser compreendido pela referência isolada a seu emissor. São a
59	no discurso. Se a linguagem serve menos a informar que a agir sobre o outro um enunciado não pode ser compreendido apenas pela referência a seu emissor. É a un
60	teração no discurso. Se a língua fixa menos informação que age sobre o outro um enunciado não se compreende pela referência a sem emissor. E a dupla formada
61	e sobre os estudos pragmáticos é importante na interação dentro do discurso. Um enunciado não se compreende por suas referências. A comunicação é formada na
62	para agir em relação a alguém do que para informar não se pode compreender um enunciado levando em conta apenas aquilo que di respeito a seu emissor. É precis
63	— outras, um enunciado não pode ser compreendido se não levamos em conta o enunciação. Assim, tanto o falante quanto o ouvinte, ou o leitor quanto o escrit
64	discursos. Se na linguagem certas palavras necessitam se interagir com outras um enunciado não pode ser compreendido se não levamos em conta o enunciação.
65	não pode ser compreendido somente pelas referências do que chamamos de "enunciação". É a junção daquele que fala (locutor) e aquele a quem se fala (locu
66	curso. Se a linguagem se presta menos a informar que a influenciar o outro um enunciado não pode ser compreendido somente pelas referências do que
67	rso. Se a linguagem serve menos para informar do que para agir sobre outrem um enunciado não pode se compreendido unicamente pela referência a seu emissor. É
68	cia da interação do discurso. A Linguagem certamente mostra a ação do outro Um enunciado compreende-se por meio da referência ao emissor. Este completa a

imagem 55

(...) *L'influence de la pragmatique sur l'étude des textes est donc claire.* (...)

C influ_letras 2004 - 1.cnc	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	A influência da pragmática sobre o estudo do texto está clara. Graças a fala quoti
2	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é muito clara. Se no falar co
3	A influência da pragmática sobre os estudos textuais é, portanto, clara. Se no fal
4	A influência da pragmática sobre os estudos de textos é bem clara. Se no falar quo
5	A influência da pragmática sobre o estudo de textos é, portanto, clara. Se no falar
6	A influência da pragmática no estudo dos textos é, então, clara. Se no falar cotidia
7	A influência da pragmática nos estudos dos textos é, portanto, clara. Uma vez que,
8	A influência da pragmática no estudo dos textos é, então, clara. Se na conversa qu
9	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, então, clara. Se na fala quo
10	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, portanto, clara. Se no fal
11	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, portanto, clara. Se no fal
12	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, pois, evidente. Se no fal
13	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, portanto, clara. Se no fal
14	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, portanto, clara. Se no fal
15	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, portanto, clara. Se no fal
16	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, portanto, clara. Se no fal
17	A influência da pragmática sobre os estudos dos textos é, pois, clara. Se, na fala
18	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, portanto, clara. Se no falar
19	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, portanto, clara. Se na fal
20	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é clara. Se dentro do falar c
21	A influência da pragmática sobre os estudos dos textos é, então, clara. Se na fala
22	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, portanto, clara. Se no fal
23	A influência da pragmática sobre o estudo do texto fica, assim, clara. Se no falar
24	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, pois, clara. Se no falar c
25	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, pois, clara. Se no falar c
26	a influência da pragmática sobre os estudos de textos se faz clara. Já que, na fal
27	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é clara. Se no falar cotidian
28	A influência da pragmática sobre o estudo de textos é, dessa forma, clara. Se na lín
29	A influência da pragmática sobre o estudo de textos é clara. Se na fala cotidiana,
30	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, portanto, evidente. Se no
31	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, então, clara. Se no falar co
32	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos está, então, clara. Se na fala
33	A influência da pragmática sobre os estudos dos textos é, portanto, clara. Se na fa
34	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos está clara. Se o falar cotidi
35	A influência da pragmática sobre o estudo de textos é, pois, clara. Se no falar co
36	A influência da pragmática sobre o estudo de textos é, portanto, clara. Se no fala
37	A influência da pragmática sobre o estudo de textos é claro. Se no falar cotidiano
38	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, portanto, bem clara. Se n
39	A influência do pragmatismo sobre o estudo dos textos é, então, clara. Se na fala c
40	A influência da pragmática sobre os estudos dos textos é bem clara. Se no falar c
41	a influência da pragmática sobre o estudo dos textos é clara. Se, no falar cotidia
42	A influência do pragmatismo sobre o estudo dos textos é, portanto, clara. Se no fal
43	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, portanto, clara. Se na fal
44	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, portanto, clara. Se no fal
45	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, pois, clara. Se na fala co
46	A influência da pragmática sobre os estudos dos textos é, portanto, clara. Se para
47	A influência da pragmática sobre os estudos dos textos é clara. Se na fala cotidia
48	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos apresenta-se, então, de forr
49	A influência da pragmática é, assim, clara. Se, no falar cotidiano, a língua está
50	A influência da pragmática fica, então, evidente. Se no falante comum a língua está
51	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é clara. Na fala cotidiana, a
52	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é, portanto, clara. Se no fal
53	A influência da pragmática sobre os estudos dos textos é, por consequência, clar
54	A influência da pragmática sobre os estudos dos textos é que torna isso claro. Se

55	A influência da pragmática sobre o estudo do texto é clara. Se no falar cotidiano,
56	A influência da pragmática sobre os estudos do texto é claro. Se ao falante cotidia
57	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos não é clara. Se dentro da fa
58	A influência da pragmática sobre o estudo do texto é bem clara. Se na fala cotid
59	A influência da pragmática sobre os estudos dos textos então está clara. Se da fa
60	A influência da pragmática sobre o estudo do texto (é) parece ser clara. Se no fal
61	A influência da pragmática sobre os estudos de textos é clara; se dentro da fala c
62	A influência da pragmática sobre os estudos dos textos é bem clara. Se no falar c
63	A influência da pragmática sobre o estudo, - esta na importância da interação do i
64	A influência da pragmática sobre o estudo do texto é clara. Se na fala quotidiana,
65	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é clara. Se na fala cotidiana
66	A influência da pragmática sobre os estudos dos textos não está clara [corretor: c
67	A influência da pragmática sobre os estudos do texto é clara. Se na fala cotidiana
68	A influência da pragmática sobre o estudo dos textos é evidente. Se para o falar c
69	A influência da pragmática sobre as pesquisas do texto está clara. Se no falar qu
70	A influência da pragmática no estudo dos mecanismos do texto (o que ele diz e q
71	ir, influenciar) o outro, um enunciado não pode ser compreendido somente pela ref
72	er influir sobre o outro, um enunciado não pode ser compreendido fazendo-se refer
73	er influenciar sobre o outro, um enunciado não pode ser compreendido numa única
74	a influenciar o outro, um enunciado não pode ser compreendido somente pelas re

imagem 56

(...) Si dans le parler quotidien, le langage est toujours au service d'un effet à produire

(...)

C serviço letras 2004.cnc							
File Edit View Compute Settings Window Help							
N	Concordance						
1	o estudo dos textos é clara. Se, no falar cotidiano, a linguagem está sempre a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno						
2	xtos é, portanto, muito clara. Se na linguagem cotidiana a língua está sempre a serviço de um efeito que se busca produzir,						
3	os do texto é claro. Se ao falante cotidiano, [erros] a linguagem está sempre a serviço de um efeito produtivo, o fenômeno r						
4	os de textos se faz clara. Já que, na fala cotidiana, a linguagem está sempre a serviço de um propósito de uma intenção, e						
5	lara [corretor: contra-senso]. Se dentro da fala cotidiana, a linguagem está a serviço de um efeito produzido, o fenômeno						
6	estudos dos textos é bem clara. Se no falar cotidiano, a língua está sempre ao serviço de um efeito a produzir, o fenômeno						
7	e os estudos dos textos é clara. Se na fala cotidiana a linguagem está sempre a serviço de um efeito a ser produzido, o fenô						
8	s é portanto clara. Se para o falante usual, a linguagem está cotidianamente a serviço de um resultado a ser produzido, o f						
9	estudos dos textos é bem clara. Se no falar cotidiano a linguagem for sempre a serviço de um efeito a ser produzido, o fenô						
10	dos textos é, portanto, clara. Se na fala quotidiana a linguagem está sempre a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno						
11	o dos textos é então clara. Se na fala do cotidiano, a linguagem está sempre ao serviço de um [] à produzir, o fenômeno n						
12	dos textos é, portanto, clara. Se no falar cotidiano, a linguagem está sempre a serviço de um efeito a se produzir, o fenôme						
13	tudo dos textos é, pois, clara. Se no falar cotidiano a linguagem está sempre a serviço de um efeito a se produzir, o fenôme						
14	studo dos textos é então clara. Se na fala quotidiana a linguagem está sempre à serviço de um resultado a produzir, o fenô						
15	textos é, portanto, bem clara. Se no falar cotidiano, a linguagem está sempre a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno						
16	e o estudo de textos é claro. Se no falar cotidiano, a linguagem está sempre ao serviço de um efeito à produzir, o fenômeno						
17	textos é, portanto, clara. Se no falar cotidiano, a linguagem estiver sempre à serviço de um efeito de produção, o fenôme						
18	dos textos é, portanto, clara. Se no falar cotidiano a linguagem está sempre a serviço de um efeito a ser produzido, em ur						
19	to está clara. Se no falar quotidiano (linguagem coloquial), a linguagem está a serviço de um efeito de sentido, o fenômeno						
20	udo dos textos é, pois, clara. Se no falar cotidiano, a linguagem está sempre a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno						
21	o do texto fica, assim, clara. Se no falar cotidiano, a linguagem está sempre a serviço de um efeito a ser produzido, o fenô						
22	sobre o estudo dos textos é clara. Na fala cotidiana, a linguagem está sempre a serviço de produzir um efeito Este fenômen						
23	o dos textos é, pois, clara. Se na fala cotidiana a linguagem está geralmente a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno						
24	tos é, portanto, clara. Se no falar cotidiano, a linguagem está todos os dias a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno						
25	dos textos é, portanto, clara. Se na fala cotidiana, a linguagem está sempre a serviço de um efeito a produzir-se, o fenôme						
26	de textos é, portanto, clara. Se no falar cotidiano, a linguagem está sempre a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno						
27	dos textos é portanto clara. Se no falar quotidiano, a linguagem está sempre a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno						
28	o estudo do texto é bem clara. Se na fala cotidiana, a linguagem está sempre a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno						
29	extos não é clara. Se dentro da fala cotidiana, a linguagem está diariamente ao serviço de um efeito de produzir, o fenômeni						
30	udo de textos é, pois, clara. Se no falar cotidiano, a linguagem está sempre ao serviço de um efeito a produzir, o fenômeno						
31	os textos é, então, clara. Se na conversa quotidiana, a linguagem está sempre a serviço da produção de um efeito o fenôme						
32	os estudos dos textos está clara. Se o falante comum a linguagem é hoje em serviço de efeito a produzir, o fenômeno est:						

33 os textos é, portanto, clara. Se no falar cotidiano, a linguagem está sempre ao serviço do resultado produzido, o fenômeno (

34 dos dos textos é, então, clara. Se na fala cotidiana, a linguagem está sempre a serviço de um efeito a ser produzido, o fenô

35 os textos é, pois, clara. Se, na fala cotidiana, a linguagem está diariamente a serviço de um efeito de sentido a produzir-se

36 bre o estudo do texto é clara. Se no falar cotidiano, a linguagem está sempre a serviço de um efeito no sentido de produzir a

37 dos textos é, pois, evidente. Se no falar cotidiano a linguagem está sempre a serviço de um efeito a ser produzido, o fenô

38 dos textos é, portanto, clara. Se no falar cotidiano, a linguagem sempre está a serviço de um efeito (resultado) a ser produzi

39 do texto (é) parece ser clara. Se no falar cotidiano, a linguagem sempre a serviço de um efeito (por) produzir, o fenôme

40 s dos textos é portanto clara. Se na fala cotidiana, a linguagem está sempre ao serviço de um efeito a ser produzido, o fenô

41 estudos de textos é bem clara. Se no falar cotidiano a linguagem está hoje ao serviço de um efeito a produzir, o fenômeno i

42 tos então está clara. Se da fala do cotidiano a linguagem está constantemente a serviço de um efeito de produção de sentido,

43 udo de textos é portanto clara. Se no falar cotidiano a linguagem está sempre a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno i

44 os está então clara. Se na fala cotidiana (popular) a linguagem está sempre ao serviço de um efeito a produzir, o fenômeno i

45 a da pragmática é, assim, clara. Se, no falar cotidiano, a língua está sempre a serviço de um efeito a se produzir, o fenôme

46 textos é, portanto, evidente. Se no falar cotidiano, a linguagem está sempre ao serviço de um efeito a produzir, o fenômeno j

47 s textos é, portanto, clara. Se no falar cotidiano a linguagem estiver sempre à serviço de um efeito de produção, o fenômen

48 estudo dos textos é clara. Se dentro do falar cotidiano a língua está sempre à serviço de um efeito a ser produzido, o fenô

49 s é, portanto, clara. Uma vez que, na fala cotidiana, a linguagem está sempre a serviço de um efeito a ser produzido, esse fe

50 tos é que torna isso claro. Se no falar do cotidiano, a linguagem está sempre a serviço de uma produção de efeito o fenôme

51 diz e quais são os métodos utilizados para dizer o que diz), tem a linguagem a serviço do produtor do texto. Esta relação en

52 e, então, de forma clara. Se na fala cotidiana, a linguagem está atualmente a serviço de um efeito a ser produzido, o fenô

53 o estudo dos textos é, portanto, clara. Se no falar cotidiano, a língua está ao serviço de um efeito a produzir-se, o fenôme

54 bre o estudo de textos é clara. Se na fala cotidiana, a linguagem está sempre à serviço de um efeito a produzir, o fenômeno i

55 dos textos é portanto clara. Se no falar do cotidiano a linguagem está sempre a serviço de um efeito a ser produzido, o fenô

56 tudos de textos é clara; se dentro da fala cotidiana, a linguagem está sempre a serviço de um efeito a ser produzido, o fenô

57 xtos é, por consequência, clara. Se na fala cotidiana a linguagem está sempre a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno i

58 dessa forma clara. Se na língua falada no cotidiano, a linguagem está sempre a serviço de um efeito a ser produzido, o fenô

59 dos textos é, portanto, clara. Se no falar cotidiano, a linguagem está sempre a serviço de um efeito a se produzir, o fenôme

60 e o estudo dos textos é clara. Se no falar cotidiano, a linguagem está sempre a serviço de um resultado o fenômeno não po

61 tica sobre os estudos do texto é clara. Se na fala cotidiana a linguagem está a serviço de um efeito produzido, o fenômeno (

imagem 57

(...) le phénomène ne peut qu'être exarcebé dans une oeuvre littéraire où l'agencement des termes doit fort peu au hasard. (...)

lite

File Edit Settings Window Help

N

1 o produzir um efeito, o fenômeno (so) poderá ser exacerbado numa obra literária em que a combinação de termos está muito pouco condicionada ao acaso

2 serviço de um efeito produzido, o fenômeno (é) muito maior em uma obra literária. Compreende uma obra o leitor que estiver liberado das estruturas. Dev

3 produzir um efeito, o fenômeno (não) pode estar exacerbado em uma obra literária em que o encadeamento dos termos deve (por acaso ser menos importante

4 (posição) dos termos deve muito pouco ao acaso. Compreender uma obra literária não pode, consequentemente, reduzir-se a libertar-lhe a estrutura ou p

5 um resultado, o fenômeno (não) pode ser (senão) exacerbado numa obra literária, onde o arranjo (a disposição) dos termos deve muito pouco ao acaso. C

6 n efeito a se produzir, o fenômeno (não) pode ser exacerbado numa obra literária onde a disposição dos termos deve pouco ao acaso. Compreender uma obra

7 ser produzido, o fenômeno pode ser exacerbado (somente) em uma obra literária na qual a organização dos termos deve (notadamente) pouco ao acaso. Comp

8 um efeito a produzir, o fenômeno (é) (somento) exacerbado em uma obra literária (ou) o agenciamento dos termos (fortes) (a) (ocasia). Compreender uma obra nã

9 fenômeno (não) pode ser completamente analisado dentro de um trabalho literário onde a disposição dos termos este (ao) acaso. Entende-se que um trabal

10 efeito a ser produzido, o fenômeno (so) pode ser exacerbado numa obra literária onde o agenciamento dos termos (toma-se forte) (por) acaso. Compreender u

11 feito a produzir, o fenômeno (apenas) pode ser exacerbado em uma obra literária onde a organização dos termos deve pouco ao acaso. Compreender uma obr

12 oduzir-se, o fenômeno (não) pode ser (outro) que o exacerbado numa obra literária (ou) o agenciamento dos termos devem pouco ao acaso. Compreender uma obr

13 a ser produzido, o fenômeno (não) pode ser exacerbado sobre uma obra literária (ou) sobre o arranjo dos termos, que, geralmente, pode surgir (ao) acaso

14 (na) onde a ação dos termos (so) ao acaso. Compreender uma atividade literária não pode, (se) reduzir a isolar a estrutura ou ater ao seu autor. É

15 de efeito, o fenômeno (não) pode ser exacerbado dentro de uma atividade literária onde a ação dos termos (so) ao acaso. Compreender uma atividade literár

16 (e) dos termos deve muito pouco ao acaso. O entendimento de uma obra literária não pode, portanto, ser reduzido a extrair-se dessa obra a estrutura o

17 produzido, o fenômeno (so) pode estar exacerbado na obra literária na qual a organização dos termos deve muito pouco ao acaso. O entendim

18 produzido, o fenômeno (não) pode ser exacerbado dentro de um trabalho literário (ou) o ajuste dos termos devem (fortifica) (o) (imprevisto). Compreender um t

19 m efeito de produção, o fenômeno (não) pode ser exacerbado numa obra literária em que a disposição dos termos deve (so) ao acaso. Compreender uma obra não pode, en

20 a produzir, o fenômeno (não) pode ser exacerbado em uma obra literária, em que o agenciamento dos termos deve (vigorosamente) (ao) acaso. Compre

21 feito a se produzir, o fenômeno (não) pode ser exacerbado em uma obra literária onde a seleção de termos pode (ter sido) (infeliz). Compreender uma obra n

22 a produzir um efeito, o fenômeno (so) pode estar exacerbado numa obra literária na qual o agenciamento dos termos se deve pouco ao acaso. Compreender

23 efeito a produzir, o fenômeno (não) pode ser "exacerbado" em uma obra literária onde (em que) o agrupamento de termos deve ser compatível. Compreende

24 de um efeito a produzir, o fenômeno (não) pode ser estendido a uma obra literária, onde a disposição / organização dos termos (fins) - (doit) (fort) (peu) (po

25 feito de produção de sentido, o fenômeno (não) pode exacerbar uma obra literária (ou) intermediar seus termos. Compreender uma obra não é reduzi-la à sua

26 um efeito a produzir, o fenômeno (não) pode ser exacerbado numa obra literária (ou) na combinação de termos escolhidos (ao) acaso. Compreender uma obra n

25 ição de um efeito de produção de sentido, o fenômeno não pode exacerbar uma obra literária ou intermediar seus termos. Compreender uma obra não é reduzi-la à sua
 26 o serviço de um efeito a produzir, o fenômeno não pode ser exacerbado numa obra literária ou na combinação de termos escolhidos ao acaso. Compreender uma obra n
 27 utilizada p/ um efeito produtivo, o fenômeno não pode ser exagerado em uma obra literária onde a organização dos termos deve ser simples. Compreender uma obra n
 28 ço de um efeito a ser produzido, o fenômeno não pode ser exacerbado em uma obra literária onde a disposição dos termos pode fortemente correr riscos. Compreende
 29 de um efeito a produzir, o fenômeno não pode ser exacerbado dentro de uma obra literária onde o agenciamento dos termos dá pouca força ao azar. Compreende uma
 30 enção de um efeito (por) produzir, o fenômeno não pode ser exagerado numa obra literária em que o engajamento dos termos não deve estar ao acaso. Compreender u
 31 o emprego dos termos ocorrer apenas raramente por acaso. Compreender uma obra literária não pode, destarte, se reduzir a isolar a estrutura ou a se ligar ao
 32 feito (resultado) a ser produzido, o fenômeno não pode ser exacerbado numa obra literária, onde deve o emprego dos termos ocorrer apenas raramente por acaso. Co
 33 rvição de um efeito a ser produzido, o fenômeno pode estar acentuado em uma obra literária, em que a organização dos termos deve muito pouco a casualidade. Assim
 34 um efeito no sentido de produzir algo, o fenômeno não pode exacerbar numa obra literária em que o engajamento dos termos não devam ser colocados ao acaso. Pois
 35 do a produzir-se, o fenômeno não permite que se extrapole / exacerbe a uma obra literária quando a organização (o resultado da combinação dos termos) for aleató
 36 enção de um efeito a ser produzido, o fenômeno não pode ser exacerbado na obra literária ou a organização dos termos deve agüentar / suportar um pouco de risco
 37 empre ao serviço do resultado produzido, o fenômeno deve ser ressaltado na obra literária, onde a combinação dos termos não se faz ao acaso. Compreender uma obr
 38 gem é hoje em serviço de efeito a produzir, o fenômeno está manifestado na obra literária. Compreender uma obra não se reduz ao limite da estrutura ou ao seu au
 39 rvição da produção de um efeito, o fenômeno não pode ser exagerado na obra literária, em que o agenciamento desses termos vai da sutileza à evidência, port
 40 serviço de um efeito a produzir, o fenômeno não pode ser exacerbado em uma obra literária em que a combinação dos termos deve-se muito pouco ao azar. Compreende
 41 de um efeito de produzir, o fenômeno não pode ser exacerbado dentro de uma obra literária onde a organização dos termos dá forte poder à confusão de sentido. Co
 42 a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno não pode ser ignorado em uma obra literária onde o uso de termos deve pouco ao azar. Compreender uma obra não pode
 43 e a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno não pode ser exacerbado um obra literária onde as disposições dos termos deve muito pouco ao acaso. Compree
 44 serviço de um efeito a produzir, o fenômeno não pode ser exacerbado em uma obra literária ou a organização de termos deve muito pouco ao acaso. Compreender uma
 45 serviço de produzir, o fenômeno não pode ser exacerbado numa obra literária, em que o arranjo dos termos deve muito pouco ao acaso deprender sua estru
 46 a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno não pode ser exacerbado numa obra literária em que o agenciamento dos termos corre certo risco. Compreender uma ob
 47 ição de um efeito a produzir, o fenômeno não pode sentir ser exacerbado numa obra literária em que o agenciamento de termos deve muito pouco ao acaso. Compreender
 48 bado de produzir, o fenômeno não pode ser exacerbado em uma imposição de termos literários. Entende um pouco de imposição, reduzir a estrutura é a relação mútua
 49 uzir um efeito. Este fenômeno não pode ser completamente explorado num trabalho literário que compreende uma redução e uma limitação da estrutura da língua e r
 50 feito a ser produzido, o fenômeno deve necessariamente ser exacerbado numa obra literária, na qual a disposição dos termos deve muito pouco ao acaso. Compreende
 51 pre buscando produzir um efeito, o fenômeno não pode ser exacerbado de uma obra literária ou ajustar-se os termos pouco fortes ao acaso. A compreensão de uma ob
 52 e a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno pode ser exacerbado em uma obra literária quando a combinação dos termos deve pouco força ao azar. Compreender u
 53 fenômeno ocorre de modo exacerbado o texto literário. Para compreender uma obra literária é preciso chegar a estrutura organizada pelo autor. Há uma relação ent
 54 a serviço de um efeito de sentido, o fenômeno ocorre de modo exacerbado o texto literário. Para compreender uma obra literária é preciso chegar a estrutura orga
 55 ano a linguagem está sempre a serviço de um efeito a ser produzido, em uma obra literária na qual o agenciamento dos termos pouco deve ao acaso esse fenômen
 56 serviço de um efeito de produção, o fenômeno não ser exacerbado numa obra literária onde a disposição dos termos possa ser livre. A compreensão de uma obr
 57 o serviço de um efeito à produzir, o fenômeno não pode ser exacerbado numa obra literária onde o agenciamento dos termos deve-se muito pouco ao acaso. Compreend
 58 ição de um efeito a produzir, o fenômeno somente pode ser exacerbado em uma obra literária em que a organização dos termos deve muito pouco a sorte. Compreender
 59 rvição de um resultado a produzir, o fenômeno so pode ser exacerbado em uma obra literária na qual o agenciamento dos termos deve pouco ao acaso. Compreender uma
 60 en busca de produzir um efeito, o fenômeno não pode ser exacerbado em uma obra literária na qual o emprego dos termos deve ao acaso. Compreender uma obra n
 61 de um efeito a se produzir, o fenômeno não pode sentir ser exacerbado numa obra literária, onde o agenciamento dos termos deve bem pouco ao acaso. Compreender u
 62 enta a um efeito que produz, o fenômeno pode apenas ser esclarecido em uma obra literária em que a disposição dos termos deve-se pouco ao acaso. Compreender uma
 63 rvição de um efeito a se produzir, o fenômeno so pode ser exacerbado em uma obra literária, onde a disposição dos termos deve muito pouco ao acaso. Compreender u
 64 um efeito a produzir, o fenômeno não pode ser exacerbado dentro de uma obra literária, onde o agenciamento dos termos deve sua força a sorte. Compreender um
 65 enção de um efeito a se produzir. O fenômeno não pode ser exacerbado numa obra literária ou na combinação de termos escolhidos ao acaso. Compreender uma obra n
 66 rvição de um resultado a ser produzido, o fenômeno pode ser estendido a uma obra literária ou ao arranjo dos termos dados ao acaso. Compreender uma obra não pode
 67 e um efeito a ser produzido, o fenômeno fica intensificado, exacerbado, na obra literária, onde o resultado da combinação dos termos é fortemente estabelecido p
 68 rvição de um efeito a produzir, o fenômeno não pode ser exacerbado em uma obra literária ou desposição dos termos... [erros] Compreender um obra longa, por con
 69 m está a serviço de um efeito produzido, o fenômeno não está esgotado dentro do literário ou agenciamento dos termos que compreende uma estrutura não tão simple
 70 a serviço de um propósito, de uma intenção, esse fenômeno ocorre também na obra literária, na qual o emprego de termos também é fruto de um design. Portanto,
 71 pre a serviço de um efeito produtivo, o fenômeno não pode ser diferente na obra literária onde o arranjo dos termos deve ser convincente de acordo com a ocasião
 72 na, cuja combinação de termos se dá tanto menos ao acaso. Compreender uma obra literária, conseqüentemente, se reduz [Obs do corretor: erro grave] a decompor s
 73 sca produzir, o mesmo fenômeno então estará possivelmente acentuado em uma obra literária, cuja combinação de termos se dá tanto menos ao acaso. Compreender uma
 74 a serviço de um efeito a produzir, o fenômeno so pode ser exacerbado numa obra literária, onde o agenciamento dos termos deve muito pouco ao acaso. Compreender
 75 guagem do dia-a-dia serve-se de um efeito produtivo de um fenômeno, que esta na literatura ou no agendamento de termos pobres ou rcos. Compreender um ___ se red

imagem 58

(...) *Comprendre une oeuvre ne peut, dès lors, se réduire à en dégager la structure ou à la rattacher à son auteur. (...)*

estrutura Letras 2004 - 1.cnc	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	da ao acaso. Compreender uma obra não pode então reduzir-se a verificar-lhe a estrutura ou a relacioná-la a seu autor. A relação mútua entre escritor e leitor
2	os importante. Compreender uma obra não pode logo se reduzir a libertar-se da estrutura ou a amarrá-la a seu autor. É a relação mútua entre o escritor e o l
3	nder uma obra literária não pode conseqüentemente reduzir-se a libertar-lhe a estrutura ou prendê-la ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor
4	caso. Compreender uma obra não pode desde então aí se reduzir a desprender a estrutura ou ligá-la a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que
5	e a ocasião. Compreender uma obra não apenas a época, se reduz a se reatar a seu autor. Essa relação mútua entre escritor e leitor
6	r acaso. Compreender uma obra não pode a partir disso reduzir-se em libertar a estrutura ou ligá-la ao seu autor. É a reação mútua entre escritor e leitor que
7	uco ao acaso. Compreender uma obra não pode desde então se reduzir em libertar a estrutura ou em prender a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor
8	reender uma obra não pode, desta forma, reduzir-se a "dégager" (manifestação) a estrutura ou voltá-la ao seu autor. Esta é a relação mútua entre o leitor e o e:
9	e surgir ao acaso. A compreensão de uma obra não pode ser reduzida ao cotejo da estrutura ou à análise de seu autor. É a relação concomitante entre o escrito
10	O estudo pragmático é importante na interação do discurso. A linguagem e a estrutura são as referências do texto que marcam a interação entre quem es
11	caso. Compreender uma atividade literária não pode se reduzir a isolar a estrutura ou ater ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que s
12	e uma obra literária não pode, portanto, ser reduzido a extrair-se dessa obra a estrutura ou a associá-la a seu autor. É a interação entre o escritor e o leitor
13	mprevisto. Compreender um trabalho não pode de início se reduzir a impressões da estrutura do leitor. É a relação mútua entre escritor e leitor que deve ser anal
14	a disposição dos termos dever. Compreender uma obra não pode então se reduzir a estrutura ou amarrá-la ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor
15	so. Compreender uma obra não pode todavia se reduzir a colocar em evidência a estrutura ou a remetê-la a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor

16 r sido feliz. Compreender uma obra não pode (assim) reduzir-se a desmembrar a estrutura ou a incorporar-la ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e l

17 Compreender uma obra, não pode a partir de então se reduzir a extrair dela a estrutura ou a ligá-la ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor q

18 pamento de termos deve ser compatível. Compreende obra não possível se reduzi a estrutura ou a remissão a seu autor. É a relação mútua entre o escritor e o l

19 ra não pode diante disso (pois, portanto) reduzir-se a decifrar (descobrir) a estrutura ou a (ligá-la? Aplicá-la) ao seu autor. É a relação mútua entre escr

20 itérica ou intermediar seus termos. Compreender uma obra não é reduzi-la à sua estrutura ou ouvi-la a seu autor. É uma relação mútua entre escritor e leitor

21 s deve ser simples. Compreender uma obra não pode a partir disso se reduzir à estrutura, ou ao entendimento do seu autor. Esta relação mútua entre escrit

22 nte correr riscos. Compreender uma obra não pode (então) reduzir-se a realçar a estrutura ou relacioná-la ao seu autor. É a relação mútua entre o escritor e l

23 no azar. Compreende uma obra não poder, consequentemente se reduzir a deixar a estrutura ou ligar a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que p

24 não deve estar ao acaso. Compreender uma obra, não requer, em que, se reduzir a estrutura com ____ leitor. É uma relação mútua entre o escritor e o leitor

25 ao. Compreender uma obra (literária) não pode (destarte) se reduzir a isolar a estrutura ou a se ligar ao seu autor. É a relação mútua entre autor e leitor q

26 casualidade. Assim, compreender uma obra não pode ser reduzido a destrinçar sua estrutura ou reincorporá-la a seu autor. É necessário analisar a mútua relaç

27 cados ao acaso. Pois, compreender uma obra não requiera e não se deve reduzir a estrutura nem a uniaõ com seu autor. É a relação mútua entre escritor e leit

28 ria. Compreender uma obra não pode, a partir de agora, se reduzir a extrair sua estrutura ou a associá-la a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leit

29 um pouco de risco. Compreender uma obra não pode (então) reduzir-se a retirar a estrutura ou incorporar-la ao seu autor. É a relação mútua entre emissor e le

30 s não se faz ao acaso. Compreender uma obra não pode (por isso) reduzi-la a uma estrutura livre ou ligá-la somente ao autor. É a relação mútua entre o escrito

31 á manifestado na obra literária. Compreender uma obra não se reduz ao limite da estrutura ou ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que impo

32 s termos vai da sutileza à evidência (portanto) se reduzir ao isolamento de sua estrutura ou ao atrelamento ao seu autor. É da relação mútua entre autor e l

33 confusão de sentido. Compreender uma obra não pode () reduzir-se à liberar a estrutura ou a dividir sua outra. Esta relação mútua entre escrever e ler é i

34 uco ao azar. Compreender uma obra não pode se reduzir desde então a indagar a estrutura ou a descobrir seu autor. É a relação mútua entre escritor e leito

35 ao acaso ____ . Compreender uma obra não pode (então) se reduzir a destrinçar a estrutura ou a remetê-la ao seu autor. Há uma relação mútua entre o escr

36 o pouco ao acaso. Compreender uma obra não pode (então) reduzir-se em isolar a estrutura ou vinculá-la ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leit

37 a em que o arranjo dos termos deve muito pouco a apreender sua estrutura sua estrutura ou a vinculá-la a seu autor. É a relação mútua entre escritor e lei

38 obra literária, em que o arranjo dos termos deve muito pouco a apreender sua estrutura sua estrutura ou a vinculá-la a seu autor. É a relação mútua entr

39 re certo risco. Compreender uma obra não pode (de certo) reduzir-se a extrair a estrutura ou a incorporar seu autor. É a relação mútua entre escritor e leit

40 Compreender uma obra não pode (consequentemente) reduzir-se a isolar sua estrutura ou a vinculá-la a seu autor. É a relação mútua entre escritor e lei

41 em uma imposição de termos literários. Entende um pouco de imposição, reduzir a estrutura, é a relação mútua entre escrita e leitor que precisa ser analisad

42 explorado num trabalho literário, que compreende uma redução e uma limitação da estrutura da língua e restringe o ato da comunicação apenas ao autor. Est

43 pouco ao acaso. Compreender uma obra não se pode (portanto) reduzir a isolar a estrutura ou a ligá-la a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor

44 compreensão de uma obra não pode (de modo algum) reduzir a um debate sobre a estrutura ou ao estudo de seus autores. É uma relação mútua entre o esc

45 o azar. Compreender uma obra não pode, nesse momento, se reduzir a se livrar da estrutura ou a ligar ao seu autor. É uma relação mútua entre escritor eleit

46 rbad o texto literário. Para compreender uma obra literária é preciso chegar a estrutura organizada pelo autor. Há uma relação entre escritor e leitor que

47 ativo. A compreensão de uma obra não pode, assim, reduzir-se à definição de sua estrutura ou à sua identificação com seu autor. É a relação mútua entre e

48 ser livre. A compreensão de uma obra não pode (portanto) se reduzir a retirar a estrutura ou amarrá-la ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leit

49 uco ao acaso. Compreender uma obra, não pode a partir de então ser reduzida a estrutura, ou fixada à obra do seu autor. É a relação mútua entre escritor

50 co à sorte. Compreender uma obra não pode (nesse caso) se reduzir a descobrir a estrutura ou a ligá-la a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor

51 co ao acaso. Compreender uma obra só pode (desde então) se reduzir em extrair a estrutura ou em recair (voltar) à seu autor. É uma relação mútua entre esc

52 ao acaso. Compreender uma obra não pode, desta forma, reduzir-se a ____ a uma estrutura ou a atrelá-la ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e lei

53 ao. Compreender uma obra não pode (a partir disso) se reduzir a apreender sua estrutura ou a associá-la a seu autor. É a relação mútua entre escritor e l

54 so. Compreender uma obra não pode, por consequência se reduzir, se restringir a estrutura ou a remeter a seu autor, ou seja, uma leitura bibliográfica. É pr

55 Compreender uma obra não pode (desde este momento) reduzir-se a destacar a estrutura ou a religar a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor

56 e ____ ao acaso. Compreender uma obra não pode, de então, se reduzir a um ____ a estrutura ou a ____ a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor qu

57 à sorte. Compreender uma obra não pode (no momento) se reduzir a desapego a estrutura ou a separação de seu autor. É a relação mútua entre escritor e

58 os escolhidos ao acaso. Compreender uma obra não pode se reduzir a se prender a estrutura ou a se fixar no seu autor. É a relação mútua entre o escritor e c

59 Compreender uma obra não pode (então) se reduzir a uma análise deslocada da estrutura ou à relação com seu autor. É a relação mútua entre escritor e l

60 uma obra não pode se reduzir à determinação de sua estrutura ou o resgate dessa estrutura em relação a seu autor: é a relação entre escritor e leitor que é

61 or coincidência. Compreender uma obra não pode se reduzir à determinação de sua estrutura ou o resgate dessa estrutura em relação a seu autor: é a relaçã

62 mos... [erros] Compreender uma obra longa por conseguinte, reduz-se a entender a estrutura ou voltar ao seu autor. É esta relação mútua entre escrita e leito

63 está esgotado dentro do literário ou agenciamento dos termos que compreende uma estrutura não tão simples. Esta é a relação mútua entre escrever e ler que

64 a compreensão de uma obra pode depender apenas de decalcar e expor a estrutura, ou de relacioná-la a seu autor. Impõe-se a análise da mútua rel

65 acordo com a ocasião. Compreende-se uma obra não só se reduzissemos a sua estrutura, porém deve-se haver uma relação mútua entre o escritor e o leit

66 erária, consequentemente, se reduz [Obs do corretor: erro grave] a decompor sua estrutura ou associá-la ao seu autor. Esta relação mútua entre escritor e l

67 uco ao acaso. Compreender uma obra não pode (desde já) reduzir-se a extrair sua estrutura ou ligá-la a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor q

68 agendamento de termos pobres ou ricos. Compreende um ____ se reduz em dirigir a estrutura do discurso para outro. Esta é a relação mútua entre a escrita e

imagem 59

(..) C'est la relation mutuelle entre écrivain et lecteur qu'il faut analyser.

C anali_letras 2004 - 1.cnc	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N Concordance	
1	para outro. Esta é a relação mútua entre a escrita e a leitura que (se analisa) que fazemos a análise. [corretor: Tradução completamente
2	a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que se deve analisar. [corretor: excelente]]
3	autor. Esta relação mútua entre escritor e leitor é que se faz mister analisar.
4	deve-se haver uma relação mútua entre o escritor e o leitor que a analisará. [corretor: erros]
5	não tão simples. Esta é a relação mútua entre escrever e ler que falta analisar. [corretor: tradução bastante errônea]
6	ou voltar ao seu autor. É esta relação mútua entre escrita e leitor que analisar-se à.
7	relação a seu autor: é a relação entre escritor e leitor que é a preciso analisar.
8	com seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que deve ser analisada.
9	seu autor. É a relação mútua entre o escritor e o leitor que se precisa analisar.
10	de seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que se deve analisar.
11	a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é preciso analisar.
12	autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é necessário se analisar. [corretor: ótima]]

13	a remeter a seu autor, ou seja, uma leitura bibliográfica (E preciso) se analisar a relação mútua entre leitor e escritor
14	a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é preciso analisar. [corretor: Perfeita]]
15	ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que deve ser analisada.
16	seu autor. É uma relação mútua entre escritor e leitor que necessário analisar.
17	a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é preciso analisar. [corretor: ótimo]
18	do seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é preciso analisar.
19	ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que precisa ser analisada. [corretor: erros]
20	com seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que deve ser analisada. [corretor: Excelente]
21	pele autor. Há uma relação entre escritor e leitor que pode ser analisada. [corretor: redação confusa, contra-senso, lacuna, erro grave]
22	autor. É uma relação mútua entre escritor e leitor que é necessário analisar. [corretor: bien]]
23	relação mútua entre o escritor e o leitor que é necessário para ser analisado. [corretor: redação confusa]
24	a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é preciso analisar. [correto: excelente]
25	a estrutura é a relação mútua entre escrita e leitor que precisa ser analisada. [corretor: erros graves, limite]
26	a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é preciso analisar. [corretor: ótima]
27	seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que falta analisar. [corretor: erro grave, tradução limite, mas boa compreensão]
28	seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é necessário analisar. [corretor: excelente]
29	ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que precisa ser analisada. [corretor: erro]
30	uma relação mútua entre o escritor e o leitor que se faz necessário analisar. [corretor: erros]s]
31	seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que se deve analisar.
32	à dividir sua outra. Esta relação mútua entre escrever e ler é que falta analisar. [correto: muitas lacunas, erros, prova que está no limite]
33	a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que deve ser analisada.
34	seu autor. É da relação mútua entre autor e leitor que deve se valer o analista.
35	ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que importa ao analista.
36	É a relação mútua entre o escritor e o leitor que se faz necessário analisar.
37	ao seu autor. É a relação mútua entre emissor e leitor que será analisada.
38	a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que se analisa. [corretor: erro grave, limite]te]
39	com seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é preciso analisar.
40	a desfringar sua estrutura ou reincorporá-la a seu autor. É necessário analisar a mútua relação entre escritor e leitor. [corretor: ótima]
41	ligar ao seu autor. É a relação mútua entre autor e leitor que se deve analisar. [corretor: erro]
42	É uma relação mútua entre o escritor e o leitor que é necessário analisar. [corretor: Limite]te]
43	ligar a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que precisa analisar. [corretor: redação confusa]
44	ao seu autor. É a relação mútua entre o escritor e o leitor que deve ser analisada. [corretor: redação confusa, erros]
45	entendimento do seu autor. Esta relação mútua entre escritor se faz analisar. [corretor: Redação errada, erros graves, limite].
46	seu autor. É a relação mútua entre o escritor e o leitor que se precisa analisar. [corretor: erros, leitura muito difícil]
47	a seu autor. É uma relação mútua entre escritor e leitor que falta analisar. [corretor: redação confusa, erros graves, limite, nota 6,0]
48	ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é preciso analisar. [corretor: erros]
49	autor. É a relação mútua entre o escritor e o leitor que ele deixou de analisar. [corretor: erro grave, tradução bastante errônea]]
50	ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que se deve analisar.
51	ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que deve ser analisada. [corretor: erros, limite]
52	seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é necessário analisar.
53	ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que se precisa analisar. [corretor: erros, limite]]
54	do leitor. É a relação mútua entre escritor e leitor que deve ser analisada. [corretor: erros graves]
55	à seu autor. É a interação entre o escritor e o leitor que é preciso analisar.
56	ater ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que se vai analisar. [corretor: erros]
57	Esta é a relação mútua entre o leitor e o escritor que é necessário analisar. [corretor: ótimo]o]
58	a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é preciso analisar.
59	autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é necessária ser analisada.
60	um efeito a ser produzido, o fenômeno não pode ser completamente analisado dentro de um trabalho literário onde a disposição dos termos
61	autor. Assim, é a relação mútua entre escritor e locutor que deve ser analisada. [corretor: erros]
62	a seu autor. Essa relação mútua entre escritor e leitor que se que analisar.
63	a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que se deve analisar.
64	a seu autor. É a mútua relação entre escritor e leitor que se deve analisar.
65	ao seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é preciso analisar.
66	seu autor. É a relação mútua entre o escritor e o leitor que é preciso analisar. [corretor: erros]]
67	e leitor. Esta é a relação mútua entre escritor e leitor que precisa ser analisada.

imagem 60

Omissões explícitas

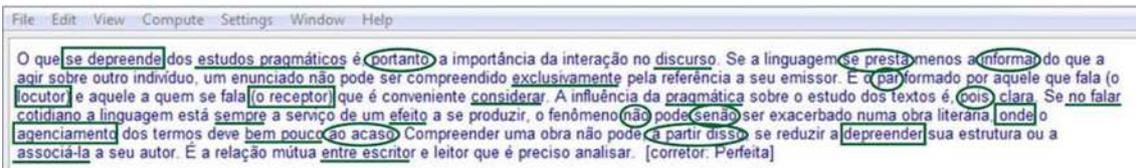
File Edit View Compute Settings Window Help		Set	Tag	Word #	t.	#	os	#	os	#	os	#	os	File
1	por aquele que fala (o locutor) e aquele a quem se fala (o					56	2 6%	0 1%		0 1%				2004_1_a69.txt
2	que fala (o locutor) e aquele a quem se fala (ouvinte) que ele					57	2 0%	0 2%		0 2%				2004_1_a66.txt
3	ao acaso. Compreender uma atividade literária não pode,					113	5 2%	0 2%		0 2%				2004_1_a59.txt
4	dentro de uma atividade literária onde a ação dos termos					104	4 4%	0 5%		0 5%				2004_1_a59.txt
5	Se a linguagem dá menos informações do que deveria					22	1 4%	0 6%		0 6%				2004_1_a59.txt
6	uma obra, não requer, em que, se reduzir a estrutura com a					116	5 0%	0 7%		0 7%				2004_1_a45.txt
7						0	0 0%	0 0%		0 0%				2004_1_a40.txt
8	agir sobre, então pouco se compreende a respeito do emissor.					32	2 5%	0 5%		0 5%				2004_1_a38.txt

9	poder à confusão de sentido. Compreender uma obra não pode	reduzir-se à liberar a estrutura ou à dividir sua outra. Esta	112	5	1%	0	9%	0	9%	2004_1_a35.txt
10	___ que a agir por outros, ___ não pode se compreender pela	referência à sua repulsa. Este casal formado por este que	29	1	1%	0	0%	0	0%	2004_1_a35.txt
11	dentro do discurso. Se a linguagem ___ que a agir por outros,	não pode se compreender pela ___ referência à sua repulsa.	23	1	2%	0	6%	0	6%	2004_1_a35.txt
12	na importância da interação dentro do discurso. Se a linguagem	que a agir por outros, ___ não pode se compreender pela	17	1	4%	0	2%	0	2%	2004_1_a35.txt
13		A importância dos estudos pragmáticos, está na importância	0	0	0%	0	0%	0	0%	2004_1_a35.txt
14	onde as disposições dos termos deve muito pouco ao acaso	Compreender uma obra não pode, então, se reduzir a	111	4	0%	0	6%	0	6%	2004_1_a33.txt
15	Se a linguagem serve menos a informar do que agir sobre	um enunciado não pode ser compreendido por apenas uma	22	1	0%	0	0%	0	0%	2004_1_a28.txt
16	pois, a importância da interação nos discursos. Se a linguagem	mais a esclarecer que a agir sobre o outro, não se pode	17	1	9%	0	2%	0	2%	2004_1_a24.txt
17	Compreender uma obra não pode, desta forma, reduzir-se a	uma estrutura ou a atrelá-la ao seu autor. É a relação	111	5	5%	0	3%	0	3%	2004_1_a17.txt
18	em uma obra literária na qual o emprego dos termos deve	ao acaso. Compreender uma obra não pode, desta forma,	99	4	4%	0	4%	0	4%	2004_1_a17.txt
19	da interação entre os discursos. Se a língua serve menos a	que agir sobre o outro, um enunciado não pode se	21	1	2%	0	6%	0	6%	2004_1_a17.txt
20	obra não pode, de então, se reduzir a um ___ a estrutura ou a	a seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é	121	5	6%	0	8%	0	8%	2004_1_a13.txt
21	Compreender uma obra não pode, de então, se reduzir a um	estrutura ou a ___ a seu autor. É a relação mútua entre	116	5	2%	0	5%	0	5%	2004_1_a13.txt
22	não pode estar exacerbado onde ___ dos termos deve	ao acaso. Compreender uma obra não pode, de então, se	102	4	4%	0	4%	0	4%	2004_1_a13.txt
23	___ à produzir, o fenômeno não pode estar exacerbado onde	dos termos deve ___ ao acaso. Compreender uma obra não	98	4	1%	0	2%	0	2%	2004_1_a13.txt
24	na fala do cotidiano, a linguagem está sempre ao serviço de um	à produzir, o fenômeno não pode estar exacerbado onde ___	88	4	8%	0	4%	0	4%	2004_1_a13.txt
25	Se a linguagem serve mais ___ que a agir sobre ___, um	não pode se compreender pela única referência a seu	27	1	0%	0	0%	0	0%	2004_1_a13.txt
26	no discurso. Se a linguagem serve mais ___ que a agir sobre	, um ___ não pode se compreender pela única referência a	24	1	8%	0	8%	0	8%	2004_1_a13.txt
27	da interação no discurso. Se a linguagem serve mais	que a agir sobre ___, um ___ não pode se compreender	19	1	8%	0	4%	0	4%	2004_1_a13.txt
28	Esse que	os estudos pragmáticos, é então a importância da interação	2	0	5%	0	1%	0	1%	2004_1_a13.txt
29	no agendamento de termos pobres ou ricos. Compreende um	se reduz em dirigir a estrutura do discurso para outro. Esta é	147	9	9%	0	1%	0	1%	2004_1_a01.txt

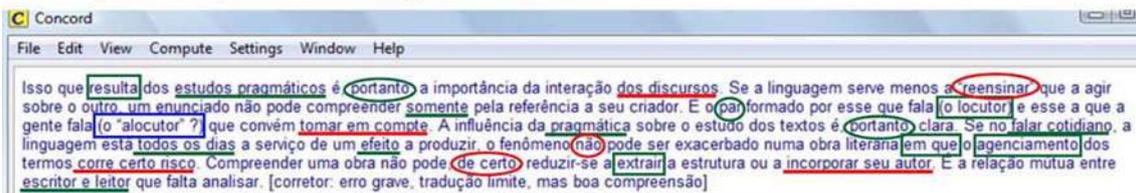
imagem 61

Apreciação do corretor:

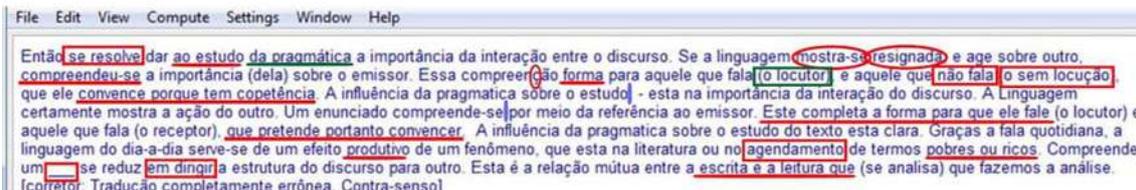
Tradução considerada “perfeita” pelo corretor A16:



“Tradução limite, mas boa compreensão” A30:



“Tradução completamente errônea”: A01



imagens 62

3.5.6. Subcorpus VI

A prova de proficiência em francês da Faculdade de Letras em 2006 foi elaborada e corrigida por professores do Departamento de Letras Modernas, da área de francês. Essa prova, realizada por 40 candidatos ao mestrado ou doutorado, é composta por 04 questões dissertativas, valendo 06 pontos e pelo exercício de tradução, 04 pontos. O texto conta com 404 palavras, destas 127 fazem parte do trecho selecionado para a tradução. A duração máxima foi de 02 horas e permitiu-se apenas o uso de dicionários monolíngües.

Trecho selecionado para a tradução:

Il inclut à la fin du Temps Retrouvé, c'est-à-dire à la fin du roman lui-même, une esthétique très consciente qui forme à la fois la justification de son oeuvre et la justification de sa vie. Telle est la syntèse puissante et singulière dont on va tâcher dans cet ouvrage, d'analyser les éléments essentiels. Ces quatre visions doivent toujours être présentes à l'esprit du lecteur qui veut bien entendre Proust: tous les contresens sur son oeuvre (ils abondent) proviennent de l'oubli de l'une ou de l'autre, ou du refus de les intégrer et de les organiser dans le jugement critique. Je n'en relèverai qu'un, pour le moment, à titre d'exemple: on a reproché à Proust la frivolité de ses intérêts, de ses passions et du monde qu'il décrit.

WordList

N	Word	Freq.	%	Texts	%
1	DE	321	6.56	39	97.50
2	A	183	3.81	40	100.00
3	DO	173	3.60	39	97.50
4	E	164	3.41	40	100.00
5	QUE	144	3.00	40	100.00
6	SUA	110	2.29	38	95.00
7	OBRA	108	2.25	39	97.50
8	NO	99	2.06	39	97.50
9	OU	87	1.81	39	97.50
10	PROUST	81	1.69	40	100.00
11	UMA	80	1.66	40	100.00
12	ELE	78	1.62	39	97.50
13	OS	66	1.37	37	92.50
14	AO	63	1.31	34	85.00
15	DA	59	1.23	38	95.00
16	UM	54	1.12	30	75.00
17	É	52	1.08	39	97.50
18	TEMPO	52	1.08	36	90.00
19	FNIAL	47	0.98	27	67.50
20	SEUS	46	0.96	38	95.00
21	JUSTIFICATIVA	44	0.92	25	62.50
22	SE	43	0.89	29	72.50
23	VISÕES	43	0.89	38	95.00
24	LEITOR	40	0.83	40	100.00
25	QUATRO	40	0.83	40	100.00
26	ELEMENTOS	39	0.81	39	97.50
27	ESSENCIAIS	39	0.81	39	97.50
28	EXEMPLO	39	0.81	39	97.50
29	INTERESSES	39	0.81	39	97.50
30	SÍNTESE	39	0.81	39	97.50
31	VIDA	39	0.81	38	95.00
32	CONSCIENTE	38	0.79	38	95.00
33	ESTÉTICA	38	0.79	38	95.00
35	ROMANCE	38	0.79	38	95.00
36	CRÍTICO	37	0.77	37	92.50
37	PAIXÕES	37	0.77	37	92.50
38	SINGULAR	37	0.77	37	92.50
39	SUAS	36	0.75	36	90.00
40	TÍTULO	36	0.75	36	90.00
41	FRIVOLIDADE	35	0.73	35	87.50
42	JULGAMENTO	35	0.73	35	87.50
43	PRESENTES	35	0.73	34	85.00
44	BEM	34	0.71	33	82.50
45	DEVEM	34	0.71	34	85.00
46	ESPÍRITO	34	0.71	34	85.00
47	RECUSA	33	0.69	33	82.50
48	EM	32	0.67	22	55.00
49	ESTAR	32	0.67	32	80.00
50	SEMPRE	32	0.67	32	80.00
51	ESQUECIMENTO	31	0.65	31	77.50
52	MESMO	31	0.65	24	60.00
53	FIM	30	0.62	19	47.50
54	LAS	30	0.62	15	37.50
55	TODOS	30	0.62	30	75.00
56	ESSAS	29	0.60	29	72.50
57	MUITO	29	0.60	29	72.50
58	POR	29	0.60	23	57.50
59	ANALISAR	28	0.58	28	70.00
60	INCLUI	28	0.58	28	70.00
61	OUTRA	26	0.54	26	65.00
62	SÃO	25	0.52	24	60.00
63	SOBRE	25	0.52	25	62.50
64	FORMA	23	0.48	23	57.50
65	JUSTIFICAÇÃO	23	0.48	12	30.00
66	PODEROSA	23	0.48	23	57.50
67	ENTENDER	22	0.46	22	55.00
378	RESPONSABILIZOU	1	0.02	1	2.50
379	RESPOSTA	1	0.02	1	2.50
380	RESULTADOS	1	0.02	1	2.50
381	RESULTAM	1	0.02	1	2.50
382	REVISTO	1	0.02	1	2.50
383	RICA	1	0.02	1	2.50
384	SEMELHANTE	1	0.02	1	2.50
385	SENTIMENTOS	1	0.02	1	2.50
386	SERÁ	1	0.02	1	2.50
387	SERÁO	1	0.02	1	2.50
388	SERVIRÁ	1	0.02	1	2.50
389	SEU	1	0.02	1	2.50
390	SI	1	0.02	1	2.50
391	SIGNIFICA	1	0.02	1	2.50
392	SIMULTANEAMENTE	1	0.02	1	2.50
393	SINGULARIDADE	1	0.02	1	2.50
394	TA	1	0.02	1	2.50
395	TÃO	1	0.02	1	2.50
396	TELLE	1	0.02	1	2.50
397	TENTAMOS	1	0.02	1	2.50
398	TENTARÁ	1	0.02	1	2.50
399	TER	1	0.02	1	2.50
400	TERMINAR	1	0.02	1	2.50
401	TEXTO	1	0.02	1	2.50
402	TODA	1	0.02	1	2.50
403	TRABALHAR	1	0.02	1	2.50
404	TRATAREI	1	0.02	1	2.50
405	TRATAREMOS	1	0.02	1	2.50
406	TUDO	1	0.02	1	2.50
407	ÚLTIMO	1	0.02	1	2.50
408	ÚNICA	1	0.02	1	2.50
409	VALER	1	0.02	1	2.50

imagem 63

Il inclut à la fin du Temps Retrouvé, c'est-à-dire à la fin du roman lui-même, une esthétique très consciente qui forme à la fois (...)

Concordance			
N	Concordance		
1	Ele inclui no fim do Tempo retrouvé i.e no fim do próprio romance, uma estética bastante consciente, que forma ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e		
2	Ele inclui no fim do Tempo redescoberto isto é no fim do romance ele mesmo uma estética muito consciente, que forma ao mesmo tempo a justificativa de sua vida. Tal		
3	Ele inclui ao fim do Tempo reencontrado isto é ao fim do romance mesmo uma estética muito consciente, que configura por sua vez a justificativa de sua obra e a		
4	Ele inclui ao final de Tempo revisto ou seja ao final do romance ele mesmo uma estética muito consciente que forma por fim a justificativa de sua obra e a justificativa		
5	ao final do Tempo redescoberto ou melhor no final do romance ele mesmo uma estética muito consciente que cria ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e de		
6	Ele inclui no fim do Tempo redescoberto isto é no fim do romance, ele mesmo uma estética muito consciente que forma ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e a		
7	tempo perdido e resgatado e por assim dizer ao final do romance ele próprio uma estética muito consciente que forma assim a justificativa de sua obra e a justificativa		
8	no final de Em Busca do Tempo Perdido quer dizer no final do próprio romance, uma estética bem consciente que forma por sua vez a justificativa de sua vida. Tal é a		
9	Ele inclui ao final de Tempo Retrouvé exatamente ao final do romance, uma estética bastante consciente, que forma ao mesmo tempo a justificativa de sua		
10	inclui ao final de O Tempo Redescoberto ou seja ao fim do próprio romance, uma estética muito consciente, que forma de uma só vez a justificativa de sua obra e a		
11	Ele insere ao final do Tempo Esquecido isto é ao final do romance uma estética muito consciente que constitui ao mesmo tempo a justificativa de sua obra		
12	Ele inclui no fim do Tempo reencontrado isto é no fim do próprio romance uma estética muito consciente que constitui ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e		
13	Proust insere ao fim do Tempo Perdido ou seja ao final do próprio romance, uma estética muito consciente que forma um só tempo a justificativa de sua obra e a		
14	fim do Tempo Retrouvé Tempo reencontrado i.e no fim do próprio romance, uma estética bem consciente que forma por sua vez a justificativa de sua obra e a		
15	inclui ao fim de Tempo reencontrado o que significa, ao fim do próprio romance uma estética muito consciente que origina às vezes a justificativa de obra e a justificativa		
16	ao final do Tempo Reencontrado isto é ao final do romance propriadamente dito uma estética muito consciente que simultaneamente justifica tanto sua obra como sua		
17	ao final do Tempo Perdido isso será dito no fim do romance ele - mesmo uma estética muito consciente que forma felmente uma justificativa dessa obra e a		
18	Ele inclui ao final do Tempo retrouvé ou seja ao final do próprio romance, uma estética bastante consciente que forma ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e		
19	Ele inclui no fim do Tempo retrouvé ou seja no fim do próprio romance, uma estética muito consciente que constitui ao mesmo tempo a justificativa de sua obra		
20	Ele inclui no fim de Tempo retrouvé isto é no fim do próprio romance, uma estética muito consciente que forma por sua vez a justificativa de sua obra e a		
21	Ele inclui ao final do Tempo Recuperado quer-se dizer no final do romance, uma estética muito consciente que justifica a sua obra e a sua vida. Ele é a síntese		
22	Ele inclui no final de Tempo Retrouvé quer dizer no final do próprio romance, uma estética bastante consciente que constitui tanto uma justificativa de sua obra quanto		
23	Ele inclui no final do Tempo Reencontrado isto é no final do romance mesmo uma estética muito consciente que forma ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e a		
24	inclui no final do Tempo Redescoberto ou seja no final do próprio romance, uma estética muito consciente que forma ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e a		
25	Ele inclui ao fim de Tempo Redescoberto dito ao final do romance, uma estética muito consciente que forma desta vez a justificativa de sua obra e a		
26	inclui no final do Tempo Redescoberto ou seja no final do próprio romance, uma estética muito consciente que forma por sua vez a justificativa de sua obra e a		
27	ao final do Tempo Recuperado diz-se que ao fim do seu romance mesmo uma estética muito consciente que constitui ao mesmo tempo a justificativa de sua obra		
28	Ele inclui no fim do Tempo Redescoberto isto é no fim do romance, uma estética bastante consciente que forma ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e		
29	inclui no final de Tempo Redescoberto ou seja no final do próprio romance, uma estética muito consciente que é ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e a		
30	do Tempo Redescoberto isto quer dizer ao final do romance para ele mesmo uma estética muito consciente que forma às vezes a justificativa de sua (vida) obra e a		
31	Ele inclui ao final do Tempo Recuperado ou seja ao final do próprio romance, uma estética extremamente consciente A qual compõe um só tempo a justificativa de		
32	Ele inclui no final de Tempo Retrouvé ou seja no final do romance mesmo uma estética muito consciente que constitui ao mesmo tempo a justificativa da própria		
33	inclui no final de O Tempo Redescoberto ou seja no fim do próprio romance, uma estética muito consciente que forma ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e a		
34	Ele inclui no fim de O tempo redescoberto ao fim do romance dela mesmo uma estética muito consciente que forma às vezes a justificativa de sua obra e a		
35	Ele inclui no final de Tempo Reencontrado ao final do próprio romance, uma estética muito consciente que forma ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e a		
36	Ele inclui ao final do Tempo Achado quer dizer ao final do próprio romance, uma estética muito consciente que forma um só tempo a justificativa de sua obra e a		
37	ao fim do último volume da Recherche ou seja ao fim do próprio romance, uma estética bastante consciente, que forma ao mesmo tempo a justificativa de sua obra		
38	do volume O tempo Reencontrado ou seja no final do romance em si mesmo uma estética muito consciente, que cria ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e da		

imagem 64

(...) la justification de son oeuvre et la justification de sa vie. Telle est la syntèse puissante et singulière dont on va tâcher dans cet ouvrage, d'analyser les éléments essentiels. (...)

síntese letras 2006.cnc			
N	Concordance		
1	sente, que cria ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e da sua vida Tal é a síntese poderosa e singular a partir da qual vamos buscar , nesta obra, analisar seus elementos		
2	a justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Tal é a síntese poderosa e singular com que iremos lidar , nesta obra, analisando seus elementos essenciais. Essas quatro visões		
3	a, a um só tempo, a justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Tal é a síntese poderosa e singular que nos esforçaremos , nesta obra, por analisar os elementos essenciais.		
4	ao mesmo tempo, a justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Tal é a síntese profunda poderosa e singular da qual vamos nos esforçar , nesta obra, de analisar os		
5	que forma às vezes a justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Tal é a síntese poderosa e singular na qual se vai fazer um esforço , nesta obra, de analisar os elementos		
6	ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Essa é a síntese poderosa e singular a partir da qual nos esforçaremos , nesta obra, para analisar seus elementos		
7	mpo a justificativa da própria obra e da própria vida. Esta é a poderosa e singular síntese cujo elementos essenciais tentaremos analisar neste texto. Deve sempre considerar estas		
8	a, a um só tempo, a justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Esta é a síntese poderosa e singular cujo elementos essenciais devem-se analisar em tal obra. Essas quatro		
9	a, justificativa de sua (vida) obra e a justificativa de sua vida Acima de tudo é a síntese poderosa e singular cujo esforço, dentro da obra, analisa os elementos essenciais. Essas		
10	mesmo tempo, a justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Essa é a síntese poderosa e singular da qual nos propomos a analisar, nesta obra, os elementos essenciais.		
11	justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Tal é a síntese poderosa e singular é a síntese que tentamos , nesta obra, analisar os elementos essenciais. Essas quatro visões devem estar		
12	a justificativa de sua obra e a justificativa (justificativa) de sua vida. É como uma síntese pulsante e singular do que se faz , dentro desta obra, de analisar os elementos essenciais.		
13	cativa de sua obra e a justificativa se sua vida Tal é a síntese forte e singularidade da síntese , que vamos nos fixar , nesta obra, na análise dos elementos essenciais. Essas quatro visões		
14	forma desta vez a justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Esta é a síntese pulsante e singular de onde faz-se o esforço , nesta obra, de analisar os elementos essenciais.		
15	ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Tal é a síntese poderosa e singular, na qual vamos nos esforçar , dentro desta obra, para analisar os elementos		
16	a ao mesmo tempo a justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Tal é a síntese poderosa e singular da qual os elementos essenciais serão , nesta obra, objeto dos esforços de		
17	tanto uma justificativa de sua obra quanto uma justificativa de sua vida Esta é a síntese poderosa e singular cujo elementos essenciais nos esforçaremos por analisar nesta obra.		
18	nce, uma estética muito consciente que justifica a sua obra e a sua vida Ele é a síntese poderosa e singular onde eu vou fazer dentro da obra a análise dos elementos essenciais. São		
19	orma, por sua vez, a justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Tal é a síntese potente e singular de que se vai encarregar , nesta obra, de analisar seus elementos essenciais.		
20	ao mesmo tempo, a justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Tal é a síntese poderosa e singular da qual se tentará , nesta obra, analisar os elementos essenciais. Essas		
21	ao mesmo tempo, a justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Tal é a síntese poderosa e singular da qual tentaremos nesta obra, analisar os elementos essenciais. Essas		
22	orma felmente uma justificativa dessa obra e a justificativa de sua vida Essa é a síntese pulsante e singular que marcou , desde esta obra, a análise dos elementos essenciais. Essas		
23	onsciente que, simultaneamente , justifica tanto sua obra como sua vida. É nesta síntese profunda e singular em que trataremos , no interior dessa obra, da análise dos elementos		
24	que origina às vezes a justificativa de obra e a justificativa de sua vida Esta é a síntese forte e singular em que vamos nos valer nesta obra para analisar seus elementos essenciais.		
25	ma, por sua vez, a justificativa de sua obra e a justificativa de sua vida Essa é a síntese rica e única em que nos esforçamos , neste trabalho, quando analisarmos seus elementos		
26	a, a um só tempo, a justificativa de sua obra e a justificativa da sua vida É esta a síntese dominante e singular da qual se vai esforçar-se , nesta obra, por analisar os elementos		
27	Esta é uma fonte síntese e singular, eficaz para a análise dos elementos essenciais. Estas quatro visões que estão entre		

11	Provém do esquecimento de um ou de outro, ou da recusa de integrar e organizar em um julgamento crítico.	Destacare somente um por enquanto, à título de exemplo: Criticou-se Proust pela
12	do esquecimento de um ou de outro, ou pela recusa em integrar e organizar dentro de um julgamento crítico.	Vou ressaltar apenas um por enquanto, à título de exemplo: Culpamos Proust pela
13	são abundantes). Provém de esquecer uma ou outra, ou da recusa de integrá-la ou de organizá-la em um julgamento crítico.	Eu ressaltarei apenas um no momento, à título de exemplo: A gente ligou a Proust
14	bem compreender Proust: todos os contrasensos em sua obra (que são abundantes). Tem origem num julgamento crítico que	ignora ora uma, ora outra dimensão ou então recusa a associação dessas
15	Provenientes do esquecimento de um e de outro, ou da recusa de integrar e de organizá-los em um julgamento crítico.	Eu não revelarei por hora, à título de exemplo: Um resposta a Proust, da frivolidade
16	muitos). Provém do esquecimento de uma ou outra visão, ou da fuga de integrar e organizar em um julgamento crítico.	Destacare apenas um por hora, à título de exemplo: Reprovou-se Proust pela
17	abundam). Provém do esquecimento de uma ou outra, ou da recusa de integrá-la e organizá-la em um julgamento crítico.	Destacare somente uma dessas mas intertratações no momento, à título de
18	Provém do esquecimento de um ou de outro, ou da recusa de integrar e organizar dentro do julgamento crítico.	Eu acentuarei apenas um nesse momento, à título de exemplo: Reprova-se em
19	abandonam. Por causa das lembranças de um ou de outro, há os que reftam a integridade e outras o julgamento crítico.	Revelarei um no momento, à título de exemplo: Reprova-se em Proust a frivolidade
20	Provém da negligência de uma ou outra (visão), ou da recusa de integrá-la e organizá-la em um julgamento crítico.	Por agora, vou reproduzir apenas um deles, à título de exemplo: Reprova-se em
21	muitos). Provém do esquecimento de uma ou outra, ou da recusa de integrá-la e de organizá-la em um julgamento crítico.	Revelarei apenas um no momento, à título de exemplo: acusa-se Proust pela
22	Provém do esquecimento de um ou de outro, ou da recusa de integrá-la e de organizá-la em um julgamento crítico.	Eu destacare somente um no momento, à título de exemplo: Recrimina-se Proust
23	Provém da ausência de uma ou de outra visão, ou da recusa de integrá-la e de organizá-la sob o julgamento crítico.	Eu não os remarcarei senão nesse momento, à título de exemplo: Atribuiu-se a
24	do esquecimento de um ou de outro, ou da recusa de lhes integrar e lhes organizar conforme um julgamento crítico.	Resaltarei somente um por enquanto, à título de exemplo: Reprovamos Proust pela
25	Provenientes da falha de uma ou de outra, ou das recusas de integrar e organizar dentro do julgamento crítico.	Eu não revelarei que por um momento, à título de exemplo: Proust culpa a frivolidade
26	Provém do esquecimento de uma ou de outra, ou a recusa em integrá-la e organizá-la em um julgamento crítico.	A título de exemplo, eu revelarei apenas uma dessas visões no momento da leitura.
27	do esquecimento de uma ou outra dessas visões, ou da recusa de integrá-la e organizá-la em um julgamento crítico.	Eu vou assinar apenas um por ora, à título de exemplo: Proust tem sido criticado
28	Provenientes do esquecer de um ou de outro, ou da refutação da integração e da organização no julgamento crítico.	Eu não relevo para o momento, à título de exemplo: Uma reaproximação a Proust a
29	pele esquecimento de uma ou outra visão, ou por falta de integração e organização das visões no julgamento crítico.	Vou ressaltar um, à título de exemplo: Se Proust foi acusado de ter interesses e
30	Se originam no esquecimento de uma ou de outra, ou na recusa de integrá-la e organizá-la em um julgamento crítico.	Eu não mencionarei mais que um deles, por enquanto, à título de exemplo: Proust
31	Provém do esquecer de uma e de outra, ou da recusa de integrá-la e de organizá-la em um julgamento crítico.	Eu não revelarei mais do que um, à título de exemplo: reprovou-se em Proust a
32	Provém do esquecimento de uma ou de outra, ou da recusa de integrá-la e de organizá-la em um julgamento crítico.	Eu não destacarei mais que um pelo momento, à título de exemplo: critica-se
33	abundam). Provém do esquecimento de uma ou de outra, ou da recusa de integrá-la e de organizá-la em um julgamento crítico.	Eu revelarei apenas um nesse momento, à título de exemplo: culpamos Proust pela
34	deles). Provém do esquecimento de uma ou de outra, ou da recusa em integrá-la e organizá-la em um julgamento crítico.	Na momento, para relevância, um desses casos, à título de exemplo: reprovou-se,
35	Provém do esquecimento de uma ou de outra, ou da recusa de integrá-la e organizá-la em um julgamento crítico.	Eu revelarei apenas um, à título de exemplo: alguns reprovam Proust pela frivolidade

imagem 68

(...) on a reproché à Proust la frivolité de ses intérêts, de ses passions et du monde qu'il décrit.

interesse_letras 2006.cnc	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	guisa de exemplo: tem-se reprovado a Proust a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que descreve.
2	momento, à título de exemplo: na apreensão a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que descreve.
3	à título de exemplo: Proust já foi reprovado pela frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que descreve.
4	à título de exemplo: (re)aproxima-se de Proust a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
5	, à título de exemplo: condenou-se em Proust a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
6	por ora, à título de exemplo: atribuem a Proust a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
7	, à título de exemplo: Reprovou-se em Proust a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve (...)
8	mento, à título de exemplo: Reaproximando-se a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
9	so, à título de exemplo: Reprova-se Proust pela frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve (...)
10	, à título de exemplo: Nós atribuímos a Proust a futilidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
11	nto, como exemplo: Já se reprovou em Proust a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
12	mento, à título de exemplo: Criticou-se Proust, a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
13	nquanto, como exemplo: Criticou-se em Proust a futilidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve ...
14	nto, à título de exemplo: Criticou-se Proust pela frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve (...)
15	anto, à título de exemplo: Culpamos Proust pela frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve (...)
16	to, à título de exemplo: A gente ligou a Proust a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
17	emplo somente: Responsabilizou-se Proust pela frivolidade de seus interesses, paixões, e do mundo por ele descrito.
18	, à título de exemplo: Um resposta a Proust, da frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
19	a, à título de exemplo: Reprovou-se Proust pela frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
20	nto, à título de exemplo: Criticou-se Proust pela frivolidade de seus interesses, de suas paixões.
21	to, à título de exemplo: Reprova-se em Proust a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
22	to, à título de exemplo: Reprova-se em Proust a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
23	les, à título de exemplo: Reprova-se em Proust a futilidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve (...)
24	ento, à título de exemplo: acusa-se Proust pela frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve (...)
25	, à título de exemplo: Recrimina-se Proust pela frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve (...)
26	ento, à título de exemplo: Atribuiu-se a Proust a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
27	to, à título de exemplo: Reprovamos Proust pela frivolidade de seus interesses, das suas paixões e do mundo que ele descreve.
28	m momento, à título de exemplo: Proust culpa a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que descreve.
29	ões no momento da leitura: reprovou Proust pela frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ela descreve.
30	ítulo de exemplo: Proust tem sido criticado pela frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve (...)
31	ulo de exemplo: Uma reaproximação a Proust a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreveu. [corretor: erro grave]
32	hora, à título de exemplo: Acusa-se Proust pela frivolidade de seus interesses, de seus sentimentos e do mundo que ele descreve (...)
33	ma, à título de exemplo: Se Proust foi acusado de ter interesses e paixões fúteis e de descrever um mundo fútil ...
34	o: Proust tem sido censurado pela frivolidade de seus interesses, de suas paixões, e do mundo que ele descreve ...
35	emplo: reprovou-se em Proust a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
36	o: critica-se (acusa-se) Proust pela frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve (...).
37	o exemplo: culpamos Proust pela frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
38	o exemplo: reprovou-se em Proust, a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.
39	o exemplo: alguns reprovam Proust pela frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreve.

imagem 69

Opções de tradução

Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N Concordance	
1	errôneas sobre sua obra (e estas abundam). Provêm
2	nsos sobre sua obra (há uma abundância deles).
3	contrasensos de sua obra (eles abundam). Provêm do
4	do mundo que ele descreve (...)
5	título de exemplo: critica-se (acusa-se) Proust pela
6	a respeito de sua obra (elas são abundantes).
7	Ta é a síntese profunda (poderosa) e singular da qual
8	nsos sobre sua obra (eles abundam). Provêm de
9	sensos sobre sua obra (eles são abundantes). Se
10	do mundo que ele descreve (...)
11	equivocos sobre sua obra (são muitos). Advém do
12	contrasensos sob sua obra (abundantemente). Pr
13	vezes, a justificativa de sua (vida) obra e a justificativa de
14	do mundo que ele descreve (...)
15	a respeito de sua obra (e eles são muitos). São
16	contrasensos dessa obra (eles abundam). Provêm do
17	sobre sua obra são (abundantes). Provenientes
18	de sua obra e a justificativa (justificativa) de sua vida. É
19	nsos sobre sua obra (eles abundam). Provêm do
20	nsos sobre sua obra (eles abandonam). Provêm
21	do mundo que ele descreve (...)
22	nsos sobre sua obra (eles são abundantes).
23	do mundo que ele descreve (...)
24	nsos sobre sua obra (eles são muitos). Provêm do
25	do mundo que ele descreve (...)
26	negligência de uma ou outra (visão), ou da recusa de
27	equivocos sobre sua obra (eles são abundantes).
28	leitor que entendem Proust (lêem Proust): Alguns não
29	nsos sobre sua obra (eles abundam). Provêm do
30	ções sobre sua obra (elas abundam). Provêm do
31	os sobre a sua obra (e eles são muitos). Provêm
32	s presentes na obra (ele abandonou). Pro
33	contrasensos em sua obra (que são abundantes). Tem
34	nsos sobre sua obra (que são abundantes).
35	do mundo que ele descreve (...)
36	nsos sobre sua obra (eles são muitos). Provêm do
37	no fim do "Temps Retrouvé" (Tempo reencontrado) i é, no
38	do mundo que ele descreve (...)
39	contrasensos em sua obra (eles abundam). Provêm do
40	Ele (Marcel Proust) insere ao fim
41	nsos sobre sua obra (e eles são muitos).
42	errôneas sobre sua obra (são abundantes). Provêm do
43	os erros sobre sua obra (e são abundantes). Provêm
44	as oposições de sua obra (e são muitas). Provêm do
45	do mundo que ele descreve (...)
46	os sobre a sua obra (eles abundam). Provêm do
47	do mundo que ele descreve (...)
48	nsos sobre sua obra (eles são abundantes).
49	ação sobre sua obra (e são muitos!). Provêm do
50	nsos sobre sua obra (eles abundam). Provêm do
51	à título de exemplo: (re)aproxima-se de Proust a
52	contrasensos em sua obra (que são muitos). Provêm do
53	contra-sensos de sua obra (há muitos). Provêm do
54	nsos sobre sua obra (eles são abundantes).
55	crítico. Não porei em relevo (não chamarei a atenção),
56	(paradoxos) de sua obra (que são abundantes)
57	todos os contrasensos (paradoxos) de sua obra (que
58	Essas quatro visões (dimensões) devem estar

imagem 70

Omissões explícitas

Concord										
File Edit View Compute Settings Window Help										
N Concordance										
1	dimensão ou então recusa a associação dessas dimensões	Tratarei deles, a principio, a título de exemplo somente:	90	4	8%	0	0%	0	0%	2006_2 a18.txt
2	bem a Proust: ___ Estas visões são dependentes uma da outra	___ Estas visões são dependentes uma da outra ___	41	3	0%	0	0%	0	0%	2006_2 a14.txt
3	mostra ao leitor que o espírito para entender bem a Proust	___ Esta é uma fonte síntese e singular, eficaz para a análise dos	33	1	0%	0	0%	0	0%	2006_2 a14.txt
4		___ Essas quatro dimensões devem sempre estar presentes no	0	0	0%	0	0%	0	0%	2006_2 a05.txt
5			0	0	0%	0	0%	0	0%	2006_2 a05.txt

imagem 71

Apreciação do corretor

Erro grave

Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
<p>Ele incluiu ao final do Tempo Redescoberto isto quer dizer ao final do romance para ele mesmo uma estética muito consciente que forma, às vezes, a justificativa de sua (vida) obra e a justificativa de sua vida. Acima de tudo, é a síntese poderosa e singular cujo esforço, dentro da obra, analisa os elementos essenciais. Essas quatro visões, nesse contexto, estão presentes ao leitor que bem entende Proust: todos os contrasensos (sob) sua obra (abundantemente) Provenientes do esquecer de um ou de outro, ou da refutação da integração e da organização no julgamento crítico. Eu (não) relevo, para o momento, a título de exemplo: Uma reaproximação a Proust a frivolidade de seus interesses, de suas paixões e do mundo que ele descreveu. [corretor: erro grave]</p>	

imagem 72

3.5.7. Subcorpus VII:

A prova de proficiência da Faculdade de Letras no 1º semestre de 2007 foi elaborada e corrigida por professores da área de francês do Departamento de Letras Modernas. O texto integral possui 382 palavras, das quais 92 fazem parte dos trechos selecionados para os exercícios de tradução. A prova foi formulada com 07 questões: 05 dissertativas, valendo 01 ponto cada e 02 de tradução, valendo 2,5 pontos cada uma. A mesma prova para candidatos ao mestrado ou ao doutorado, em um total de 78 candidatos. A duração máxima foi de 02 horas e permitiu-se apenas o uso de dicionários monolíngües.

Primeiro trecho:

*A l'égard de leur oeuvre, les auteurs entretiennent un rapport double. D'une part, ils se sont **peu ou prou** depositaires de la vision romantique exaltant le travail artistique désintéressé. Ils sont toujours tentés de voir en leur éditeur un héritier de ces bourgeois de la Monarchie de Juillet indifférents aux considérations esthétiques, surtout préoccupés de l'avancement de leurs affaires.*

Segundo trecho:

*Si opposés que soient les intérêts des deux interlocuteurs, ils n'en sont pas moins solidaires: ils forment un couple **parfois** tumultueux mais dans une certaine mesure unis pour le meilleur et le pire.*

WordList

N	Word	Freq.	%	Texts	%
1	DE	297	4.23	78	100.00
2	ELES	225	3.20	71	91.03
3	O	224	3.19	77	98.72
4	UM	201	2.86	75	96.15
5	SÃO	198	2.82	76	97.44
6	OS	158	2.25	77	98.72
7	UMA	146	2.08	74	94.87
8	DA	137	1.95	73	93.59
9	EM	130	1.85	70	89.74
10	QUE	129	1.84	69	88.46
11	MENOS	117	1.67	71	91.03
12	ÀS	107	1.52	71	91.03
13	A	97	1.38	65	83.33
14	MAIS	94	1.34	68	87.18
15	DOS	94	1.34	68	87.18
16	E	88	1.25	71	91.03
17	SEUS	87	1.24	64	82.05
18	INTERESSES	84	1.20	73	93.59
19	COM	84	1.20	67	85.90
20	TRABALHO	78	1.11	72	92.31
21	NÃO	78	1.11	72	92.31
22	INTERLOCUTORES	78	1.11	77	98.72
23	VISÃO	77	1.10	76	97.44
24	RELAÇÃO	77	1.10	63	80.77
25	POR	77	1.10	45	57.69
26	ROMÂNTICA	76	1.08	76	97.44
27	ESTÉTICAS	76	1.08	76	97.44
28	AUTORES	76	1.08	75	96.15
29	MONARQUIA	74	1.05	74	94.87
30	MAS	73	1.04	70	89.74
31	CONSIDERAÇÕES	73	1.04	73	93.59
32	CERTA	73	1.04	68	87.18
33	SOLIDÁRIOS	72	1.02	72	92.31

N	Word	Freq.	%	Texts	%
34	FORMAM	72	1.02	71	91.03
35	DESINTERESSADO	72	1.02	72	92.31
36	ARTÍSTICO	72	1.02	72	92.31
37	OU	71	1.01	67	85.90
38	INDIFERENTES	71	1.01	71	91.03
39	DOIS	70	1.00	69	88.46
40	VER	68	0.97	68	87.18
41	PREOCUPADOS	68	0.97	68	87.18
42	PARA	68	0.97	47	60.26
43	LADO	68	0.97	68	87.18
44	MELHOR	67	0.95	64	82.05
45	DUPLA	64	0.91	53	67.95
46	SEMPRE	63	0.90	62	79.49
47	OPOSTOS	62	0.88	59	75.64
48	MEDIDA	60	0.85	60	76.82
49	SEU	59	0.84	54	69.23
50	EDITOR	57	0.81	54	69.23
51	DEPOSITÁRIOS	55	0.78	55	70.51
52	TENTADOS	54	0.77	54	69.23
53	HERDEIRO	52	0.74	52	66.67
54	PELO	51	0.73	31	39.74
55	VEZES	47	0.67	46	58.97
56	BURGUESES	47	0.67	47	60.26
57	SEJAM	46	0.65	45	57.69
58	SOBRETUDO	44	0.63	44	56.41
59	OBRA	43	0.61	40	51.28
60	JULHO	43	0.61	43	55.13
61	UNIDOS	42	0.60	40	51.28
62	SUA	42	0.60	42	53.85
63	NEGÓCIOS	42	0.60	42	53.85
64	CASAL	41	0.58	41	52.56
65	SE	37	0.53	32	41.03
66	EXALTA	37	0.53	37	47.44

N	Word	Freq.	%	Texts	%
527	ATE	1	0.01	1	1.28
528	ASSUMEM	1	0.01	1	1.28
529	ARTÍSTICAS	1	0.01	1	1.28
530	ARTÍSTICA	1	0.01	1	1.28
531	ARTÍSTICO	1	0.01	1	1.28
532	ARTISTAS	1	0.01	1	1.28
533	ARTIGOS	1	0.01	1	1.28
534	ARTE	1	0.01	1	1.28
535	ARRASTAM	1	0.01	1	1.28
536	ARISTOCRATAS	1	0.01	1	1.28
537	AQUI	1	0.01	1	1.28
538	AQUELES	1	0.01	1	1.28
539	AQUELE	1	0.01	1	1.28
540	APRECIACÃO	1	0.01	1	1.28
541	APOLOGISTA	1	0.01	1	1.28
542	APERFEÇOAMENTO	1	0.01	1	1.28
543	APARÊNCIA	1	0.01	1	1.28
544	APAGIADOS	1	0.01	1	1.28
545	ANTIGO	1	0.01	1	1.28
546	ANTERIOR	1	0.01	1	1.28
547	ANTEPASSADOS	1	0.01	1	1.28
548	ANDAR	1	0.01	1	1.28
549	ANÁLISE	1	0.01	1	1.28
550	AMBOS	1	0.01	1	1.28
551	AMANTES	1	0.01	1	1.28
552	ÂMAGO	1	0.01	1	1.28
553	ALGUM	1	0.01	1	1.28
554	AGITA	1	0.01	1	1.28
555	ADVINDO	1	0.01	1	1.28
556	ABORDAGEM	1	0.01	1	1.28
557	ABANDONARIAM	1	0.01	1	1.28
558	#	1	0.01	1	1.28

imagem 73

A l'égard de leur oeuvre, les auteurs entretiennent un rapport double. (...)

C autores letras 2007.cnc	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N Concordance	
1	Em relação à sua obra, os autores mantêm uma relação dupla De um lado, eles são mais ou
2	Em consideração às suas obras, os autores mantêm uma relação dupla Por um lado, eles são pouco
3	Relativo a sua obra, os autores possuem uma relação dupla De um lado, eles são mais ou
4	Com atenção à obra, os autores perpetuam uma dupla resposta De uma parte, eles são mais ou
5	No que concerne suas obras, os autores mantêm uma dupla relação Por um lado, eles são mais ou
6	O legado de nossas obras, os autores possuem uma dupla relação De um lado são poucos ou muito
7	A consideração de seu trabalho, os autores encaram um retorno duplo De um lado, eles são mais ou menos
8	No que diz respeito à sua obra, os autores mantêm uma relação dupla Por um lado, eles são depositários
9	Sob a perspectiva de suas obras, os autores mantêm uma relação dúbia De um lado, eles são mais ou
10	Do ponto de vista de sua obra, os autores mantêm uma dupla relação De uma parte, eles são mais ou
11	« A respeito de sua obra, os autores possuem um discurso duplo De um lado, são mais ou menos
12	Tendo noção de sua atividade, os autores entretêm numa relação dupla Por uma parte, eles são mais ou
13	No que concerne às suas obras, os autores mantêm uma relação ambígua De um lado, eles são mais ou
14	Os autores assumem uma postura dúbia em relação a suas obras. De um
15	Em relação às suas obras, os autores têm uma posição ambígua Por um lado, são de certa forma
16	Devido ao legado de sua obra, os autores dividem-se entre duas escolhas Por um lado, são mais ou
17	No que diz respeito às suas obras, os autores mantinham uma relação ambígua De um lado, estão pouco
18	Em consideração a suas obras, os autores constavam uma postura dupla De um lado, eles são mais ou
19	Em relação a sua obra, os escritores/autores apresentam uma relação dupla De um lado, eles são mais ou
20	desinteressado, não preocupado com recompensa financeira. Os autores são sempre tentados a verem em seu editor um herdeiro
21	Em relação a sua obra, os autores mantêm uma relação dupla De um lado, eles são mais ou
22	Com relação a sua obra, os autores se posicionam de maneira dúbia De um lado, são pouco ou
23	Através de sua obra, os autores mantêm uma relação dúbia (com os editores). Por um lado, eles
24	Os autores estabelecem uma relação dúbia no que se refere à sua obra. De
25	Ao publicar sua obra, os autores mantêm uma relação dupla De um lado, eles são mais ou
26	No que se refere à sua obra, os autores apresentam uma relação ambígua Por um lado, eles são em
27	Em relação às suas obras, os autores mantêm uma relação dupla Por um lado, eles são mais ou
28	Com relação às suas obras, os autores mantêm uma relação dupla Por um lado, eles são como que
29	A respeito de suas obras, os autores mantêm uma relação dupla De uma parte, eles são mais ou
30	Os autores mantêm uma relação dupla no que diz respeito à sua obra. São,
31	A respeito da sua obra, os autores conservam uma dupla relação De um lado, são mais ou menos
32	Levando em conta sua obra, os autores têm uma relação de cuidados dobrada De um lado, eles são
33	Para a análise de seu trabalho, os autores empreendem uma pesquisa dupla De uma parte, ele, mais ou
34	Para que isso ocorra com as obras deles. Os autores conservam uma relação ambígua De um lado, eles estão mais
35	Com relação à sua obra, os autores têm um comportamento ambíguo Por um lado, são mais ou
36	Considerando sua obra, os autores nutrem uma relação ambígua De um lado, eles defendem mais
37	No que concerne à sua obra, os autores mantêm uma relação dupla De um lado, eles são mais ou
38	Para o leitor de seus « artigos » os autores divertem em uma dupla abordagem (relação) De uma parte, eles
39	No que diz respeito / sobre às suas obras, os autores mantêm uma relação dupla De um lado, eles não são mais ou
40	A respeito de sua obra, os autores mantêm uma relação dúbia De um lado, eles são mais ou
41	Com relação a suas obras, os autores têm uma relação dupla (ambígua) Por um lado, eles são mais ou
42	Em relação a sua obra, os autores mantêm uma relação dúbia Por um lado, são um tanto
43	Tendo em consideração suas obras, os autores mantêm um relacionamento duplo De um lado, eles são mais ou
44	A 'luz' de suas obras, os autores realizam uma relação dupla Por um lado, são mais ou menos os
45	Sem considerar suas obras, os autores mantêm um relato duplo De um lado, eles são mais ou menos
46	Ao que concerne as obras, os autores têm uma dupla relação De uma parte eles são pouco ou muito
47	Diante de sua obra, os autores mantêm uma relação dupla De um lado, eles são mais ou
48	No que concerne suas obras, os autores mantêm uma relação dupla De um lado, eles são mais ou
49	Com relação a suas obras, os autores mantêm uma relação dúbia Por um lado, eles estão mais ou
50	Em relação a sua obra, os autores mantêm uma relação dupla Por um lado, eles são mais ou
51	No que diz respeito à sua obra, os autores mantêm uma relação dupla De um lado, eles são mais ou
52	No tocante à sua obra, os autores cultivam uma relação ambígua Por um lado, eles são mais ou
53	Pelo que concerne à sua obra, os autores mantinham uma dupla relação De um lado, eles não são mais ou
54	Na relação literária os autores mantêm uma relação dúbia De uma parte, eles são mais ou
55	Quanto a sua própria obra, os autores cultivam uma dupla relação Por um lado, eles são mais ou
56	No âmbito de suas obras, os autores desempenham um papel duplo Por um lado, eles são mais ou
57	Em relação às suas obras, os autores estabelecem uma relação dupla De uma lado, são mais ou
58	A propósito de sua obra, os autores alimentam uma relação dupla De um lado, eles são mais ou
59	Os autores são possuidores de uma visão romântica que exalta a estética, a
60	a-estética, a arte, desinteressados por outras razões, por outro lado, os autores se preocupam com o avanço dos lucros, nem mesmo a herança;
61	Do ponto de vista de sua obra, os autores mantêm uma relação dupla Por outro lado, eles são mais ou
62	A apreciação de suas obras, uma relação dúbia entretêm os autores. De um lado eles são, em parte ou muito, crédulos de uma visão
63	A respeito de sua obra, os autores mantêm uma relação dupla De um lado, eles são mais ou
64	No que concerne a sua obra, os autores conservam um duplo documento Por um lado, eles são mais ou
65	No que concerne a sua obra, os autores travam uma relação dupla De um parte, eles são mais ou menos
66	No que concerne às suas obras, os autores mantêm uma relação dúbia Por um lado, eles são mais ou

67	Em consideração à produções deles, os autores se envolvem numa dupla relação	Por um lado, eles não são mais
68	Ao considerar sua obra, os autores entram numa relação dupla	De um lado, eles eram poucos e
69	Com sua obra, os autores mantêm uma relação dupla	Por um lado, eles conservam mais
70	Considerando sua obra, os autores mantêm uma relação dúbia	Por um lado, eles são mais ou
71	Ao olhar para sua obra, os autores mantêm uma dupla relação	De um lado, são mais ou menos
72	Com relação à sua obra, os autores mantêm uma dupla relação	Por um lado são, pouco ou muito,
73	A respeito de suas obras, os autores mantêm uma dupla relação	Por um lado, eles são mais ou
74	Em função de seu trabalho, os autores provocam uma resposta dupla	Por um lado eles são mais ou
75	Do ponto de vista de sua obra, os autores mantêm uma relação dupla (dúbia)	De um lado, eles são mais
76	De modo semelhante a sua obra, os autores trazem (arrastam) uma relação dupla	De uma parte, eles são

imagem 74

(...) *D'une part, ils se sont peu ou prou dépositaires de la vision romantique exaltant le travail artistique désintéressé. (...)*

visão letras 2007.cnc	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	relação dupla. De um lado, eles são mais ou menos depositários da visão romântica que ressalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são
2	uma relação dupla. Por um lado, eles são pouco confiantes da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado; buscam
3	relação dupla. De um lado, eles são mais ou menos depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são
4	resposta: De uma parte, eles são mais ou menos depositários de uma visão romântica exaltada como um trabalho artístico desinteressado. Eles
5	relação. Por um lado, eles são mais ou menos concessionários da visão romântica exaltando o trabalho artístico desinteressado. Eles estão
6	relação. De um lado são poucos ou muito poucos depositários de uma visão romântica exaltada sem interesse na produção artística. São
7	um retorno duplo. De um lado, eles são mais ou menos depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são
8	mantém uma relação dupla. Por um lado, eles são depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são
9	relação dúbia. De um lado, eles são mais ou menos depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são
10	uma dupla relação. De uma lado, eles são mais ou menos adeptos da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são
11	um discurso duplo. De um lado, são mais ou menos depositários da visão romântica de exaltar o trabalho artístico desinteressado. Eles são
12	relação dupla. Por uma parte, eles são mais ou menos depositários da visão romântica do trabalho artístico desinteressado. Eles estão sempre
13	ambigua. De um lado, eles são mais ou menos depositários de uma visão romântica exaltando o trabalho artístico desinteressado. Eles são
14	relação a suas obras. De um lado, são mais ou menos depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Tendem
15	relação dupla. Por um lado, eles são mais ou menos depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são
16	uma posição ambígua. Por um lado, são de certa forma depositários da visão romântica exaltadora do caráter desinteressado do trabalho
17	duas escolhas. Por um lado, são mais ou menos conservadores de uma visão romântica, exaltando o trabalho artístico desinteressado. Tentam
18	uma relação ambígua. De um lado, estão pouco confiantes na visão romântica exaltando o trabalho artístico desinteressado. Sempre
19	postura dupla. De um lado, eles são mais ou menos depositários da visão romântica exaltante do trabalho artístico desinteressado. Eles são
20	dupla. De um lado, eles são mais ou menos depositários de uma visão romântica/idealista, exaltando o trabalho artístico desinteressado
21	uma relação ambígua: de um lado possuem (os escritores) uma visão romântica do trabalho artístico desinteressado, não preocupado
22	relação dupla. De um lado, eles são mais ou menos depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são
23	de maneira dúbia. De um lado, são pouco ou muito depositários da visão romântica, exaltando o trabalho artístico desinteressado destes
24	os editores). Por um lado, eles são mais ou menos depositários da visão romântica, exaltando o trabalho artístico desinteressado. Eles estão
25	refere à sua obra. De um lado, eles são mais ou menos depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. São
26	De um lado, eles são mais ou menos depositários (tomados) por uma visão romântica exaltada do trabalho artístico desinteressado. Eles são
27	uma relação ambígua. Por um lado, eles são em parte depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são
28	relação dupla. Por um lado, eles são mais ou menos depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles
29	uma relação dupla. Por um lado, eles são como que depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são
30	relação dupla. De uma parte, eles são mais ou menos depositários da visão romântica exaltadora do trabalho artístico desinteressado. Eles são
31	respeito à sua obra. São, por um lado, mais ou menos depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Sofrem
32	uma dupla relação. De um lado, são mais ou menos depositários da visão romântica ao exaltar o trabalho artístico desinteressado. São
33	cuidados dobrada. De um lado, eles são mais ou menos depositários da visão romântica exaltando o trabalho artístico desinteressado. Eles são
34	uma parte, ele mais ou menos deixariam de lado (abandonariam) uma visão romântica, exaltando o trabalho artístico desinteressado. Eles
35	ambígua. De um lado, eles estão mais ou menos convictos de sua visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são
36	desinteressado. Eles são sempre tendenciosos a ver a herança da visão burguesa da Monarquia de Juillet, indiferentes às considerações
37	ambíguo. Por um lado, são mais ou menos depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Ficam
38	uma relação ambígua. De um lado, eles defendem mais ou menos a visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles
39	relação dupla. De um lado, eles são mais ou menos depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são
40	(relação). De uma parte, eles são mais ou menos depositantes da visão romântica exaltando o trabalho artístico desinteressado. Eles estão
41	dupla. De um lado, eles não são mais ou menos os depositários da visão romântica exaltando o trabalho artístico desinteressado. Eles são
42	relação dúbia. De um lado, eles são mais ou menos partidários de uma visão romântica, exaltando o trabalho artístico desinteressado. Eles são
43	(ambígua). Por um lado, eles são mais ou menos herdeiros de uma visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são
44	mantém uma relação dúbia. Por um lado, são um tanto depositários da visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. São
45	duplo. De um lado, eles são mais ou menos depositários da visão romântica exaltando o trabalho artístico desinteressado. Eles são
46	relação dupla. Por um lado, são mais ou menos os depositários de uma visão romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado. São

47	um relato duplo. De um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles são
48	dupla relação. De uma parte eles são <u>pouco ou muito</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>exaltando</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles são
49	relação dupla. De um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> o trabalho artístico desinteressado. São
50	relação dupla. De um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles estão
51	relação dúbia: Por um lado, eles estão <u>mais ou menos</u> <u>presos</u> a uma <u>visão</u> romântica em que o trabalho artístico desinteressado é <u>exaltado</u> ,
52	relação dupla. Por um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica, <u>que exalta</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles são
53	relação dupla. De um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>exaltando</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles
54	relação ambígua. Por um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles são
55	dupla relação. De um lado, eles não são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>ao exaltar</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles
56	dúbia. De uma parte, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> de uma <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> o viés artístico desinteressado. Eles são hoje,
57	uma dupla relação. Por um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>adeptos</u> da <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles são
58	um papel duplo. Por um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>portadores</u> de uma <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles são
59	uma relação dupla. De uma lado, são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>exaltadora</u> do trabalho artístico desinteressado. Eles
60	relação dupla. De um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles
61	Os autores são <u>possuidores</u> de uma <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> a <u>estética</u> a <u>arte</u> , desinteressados por outras
62	relação dupla. Por outro lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica, <u>exaltando</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles são
63	os autores. De um lado eles são <u>em parte ou muito</u> <u>crédulos</u> de uma <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles estão
64	relação dupla. De um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles são
65	duplo documento. Por um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>exaltante</u> do trabalho artístico desinteressado. Eles são
66	dupla. De uma parte, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> de uma <u>visão</u> romântica <u>exaltando</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles são
67	relação dúbia. Por um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>Apologista</u> do trabalho artístico desinteressado. Eles são
68	relação. Por um lado, eles <u>não</u> são <u>mais ou menos</u> <u>resultados</u> de uma <u>visão</u> romântica <u>exaltante</u> do trabalho artístico desinteressado. Eles são
69	relação dupla. De um lado, eles eram <u>poucos e pro</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>exaltando</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles são
70	uma relação dupla. Por um lado, eles conservam <u>mais ou menos</u> uma <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> o trabalho artístico desinteressado. Para eles,
71	uma relação dúbia. Por um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>favoráveis</u> à <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> o trabalho artístico desinteressado. Por outro,
72	uma dupla relação. De um lado, são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles são
73	relação. Por um lado são <u>pouco ou muito</u> <u>depositários</u> (herdeiros) da <u>visão</u> romântica <u>que exalta</u> o trabalho desinteressado. São sempre
74	dupla relação. Por um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica do trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre
75	resposta dupla. Por um lado eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>exaltando</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles são
76	relação dupla (dúbia). De um lado, eles são <u>mais ou menos</u> <u>daeptos</u> da <u>visão</u> romântica <u>exaltando</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles estão
77	relação dupla. De uma parte, eles são <u>mais ou menos</u> <u>depositários</u> da <u>visão</u> romântica <u>exaltando</u> o trabalho artístico desinteressado. Eles estão

imagem 75

(...) *Ils sont toujours tentés de voir en leur éditeur un héritier de ces bourgeois de la Monarchie de Juillet (...)*

N		Concordance	
1	o trabalho artístico desinteressado. Eles estão <u>sempre</u> <u>tentados</u> em seu editor uma herança <u>destes</u> <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes às		
2	o trabalho artístico desinteressado. Eles estão <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>ver</u> em seu editor um herdeiro <u>da</u> <u>monarquia</u> e <u>da</u> <u>burguesia</u> de <u>Juliet</u> , indiferentes às consi		
3	o trabalho artístico desinteressado. Eles são <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seu editor um herdeiro <u>daquela</u> <u>burguesia</u> da <u>Monarquia de Juliet</u> indiferentes às c		
4	ica do trabalho artístico desinteressado. Eles são <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seu editor um herdeiro <u>do</u> <u>burguês</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferente às questões est		
5	romântica que exalta o trabalho desinteressado. São <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> no editor um herdeiro <u>(daqueles)</u> dos <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes		
6	alta o trabalho artístico desinteressado. Eles são <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> no seu editor um construtor <u>Dos</u> <u>trabalhos</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes às conside		
7	o trabalho artístico desinteressado. Por outro, eles sempre <u>tendem</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seu editor um herdeiro <u>dos</u> <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes às		
8	artístico desinteressado. Para eles, a <u>tentação</u> é <u>sempre</u> <u>grande</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seu editor um herdeiro <u>daqueles</u> <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes às		
9	rabalho artístico desinteressado. Eles são <u>todos</u> <u>os</u> <u>dias</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seus editores uma herança de seus antepassados da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes		
10	te do trabalho artístico desinteressado. Eles são <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>enxerxa</u> o editor como um herdeiro de seus <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Juliet</u> indiferentes		
11	ta do trabalho artístico desinteressado. Eles são <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seus editores um herdeiro <u>Dos</u> <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes às		
12	ndo o trabalho artístico desinteressado. Eles são <u>também</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seu editor um herdeiro <u>Dos</u> « <u>mecenas</u> » da <u>Monarquia de Juliet</u> indiferentes às cons		
13	nte do trabalho artístico desinteressado. Eles são <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seu editor um herdeiro <u>destas</u> <u>burguesias</u> da <u>Monarquia de Juliet</u> indiferentes às con		
14	lta o trabalho artístico desinteressado. Eles são <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seu editor um herdeiro <u>destes</u> <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes às		
15	a o trabalho artístico desinteressado. Eles estão <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seus editores um herdeiro <u>daqueles</u> <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes às		
16	altando o trabalho artístico desinteressado. Eles são <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> seu editor como um herdeiro <u>dos</u> <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes às		
17	o trabalhado artístico desinteressado. Eles são <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seu editor como um herdeiro <u>da</u> <u>burguesia</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferente às		
18	do trabalho artístico desinteressado. Eles sentem-se <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> seu editor como um herdeiro <u>desses</u> <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes		
19	lta o trabalho artístico desinteressado. Eles são <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seus editores um herdeiro <u>desta</u> <u>burguesia</u> da <u>Monarquia de Juliet</u> indiferentes às co		
20	alta o trabalho artístico desinteressado. Eles são <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> no seu editor um herdeiro <u>desses</u> <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes às		
21	ístico desinteressado. Eles são hoje, ou melhor, eles <u>tendem</u> <u>hoje</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seus editores, com um herdeiro <u>da</u> <u>Monarquia de Juliet</u> , um vassalo, indiferentes às c		
22	altar o trabalho artístico desinteressado. Eles <u>sempre</u> <u>têm</u> <u>tendência</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seu editor como um herdeiro <u>dessa</u> <u>nobreza</u> da <u>Monarquia de Juliet</u> indiferentes às		
23	alta o trabalho artístico desinteressado. Eles são <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seu editor um herdeiro <u>daqueles</u> <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes às		
24	seus afazeres. Ainda que sejam opostos os interesses dos dois interlocutores (editor e autor), eles não são menos solidários: eles formam um casal não raro		
25	a exaltando o trabalho artístico desinteressado. Eles <u>sempre</u> <u>tentam</u> <u>ver</u> em seu editor um herdeiro <u>destes</u> <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Juliet</u> indiferentes às cons		
26	alta o trabalho artístico desinteressado. Eles são <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seu editor um herdeiro <u>dos</u> <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Juliet</u> indiferentes a consi		
27	trabalho artístico desinteressado é exaltado. Eles <u>quase</u> <u>sempre</u> <u>vêm</u> os seus editores como herdeiros da <u>burguesia</u> da <u>Monarquia de Juliet</u> indiferenets às con		
28	alta o trabalho artístico desinteressado. Eles estão <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seus editores como herdeiros dos <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes às		
29	ue exalta o trabalho artístico desinteressado. São <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seu editor um herdeiro <u>daqueles</u> <u>burgueses</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes às		
30	do o trabalho artístico desinteressado. Eles são <u>sempre</u> <u>tentados</u> <u>a</u> <u>ver</u> em seus editores uma herança dos <u>"bouveois"</u> da <u>Monarquia de Julho</u> indiferentes às		

31 exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são ainda tentados a (ver) seus editores como um sucessor dos nobres da Monarquia de Juillet indiferentes às
32 exalta o trabalho artístico desinteressado. São sempre tentados a (ver) em seu editor um herdeiro daquela burguesia da Monarquia de Julho indiferentes às cons
33 o trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre tentados a (ver) em seu editor um herdeiro dessas burguesias da Monarquia de Juillet indiferentes às con
34 ue exalta o trabalho artístico desinteressado. São sempre tentados a (ver) em seu editor um herdeiro dos burgueses da Monarquia de Julho indiferentes às
35 ica que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são levados a (ver) seus editores como um herdeiro desses burgueses da Monarquia de Julho indiferentes
36 ndo o trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre tentados a (ver) em seu editor um herdeiro dos burgueses da Monarquia de Julho indiferentes às
37 desinteressado. Eles são constantemente sempre tentados a (ver) em seus editores um herdeiro dos burgueses da Monarquia de Julho Indiferentes às consid
38 tando o trabalho artístico desinteressado. Eles estão juntos tentando (ver) em seu editor uma herança de sua riqueza da Monarquia de « Juillet indiferentes às con
39 exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre tentados a (ver) em seu editor como um herdeiro desses burgueses da Monarquia de Julho indiferentes
40 a que exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles sempre tentam (ver) em seu editor uma herança daqueles burgueses da Monarquia de Juillet indiferentes às
41 exalta o trabalho artístico desinteressado. Ficam sempre tentados a (ver) em seu editor um herdeiro daqueles burgueses da Monarquia de Julho indiferentes às
42 alho artístico desinteressado. Eles tentam dianamente ver (observar) em seus editores um herdeiro de seus burgueses da Monarquia de Julho indiferentes às c
43 o trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre tentados a (ver) em seu editor um herdeiro destes burgueses da Monarquia de Juillet indiferentes as con
44 o exaltar o trabalho artístico desinteressado. São sempre tentados a (ver) no seu editor um procurador (representante) desses burgueses da monarquia anterior à
45 ta o trabalho artístico desinteressado. Sofrem sempre a tentação de (ver) em seu editor um herdeiro Dos burgueses da Monarquia de Julho indiferentes às
46 ra do trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre tentados a (ver) em seu editor um herdeiro dos burgueses da Monarquia de Julho indiferentes às
47 e exalta o trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre tentados a (ver) no editor um herdeiro dos burgueses da Monarquia de Julho indiferentes às
48 ita o trabalho artístico desinteressado. Eles sempre têm a tendência de (ver) seu editor como um herdeiro daqueles burgueses da Monarquia de Julho indiferentes
49 ístico desinteressado. Eles são frequentemente tentados a (ver) na figura de seu editor um herdeiro dos burgueses da Monarquia de Julho indiferentes às
50 do trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre tentados a (ver) no seu editor um bem-feitor dos burgos da Monarquia de Juillet indiferentes às consider
51 ue exalta o trabalho artístico desinteressado. São sempre tentados a (ver) em seu editor um herdeiro desses burgueses da Monarquia de Julho Indiferentes às
52 do o trabalho artístico desinteressado. Eles estão sempre tentados a (ver) em seu editor um continuador dos burgueses da Monarquia de Julho indiferentes às
53 Através de sua obra, os autores mantêm uma relação dupla (com os editores). Por um lado, eles são mais ou menos depositários da visão romântica;
54 com o avanço de seus interesses. Eles são sempre tentados a (ver) em seu editor um representante da mesma maneira são opostos e se ocupam dos
55 alta o trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre tentados a (ver) em seu editor um herdeiro destes burgueses da Monarquia de Juillet indiferentes às cons
56 e outra tradução Se são opostos os interesses dos dois interlocutores (autor e editor), eles não são menos solidários. Eles formam um casal às vezes
57 com recompensa financeira. Os autores são sempre tentados a (ver) em seu editor um herdeiro daqueles burgueses da Monarquia de Julho Indiferen
58 Com aquele que possui os direitos de suas obras, o editor, os escritores mantêm uma relação ambígua de um lado possuem (os
59 tico desinteressado (em termos financeiros). No entanto, eles tendem a (ver) seu editor como um herdeiro (receptor) de seus bens (méritos da obra do autor)
60 nte do trabalho artístico desinteressado. Eles são todos tentados a (ver) em seu editor um herdeiro da burguesia da Monarquia de Juillet indiferentes às conside
61 exaltando o trabalho artístico desinteressado. Sempre tentados de (ver) em seu editor uma herança dos burgueses da Monarquia de Juillet indiferentes às
62 romântica, exaltando o trabalho artístico desinteressado. Tentam sempre (ver) seu editor como um antigo burguês do reinado de Juillet indiferente as condições
63 áter desinteressado do trabalho artístico. Eles tendem totalmente a (ver) em seus editores herdeiros dos burgueses da Monarquia de Julho indiferentes às conside
64 o trabalho artístico desinteressado. Eles são constantemente tentados a (ver) seu editor como um herdeiro dos aristocratas da Monarquia de Julho indiferentes as c
65 que exalta o trabalho artístico desinteressado. Tendem sempre a (ver) seu editor como um herdeiro dos burgueses da Monarquia de Julho (período de
66 o trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre tentados a (ver) em seus editores herdeiros da «cidadania (ou nobreza) da Monarquia de Julho, indiferent
67 do trabalho artístico desinteressado. Eles estão sempre tentando (ver) em seus editores uma aparência menos nobre da monarquia de Juillet indiferente de suas
68 artístico desinteressado. Eles são frequentemente tentados a (ver) em seu editor um herdeiro daqueles burgueses da Monarquia de Juillet Opostos
69 alta o trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre tentados a (ver) em seu editor um herdeiro daqueles burgueses da Monarquia de Julho indiferentes às
70 ta o trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre tentados a (ver) em seus editores herdeiros daqueles burgueses da Monarquia de Julho indiferentes às re
71 alta o trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre testados a (ver) em seu editor um herdeiro Daqueles da Monarquia de Juillet indiferentes às consideração
72 ta o trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre tentados a (ver) em seu editor um herege burguês da Monarquia de Juillet indiferentes às considerações
73 sem interesse na produção artística. São sempre tentados a (ver) em seus editores um herdeiro daquela burguesia Monarquia Indiferentes as
74 o o trabalho artístico desinteressado. Eles estão sempre tentados a (ver) no seu editor um herdeiro destes burgueses da Monarquia de Julho, indiferentes às
75 exaltada como um trabalho artístico desinteressado. Eles ainda vêm os seus editores como de uma certa burguesia próxima à Monarquia de Juillet indif
76 alta o trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre tentados a (ver) em seu editor um herdeiro desses burgueses da Monarquia de Julho indiferentes às
77 romântica que exalta o trabalho artístico desinteressado, buscam em seus editores uma herança desses burgueses da Monarquia de Julho, indiferentes às
78 alta o trabalho artístico desinteressado. Eles são sempre tentados a (ver) em seu editor um herdeiro Desses burgueses da Monarquia de Juillet indiferentes às con

imagem 76

(...) *indifférents aux considérations esthétiques, surtout préoccupés de l'avancement de leurs affaires...*

preocupado, letras 2007.cnc

File Edit View Compute Settings Window Help

N Concordance

1 do pelo melhor e pelo pior [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o avanço de seus afazeres.

2 is interlocutores. Eles não são menos solidários. Formam um par sempre perfeito preocupado com a medida certa, unidos para o melhor e o pior.

3 gueses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o avanço de seus negócios.

4 balhos da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o avanço de suas práticas. Opõe-se que seja aos interesses dos d

5 da Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, especialmente preocupados com os avanços de seus interesses. Se opostos nos interesses de dois

6 s da Monarquia de Julho, [indiferentes] às relações estéticas, antes de mais nada preocupados com o desenvolvimento de seus próprios afazeres. Se opostos são os intere

7 da Revolução Francesa), [indiferentes] às considerações estéticas, essencialmente preocupados com o avanço dos negócios. Ainda que os interesses dos dois interloc

8 antigo burguês do reinado de Juillet [indiferente] as condições estéticas, porém preocupados com o sucesso de suas obras. Se opõe que somando, o interesse dos do

9 da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, principalmente preocupados com o desenvolvimento de seus negócios. Considerados os interesses d

10 rguês da Monarquia de Juillet, [indiferentes] às considerações estéticas, somente preocupados com o retorno material. Se opostos são os interesses dos dois interl

11 s da burguesia da Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados principalmente com o enriquecimento advindo de seus afazeres. Opondo

12 ueles burgueses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados sobretudo com o ocorrimento de seus negócios. Ainda que pareçam opost

13 reza da Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o progresso de seus sentimentos. Ao se oporem que sejam os inter

14 da Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, acima de tudo preocupados com o progresso de seus afazeres. Ainda que sejam opostos os interes

15 sados da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, totalmente preocupados em satisfazer seus próprios interesses. Aqui opostos que são os inte

16 arquia de Juillet [indiferente] de suas considerações estéticas, principalmente preocupados no progresso de seus afazeres. Se contrariados forem os interesses d

17 a e da burguesia de Juillet, [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o avanço de seu trabalho. Sem se opor que são os interesses dos

18 dos aristocratas da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados principalmente com o avanço de seus negócios. Opõem-se confrontando

19 geois" da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados do desenvolvimento de seus negócios. Tão opostos que "soient" os int

20 Monarquia de Juillet, [indiferentes] às considerações estéticas, particularmente preocupados em progredir seus negócios. Tão opostos que sejam os interesses dos

21	da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, principalmente preocupados com o avanço de seus negócios. Tão opostos que sejam os interesses da
22	Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, somente preocupados em cumprir com suas obrigações. As oposições que sejam os interesses
23	as da Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados pelo avanço de seus afazeres. Por opostos que sejam os interesses dos
24	esses da Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o avanço dos seus negócios. Tão opostos que sejam os interesses
25	a Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, principalmente preocupados com o avanço de suas relações. Os interesses dos dois interlocutores
26	esses da Monarquia de «Juillet» [indiferentes] a considerações estéticas, Mais preocupados com o avanço de suas relações. Mesmo sendo opostos os interesses dos
27	esses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, e sobretudo preocupados pelo progresso de seus negócios. Por mais opostos que sejam os inter
28	Dos burgueses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas e preocupados, sobretudo, com o avanço de seus negócios. Por mais opostos que sejam os inter
29	esses da Monarquia [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo estão preocupados com o avanço de seus negócios. Se opostos que são os interesses desses
30	a Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, e principalmente preocupados com o progresso dos seus negócios. Por mais opostos que sejam os in
31	teresses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o progresso de seus negócios. Por mais opostos que sejam os inter
32	esses da Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, mas principalmente preocupados com o desenvolvimento de seus negócios. Mesmo contrários (opostos)
33	esses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o avanço (crescimento) de seus leitores apaixonados. Se as oposi
34	ções dos burgueses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupado com o avanço de seus problemas. suas relações. Se opostos que são os
35	interesses dos burgueses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados sobretudo com o avanço de seus negócios. Por mais que sejam opostos
36	esses da Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o avanço de seus negócios. Tão opostos sejam os interesses dos i
37	nteresses dos burgueses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados sobretudo com o avanço de seus negócios. Por mais opostos que sejam os in
38	teresses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com a promoção de seus interesses. Se opostos são os interesses dos
39	«Monarquia de Julho» [indiferentes] às considerações estéticas, mas, sobretudo, preocupados com a prosperidade de seus negócios. Por mais opostos que sejam os i
40	nteresses dos burgueses da Monarquia de Julho, [indiferentes] às considerações estéticas e preocupados sobretudo com o crescimento de seus negócios. Por mais opostos que s
41	ão os burgueses da Monarquia de Julho [indiferente] às questões estéticas, e sobretudo preocupados com o desenvolvimento de seus negócios. Mesmo que os interesses dos
42	burgueses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas e sobretudo preocupados com o progresso de seus negócios. [corretor: tradução impecável]
43	o da burguesia da Monarquia de Julho [indiferente] às considerações estéticas, preocupado, sobretudo, com o avanço de seus negócios. Por opostos que sejam os i
44	nteresses da Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, ainda preocupados com o avanço de suas amantes. Se opostos que sejam os interesses dos
45	burgueses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados principalmente com o andamento de seus negócios. Opostos como sejam
46	eles burgueses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados principalmente com o andamento de seus negócios. Por mais opostos qu
47	ia a burguesia da Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados, principalmente, com o aumento de seus lucros. Se são opostos os int
48	teresses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o avanço de seus negócios. Por mais opostos que sejam os interes
49	esses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados pelo avanço de suas tarefas. Tão opostos que sejam os interesses dos
50	esses da Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o progresso de seus afazeres. Ainda que sejam opostos os interes
51	esses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas e, sobretudo, preocupados com o desenvolvimento de seus negócios. Ainda que sejam tão opostos
52	esses da Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, somente preocupados com o andar de suas tarefas. Isso vai na direção contrária aos inter
53	esses da Monarquia de Juillet, um vassalo [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados principalmente com o avanço de seus desejos. suas publicações soment
54	as da Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o progresso de suas tarifas comerciais. Por mais opostos que sej
55	as da burguesia da Monarquia de Julho, [indiferentes] às considerações estéticas, antes preocupados no desempenho de seus negócios. Por mais opostos que sejam os intere
56	esses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo / principalmente preocupados com o progresso de seus negócios. Opostos que sejam, / Tão opostos q
57	o dos burgueses da Monarquia de Julho, [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados sobretudo com o progresso de seus negócios. Por mais contrários que
58	queles burgueses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados principalmente com o progresso de seus negócios. Por mais opostos qu
59	esses burgueses da Monarquia de Julho, [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados com o avanço dos seus negócios. Por mais opostos que sejam seus inte
60	esses dos burgueses da Monarquia de Julho, [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados, sobretudo, com o progresso de seus negócios. Por mais opostos que s
61	ão dos burgueses da Monarquia de Julho, [indiferentes] às considerações estéticas e preocupados acima de tudo com o andamento de seus negócios. Se os oponentes foss
62	os da monarquia anterior à Revolução, [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados sobretudo com o sucesso (avanço) de seus negócios. Por mais opostos
63	esses da Monarquia de Julho, [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o avanço de seus trabalhos (negócios). Por mais opostos que seja
64	esses da Monarquia de Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o crescimento de seus negócios. Se contrários (opostos) que seja
65	esses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o andamento dos negócios. Por mais opostos que sejam os interes
66	esses dos burgueses da Monarquia de Julho, [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados sobretudo com o avanço de seus negócios. Por mais opostos que sejam
67	esses desses burgueses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados sobretudo com o avanço de seus negócios. Por mais opostos que sejam
68	esses da Monarquia de (Julio) Juillet [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o avanço de seus negócios: lucro com venda de livros. [candidato
69	esses da Monarquia de Julho [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o progresso de seus negócios. Mesmo sendo tão opostos os interes
70	esses da Monarquia de Julho, [indiferentes] às considerações estéticas, sobretudo preocupados com o avanço de seus negócios. Por opostos que sejam os interesses d
71	esses dos burgueses da Monarquia de Juillet, [indiferentes] às considerações estéticas, preocupados, sobretudo, com o avanço de seus interesses. Eles são sempre tentad
72	m (os escritores) uma visão romântica do trabalho artístico desinteressado, não preocupado com recompensa financeira. Os autores são sempre tentados a verem

imagem 77

Si opposés que soient les intérêts des deux interlocuteurs, ils n'en sont pas moins solidaires: (...)

C interlocutores letras 2007.cnc	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N	Concordance
1	com o avanço de seus negócios. Tão opostos sejam os interesses dos interlocutores, enquanto ligados. Eles formam um casal perfeito, agitado e barul
2	seus trabalhos (negócios). Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, não deixam de ser menos solidários. Formam um casal por vezes
3	com a evolução de seus negócios. Opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são nessa situação menos solidários um com o outro:
4	o avanço de suas amantes. Se opostos que sejam os interesses destes dois interlocutores, eles não são muito solidários. Eles formam, em certo momentos
5	com o avanço de seus negócios. Por opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos independentes. eles formam um casal às
6	o melhor e pior. Por mais opostos que possam parecer os interesses dos dois interlocutores, não são menos solidários. Eles formam um par às vezes
7	o avanço de seus negócios. Se opostos que são os interesses desses dois interlocutores, não são muito solidários às vezes, formam um par tumultuados,
8	preocupados com o retorno material. Se opostos são os interesses dos dois interlocutores, não são menos solidários. Formam um grupo de tumulto perfeito,
9	o progresso de seus afazeres. Ainda que sejam opostos os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. Eles formam uma dupla por vezes
10	o desenrolar de seus próprios afazeres. Se opostos são os interesses dos dois interlocutores, não são menos solidários. Formam um perfeito casal conturbado
11	[corretor: tradução impecável] Por opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não o são menos solidários formando um casal algumas
12	vezes da Monarquia de Juillet. Opostos como são os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. Eles formam um casal em certos
13	momentos do progresso de seus afazeres. Se contrariados forem os interesses dos dois interlocutores, eles não serão menos solidários. Eles formarão uma espécie
14	de oposição com o desenvolvimento de seus negócios. Considerados os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. eles formam uma dupla em certos
15	momentos preocupados com o avanço dos negócios. Ainda que os interesses dos dois interlocutores sejam tão opostos, eles não são menos solidários. Formam um
16	casal com o avanço de seus negócios. Não se confrontando os interesses de dois interlocutores, eles não são menos solidários. Eles formam um casal quase
17	o andamento de seus negócios. Se os oponentes fossem os interesses de dois interlocutores, eles não seriam menos solidários. Eles algumas vezes formam
18	um casal com o sucesso de suas obras. Se opõe que somando, o interesse dos dois interlocutores, não sendo menos solidário. Formam um casal talvez tumultuado
19	de seus negócios. Se contrários (opostos) que sejam os interesses dos dois interlocutores, quanto a isto, (aos interesses) não são pouco solidários. Juntos

20 cumprir com suas obrigações. As oposições que sejam os interesses de dois interlocutores, não são mais solidárias. Elas formentam um casamento de certa
21 estéticas da obra. Se opostos/diferentes são os interesses dos dois interlocutores, não menos é a solidariedade. Eles alimentam grandes
22 iterai] [candidato propõe outra tradução. Se são opostos os interesses dos dois interlocutores (autor e editor), eles não são menos solidários. Eles formam um c
23 o avanço dos seus negócios. Tão opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. Eles formam uma dupla às
24 da mesma maneira são opostos, e se ocupam dos interesses dos dois interlocutores, que não são muito solidários. Eles formam uma parceria às vezes
25 com a promoção de seus interesses. Se opostos são os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. Formam um casal às vezes
26 com o avanço de seus negócios. Por opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles são ao menos solidários. Formam um par às vezes
27 desenvolvimento de seus trabalhos. O que se opõe são os interesses dos dois interlocutores, que não são nem um pouco solidários. Eles formam uma dupla
28 de seus negócios. Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. Eles formam uma dupla vez por o
29 de seus negócios. Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são pouco solidários. Eles formam um casal às vezes
30 progresso de seus negócios. Por mais contrários que sejam os interesses dos interlocutores, eles não se tornam menos solidários. Eles formam um casal
31 de seus negócios. Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são quanto a isso menos solidários. Formam um par, às
32 avanço de seus negócios. Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. Formam um casal tumultuado por
33 (avanço) de seus negócios. Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. eles (naqueles interesses): eles
34 seus negócios. Mesmo contrários (opostos) que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. eles formam um par (casal)
35 de seus leitores apaixonados. Se as oposições servem aos interesses de dois interlocutores, eles não são mais solidários. Eles formam uma dupla perfeita tum
36 do trabalho deles. Nesta oposição estabelecem-se os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. Eles formam um casal (uma dupla)
37 de seus negócios. Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, não deixam de ser solidários. Formam um casal às vezes
38 o andar de suas tarefas. Isso vai na direção contrária aos interesses dos dois interlocutores. Eles não são menos solidários. Formam um par sempre perfeito
39 progresso de seus negócios. Mesmo sendo tão opostos os interesses dos dois interlocutores, estes não são menos solidários em relação a tais interesses: ele
40 com o avanço de seus « parceiros ». Se opõe aos interesses de dois interlocutores, eles não são muito solidários. eles formam um casal tumultuado
41 Opostos que sejam, / Tão opostos quanto sejam, os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. eles formam um casal (uma dupla)
42 o avanço de seus negócios. Por mais que sejam opostos os interesses dos interlocutores, eles não são menos solidários. Eles formam um casal por vezes
43 avanço de seus negócios. Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não deixam de ser solidários um ao outro. Eles formam um
44 o andamento de seus negócios. Opostos como sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são por isso menos solidários. Formam uma dupla por
45 de suas tarifas comerciais. Por mais opostos que sejam os interesses dos 2 interlocutores, estes interesses não são menos solidários. Eles formam um
46 de seus negócios. Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. Formam um casal às vezes
47 em progredir seus negócios. Tão opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. eles formam uma dupla sempre
48 de seus negócios. Tão opostos que "soient" os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. Eles formam um casal por vezes
49 de seus negócios. Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não deixam de ser solidários. Formam um par às vezes
50 o avanço de seus negócios. Tão opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles são entretanto solidários. Eles formam um casal às vezes
51 advindo de seus afazeres. Opondo-se aos seus próprios interesses os interlocutores não são muito solidários. eles formam um casamento um tanto
52 com o avanço de suas relações. Mesmo sendo opostos os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. eles formam uma dupla às vezes
53 o progresso de seus afazeres. Ainda que sejam opostos os interesses dos dois interlocutores (editor e autor), eles não são menos solidários. eles formam um c
54 de seus negócios. Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não deixam de ser solidários. Formam uma dupla por vezes
55 progresso de seus sentimentos. Ao se oporem que sejam os interesses de dois interlocutores, eles não são muito solidários. Eles formam uma dupla por vezes t
56 somente. São oposições que marcam / demonstram o interesse de dois interlocutores. No entanto atendem a um interesse comum. fomentam, um
57 dos seus negócios. Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles ainda são solidários nesses interesses: eles formam um
58 preocupados com o avanço de suas relações. Os interesses dos dois interlocutores, caso sejam opostos não são menos solidários. Eles formam em
59 o avanço de seus negócios. Por mais opostos que sejam os interesses dos interlocutores, eles não são por isto menos solidários. Formam um casal às
60 com o avanço de seus negócios. Por opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. eles formam uma dupla às vezes
61 t lhes são sensíveis indiferente das razões estéticas. Ao contrário de dois interlocutores, não são solidários, pois formam um grupo que tumultua, agita de
62 de seus trabalhos. Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. Formam uma dupla às vezes
63 de seus ofícios. Ainda que pareçam opostos os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos que solidários formando um casal, talvez,
64 de seus negócios. Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não deixam de ser solidários. eles formam um casal às vezes
65 pelo avanço de seus afazeres. Por opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. eles formam um grupo por vezes
66 com os avanços de seus interesses. Se opostos nos interesses de dois interlocutores, eles não são muito solidários. eles formam um par perfeito tumult
67 de seus negócios. Por mais opostos que sejam os interesses desses dois interlocutores, eles não são menos solidários em relação a esses interesses: For
68 de seus problemas, suas relações. Se opostos que são os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. Eles formam uma dupla (casal)
69 atifazer seus próprios interesses. Aqui opostos que são os interesses dos dois interlocutores, eles não estão menos solidários. Eles formam uma dupla, em
70 dos seus negócios. Por mais opostos que sejam seus interesses dos dois interlocutores, estes não deixam de ser solidários. Eles formam um casal às
71 de seus negócios. Ainda que sejam tão opostos os interesses dos dois interlocutores, eles não são por esse motivo, menos solidários. eles formam, po
72 com o avanço de suas práticas. Opõe-se que seja aos interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. Formam um conjunto tumultuado
73 andamento dos negócios. Por mais opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores, não deixam de ser solidários. Formam um casal frequentemente
74 São opostos aqueles que não interpretam daqueles que são interlocutores, eles não são mais solidários. eles formam uma dupla as vezes
75 com o desenvolvimento de seus negócios. Mesmo que os interesses dos dois interlocutores sejam opostos, eles não são menos solidários. Formam um casal
76 com o aumento de seus lucros. Se são opostos os interesses dos dois interlocutores, eles não são menos solidários. Eles formam um casamento às
77 com o avanço de seu trabalho. Sem se opor que são os interesses dos dois interlocutores, eles não são nem ao menos solidários. Eles formam um casal
78 pelo avanço de suas tarefas. Tão opostos que sejam os interesses dos dois interlocutores. Eles não são solidários um ao outro. eles formam um grupo às

imagem 78

(...) ils forment un couple parfois tumultueux mais dans une certaine mesure unis pour
le meilleur et le pire.

Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N Concordance	
1	um ao outro: eles formam um grupo às vezes tumultuoso, mas em certa medida unidos para o melhor e para o pior
2	menos solidários: Eles formam um casal talvez tumultuoso mas em uma certa medida, pelo melhor e pelo pior.
3	solidários: Eles formam um casamento às vezes tumultuoso, mas de uma certa maneira estão unidos pelo melhor e pelo pior

4	mais solidários, eles formam <u>uma dupla</u> <u>às vezes</u> tumultuada mas há uma certeza que os uni e <u>a procura de que uma melhora apareça</u>
5	Formam <u>um casal</u> <u>freqüentemente</u> em tumulto, mas de certa maneira (em <u>certa medida</u>) unidos <u>para o melhor ou o pior (o bem e o mal)</u> .
6	de ser solidários: Formam um casal freqüentemente em tumulto, mas de certa maneira (em certa medida) unidos para o melhor ou o pior (o bem e o
7	não são menos solidários: Formam um conjunto tumultuado mas de um certo modo unido.
8	menos solidários: eles formam, por vezes, um casal <u>tempestuoso</u> , mas, de certa maneira, unidos <u>para o melhor e o pior</u>
9	de ser solidários: Eles formam <u>um casal</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuoso</u> , mas que, de <u>certa</u> maneira, fica unido <u>para o melhor e o pior</u>
10	Eles formam <u>uma dupla</u> <u>em certos momentos</u> <u>tumultuado</u> , mas com <u>certa</u> medida, unida <u>pelo melhor e mais conveniente</u>
11	eles não estão menos solidários: Eles formam uma dupla, em certos momentos, tumultuado, mas com certa medida, unida pelo melhor e
12	Eles formam <u>uma dupla (casal)</u> <u>tumultuado</u> através dos tempos, mas de <u>certo</u> modo unidos <u>pelo melhor e o pior.</u>
13	a esses interesses: Formam <u>um par</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuado</u> , mas em uma <u>certa</u> medida unidos <u>pelo melhor e pior</u> [corretor: ambigüo # dúbio]]
14	são muito solidários: eles formam <u>um par</u> <u>perfeito</u> <u>tumultuado</u> , mas em <u>certa</u> medida única <u>para o melhor e o pior</u>
15	menos solidários: eles formam <u>um grupo</u> <u>por vezes</u> <u>tumultuado</u> , porém em <u>certa</u> medida unidos <u>para o melhor e o pior</u>
16	de ser solidários: eles formam <u>um casal</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuoso</u> , porém, numa <u>certa</u> medida, unidos <u>para o melhor e o pior</u>
17	são menos que solidários formando <u>um casal</u> <u>(talvez)</u> <u>tumultuado</u> , mas, de <u>certa</u> forma, unido <u>pelo melhor e pelo pior</u>
18	são menos solidários: Formam <u>uma dupla</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuosa</u> , mas em <u>certa</u> medida unida <u>para o melhor e para o pior</u> .
19	não são solidários, pois formam <u>um grupo</u> <u>que tumultua</u> , agita de uma <u>certa</u> maneira <u>que prejudica</u>
20	solidários: eles formam <u>uma dupla</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuada</u> , mas, de uma <u>certa</u> maneira, unida <u>para o melhor e para o pior</u>
21	por isto menos solidários: Formam <u>um casal</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuoso</u> , mas em <u>certa</u> medida unidos <u>para o melhor e para o pior</u>
22	solidários: Eles formam <u>em casal</u> <u>meio</u> <u>tumultuado</u> , mas dentro de uma <u>certa</u> medida unidos <u>para o melhor e o pior</u> .
23	nesses interesses: eles formam <u>um casal</u> <u>por vezes</u> <u>agitado</u> , mas em <u>certa</u> medida, unidos <u>pelo bem e pelo mal</u> .
24	fomentam, um pouco <u>circunstâncias</u> <u>tumultuadas</u> , mas se unem em <u>certa</u> medida <u>por seu melhor e seu pior</u>
25	muito solidários: Eles formam <u>uma dupla</u> <u>por vezes</u> <u>tumultuosa</u> mas em <u>certa</u> medida unem <u>o melhor e o pior</u> .
26	de ser solidários: Formam <u>uma dupla</u> <u>por vezes</u> <u>tumultuada</u> , mas em <u>certa</u> medida, (estão) unidos <u>para o melhor e para o pior</u>
27	solidários: eles formam <u>um casal</u> <u>não raras vezes</u> <u>tumultuado</u> , mas em <u>certa</u> medida unido <u>pelo melhor e o pior</u> .
28	menos solidários: eles formam <u>uma dupla</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuosa</u> , mas a uma <u>certa</u> medida unida <u>para o melhor e puro</u>
29	muito solidários, eles formam <u>um casamento</u> <u>um tanto</u> <u>confuso</u> , mas em <u>certa</u> medida unidos <u>pelo melhor e pelo pior</u>
30	entretanto, solidários: Eles formam <u>um casal</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuoso</u> , mas em <u>certa</u> medida unidos <u>para o que der e vier</u>
31	deixam de ser solidários: Formam <u>um par</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuoso</u> , mas, numa <u>certa</u> medida, unido <u>para o melhor e para o pior</u> .
32	solidários: Eles formam <u>um casal</u> <u>por vezes</u> <u>tumultuado (opostos)</u> mas em <u>certa</u> medida unidos <u>pelo melhor e pelo pior</u>
33	solidários: eles formam <u>uma dupla</u> <u>sempre</u> <u>tumultuada</u> , mas em uma <u>certa</u> medida unem-se <u>para o melhor e para o pior</u>
34	são menos solidários: Formam <u>um casal</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuoso</u> , mas, em <u>certa</u> medida, unidos <u>para o que der e vier (nos melhores e nos piores</u>
35	solidários: Eles formam <u>um casal</u> <u>perfeito</u> <u>e</u> <u>tumultuado</u> mas, dentro de uma <u>certa</u> medida, unidos <u>pelo melhor pelo pior</u>
36	isso menos solidários: Formam <u>uma dupla</u> <u>por vezes</u> <u>tumultuosa</u> , mas em <u>certa</u> medida unida <u>pela melhor e pelo pior</u>
37	um ao outro: Eles formam <u>um casal</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuado</u> Mais de <u>certo</u> modo unidos <u>para o melhor e para o pior. (o bem e para o mal)</u>
38	menos solidários: Eles formam <u>um casal</u> <u>por vezes</u> <u>tumultuoso</u> , mas numa <u>certa</u> medida unidos <u>pelo melhor e pelo pior</u>
39	dupla) às vezes tumultuosos, mas dentro de uma certa medida (de um certo modo) unidos para o melhor e o pior
40	formam <u>um casal (uma dupla)</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuosos</u> , mas dentro de uma <u>certa</u> medida (de um certo modo), unidos <u>para o melhor e o pior</u>
41	não são muito solidários: eles formam <u>um casal</u> <u>tumultuado</u> mas, em uma <u>certa</u> medida unidos <u>pela felicidade e pela "paz"</u>
42	eles formam <u>um casal</u> <u>às vezes</u> <u>sujeito a tormentas</u> , mas em uma <u>certa</u> medida unido <u>para o bem e para o mal. (literalmente: "para o melhor e</u>
43	solidários: Formam <u>um par</u> <u>sempre</u> <u>perfeito</u> <u>preocupado</u> com a medida <u>certa</u> , unidos <u>para o melhor e o pior</u>
44	deixam de ser solidários: Formam <u>um casal</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuoso</u> mas em <u>certa</u> medida unidos <u>pelo melhor e pelo pior</u>
45	eles formam <u>uma dupla</u> <u>em certos momentos</u> <u>tumultuosos</u> , mas em <u>certa</u> medida unidos <u>pelo melhor e o pior</u>
46	interlocutores: Eles não são menos solidários: eles formam uma dupla em certos momentos tumultuosa, mas em certa medida unidos pelo melhor e o
47	solidários: Eles formam <u>uma dupla</u> <u>perfeita</u> <u>tumultuosa</u> mas dentro de uma <u>certa</u> medida unida <u>para o melhor e o pior</u>
48	eles formam <u>um par (casal)</u> <u>algumas</u> <u>vezes</u> <u>tumultuados</u> mas de uma <u>certa</u> forma unidos <u>para o melhor e o pior</u> .
49	interesses): eles formam <u>um casal</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuado</u> mas numa <u>certa</u> medida unidos <u>para o melhor e o pior</u>
50	são menos solidários: formam <u>um casal</u> <u>tumultuado</u> <u>por vezes</u> , mas, em <u>certa</u> medida, unido <u>para o melhor e o pior</u>
51	a isso menos solidários: Formam <u>um par</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuoso</u> mas, em <u>certa</u> medida, unido <u>para o melhor e para o pior</u>
52	solidários: Eles formam <u>um casal</u> <u>tumultuoso</u> <u>(às vezes)</u> mas unidos, em <u>certa</u> medida, <u>para o bem e para o mal</u> .
53	pouco solidários: Eles formam <u>um casal</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuado</u> , mas de um <u>certa</u> forma unido <u>para o melhor e o pior</u>
54	solidários: Eles formam <u>uma dupla</u> <u>vez por outra</u> <u>tumultuada</u> mas, em <u>certa</u> medida, unidos <u>para o que der e vier</u>
55	Eles formam <u>uma dupla</u> <u>muito</u> <u>tumultuada</u> mas que, dentro de uma <u>certa</u> medida (modo), são unidos <u>pelo melhor e pelo pior</u>
56	são ao menos solidários: Formam <u>um par</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuado</u> , mas, em <u>certa</u> medida, unido <u>para o melhor e para o pior</u>
57	não são menos solidários: Formam <u>um casal</u> <u>às vezes</u> "briguento", mas em <u>certa</u> medida unido <u>tanto pelo melhor quanto pelo pior</u> . [corretor: bonne
58	muito solidários: Eles formam <u>uma parceria</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuada</u> , mas em <u>certa</u> medida unida <u>para atingir o "melhor do melhor"</u>
59	menos solidários: Eles formam <u>uma dupla</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuada</u> , mais em <u>certa</u> medida unida <u>pelo melhor e pelo pior</u>
60	menos solidários: Eles formam <u>um casal</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuado</u> , mas em <u>certa</u> medida unidos <u>para o melhor e o pior</u> [candidato: professores,
61	Eles alimentam grandes tumultos/conflitos, mas dentro de uma <u>certa</u> medida se unem <u>para melhorar cada vez mais/ainda mais a obra</u>
62	Elas formentam <u>um casamento</u> <u>de certa forma</u> <u>tumultuado</u> , mas sobre uma <u>certa</u> medida, única <u>para o melhor ou pior</u>
63	interlocutores: não são mais solidários: Elas formentam um casamento de certa forma tumultuado, mas sobre uma certa medida, única para o melhor
64	solidários: Eles <u>algumas</u> <u>vezes</u> formam <u>um casal</u> <u>em conflito</u> mas, em <u>certa</u> medida, unidos <u>tanto para o bem como para o mal</u> .
65	às suas obras, os autores têm uma posição ambigua. Por um lado, são de certa forma depositários da visão romântica exaltadora do caráter
66	menos solidários: Eles formam <u>um casal</u> <u>quase</u> <u>sempre</u> <u>agitado</u> mas em <u>certa</u> medida unidos pelo melhor e pelo pior. .
67	não são menos solidários: Formam <u>um par</u> <u>às vezes</u> <u>tumultuoso</u> , mas até <u>certo</u> ponto unidos para o melhor e o pior.
68	eles formam <u>uma dupla</u> <u>em certos momentos</u> <u>tumultuados</u> ; mas a de <u>certa</u> medida unidos para o melhor e o pior.
69	interlocutores: eles não são menos solidários: eles formam uma dupla em certos momentos tumultuados, mas a de certa medida unidos para o melhor
70	solidários: Eles formarão <u>uma espécie</u> <u>qualquer</u> <u>desordenada</u> , porém numa <u>certa</u> medida única: <u>para o melhor e o pior</u> .
71	Eles formam <u>um casal</u> <u>em certos momentos</u> <u>tumultuado</u> mas, em <u>certa</u> medida, unido pelo melhor e pelo pior. Indiferentes às considerações
72	interlocutores: eles não são menos solidários: Eles formam um casal em certos momentos tumultuado mas, em certa medida, unido pelo melhor e
73	solidários, formando <u>um casal</u> <u>algumas</u> <u>vezes</u> <u>tumultuado</u> , mas em uma <u>certa</u> medida unidos pelo melhor e o pior. [corretor: menos bom]]
74	não são menos solidários: Formam <u>um</u> <u>perfeito</u> <u>casal</u> <u>conturbado</u> mas, em <u>certa</u> medida, unidos para o melhor e o pior.
75	menos solidários: Eles formam <u>uma dupla</u> <u>por vezes</u> <u>tumultuada</u> mas em <u>certa</u> medida unida pelo melhor e pelo pior.
76	são menos solidários: Formam <u>um grupo</u> <u>de tumulto</u> <u>perfeito</u> mas, de uma <u>certa</u> forma, unidos pelo que há de melhor e pior.
77	muito solidários: às vezes, formam <u>um par</u> <u>tumultuados</u> , mas dentro de um <u>certo</u> limite para melhor e para pior.

78	menos solidários: Eles formam <u>um par</u> <u>às vezes</u> complicado mas de uma certa maneira unidos pelo melhor e pelo pior.
79	independentes: eles formam <u>um casal</u> <u>às vezes</u> tumultuado mas de uma certa medida unidos para o melhor e pior. Por mais opostos que possam
80	Eles formam <u>em certo momentos</u> <u>um casal</u> em conflito, mas que em certa medida unem-se para o melhor e o pior.
81	destes dois interlocutores, eles não são muito solidários: Eles formam, em certo momentos um casal em conflito, mas que em certa medida unem-se-
82	desinteressado. Eles ainda vêm os seus editores como _____ de uma certa burguesia próxima à Monarquia de Juillet, indiferentes às _____
83	um com o outro: Eles formam <u>um casal</u> <u>às vezes</u> muito agitado, mas, em certa medida, unidos para o melhor e para o pior.
84	menos solidários: Formam <u>um casal</u> <u>por vezes</u> tumultuado, mas de uma certa maneira, unidos pelo melhor e pelo pior.
85	ligados: Eles formam <u>um casal</u> <u>perfeito</u> agitado e barulhento, mas em certa medida, unidos pelo melhor e pelo pior (unidos pelo bem e pelo mal).

imagem 79

Opções de tradução

Concord	
File Edit View Compute Settings Window Help	
N Concordance	
1	modo semelhante a sua obra, os autores trazem (arrastam) uma relação dupla. De uma parte, eles
2	sua obra, os autores mantém uma relação dupla (dúbia). De um lado, eles são mais ou menos
3	certa medida) unidos para o melhor ou o pior (o bem e o mal).
4	em tumulto, mas de certa maneira (em certa medida) unidos para o melhor ou o pior
5	São sempre tentados a ver no editor um herdeiro (daqueles) dos burgueses da Monarquia de Julho
6	Por um lado são, pouco ou muito, depositários (herdeiros) da visão romântica que exalta o
7	são menos solidários: Eles formam uma dupla (casal) tumultuada através dos tempos, mas de
8	por vezes tumultuada, mas em certa medida, (estão) unidos para o melhor e para o pior.
9	opostos os interesses dos dois interlocutores (editor e autor), eles não são menos solidários:
10	Eles formam um casal por vezes tumultuado (opostos) mas em certa medida unidos pelo
11	em certa medida, unidos para o que der e vier (nos melhores e nos piores momentos).
12	certo modo unidos para o melhor e para o pior. (o bem e para o mal)
13	à suas obras, os autores tem uma relação dupla (ambigua). Por um lado, eles são mais ou menos
14	tumultuosos, mas dentro de uma certa medida (de um certo modo), unidos para o melhor e o
15	são menos solidários: eles formam um casal (uma dupla) às vezes tumultuosos, mas dentro de
16	os autores divertem em uma dupla abordagem (relação). De uma parte, eles são mais ou menos
17	estéticas, sobretudo preocupados com o avanço (crescimento) de seus leitores apaixonados. Se
18	desinteressado. Eles tentaram dianamente ver (observar) em seus editores um herdeiro de seus
19	parte, ele, mais ou menos deixariam de lado (abandonariam) uma visão romântica, exaltando o
20	não são menos solidários: eles formam um par (casal) algumas vezes tumultuados mas de uma
21	des seus negócios. Mesmo contrários (opostos) que sejam os interesses dos dois
22	eles não são menos solidários neles (naqueles interesses): eles formam um casal às
23	preocupados sobretudo com o sucesso (avanço) de seus negócios. Por mais opostos que
24	tentados a ver no seu editor um procurador (representante) desses burgueses da monarquia
25	mas que, dentro de uma certa medida (modo), são unidos pelo melhor e pelo pior.
26	um lado, eles são mais ou menos depositários (tomados) por uma visão romântica exaltada do
27	sua obra, os autores mantém uma relação dúbia (com os editores). Por um lado, eles são mais ou
28	opostos os interesses dos dois interlocutores (autor e editor), eles não são menos solidários:
29	herdeiro daqueles burgueses da Monarquia de (Julio) Juillet, indiferentes às considerações
30	uma relação ambigua: de um lado possuem (os escritores) uma visão romântica do trabalho
31	como um herdeiro (rebedor) de seus bens (méritos da obra do autor) _____ indiferentes às
32	eles tendem a ver seu editor como um herdeiro (rebedor) de seus bens (méritos da obra do
33	exaltando o trabalho artístico desinteressado (em termos financeiros). No entanto, eles tendem
34	(agitado), mas dentro de uma medida unida (ligada) pelo melhor e pior.
35	solidários: Juntos formam um casal tumultuoso (agitado), mas dentro de uma medida unida
36	dos dois interlocutores, quanto a isto, (aos interesses) não são pouco solidários: Juntos
37	o crescimento de seus negócios. Se contrários (opostos) que sejam os interesses dos dois
38	herdeiro dos burgueses da Monarquia de Julho (período de restauração monárquica depois da
39	a ver em seus editores herdeiros da «cidadania (ou nobreza) da Monarquia de Julho», indiferentes
40	preocupados com o avanço de seus trabalhos (negócios). Por mais opostos que sejam os
41	em certa medida, unidos pelo melhor e pelo pior (unidos pelo bem e pelo mal).

imagem 80

Omissões explícitas

Concord														
File Edit View Compute Settings Window Help														
N Concordance														
	Set	Tag	Word #	t	#	os	#	os	#	os	t	#	os	File
1						0	0	0%	0	0%	0	0	0%	as_2001_a74.txt
2	Juliet lhes são sensíveis indiferente das razões estéticas					48	1	9%	0	0%				as_2001_a61.txt
3						0	0	0%	0	0%				as_2001_a61.txt
4	(rebedor) de seus bens (méritos da obra do autor					52	2	9%	0	7%				as_2001_a21.txt
5	artístico desinteressado. Tentam sempre ver seu edito					34	2	6%	0	2%				as_2001_a18.txt
6	um herdeiro daqueles burgueses da Monarquia de Juillet					46	2	8%	0	1%				as_2001_a12.txt
7	seus editores um herdeiro daquela burguesia Monarquia					42	2	2%	0	9%				as_2001_a08.txt
8						0	0	0%	0	0%				as_2001_a07.txt
9	desinteressado. Eles ainda vêm os seus editores como					36	1	0%	0	9%				as_2001_a05.txt

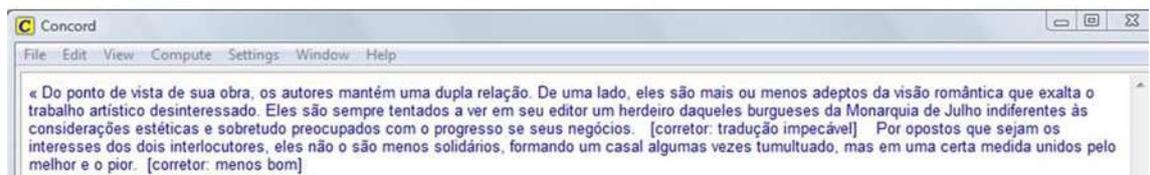
imagem 81

Apreciações do corretor

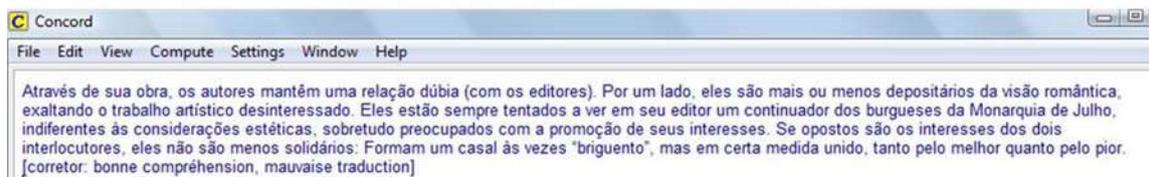
N	Concordance	Set	Tag	Word #	t.	# os	.# os	.# os	t.	# os	File	
1	mas em uma certa medida unidos pelo melhor e pior. [corretor: ambiguo # dúbio]]			94	3	3%	0	7%		0	7%	as 2001 a67.txt
2	certa medida unido, tanto pelo melhor quanto pelo pior. [corretor: bonne compréhension, mauvaise traduction]]			89	3	9%	0	6%		0	6%	as 2001 a25.txt
3	mas em uma certa medida unidos pelo melhor e o pior. [corretor: menos bom]]			97	2	7%	0	8%		0	8%	as 2001 a11.txt
4	preocupados com o progresso se seus negócios. [corretor: tradução impecável]] Por opostos que sejam os			62	2	6%	0	3%		0	3%	as 2001 a11.txt

imagem 82

Candidato A11 – “tradução impecável” (no primeiro trecho) e “menos bom” (no segundo trecho)



Candidato A25 - «bonne compréhension, mauvaise traduction »



Candidato A67 – « ambíguo, dúbio »

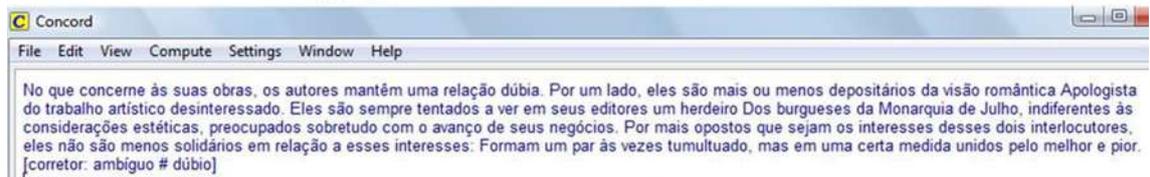


imagem 83

Comentário de candidato

N	Concordance	Set	Tag	Word #	t.	# os	.# os	.# os	t.	# os	File	
1	tumultuado, mas em certa medida unidos para o melhor e o pior. [candidato: professores, desculpem-me os vários borroes]			114	1	3%	0	5%		0	5%	as 2001 a22.txt
2	lucro com venda de livros. [candidato: mais ou menos literal] [candidato propõe outra tradução] Se são opostos os interesses			76	1	9%	0	3%		0	3%	as 2001 a22.txt

imagem 84

CAPÍTULO 4: ANÁLISES E RESULTADOS

Depois de expostos os *subcorpora* anotados no capítulo anterior, apresentamos os resultados a partir de exemplos que ilustram algumas das operações de leitura identificadas nas traduções feitas pelos candidatos. Assim, tentamos verificar se o que é pedido nos exames de proficiência por esse tipo de exercício é possível de ser medido. Cabe também relatar a relação entre as notas do exercício de tradução e das questões de compreensão em todo o *corpus*.

4.1. Avaliando as operações de leitura nas traduções

A partir da descrição e anotação do *corpus*, foi possível fazer um levantamento dos problemas que nos permitiram identificar alguns dos processos e estratégias de leitura descritos por Giasson (1990) e mencionados em nossa dissertação no item 1.1. Desta forma, destacamos exemplos das operações de compreensão acessíveis pelas traduções dos candidatos.

É necessário considerar a finalidade das traduções, ou seja, a avaliação da leitura, para isso distinguimos os erros de expressão linguística dos de leitura. Essa distinção é importante para a correção, na medida em que detecta as incompreensões do leitor ou simplesmente erros de expressão escrita em português. Em muitos casos, esse primeiro tipo de erro nos revela as pistas deixadas pelos leitores-tradutores sobre suas incompreensões ou interferências nos processos de construção do sentido.

Com efeito, os processos de leitura mais recorrentes e visíveis foram os *microprocessos* e os *de integração*. Para acessar os processos de *elaboração* e *metacognitivos* precisaríamos fazer outra pesquisa, na qual um número reduzido de sujeitos verbalizariam seus pensamentos, suas leituras, estratégias e as razões das escolhas feitas durante a tradução, como na técnica dos protocolos verbais realizada por Krings (1986). Os *macroprocessos*, por abranger o conjunto do texto e não apenas um de seus trechos, ficam a encargo das questões dissertativas.

Dentre o grande leque de variedades de traduções que a descrição e anotação do *corpus* nos mostrou, escolhemos para um aprofundamento analítico os erros que

apontam para um processo de leitura, levando em conta o escopo da tradução no exame de proficiência, ou seja, a verificação detalhada da compreensão.

4.1.1. Microprocessos

Uma das etapas da compreensão é constituída pelos microprocessos que são formados, entre outras habilidades necessárias, pela identificação dos sons com a grafia, (*décodage*), no caso da língua materna, e pelo reconhecimento de palavras, que considerando a leitura em língua estrangeira, pode, até certo ponto, ser facilitada quando o par de línguas envolvido possuir uma mesma raiz, como é o caso do par português-francês. Em outra etapa, o leitor também reagrupa as palavras em unidades de significação e seleciona alguns elementos que julga mais importantes para serem guardados na memória de curto prazo e depois armazenados na memória de longo prazo.

Pelas traduções feitas pelos candidatos nos exames de proficiência, podemos encontrar exemplos de erros e acertos no reconhecimento e na leitura feita por grupos de palavras. Notamos que o uso da transparência de palavras entre as duas línguas e o recurso de associação da grafia à sonoridade, ambos nem sempre permitidos foram procedimentos recorrentes.

Listamos entre as 84 imagens dos *subcorpora* 24 exemplos, nos quais podemos observar esses microprocessos. São eles:

Exemplo 01 - <i>Subcorpus I</i> Texto original ²⁴	Traduções dos candidatos
<i>De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel en passant par Peter Pan, le héros doué de pouvoirs supérieurs</i>	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel <i>passando</i> por Peter Pan, o herói com poderes superiores
	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel <i>passam</i> por Peter Pan, os heróis dotados de poderes superiores

²⁴ Trecho original do *subcorpus I*: *De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel en passant par Peter Pan, le héros doué de pouvoirs supérieurs à ceux du commun des mortels est une constante de l'imagination populaire. Souvent, la vertu du héros s'humanise, et ses pouvoirs ultra-surnaturels ne sont que la réalisation parfaitement aboutie d'un pouvoir naturel, la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, voire l'intelligence syllogistique et le sens de l'observation à l'état pur que l'on retrouve chez Sherlock Holmes.*

(imagem 02)	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel <i>passando-se</i> por Peter Pan, os heróis dotados de poderes superiores
-------------	---

O gerúndio em francês, *en passant*, do verbo *passer*, em português “passar”, é formado na linguagem moderna pelo particípio presente do verbo (que possui a terminação em *-ant*), precedido da preposição *en* (RIEGEL, PELLAT e RIOUL, 1994). Esta construção francesa é, particularmente, bastante conhecida em português, porém, com outro valor semântico: “de passagem”, “superficialmente” ou “rapidamente”. Esta diferença de sentidos poderia ocasionar interpretações errôneas, por esse fato, havíamos marcado esta construção como uma postulação de erro que, no entanto, não ocorreu nesta prova devido a esse motivo. A maioria dos candidatos traduziu corretamente: “passando”, mas observamos a opção de alguns pelo verbo no presente do indicativo “passam” e outros por “passando-se”. No primeiro caso, o candidato cometeu um erro gramatical ao alterar o tempo verbal e, sobretudo, não observou o contexto, provavelmente não releu ou não prestou atenção na coerência do novo texto, produzindo um erro de expressão na língua de chegada, já que não obedece a esse critério de textualidade. No segundo caso, os candidatos mostraram um erro de leitura, pois outro sentido foi dado em relação ao do texto original, já que por essas traduções é o “herói” quem se finge ou se passa por *Peter Pan*. Assim, o corretor deveria ponderar esse segundo erro como mais grave que o primeiro.

Exemplo 02 - <i>Subcorpus I</i> Texto original	Traduções dos candidatos
(imagem 06)	Seus poderes <i>ultra-sobrenaturais</i> são <i>somente</i> a realização perfeitamente <i>bem-sucedida</i> de um poder natural
	Seus poderes <i>ultranaturais</i> <i>não são mais que</i> a realização perfeitamente <i>dada</i> de um poder natural
	Seus poderes <i>ultra-sobrenaturais</i> não passam de uma realização <i>adaptada</i> de um poder natural
	Seus poderes <i>supernaturais</i> <i>não são mais que</i> a realização perfeitamente <i>resultante</i> de um poder natural
	Seus poderes <i>sobrenaturais</i> <i>não são que</i> a realização perfeitamente <i>contida</i> de um poder natural

Os erros de tradução nesta frase foram constatados devido ao não reconhecimento da estrutura restritiva *ne...que*. Frequentemente, aprendizes iniciantes da língua francesa a confundem com uma negação, visto que esta também é constituída por duas partículas que se posicionam entre o verbo conjugado. Nas traduções literais, feitas palavra por palavra, é nítido o desconhecimento do sentido de restrição. Nesses casos, a tradução literal impediu uma compreensão correta, portanto, são erros de leitura que atestam o comprometimento do sentido deste trecho do texto. Os candidatos mantiveram as duas partículas na tradução “não” e “que”, diferentemente das traduções em que é evidente o conhecimento e compreensão da estrutura na tradução por: “somente” e “apenas”. Há ainda ocorrências de “não são mais que” e “não passam de” que também trazem o sentido correto, provando que estes candidatos compreenderam a estrutura de restrição.

A palavra *ultra-surnaturels* recebeu traduções com diferentes grafias, como se vê na imagem 06 no *subcorpus* I, como: “ultra-sobrenaturais”, “ultra sobrenaturais” e “ultrasobrenaturais”, ambas possuem o mesmo sentido do original, as duas últimas foram marcadas no *subcorpus* em amarelo por conta dos erros de grafia, mas não alteraram a compreensão de tal frase. A primeira palavra, grafada com hífen, foi considerada correta, pois na data do exame, em 2002, antes da reforma ortográfica de 2009, essa era a forma correta. Atualmente com a vigência da nova reforma, o correto seria: “ultrasobrenaturais”, termo não presente no *subcorpus*. Para essa mesma palavra, também encontramos as traduções: “acima do natural” e “sobrenaturais”, que são formas não binárias, ou seja, não estão totalmente erradas, mas perdem a carga semântica de “excesso” na ausência do prefixo “ultra”. Já as traduções: “supernaturais” e “ultra-naturais”, revelam compreensões opostas da palavra original, portanto, erros de leitura que devem, por isso, ser ponderados mais severamente pelo corretor.

Notamos, também, uma diversidade de traduções para o adjetivo *aboutie*. As traduções mais adequadas foram: “bem sucedida” e “concluída”. A tradução por “resultante”, marcada em amarelo, é uma compreensão menos precisa da palavra no seu contexto. As traduções incorretas: “continuada”, “adaptada”, “levados”, “conduzida”, “que leva”, “confinada”, “dada”, “tendem a”, “contida” e “atingível”, aparecem em um número expressivo no erro de léxico, contribuindo para uma leitura incorreta por partes destes candidatos. Nesta mesma frase, encontra-se um erro de expressão linguística em português, na grafia de “realisação”, escrita com “s”.

Exemplo 03 - <i>Subcorpus I</i> Texto original	Traduções dos candidatos
<p><i>la rapidité, l'habileté guerrière, voire l'intelligence syllogistique</i></p> <p>(imagem 07)</p>	A rapidez, a habilidade guerreira, <i>e mesmo</i> a inteligência <i>silogística</i>
	A rapidez, a habilidade guerreira, <i>até mesmo</i> a inteligência <i>silogística</i>
	A rapidez, a habilidade guerreira, <i>na verdade</i> a inteligência <i>silogística</i>
	A rapidez, a habilidade guerreira <i>vejo</i> a inteligência <i>silogística</i>
	A rapidez, a habilidade guerreira <i>ver</i> a inteligência <i>de argumentação</i>
	A rapidez, a habilidade guerreira <i>olha</i> a inteligência <i>sylogística</i>
	A rapidez, a habilidade guerreira, <i>a visão</i> da inteligência <i>lógica</i>
	A rapidez, a habilidade guerreira, <i>a percepção</i> da inteligência <i>silógica</i>
	A rapidez, a habilidade guerreira, <i>vide</i> a inteligência <i>silogística</i>
	A rapidez, a habilidade guerreira, ____ a inteligência <i>silogística</i>
	A rapidez, a habilidade guerreira, a inteligência <i>silogística</i>

Observamos que o advérbio *voire* foi confundido com o verbo *voir*, “ver” em português. *Voir* e *voire* são palavras homófonas na língua francesa e com grafias muito semelhantes, o que pode causar equívoco em uma leitura desatenta. No *subcorpus I*, *voire* foi traduzido corretamente como: “e mesmo” e “até mesmo”. Os candidatos que traduziram por “na verdade” e “de fato”, reconheceram a palavra em seu contexto, não se influenciaram pelo verbo “ver”, porém cortam a sequência coerente da frase, são erros de expressão, devido à falta de coerência. Por essa razão, essas duas traduções foram marcadas no *subcorpus* em amarelo, são formas não binárias.

As traduções incorretas mostram a influência do verbo *voir*: “vejo”, “olha”, “vide”, “a percepção” e “a visão”. Nas traduções de alguns candidatos, como aquele que traduziu por “a visão”, é claro o erro de leitura, também influenciado pelo verbo *voir*, no entanto, o candidato mostrou-se coerente com a relação estabelecida no texto, errou, mas construiu uma textualidade coerente para a sua compreensão errônea. Outros que também erraram não conseguiram construir uma coerência, o que prova que, muitas vezes, o candidato escreve e não percebe que não faz sentido, como por exemplo na

tradução com a palavra “ver”. As palavras parecem ser escritas individualmente, sem que se estabeleça uma relação entre elas, como muitas vezes acontece nas traduções automáticas. Possivelmente, alguns candidatos acreditam que a avaliação da tradução se dê por acertos independentes, por palavras isoladas, não importando a construção de um novo texto.

Ainda notamos outros erros também influenciados por *voir*, quando o candidato traduziu *voire* por “vejo”, sendo que o texto não é escrito em primeira pessoa, ou a tradução com a palavra “vide”. Esses são erros de leitura, ou seja, traduções com sentidos diferentes do texto original, ou mesmo, sem sentido. Lembramos que algumas destas traduções incorretas de *voire* estão no final da *WordList* desse *subcorpus* (imagem 01), estão entre as palavras menos frequentes.

Reparamos, ainda, que esta mesma palavra foi omitida tanto explicitamente quanto de forma velada. Este fato, somado às traduções incorretas, demonstra a dificuldade de tradução e leitura deste termo. Poderíamos, então, aplicá-lo em exercícios de tradução nas aulas de um curso instrumental.

Para o adjetivo *sylogistique* há diferentes traduções, palavra que inicialmente não pensávamos que apresentaria dificuldade de tradução. Em português, temos como correspondente a palavra “silogística”, a forma “silógica” não aparece dicionarizada (HOLANDA, 2006). Trata-se de uma criação do candidato, podendo ser classificada como erro de grafia, pois acontece no processo de expressão na língua de chegada e não de compreensão do texto, logo de menor gravidade dentro da avaliação.

Alguns candidatos traduziram *sylogistique* com sinônimos: “de argumentação” e “de silogismo”, outros por “lógica”, termo que, embora contenha uma redução semântica, não traz um sentido oposto ou falso, é uma forma não binária.

Exemplo 04 - <i>Subcorpus</i> I Texto original	Traduções dos candidatos
<i>et le sens de l'observation à l'état pur que l'on retrouve chez Sherlock Holmes</i>	E o sentido de <i>observação</i> que <i>se encontra</i> em estado <i>puro</i> em Sherlock Holmes
	E o sentido de <i>observação</i> em estado <i>natural</i> que <i>encontramos</i> em Sherlock Holmes
	E o sentido de <i>observação</i> <i>retrabalhou-se</i> em Sherlock Holmes

(imagem 08)	E o senso de <i>observação</i> são situações <i>para</i> que <i>nos encontremos</i> em Sherlock Holmes
	E o senso de <i>observação</i> ao estado <i>para</i> que nós <i>voltemos</i> a Sherlock Holmes
	E o senso de <i>observação ao modo de ser</i> que se <i>reencontra</i> em Sherlock Holmes
	E a lógica e sua <i>preocupação com todo o pano senta-se</i> com Sherlock Holmes

Essa frase compreende a parte final do trecho do *subcorpus* I, para a qual não havíamos marcado nenhuma postulação de erro. Contudo, podemos constatar diferenças e também erros de tradução. A palavra *observation* apresentou apenas uma tradução errada: “preocupação”, erro de léxico que gerou erro de leitura. Nesse caso, o candidato, estranhamente, não optou pela proximidade da palavra em francês com sua correspondente em português, “observação”.

Para *état pur* temos a tradução literal “estado puro” e um sinônimo “estado natural”. Alguns candidatos traduziram o adjetivo *pur* como “para”, provavelmente pela proximidade com a grafia da preposição *par*, sentido diferente do texto original, embora um dos candidatos tente produzir uma relação de consequência, já que a palavra é seguida da conjunção *que*. Nesse mesmo grupo de palavras, uma tradução que nos chamou a atenção foi: “pano”. Não dá para sabermos ao certo qual palavra seria seu equivalente no texto original, é provável pelo posicionamento que seja o substantivo *pur*. Em todo o caso, trata-se de um erro de leitura, um *non-sens*, pois este termo não estabelece nenhum sentido no texto.

No grupo de palavras *on retrouve*, houve alterações gramaticais, como: “nos encontra”, em que o sujeito da frase, *on*, se transformou em pronome; “para que nos encontremos” e “para que nós voltemos”, nestes dois casos, o erro anterior na tradução de *pur* em “para” ocasionou a alteração no modo verbal, do indicativo para o subjuntivo. Há ainda nesta tradução um erro lexical em *retrouve* traduzido como “voltemos”. Para o verbo *retrouver*, alguns candidatos fizeram uma tentativa de desmembrar a palavra, separando o prefixo *re-* do restante do verbo, *trouver*, como podemos notar em: “reencontra”, “reporta”, “remetem” e “retrabalhou-se”. Esta última forma é um erro lexical e de compreensão. Este tipo de erro também ocorre nas formas: “verificamos”, “voltemos”, “lembra” e “senta-se”, este último, um *non-sens*, também escolhido pelo mesmo candidato que havia traduzido *pur* com a palavra “pano”.

Exemplo 05 - <i>Subcorpus II</i> Texto original ²⁵	Traduções dos candidatos
(imagem 14)	Mas <i>seria equivocado</i> pensar que para analisar esses textos de <i>pouco</i> prestígio
	Mas <i>nos enganamos</i> se pensarmos que para analisar esses textos de <i>pouco</i> prestígio
	Mas <i>teríamos</i> de pensar que para analisar esses textos de <i>grande</i> prestígio
	Mas <i>teremos razão</i> em pensar que para analisar esses textos de <i>sólido</i> prestígio
	Nos <i>faz</i> pensar que esses textos de <i>reconhecido</i> prestígio
	Mas ____ pensar que para analisar ____ os textos ____ prestígio

Para a expressão *avoir tort* consideramos corretas as traduções: “seria errado”, “nos enganaríamos”, “nós estaríamos errados”, “erraríamos” e “seria equivocado”, que mantêm o mesmo sentido e o tempo verbal (o *conditionnel présent*, em francês, correspondente ao futuro do pretérito do indicativo em português). As traduções que não têm grande mudança de sentido, embora com tempo verbal diferente, são: “tem-se enganado” (presente), “nos enganamos” (presente), “enganar-se-á” (futuro), “nos equivocamos” (presente). Encontramos traduções com sentidos opostos ou diferentes: “não seria errado”, “ainda se pode”, “é injusto”, “é possível”, “teremos arbitrariamente”, “faz”, “teremos direito” e “teríamos”. Neste último caso, o candidato não conseguiu traduzir a expressão toda, ficou apenas na tradução do verbo, o que mudou o sentido da frase.

O não reconhecimento da palavra *faible* gerou traduções incorretas, inicialmente não esperadas em nossa postulação, notadas apenas a partir da observação do *subcorpus*. Consideramos corretas as traduções: “fraco”, “pouco”, “mediocre”, “pequeno” e “menor”. Mas, não podemos aceitar como corretas as traduções: “ausente” e “sem”, pois mudam o sentido, menos ainda: “reconhecido”, “sólido” e “de nível”, que possuem carga semântica oposta à palavra em francês.

²⁵Trecho original do *subcorpus II*: *Les instruments dont on dispose pour analyser ces corpus peuvent paraître modestes si on les compare à ceux de la stylistique littéraire, mais on aurait tort de penser que pour analyser ces textes de faible prestige on n'a pas besoin d'outils élaborés. C'est seulement depuis peu que les sciences du langage, s'ouvrant à des problématiques nouvelles, proposent des outils mieux adaptés. L'analyste du discours peut prendre pour base de travail un genre de discours (une consultation médicale, un cours de langue, un débat politique télévisé...) aussi bien qu'un secteur de l'espace social (un service d'hôpital, un café, un studio de télévision...) ou un champ discursif (politique, scientifique...); mais il ne part d'un genre que pour l'inscrire dans ses lieux et ne délimite un lieu que pour considérer quel(s) genre(s) de discours lui sont associés.*

Como podemos ver pelo exemplo, um mesmo candidato cometeu dois erros de leitura nesta frase: “teremos razão” para *on aurait tort* e “sólido” para *faible*, e um erro de expressão linguística ao grafar o verbo “analisar” com “z”. Ainda constatamos a presença de omissões explícitas para os dois casos que comentamos, mais uma evidência da incompreensão causada pelo não (re)conhecimento de itens lexicais.

Exemplo 06 - <i>Subcorpus II</i> Texto original	Traduções dos candidatos
C'est seulement depuis peu (imagem 15)	É somente <i>há</i> pouco tempo
	É apenas <i>recentemente</i>
	<i>Faz</i> pouco tempo
	Só <i>recentemente</i>
	Foi somente <i>a</i> pouco
	É somente <i>após</i>
	É somente pouco <i>depois</i>
	Será somente <i>a partir de</i> É somente o <i>início pequeno</i>

Nossa postulação de erro para essa sentença compreendia a preposição *depuis*, um falso-cognato em francês que, como vimos pelas linhas de concordância, enganou um número considerável de candidatos que o traduziram por “depois” e “após”. Consideramos corretas as traduções: “há pouco tempo”, “É somente há pouco tempo”, “Há somente pouco tempo”, “faz pouco tempo”, “É fato recente”, “É apenas recentemente que” e “só recentemente”. Nas traduções: “Foi somente a pouco” e “Somente a pouco tempo”, temos um erro de expressão linguística na grafia, pela ausência da letra “h” do verbo “haver”, indicando o tempo transcorrido. Observamos mudança do tempo verbal em: “Será somente a partir do momento”, esse erro pode ter sido causado pelo uso incorreto do dicionário monolíngue que traz em sua primeira acepção para *depuis*: *a partir de* seguida da observação *moment du passé* (momento do passado), o que, provavelmente, não foi observado pelo candidato. Marcamos em vermelho a tradução: “É somente o início pequeno”, pois apresenta um erro morfológico, o candidato traduz a preposição *depuis* pelo substantivo “início” e o advérbio *peu* pelo adjetivo “pequeno”, comprometendo o sentido da frase e mostrando uma compreensão distorcida.

Exemplo 07 - Subcorpus II Texto original	Traduções dos candidatos
<i>un genre de discours (une consultation médicale, un cours de langue, un débat politique télévisé...)</i> <i>aussi bien qu'un secteur</i> (imagem 17)	Um gênero de discurso (uma <i>consulta</i> médica, um curso de línguas, um debate político na televisão) <i>da mesma forma que</i> um <i>setor</i>
	Um gênero de discurso (uma <i>consulta</i> médica, um curso de línguas, um debate político televisivo) <i>como também</i> um <i>setor</i>
	Um gênero de discurso (uma <i>receita</i> médica, um curso de línguas, um debate político televisivo) <i>bem como</i> um <i>setor</i>
	Um gênero de discurso (uma <i>consulta</i> médica, um curso de línguas, um debate político televisionado) <i>assim bem como</i> um <i>setor</i>
	Um gênero de discurso (uma <i>consulta</i> médica, um curso de línguas, um debate político na televisão) <i>assim também que</i> um <i>secretário</i>

Observamos as traduções para a expressão ***aussi bien que***, um comparativo de igualdade formado pelo advérbio *aussi* e reforçado por outro advérbio *bien* (RIEGEL, PELLAT, RIOUL, 1994). Essa expressão foi traduzida corretamente nos seguintes casos: “bem como”, “assim como”, “como também”, “tanto quanto”, “da mesma forma que” e “e mesmo”. A tradução literal, feita palavra por palavra: “assim também que”, não faz sentido na frase, ainda mais seguida de outro erro na tradução de *secteur* por “secretário”. Valendo-se também da tradução literal, ficam incorretas as traduções: “assim bem como” e “assim também que”, pois formam frases sem coerência.

A maioria dos candidatos traduziu corretamente ***consultation médicale*** por consulta médica. No entanto, observamos erros não previstos, como: “receita médica”, “consultório médico” e “análises médicas”, ainda que no mesmo campo semântico, são erros lexicais, mas que, neste caso, não invalidam a compreensão.

Exemplo 08 - Subcorpus II Texto original	Traduções dos candidatos
<i>mais il ne part d'un genre que pour l'inscrire dans ses lieux et ne delimité un lieu que pour considérer</i>	Mas parte de um tipo de discurso <i>apenas</i> para inscrevê-lo em seus lugares e delimita um lugar <i>apenas</i> para considerar
	Mas ele parte de um gênero para lhe inscrever em um lugar e delimitar um lugar.
	Mas ele <i>não</i> parte de um gênero que para inscrever ___ <i>que</i> para considerar

(imagem 19)	Mas <i>não</i> parte de um gênero <i>que</i> se se inscreve dentro de seus meios e <i>nem</i> delimita um meio para considerar
	Mas <i>não</i> é parte de um gênero por se inscrever nesses lugares e <i>não</i> se delimita a um lugar para considerar

Na frase acima, há duas **restrições** com a estrutura *ne...que*. Observamos que a maioria dos candidatos teve o mesmo comportamento nos dois casos, aqueles que erraram, acertaram ou omitiram a primeira restrição, também o fizeram na segunda. Um dos candidatos errou a primeira restrição, pois fez uma tradução literal “não parte de um gênero que” e deixou uma lacuna visível na segunda restrição colocando apenas a palavra “que” como registro de uma tentativa de tradução literal. Percebemos que outros candidatos omitiram de forma velada as restrições. A omissão não seria um erro tão grave quanto à tradução literal, já que ao omitir o sentido é restringido, mas algo permanece, já a literalidade, neste caso, traz outro sentido. Na tradução “não é parte de um gênero”, o candidato cometeu um erro morfológico ao transformar o verbo *partir* no substantivo “parte”.

Exemplo 09 - <i>Subcorpus III</i> Texto original ²⁶	Traduções dos candidatos
<i>La présence artistique (...) n'est pas mue par la culpabilité, la bonté, la morale ou le soin</i>	A presença artística (...) não é <i>movida</i> pela culpabilidade, moral ou o <i>cuidado</i> .
	A presença artística (...) não é <i>regida</i> pela culpabilidade, moral ou pelo <i>bem-estar</i>
	A presença artística (...) não é pela culpabilidade, moral
	A presença artística (...) não é <i>calada</i> pela culpa, bondade, moral ou <i>sonho</i>

²⁶ Trecho original do *subcorpus III*: *En prison, mais il en est de même à l'usine, à l'école ou dans l'espace public, la présence artistique comme intellectuelle ou professionnelle n'est pas mue par la culpabilité, la bonté, la morale ou le soin, mais par le droit de tout espace où qu'il soit sur le territoire à disposer et jouir de la totalité des biens culturels d'où qu'ils viennent, du passé, du présent ou de l'avenir, biens esthétiques, biens scientifiques, biens sociaux, biens critiques, biens communs... La création musicale, chorégraphique, photographique, littéraire..., ne doit manquer à nul m2 du territoire: les artistes sont les artisans, les passeurs et les militants de cette présence agissante, comme ailleurs, pas plus ni moins, dans l'esprit du droit, avec passion, vigilance, jubilation, inspiration, application, méthode... Les oeuvres font circuler, entrer et sortir, faire et défaire, éclairer et éteindre, elles mettent en mouvement, exigent du sensoriel de s'extraire du sensible, de l'intime, de forcer la porte de l'extime, du rationnel de se nourrir de l'immatériel, comme se nourrissent sans relâche le figuratif et l'abstrait. Les oeuvres déportent, déplacent, exhortent les identités à accepter de mourir, pour que se dévoilent d'autres raisons d'être, que naissent des métamorphoses. Les oeuvres combattent les discriminations : leur liberté n'a d'autre finalité que l'égalité des hommes.*

(imagem 26)	A presença artística (...) não é <i>silenciada</i> (<i>emudecida</i>) pela culpabilidade, moral ou <i>pecado</i>
	A presença artística (...) não <i>deve ser uma pele para recobrir</i> a culpa, a bondade, a moral.
	A presença artística (...) não é <i>julgada</i> pela culpabilidade, pela bondade, pela moral ou pelo <i>“soin”</i>

Nesta frase tínhamos marcado uma postulação de erro para a palavra *mue* e observamos que ela se comprovou. Esse participio adjetivado é originário do verbo *mouvoir*, em português “mover”, e foi traduzido corretamente como: “movida”, “movimentada”, “regida” e “se move”. Em alguns casos o adjetivo foi confundido com outro, *muet* no masculino e *muette* no feminino, como em: “silenciada (emudecida)” e “calada”. Há 3 omissões veladas para essa palavra e as seguintes traduções errôneas: “substituída”, “determinada”, “mudam”, “transformada”, “apontar”, “serve para refletir” e “julgada” que contribuem para a validação de nossa postulação de erro, assim como a tradução “não deve ser uma pele para recobrir”. Neste caso, o candidato parece ter ido direto ao verbete *mue*, um substantivo feminino com o sentido de mudança de pele nos animais ou mudança de voz na puberdade, ou seja, definições que dificilmente fariam sentido em relação ao texto. Mesmo que não soubesse o infinitivo verbal correspondente, *mouvoir*, ao menos uma (re)leitura atenta ajudaria a notar a estranheza de sua tradução – *a presença artística não deve ser uma pele para recobrir a culpa*. Esse mesmo candidato comete outro erro na tradução de *par* (em português: por, pelo, pela) em “para” e a inserção do termo “recobrir” para validar a tradução de *mue*.

Nessa mesma frase as traduções para *soin* que consideramos corretas foram: “preocupação”, “cuidado”, “atenção” e “bem-estar”, essa última é fruto de uma inferência lógica, presente nos processos de integração, quando o leitor infere com base no texto, indo além de uma tradução literal. Se fossemos comparar a qualidade da tradução e não apenas a compreensão, provavelmente, essa seria a melhor. Não havíamos postulado erros par esse substantivo, no entanto, encontramos as traduções: “limpeza”, “dever”, “tratamento”, “senso”, “sonho” - empregada provavelmente pela semelhança sonora, e “pecado”, talvez numa tentativa de aproximação com a palavra inglesa *sin*. Outros candidatos transcreveram a palavra em francês, entre parênteses e entre aspas, mostrando a dificuldade que tiveram na tradução deste termo.

Exemplo 10 - <i>Subcorpus</i> III	
Texto original	Traduções dos candidatos
<i>Du passé, du presente ou de l'avenir, biens esthétiques</i> (imagem 28)	Do passado, do presente ou do <i>futuro</i> , bens estéticos
	Do passado, do presente ou <i>a dever</i> bens estéticos
	Do passado, do presente ou <i>terão</i> bens estéticos
	Do passado, do presente ou <i>de vir</i> , bens estéticos
	Do passado, do presente ou <i>devenir (futuro)</i> , bens estéticos

A maioria dos candidatos traduziu *devenir* corretamente por: “futuro”, “porvir” e “o que está por vir”. Um dos candidatos cometeu um erro ao segmentar a palavra em duas partes *de - venir*: “de vir”, essa tradução não produz um texto coerente, não faz sentido na frase, é um erro de leitura. Outro candidato constrói um sentido para sua interpretação errônea do termo traduzido como “dever”, ligando-o diretamente à palavra seguinte “bens”, desconsiderando a pontuação. Igualmente erradas estão as traduções: “terão” e “devenir (futuro)”. Nessa última temos a transcrição da palavra em francês é seguida de sua tradução correta entre parênteses, talvez por insegurança ou dúvida os candidatos deixem este tipo de alternativa. A prática da tradução em sala de aula faz com que os alunos tenham que escolher, utilizando as estratégias de monitoramento e de tomada de decisão, descritas por Krings (1986). Para os candidatos nas provas de proficiência, é necessário que saibam que a correção não considera opções deixadas entre parênteses, o leitor-tradutor deve ser capaz de optar por um equivalente e não mostrar dúvida, indecisão ou deixar a escolha a encargo do corretor.

Exemplo 11 - <i>Subcorpus</i> III	
Texto original	Traduções dos candidatos
<i>La création musicale, chorégraphique, photographique, littéraire..., ne doit manquer à nul m² du territoire</i> (imagem 29)	A criação musical, <i>coreográfica</i> , fotográfica, literária ..., <i>não deve faltar em nenhum metro quadrado do território</i>
	A criação musical, <i>coreográfica</i> , fotográfica, literária ..., <i>não deve estar ausente do território</i>
	A criação musical, <i>coreográfica</i> , fotográfica, literária ..., <i>não deve precisar unicamente do m² do território.</i>

	Criação musical, <i>choréographica</i> , literatura, <i>não deve fracassar no nenhum m² do território</i>
	A criação musical, <i>coreográfica</i> , fotográfica, literária ..., <i>não dando falta a nenhum m² do território (espaço)</i>
	A criação musical, <i>coreográfica</i> , fotográfica, literária ..., <i>não deve estar ausente do território</i>
	A criação musical, <i>choréografica</i> , fotográfica e literária, <i>não tem demarcação em um m² do território</i>
	A criação musical, <i>coreógrafa</i> , fotográfica e literária, <i>indicada ao nulo m² do território</i>
	A criação musical, <i>coreográfica</i> , fotográfica, literária ____

Na palavra *chorégraphique* nos deparamos com a tradução literal: “coreográfica” e com formas decalques: “choréographica” e “choreógrafica”, erros de expressão linguística em português. Há também as formas: “coreógrafa” e “coerografia”, erros de léxico que, embora estejam no mesmo campo semântico, rompem a lógica coerente da frase.

Nesse excerto, a maior dificuldade dos candidatos ficou por parte da sentença *ne doit manquer à nul m² du territoire* para a qual estão corretas as traduções: “não deve faltar em nenhum metro quadrado do território”, “não deve faltar a nenhum m² do território”, “não deve faltar em 1 m² sequer do território” e “não deve estar ausente do território”. Observamos as interpretações errôneas da sentença, tais como: “não deve faltar sequer m² de território”, cuja ausência da preposição “em/a” deixa a frase com um outro sentido; “não tem demarcação em um m² do território” e “não marca o direito de nenhum território”, nestes dois casos o tradutor confundiu o verbo *manquer* com *marquer* (respectivamente “faltar” e “marcar” em português); “não está aprisionada a um território”, “indicada ao nulo m² do território”, “não deve fracassar no nenhum m² do território”, “não deve precisar unicamente do m² do território”, “não dando falta a nenhum m² do território”, “sem esquecer um m² do território” e “não deve se tornar nulo num território de metros quadrados”. Há também casos de omissões explícitas para essa sentença, o que comprova que houve falhas no processo de compreensão dos candidatos.

Exemplo 12 - <i>Subcorpus</i> III Texto original	Traduções dos candidatos
(imagem 30) <i>les artistes sont les artisans, les passeurs et les militants de cette présence agissante, comme ailleurs</i>	Os artistas são os artesãos, os <i>condutores</i> , os autores e os militantes dessa presença <i>eficaz</i> , como <i>por outro lado</i>
	Os artistas são os artesãos, os <i>passadores</i> , os autores e os militantes de presença <i>efetiva</i> , <i>de um outro ponto de vista</i>
	Os artistas são os artesãos, os <i>passageiros</i> , os autores e os militantes de presença <i>marcante</i> , <i>mas não muito</i>
	Os artistas são os artesãos, os <i>passistas</i> , os autores e os militantes desta presença <i>agitadora</i> , como <i>alhures</i>
	Os artistas são os artesãos, os <i>figurantes</i> , os autores e os militantes desta presença como <i>alhures</i>
	Os artistas são os artesãos, os autores e militantes desta presença <i>experimental</i> como <i>alhures (fora dali)</i>
	Os artistas são os artesãos, <i>os passantes</i> , os autores dessa presença <i>agigante</i> , como <i>em todo lugar</i>
	Os artistas são os artesãos, eles <i>passam</i> os autores dessa presença <i>que agita</i> , como <i>virão</i> Os artistas são os artesãos, os ___ os autores e os militantes dessa presença <i>agitada</i> , como <i>aliás</i>

As traduções do substantivo *passieur* confirmam nossa postulação de erro, como nos casos: “passantes”, “passistas”, “passageiros”, “figurantes” e “passam”. Essas traduções trazem um sentido diferente ao da palavra original, são erros lexicais e de leitura, já que não se adéquam ao contexto. Poucos candidatos conseguiram traduzir adequadamente, como em: “condutores”, “transmissores” e “passadores”, este último termo é encontrado no jargão da psicanálise. Houve também omissões explícitas e veladas.

O adjetivo *agissante*, não fazia parte da postulação dos erros que os candidatos cometeriam, somente pela observação do *subcorpus* foi possível notar que houve traduções variadas. Consideramos corretas as formas: “ativa”, “eficaz”, “atuante”, “motivadora” e “marcante”. Há omissões veladas e traduções com sentido diferente: “experimental” e sem sentido “agigante”. A palavra *agissante* é um

particípio adjetivado, proveniente do verbo *agir*, “aquele que age”, porém alguns candidatos traduziram como: “que agita”, “agitadora” e “agitada”, confundindo os verbos *agir* e *agiter*, respectivamente “agir” e “agitar”, em português. O particípio do verbo *agiter* é *agitant* e não *agissant*.

O advérbio *ailleurs* foi traduzido adequadamente por: “alhores”, “outro(s) lugar(es)”, “em algum lugar” e com alteração de sentido em: “todo lugar”, “em qualquer lugar”. Em outros casos, esse termo foi confundido com a locução adverbial *d’ailleurs*, “aliás”, e por *par ailleurs*: “por outro lado”, “outro ponto de vista”. Houve também outras traduções incorretas como “forasteiros”, “também”, “outros”, “indiferentes” e “virão”. Desta forma, é necessário que o professor durante as aulas de leitura trabalhe o léxico para que os alunos compreendam a diferença entre palavras próximas na grafia como *ailleurs*, *d’ailleurs* e *par ailleurs*, mas que têm significados diferentes. Nesse caso, seria interessante mostrar exemplos de traduções corretas e incorretas, para que os próprios alunos avaliassem qual seria a mais adequada ao contexto no qual estão inseridas.

Exemplo 13 - <i>Subcorpus</i> III Texto original	Traduções dos candidatos
(imagem 31) <i>dans l’esprit du droit, avec passion, vigilance, jubilation, inspiration</i>	No espírito do direito, <i>com paixão</i> , vigilância, júbilo, inspiração
	No espírito do direito, com vigilância, júbilo, inspiração
	No espírito do direito, <i>com passeios</i> , vigilância, júbilo, inspiração
	No espírito do direito, <i>compaixão</i> , vigilância, júbilo, inspiração

Para as palavras *avec passion*, cuja tradução correta é: “com paixão”, encontramos dois erros: “compaixão”, no qual o candidato uniu as duas palavras em uma, numa tentativa de construção a partir da literalidade, e “com passeios”, que revela a má compreensão da palavra *passion*, ambos são erros de leitura, pois comprometem o sentido da frase. Diante do contexto, “a arte como um direito nas prisões”, nos dois casos, não se trata da maneira “apaixonante” com a qual a obra de arte influencia o indivíduo. Provavelmente esquemas (MINSKY, 1975 *apud* COIRIER, GAONAC’H, PASSEREAULT, 1996) diferentes foram acionados pelos candidatos, para o primeiro,

deveria haver “compaixão” em relação ao detento e para o segundo, o detento deveria poder “passear”.

Exemplo 14 - <i>Subcorpus III</i> Texto original	Traduções dos candidatos
<p><i>Entrer et sortir, faire et défaire, éclairer et éteindre</i></p> <p>(imagem 32)</p>	Entrar e sair, fazer e desfazer, clarear e <i>escurecer</i>
	Entrar e sair, fazer e desfazer, clarear e <i>entender</i>
	Entrar e sair, fazer e desfazer, esclarecer e <i>compreender</i>
	Entrar e sair, fazer e desfazer, esclarecer e <i>estender</i>
	Entrar e sair, fazer e desfazer, esclarecer e <i>ampliar</i>

As traduções corretas para o verbo *éteindre* são: “apagar”, “obscurer” e “escurecer”. Embora esse verbo esteja em contraposição com *éclairer*, assim como *entrer* e *sortir, faire* e *défaire*, traduzidos corretamente na maioria dos casos, alguns candidatos não mantiveram esse sentido entre as palavras *éclairer* e *éteindre* e foram influenciados por palavras de grafia próxima, como *entendre*: “entender”, “fazer entender”, “compreender”, e *étendre*: “estender” e “ampliar”. Por essa razão, temos aqui outra palavra que mereceria ser aplicada em exercícios de tradução.

Exemplo 15 - <i>Subcorpus III</i> Texto original	Traduções dos candidatos
<p><i>Elles mettent en mouvement, exigent du sensoriel de s'extraire du sensible, de l'intime, de forcer la porte de l'extime</i></p>	Elas colocam em movimento, exigem do sensorial de se extrair do sensível, do íntimo, de forçar a porta do <i>exterior</i>
	Elas colocam em movimento, exigem do sensorial de se extrair do sensível, do íntimo, de forçar a porta do <i>não íntimo</i>
	Elas colocam em movimento, exigindo do sensorial de se extrair a sensibilidade do íntimo de forçar a porta da <i>estiva</i>

(imagem 33)	Eles colocam em movimento, extrai o sensorial do sensível, do íntimo, <i>a força da extima</i>
	Elas põem em movimento, exigem a extração do sensorial, da sensibilidade, da intimidade e força verter a <i>estima</i>

A palavra *extime* é um termo técnico da psicanálise, mas está ausente dos dicionários monolíngues. Ainda que essa palavra seja desconhecida do leitor, no decorrer da leitura é possível estabelecer o seu sentido pelo contexto, na oposição feita entre “íntimo” e “exterior”. Contudo, alguns candidatos não construíram essa relação e traduziram por palavras de grafia semelhantes em português, como: “estima”, “estiva” ou “extima” (palavra não dicionarizada).

Exemplo 16 - <i>Subcorpus IV</i> Texto original ²⁷	Traduções dos candidatos
(imagem 45)	<i>Será preciso esperar</i> setembro <i>para que</i> a oferta <i>auge</i>
	<i>Será preciso esperar</i> setembro <i>para que</i> a oferta <i>se amplie</i>
	<i>Ele (faudra) atender</i> em setembro <i>porque</i> a oferta <i>se alargou</i>

A expressão impessoal *il faudra* foi traduzida corretamente como: “será preciso” e “precisará”. Na tradução “ele faudra”, é nítido o desconhecimento da impessoalidade do pronome *il*, traduzido como “ele”, além do candidato não conseguir traduzir o verbo *falloir*, deixando-o em francês entre parênteses.

O verbo *attendre* foi traduzido de forma apropriada por “esperar”, mas identificamos também compreensões erradas deste termo que foi confundido com o verbo “atender”, como também fez o candidato que não soube traduzir a expressão impessoal. Esse mesmo candidato traduz *s’élargisse* por “se alargou”, que não está no

²⁷ Trecho original do *subcorpus IV*: *Autre bonne nouvelle, vous n'aurez pas à mettre à la casse vos anciens téléviseurs, dits analogiques. Pourtant, il faudra s'équiper d'un décodeur ou d'un adaptateur numérique (100 €) à brancher sur la prise péritel de votre télé. Vous pourrez également acquérir des téléviseurs avec adaptateurs intégrés pour à peu près 100 € de plus qu'un téléviseur analogique. Cependant, selon Hubert Bouan Du Chef Dubos, directeur marketing produit chez Philips, il faudra attendre septembre pour que l'offre s'élargisse. Au second semestre, les industriels devraient proposer des TV numériques ainsi que toute une gamme de DVD enregistreurs. Mais, dès la fin du mois de mars, Sagem commercialisera des décodeurs permettant de regarder une chaîne pendant que vous enregistrez une autre (en qualité numérique). En revanche, attention : ces adaptateurs, comme ces teles numériques, ne permettront pas de capturer les chaînes payantes de la TNT censément lancées en septembre. Il faudra donc à ce moment-là un autre décodeur qui ne vous sera fourni que par les diffuseurs et qui permettra également de visionner les chaînes gratuites.*

tempo verbal do texto original (presente do subjuntivo) pelo fato da locução *pour que* ter sido traduzido como “porque” e não como “para que” como fizeram os outros candidatos que utilizaram o modo subjuntivo em: “para que a oferta aumente” e “para que a oferta se amplie”.

Exemplo 17 - <i>Subcorpus IV</i> Texto original	Traduções dos candidatos
<i>Permettant de regarder une chaîne pendant que vous en enregistrez une autre (en qualité numérique)</i> (imagem 48)	Permitem <i>assistir</i> a um canal <i>enquanto</i> você <i>grava</i> a programação de outro (com qualidade <i>digital</i>)
	Permitindo que <i>se escamine</i> um canal <i>pendente</i> , que nos <i>registros</i> um outro (com qualidade <i>numérica</i>)
	Permitindo <i>assistir</i> a um canal <i>enquanto</i> você <i>registra</i> a um outro (com qualidade <i>numérica</i>)

O verbo *regarder* foi traduzido corretamente por “assistir” e “ver”, mas um dos candidatos optou por: “se escamine”, tradução sem sentido, logo, erro de leitura. Esse candidato também erra a tradução da preposição *pendant*, ao confundi-la com o adjetivo com grafia próxima em português, “pendente”. Os outros candidatos acertam ao traduzirem por “enquanto” e “ao mesmo tempo em que”.

A sentença *vous en enregistrez* teve como traduções corretas: “você grava a programação de outro”, “você grava de outro”, “se grava um outro”, os erros, anteriormente não postulados, são devidos ao fato dos candidatos se apoiarem apenas na transparência entre o verbo francês *enregistrer* com o verbo “registrar” em português: “você registra a um outro” e “nos registros de um outro”. Os candidatos não percebem que essas traduções não fazem sentido, provavelmente não fizeram uma releitura.

Da mesma palavra, a palavra *numérique* apresenta erros na tradução literal por “numérica” que não tem sentido em português, e cuja tradução correta é “digital”.

Exemplo 18 - <i>Subcorpus V</i> Texto original ²⁸	Traduções dos candidatos
<i>Si le langage sert moins à renseigner qu'à agir</i> (imagem 56)	Se a linguagem serve menos a <i>informar</i> do que a agir
	Se a linguagem serve para <i>ensinar</i> como para agir
	Se a linguagem serve menos a <i>ensinar novamente</i> do que age
	Se a linguagem serve menos a <i>reensinar</i> que a agir

Nessa frase, o substantivo *langage* é colocado em uma comparação entre o verbo *agir* e *renseigner*. A dificuldade dos candidatos se manifestou no sentido atribuído a esse segundo verbo. Alguns candidatos acertaram ao traduzirem por: “instruir” e “informar”, outros se basearam apenas na transparência desta palavra com outras em português: “ensinar”, “ensinar novamente”, “se reensinar”, “reensinar” e “retrair”. Nesses casos os candidatos tentaram fazer um recorte da palavra, separando o início *re-*, que acreditaram ser um prefixo indicador de repetição, do restante do verbo *enseigner*. Porém, essa estratégia não obteve bons resultados, o prefixo *re-* está incorporado ao verbo, assim como acontece com *retrouver*, no exemplo 04. Novamente, um desconhecimento lexical provocou um erro de leitura.

Exemplo 19 - <i>Subcorpus V</i> Texto original	Traduções dos candidatos
<i>le phénomène ne peut qu'être exarcebé dans une oeuvre littéraire où l'agencement des termes doit fort peu au hasard</i>	O fenômeno <i>só</i> poderá ser exacerbado numa obra literária <i>em que</i> a <i>combinação</i> de termos está <i> muito pouco</i> condicionada <i>ao acaso</i>
	O fenômeno <i>não</i> pode ser exacerbado numa obra literária <i>onde</i> a <i>disposição</i> de termos se deve <i>pouco ao acaso</i>

²⁸ Trecho original do *subcorpus V*: *Ce qui ressort des études pragmatiques, c'est donc l'importance de l'interaction dans le discours. Si le langage sert moins à renseigner qu'à agir sur autrui, un énoncé ne peut se comprendre par la seule référence à son émetteur. C'est le couple forme par celui qui parle (le locuteur) et celui à qui l'on parle (l'allocataire) qu'il convient de prendre en compte. L'influence de la pragmatique sur l'étude des textes est donc claire. Si dans le parler quotidien, le langage est toujours au service d'un effet à produire, le phénomène ne peut qu'être exarcebé dans une oeuvre littéraire ou l'agencement des termes doit fort peu au hasard. Comprendre une oeuvre ne peut, dès lors, se réduire à en dégager la structure ou à la rattacher à son auteur. C'est la relation mutuelle entre écrivain et lecteur qu'il faut analyser.*

(imagem 60)	O fenômeno é <i>somente</i> exacerbado numa obra literária <i>ou</i> o <i>agenciamento</i> de termos <i>fortes a acasião</i>
	O fenômeno <i>não</i> pode ser exacerbado dentro de uma obra literária <i>onde</i> a <i>ação</i> dos termos <i>ao acaso</i>
	O fenômeno <i>não</i> pode ser exacerbado dentro de uma obra literária <i>onde</i> a <i>disposição</i> de termos dá <i>pouca força ao azar</i>
	Um fenômeno que está na literatura <i>ou</i> no <i>agendamento</i> dos termos <i>podres e ricos</i>

Novamente, a postulação de erro na estrutura restritiva *ne...que* se confirmou, pois foi traduzida na negação e omitida de forma velada. Contudo, há também formas corretas: “só”, “não...senão”, “somente”, “não...outro que”, “tão somente” e “apenas”. Outra postulação confirmada foi para a tradução de *au hasard*, que dentre as formas incorretas destacamos: “ao azar”, “no azar” e “infeliz”. No entanto a maioria das traduções foram corretas: “ao acaso”, “por acaso” e “à sorte”.

Localizamos outras variantes de palavra não postuladas inicialmente, mas que analisando o *subcorpus* pudemos notar, como a expressão *fort peu*, corretamente traduzida por: “muito pouco”, “bem pouco” e “notadamente pouco”. O sentido dessa expressão é reduzido em “pouco”, devido à ausência de correspondente para o advérbio *fort*. E justamente por não considerarem *fort* como advérbio de intensidade, mas como outras classes gramaticais (adjetivo, substantivo ou verbo), alguns candidatos cometeram erros, como: “força”, “pouca força”, “fortemente”, “forte poder”, “fortes”, “fortificar”, “pouco fortes”, “vigorosamente”, que geram leituras errôneas. Há também traduções sem sentido para a expressão *fort peu* como: “fruto” e “pobres ou ricos”, ou simplesmente sua transcrição: “doit fort peu”. A omissão explícita reafirma a dificuldade dos candidatos de compreensão desses termos.

O pronome relativo *où*, “onde” ou “em que”, diferencia-se da conjunção *ou*, “ou”, apenas pelo acento grave. O candidato que não conhece essa pequena, mas por vezes crucial, diferença traduz erroneamente, dando outro valor à frase.

O substantivo *agencement* recebeu traduções variadas, das quais consideramos corretas: “organização”, “encadeamento”, “agenciamento”, “agrupamento”, “arranjo”, “emprego”, “disposição”, “resultado da combinação” e “combinação”. Dentre os erros,

destacamos: “agendamento”, devido à similaridade com palavra em francês e “ação”. Essa segunda tradução pode ter sido resultado da leitura incompleta na consulta ao verbete *agencement* em um dicionário monolíngue, que em sua primeira acepção destaca: *Action, manière d'agencer; arrangement résultant d'une combinaison* (LE MICRO ROBERT, 2007). O candidato provavelmente se firmou em apenas na primeira palavra da explicação dada pelo dicionário.

Exemplo 20 - <i>Subcorpus V</i> Texto original	Traduções dos candidatos
<i>C'est la relation mutuelle entre écrivain et lecteur qu'il faut analyser</i> (imagem 62)	É a relação mútua entre <i>escritor e leitor</i> que <i>se deve</i> analisar
	Esta é a relação mútua entre <i>escrever e ler</i> que <i>falta</i> analisar.
	É a relação mútua entre <i>escritor e leitor</i> que ele <i>deixou</i> de analisar

A maioria das traduções de *écrivain et lecteur* encontra-se correta: “escritor e leitor”, mas alguns candidatos cometem erro ao traduzirem por: “escrever e ler”, “escrita e leitura”, “escrita e leitor”, “escritor e locutor” e “autor e leitor”. Existe, nesses, casos uma alteração no sentido.

Para a construção impessoal *il faut*, a maioria dos candidatos traduziu de forma correta por: “é preciso”, “é necessário”, “se faz necessário”, “se deve”, “deve ser” e “se faz mister”. Os erros se devem ao fato dos candidatos se basearem na transparência da palavra *faut* em francês com a “falta” em português e, nesse mesmo sentido, um dos candidatos traduziu com a palavra “deixou”. Podemos encontramos também omissões veladas dessa estrutura, o que comprova a dificuldade dos candidatos em relação à compreensão e expressão desses termos.

Exemplo 21- <i>Subcorpus VI</i> <i>Texto original</i> ²⁹	Traduções dos candidatos
<i>on a reproché à Proust la frivolité de ses intérêts</i> (imagem 70)	<i>Condenou-se</i> em Proust a frivolidade de seus interesses
	<i>Criticou-se</i> em Proust a frivolidade de seus interesses
	Proust <i>culpa</i> a frivolidade de seus interesses
	<i>Uma resposta</i> a Proust, da frivolidade de seus interesses
	<i>Uma reaproximação</i> a Proust a frivolidade de seus interesses

O não (re)conhecimento da forma verbal *a reproché*, no passado composto, causa em alguns candidatos problemas graves de compreensão, como podemos notar nas traduções: “Proust culpa a frivolidade de seus interesses” e “uma reaproximação a Proust a frivolidade de seus interesses”. Enquanto que o correto seria: “critiou-se em Proust” ou “condenou-se em Proust”.

Os candidatos que cometeram esses erros não foram capazes de identificar a forma verbal e nem o sujeito correspondente, o que causou interpretações errôneas. Logo, o ensino da gramática em um curso de leitura é um auxílio importante para que os alunos saibam reconhecer uma estrutura verba composta e não cometam erros como os que são revelados nesse exemplo.

²⁹ Trecho original do *subcorpus VI*: *il inclut à la fin du Temps retrouvé, c'est-à-dire à la fin du roman lui-même, une esthétique très consciente qui forme à la fois la justification de son oeuvre et la justification de sa vie. Telle est la syntèse puissante et singulière dont on va tâcher dans cet ouvrage, d'analyser les éléments essentiels. Ces quatre visions doivent toujours être présentes à l'esprit du lecteur qui veut bien entendre Proust: tous les contresens sur son oeuvre (ils abondent) proviennent de l'oubli de l'une ou de l'autre, ou du refus de les intégrer et de les organiser dans le jugement critique. Je n'en relèverai q'un, pour le moment, à titre d'exemple: on a reproché à Proust la frivolité de ses intérêts, de ses passions et du monde qu'il décrit.*

Exemplo 22 - Subcorpus VII Texto original ³⁰	Traduções dos candidatos
<i>un héritier de ces bourgeois de la Monarchie de Juillet</i> (imagem 77)	Um <i>herdeiro</i> dos <i>burgueses</i> da Monarquia de Julho
	Um <i>herdeiro</i> dessa <i>nobreza</i> da Monarquia de Julho
	uma <i>herança</i> dos <i>“bourgeois”</i> da Monarquia de Julho
	Um <i>bem-feitor</i> dos <i>burgos</i> da Monarquia de Juillet
	Um <i>herdeiro</i> dos <i>aristocratas</i> da Monarquia de Julho
	<i>Herdeiros</i> da <i>“cidadania” (ou nobreza)</i> da Monarquia de Julho
	Um <i>herege burguês</i> da Monarquia de Juillet

O substantivo *héritier*, cuja tradução “herdeiro” pensávamos que seria a mais óbvia, nos revela outras variantes, como: “herança”, dentro do campo semântico, mas que não corresponde exatamente à palavra original, por isso está marcada em amarelo, como um erro não binário. Já as traduções: “bem-feitor” e “herege” saem totalmente da significação, deixando a frase traduzida com sentidos diferentes da original.

O mesmo acontece com o substantivo *bourgeois*, em português: “burgueses”. A palavra “burgos” está dentro do mesmo campo de sentido do termo em francês, mas não é o correspondente mais adequado.

Em oposição ao que a palavra burguês significa, alguns candidatos escolheram como traduções os seguintes termos: “nobreza”, “cidadania (ou nobreza)” e “aristocratas”. Houve também quem preferisse a transcrição da palavra em francês. Ainda que os candidatos não conhecessem essa palavra, a consulta ao dicionário poderia esclarecer seu significado, ou pelo menos excluir as palavras contrárias a ele:

1. Au Moyen Âge, Citoyen d'un bourg, d'une ville, bénéficiant d'un statut privilegie 2. Personne qui n'appartenait ni au clergé ni à la noblesse, ne travaillait pas de ses mains et possédait des biens. 3. Dans la société actuelle. Personne de la classe moyenne et dirigeante,

³⁰ Trecho original do subcorpus VII : *A l'égard de leur oeuvre, les auteurs entretiennent un rapport double. D'une part, ils se sont peu ou prou dépositaires de la vision romantique exaltant le travail artistique désintéressé. Ils sont toujours tentés de voir en leur éditeur un héritier de ces bourgeois de la Monarchie de Juillet indifférents aux considérations esthétiques, surtout préoccupés de l'avancement de leurs affaires. Si opposés que soient les intérêts des deux interlocuteurs, ils n'en sont pas moins solidaires: ils forment un couple parfois tumultueux mais dans une certaine mesure unis pour le meilleur et le pire.*

de condition aisée, et caractérisée par un certain conformisme intellectuel 4. Personne incapable d'apprécier ce qui est désintéressé, gratuit, esthétique. (LE MICRO ROBERT, 2007)

No entanto, o que provavelmente deve ter ocorrido para que os candidatos escolhessem essas palavras, foi a impregnação do sentido da palavra “Monarchie”, geralmente associada à nobreza, à realeza. Criou-se um “esquema”, ou seja, uma representação cognitiva que reagrupa informações associadas a um objeto, situação ou acontecimento (COIRIER, GAONAC’H, PASSEREAULT, 1996). A isso, soma-se o desconhecimento desse evento da história francesa que contou com o importante apoio da burguesia.

Exemplo 23 – <i>Subcorpus VII</i> Texto original	Traduções dos candidatos
(imagem 78) <i>surtout préoccupés de l'avancement de leurs affaires.</i>	Sobretudo preocupados com o avanço de seus <i>afazeres</i>
	Sobretudo preocupados com o avanço de seus <i>negócios</i>
	Sobretudo preocupados com o aumento <i>de seus lucros</i>
	Sobretudo preocupados com o progresso de seus <i>sentimentos</i>
	Sobretudo preocupados com o avanço (crescimento) de seus <i>leitores apaixonados</i>
	Sobretudo preocupados com o avanço de suas <i>amantes</i>
	Preocupados principalmente com o avanço de seus <i>desejos</i>

A palavra *affaire*, assim como *en passant* (exemplo 01), é comumente empregada em português. “Ter um affaire” significa “ter uma relação amorosa”, esse uso não corresponde, no caso, ao significado dado pela palavra em francês, mas esse valor se encontra em algumas das traduções, como: “sentimentos”, “leitores apaixonados”, “amantes” e “desejos”, ao passo que a forma correta seria: “negócios” ou “afazeres”. O candidato que traduziu a frase como: “preocupados como o aumento de seus lucros”, realizou uma inferência lógica, baseada no texto, que trataremos no próximo item.

Exemplo 24 – <i>Subcorpus VII</i> Texto original	Traduções dos candidatos
<i>ils forment un couple parfois tumultueux</i> (imagem 80)	Eles formam uma dupla <i>às vezes</i> tumultuada
	Eles formam um casal <i>às vezes</i> tempestuoso
	Eles formam um casal <i>talvez</i> tumultuoso
	Eles formam um par <i>perfeito</i> tumultuado
	Eles formam um <i>perfeito</i> casal conturbado
	Formam um <i>grupo de tumulto perfeito</i>
	Uma dupla <i>sempre</i> tumultuada
	Um casal <i>perfeito</i> agitado e barulhento

As interpretações errôneas do advérbio *parfois*, “às vezes” em português, parecem ser influenciadas pela semelhança gráfica com a palavra “perfeito”, que é, por sua vez, associada como um adjetivo da palavra *couple*, formando colocações como: “casal perfeito” ou “par perfeito”. No entanto, surpreende-nos o fato desses candidatos fazerem tal associação ainda que a palavra seguinte *tumultueux* indique um valor como “turbulento”, “barulhento” ou “conturbado” que dificilmente são acompanhados de alguma “perfeição”.

De outra maneira, agora tentando incorporar a palavra *tumultueux* às demais, mas igualmente cometendo uma incoerência, um dos candidatos traduz a frase por: “um grupo de tumulto perfeito”, revelando sua compreensão errônea.

4.1.2. Processos de integração

Quando o leitor estabelece relações entre frases ou sentenças está efetuando processos de integração, que instauram as relações entre conectores, referentes e a manifestação das inferências. Giasson (1990) distingue dois tipos de inferências: as lógicas, autorizadas pelo texto e as pragmáticas, calcadas no conhecimento de mundo do leitor.

Selecionamos em nosso *corpus* 6 exemplos nos quais podemos observar os sucessos e as falhas nesses processos.

Exemplo 01 – <i>Subcorpus IV</i> Texto original ³¹	Traduções dos candidatos
<p><i>Autre bonne nouvelle, vous n'aurez pas à mettre à la casse vos anciens téléviseurs, dits analogiques.</i> <i>Pourtant, il faudra s'équiper d'un décodeur</i></p> <p>(imagem 42)</p>	<p>Outra boa notícia: você não terá que mandar para o ferro-velho seus televisores antigos, chamados de analógicos. <i>No entanto</i>, será necessário equipá-los com um decodificador</p>
	<p>Outra boa notícia, você não terá que se desfazer de suas televisões antigas, ditas analógicas. <i>Contudo</i>, será necessário equipar-se com um decodificador</p>
	<p>A outra boa notícia, você não terá que mandar seus antigos televisores, os analógicos, para o ferro velho. <i>Para isso</i>, terá que se equipar com o decodificador</p>
	<p>Outra boa novidade, vós não tereis que colocar no ferro-velho vossos antigos televisores, ditos analógicos. <i>Portanto</i>, ele <i>(faudra)</i> se equipar com um decodificador</p>

Vemos por essas traduções que alguns candidatos também se apóiam na transparência da palavra *pourtant*, como nos microprocessos. Além disso, eles não realizam a integração que esse conector estabelece entre as duas proposições no texto original. Os candidatos percebem pela estrutura do texto, auxiliados pela pontuação, que se trata de um conector, mas a relação de concessão, expressa corretamente nas traduções “no entanto” e “contudo”, não se configura em “portanto”, expressão de conclusão e “para isso”, expressão de consequência.

³¹ Trecho original do *subcorpus IV* : Autre bonne nouvelle, vous n'aurez pas à mettre à la casse vos anciens téléviseurs, dits analogiques. Pourtant, il faudra s'équiper d'un décodeur ou d'un adaptateur numérique (100 €) à brancher sur la prise péritel de votre télé. Vous pourrez également acquérir des téléviseurs avec adaptateurs intégrés pour à peu près 100 € de plus qu'un téléviseur analogique. Cependant, selon Hubert Bouan Du Chef Dubos, directeur marketing produit chez Philips, il faudra attendre septembre pour que l'offre s'élargisse. Au second semestre, les industriels devraient proposer des TV numériques ainsi que toute une gamme de DVD enregistreurs. Mais, dès la fin du mois de mars, Sagem commercialisera des décodeurs permettant de regarder une chaîne pendant que vous en enregistrez une autre (en qualité numérique). En revanche, attention : ces adaptateurs, comme ces teles numériques, ne permettront pas de capter les chaînes payantes de la TNT censément lancées en septembre. Il faudra donc à ce moment-là un autre décodeur qui ne vous sera fourni que par les diffuseurs et qui permettra également de visionner les chaînes gratuites.

Exemplo 02 – <i>Subcorpus IV</i> Texto original	Traduções dos candidatos
<p><i>Vous pourrez également acquérir des téléviseurs avec adaptateurs intégrés pour à peu près 100 € de plus qu'un téléviseur analogique.</i> Cependant, selon Hubert Bouan (...) il faudra attendre septembre pour que l'offre s'élargisse</p> <p>(imagem 44)</p>	<p>Você poderá também comprar televisores com adaptadores integrados por um preço pouco mais de 100 euros superior ao de um televisor analógico. <i>Entretanto</i>, segundo Hubert Bouan (...) será preciso esperar até setembro para que a oferta aumente</p>
	<p>Você poderá se igualmente adquirir televisores com adaptadores integrados por aproximadamente 100 <i>R\$</i> a mais que um televisor analógico. <i>No entanto</i>, segundo Hubert Bouan (...), precisará esperar setembro para que aumente a oferta.</p>
	<p>Você também poderá adquirir aparelhos de televisão com adaptadores integrados por aproximadamente 100 euros a mais que um televisor analógico. <i>Enquanto isso</i>, segundo Hubert Bouan (...), será preciso esperar até setembro para que a oferta aumente.</p>
	<p>Você poderá igualmente adquirir televisores com adaptadores integrados por aproximadamente 100 euros a mais que um televisor analógico. <i>Então</i>, de acordo com Hubert Boun, diretor de marketing de produto da Philips, será preciso esperar setembro para que a oferta se amplie.</p>
	<p>Vós podereis igualmente adquirir os televisores com adaptadores por pouco mais que 100 euros ___ televisor analógico. <i>Portanto</i>, conforme Hubert (...), ele <i>(faudra) atender</i> em setembro <i>porque</i> a oferta <i>se alargou</i>.</p>

Nesta frase, que se segue a do exemplo anterior, encontra-se o conector ***cependant***, um sinônimo de *pourtant*. Os mesmos candidatos que erraram a tradução do conector *pourtant*, provavelmente, devido à transparência da palavra, também erraram a tradução de seu sinônimo ainda que essa palavra não seja transparente. O que nos leva a crer que, mais que a transparência de uma palavra, há falhas nos processos de integração, pois o candidato não percebe que altera a relação lógica estabelecida pelo conector no texto original, “então” e “portanto” são erros de leitura revelados pelas traduções.

O mesmo candidato que traduz *cependant* por “portanto” mostra em sua tradução outras incompreensões como a não identificação do verbo *falloir*, deixando entre parênteses “faudra” e do pronome *il* impessoal. Além de se basear nas transparências do verbo *attendre*, traduzido como “atender” e da locução prepositiva *pour que*, traduzida erroneamente por “porque”.

Exemplo 03 – <i>Subcorpus III</i> Texto original	Traduções dos candidatos
<p><i>Les oeuvres combattent les discriminations: leur liberte n'a d'autre finalité que l'egalite des hommes</i></p> <p>(imagem 36)</p>	<p>As obras de arte combatem a discriminação: <i>sua</i> liberdade <i>não</i> tem outra finalidade <i>senão</i> a igualdade dos homens</p>
	<p>As obras de arte combatem a discriminação: <i>sua</i> liberdade (a <i>deles – dos homens</i>) <i>não</i> tem outra finalidade <i>que</i> a igualdade dos homens</p>
	<p>As obras de arte combatem a discriminação: <i>sua</i> liberdade <i>não</i> tem outra finalidade <i>que</i> a igualdade entre os homens</p>

Nessa frase, a estrutura restritiva *ne...que*, diferentemente das outras em que aparece, não causou dificuldades aos candidatos, pois a palavra *autre* auxilia a sua compreensão e permite que mesmo a tradução literal “não...que” seja correta.

Quanto ao pronome *leur*, um dos candidatos quis explicitar seu conhecimento gramatical, evidenciando para o corretor o referente do pronome possessivo plural. No entanto, ao fazê-lo, deixa transparecer a incompreensão desta referência. O termo referente é *les oeuvres* e não *les hommes*. Por outro lado, a simples tradução literal, nesse caso, não mostra se os outros candidatos estabelecem as referências corretas.

Exemplo 04 – <i>Subcorpus VI</i> Texto original	Traduções dos candidatos
	<p>Estas quatro visões devem estar sempre presentes no pensamento do leitor que deseja apreender Proust: os contrasensos</p>

<p><i>Ces quatre visions doivent toujours être présentes à l'esprit du lecteur qui veut bien entendre Proust: tous les contresens sur son oeuvre (ils abondent) proviennent de l'oubli de l'une ou de l'autre, ou du refus de les intégrer et de les organiser dans le jugement critique. Je n'en relèverai qu'un</i></p> <p>(imagem 69)</p>	<p>sobre sua obra (eles abundam) provêm do esquecimento de <i>uma</i> ou <i>outra</i>, ou da recusa de integrá-<i>las</i> e organizá-<i>las</i> sob o julgamento crítico. Ressaltarei <i>apenas um</i></p>
	<p>Essas quatro visões devem estar sempre presentes na mente do leitor que quer entender bem Proust: todos os contrasensos sobre sua obra (que são abundantes) provêm de esquecer <i>uma</i> ou <i>outra</i>, ou da recusa de integrá-<i>las</i> ou de organizá-<i>las</i> no julgamento crítico. eu ressaltarei <i>apenas uma visão</i></p>
	<p>Essas quatro visões estão sempre presentes no espírito do leitor que compreende bem o Proust: todos os contrasensos sobre sua obra são (abundantes), provenientes da falha de <i>uma</i> ou de <i>outra</i>, ou das recusas de integrar e organizar dentro do julgamento crítico. Eu <i>não</i> revelarei <i>que</i></p>
	<p>Deve sempre considerar estas quatro visões o leitor que deseja compreender Proust: toda falsa interpretação da obra de Proust é causada pelo esquecimento de <i>uma</i> ou <i>outra visão</i>, ou por falta de integração e organização <i>das visões</i> no julgamento crítico. Vou ressaltar <i>uma</i></p>
	<p>Essas quatro visões estão sempre presentes no espírito do leitor que bem entende Proust: todos os contrasensos presentes na obra (ele abandonou). provenientes do esquecimento de <i>um</i> e de <i>outro</i>, ou da recusa de integrar e de organizar <i>esse</i> julgamento crítico. Eu <i>não o</i> revelarei</p>
	<p>Essas quatro visões devem estar presentes no espírito do leitor que quer entender bem Proust: todos os contrasensos dessa obra (eles abundam) provêm do esquecimento de <i>uma</i> ou de <i>outra</i>, ou a recusa em integrá-<i>las</i> e organizá-<i>las</i> no julgamento crítico. Eu revelarei <i>apenas uma dessas visões</i></p>

Se no exemplo anterior, não pudemos em todos os casos saber se a referência feita foi correta ou não, temos acima um excerto cujas traduções nos permitem observar cinco referentes, além da construção restritiva que faz parte dos microprocessos.

Quanto à restrição, novamente, certos candidatos a traduziram como uma negação pelos mesmo motivo dos exemplos anteriores, ou seja, por conta da partícula *ne*, presente nas negações em francês. Nesse exemplo, a tradução literal distorce o sentido da frase, como em: “eu não revelarei”.

No que tange aos pronomes, a referência correta de *une*, *autre*, *les* e *les* é *visions* e para o pronome *en*: *contresens*. Em contrapartida, observamos pelas traduções diferentes interpretações desses pronomes. A maioria dos candidatos estabeleceu a referência dos quatro primeiros pronomes com o seu correspondente “visões”, chegando em um dos casos a explicitar o referente: “uma e outra visões”. Porém, em uma das traduções o candidato utilizou “um” e “outro”. Observamos que esse candidato formula para os pronomes *une* e *autre* uma relação com uma palavra masculina que pode ser “contrasensos” ou “leitor e Proust”. Esse mesmo candidato comete outros erros de referência tanto o pronome complemento de objeto direto *les* e quanto o pronome *en* ligando-os a “julgamento crítico”.

Dentre os cinco referentes que a frase permite verificar, aquele que apresentou maior número de equívocos foi o pronome *en*, que na frase *je n'en relèverai qu'un substitui tous les contresens sur son oeuvre* e não *ces quatres visions*.

Exemplo 05 – Subcorpus VI Texto original	Traduções dos candidatos
<i>Il inclut à la fin du Temps Retrouvé, c'est-à-dire à la fin du roman lui-même</i> (imagem 66)	Ele inclui <i>ao fim do último volume da Recherche</i> , ou seja, ao final do <i>próprio</i> romance
	Ele inclui no <i>Tempo perdido e resgatado</i> , e por assim dizer, ao fim do romance <i>ele-próprio</i> .
	Ele insere ao final do <i>Tempo Esquecido</i> , isto é, ao final do romance.

Das três traduções desse exemplo, apenas na primeira há um processo de integração, devido à inferência lógica, ou seja, autorizada pelo texto em “ao fim do último volume da Recherche”. Trata-se de uma escolha utilizada pelo candidato para se valorizar nesse contexto de avaliação e ainda mais como conhecedor e leitor da obra de Proust.

A tradução convencional do título deste livro da *Recherche du Temps Perdu* é “Tempo Redescoberto”. Os outros candidatos apresentaram problemas presentes nos microprocessos de leitura, justamente no reconhecimento do título, *Temps Retrouvé*, para o qual usaram as traduções: “Tempo Esquecido”, “Tempo perdido e resgatado”, “Tempo Reencontrado”, “Tempo achado”, “tempo recuperado”.

Exemplo 06 – <i>Subcorpus VII</i> Texto original	Traduções dos candidatos
<i>Monarchie de Juillet</i> (imagem 76)	Monarquia de <i>Júlio</i> (Juillet)
	Monarquia de Julho (<i>período de restauração monárquica depois da revolução</i>)
	Monarquia <i>anterior à Revolução</i>

Para *Monarchie de Juillet*, a maioria dos candidatos optou pela tradução literal “Monarquia de Julho”, sendo que alguns cometeram equívocos como o que traduziu *Juillet* por “Júlio” e outros escolheram simplesmente a transcrição em francês.

Nesse exemplo, podemos também verificar duas inferências pragmáticas, ou seja, baseadas no conhecimento enciclopédico do leitor, para *Monarchie de Juillet*, como: “período de restauração monárquica depois da revolução” e “Monarquia anterior à Revolução”. Contudo, ao traduzir sua inferência, o segundo candidato evidencia uma falha no conhecimento histórico. Considerando o contexto de avaliação, alguns candidatos tentam explicar certos fatos para se afirmarem como conhecedores do assunto, o que será também avaliado pelo corretor, já que a compreensão também é (trans)formada pelos conhecimentos anteriores do leitor.

Os macroprocessos estão presentes na leitura da integralidade do texto, compreendendo as idéias principais, o resumo e a utilização da estrutura do texto,

procedimentos não verificáveis no exercício de tradução, mas sim nas questões de compreensão.

4.2. A relação entre as notas de tradução e das questões

As notas aferidas aos exercícios de tradução e às demais questões de compreensão possuem pesos diferentes, para podermos compará-las, dividimos cada uma pelo valor máximo a elas destinado e depois multiplicamos por 10, a fim de facilitar nossa leitura com números decimais, e desses novos dados, obtivemos os gráficos do tipo “a”. Em seguida, subtraímos as notas das traduções pela das questões e obtivemos dados que, nos gráficos do tipo “b”, nos mostram a linha que representa essa diferença. Portanto, acima do eixo horizontal zero, estão os candidatos que tiveram maior nota no exercício de tradução do que nas questões de compreensão, abaixo do eixo observa-se o contrário, e quando a linha cruza o eixo zero, os resultados nas duas modalidades foram iguais.

Esses gráficos (anexo E), ao ilustrar a relação entre as notas obtidas pelos candidatos nas provas de proficiência que compõem o *corpus* de nossa pesquisa, nos mostram que a nota do exercício de tradução, independentemente do número de provas e dos corretores, na maioria das vezes, reforça as tendências da nota das questões de compreensão, ou seja, os candidatos que foram mal nas questões também o foram na tradução. Poucos são os casos que contrariam essa propensão e, quando contrariam, a nota da tradução não é a única responsável pela reprovação nas provas, com exceção da prova da Faculdade de Letras do 1º semestre de 2007, já que a nota do exercício de tradução representa metade do valor total.

No entanto, nessa mesma prova, o corretor expressa em um de seus comentários: “bonne compréhension, mauvaise traduction”, mostrando ser consciente de que o candidato entendeu o texto, embora apresentasse falhas específicas da tradução. Vê-se que é importante ponderar e a distinguir os erros que são devidos à incompreensão dos de expressão linguística.

Pelos exemplos selecionados no *corpus*, verificamos que é possível pelo exercício de tradução, feitos nos exames de proficiência ou nas aulas de leitura, medir a

compreensão detalhada de um trecho de um texto em língua estrangeira. Aspectos muito recorrentes, como as falhas nos reconhecimentos de palavras (microprocessos) e nas referências (processos de integração), apontam para a importância da implementação desses procedimentos no ensino e sua complementação na avaliação da leitura.

Assim, é clara a relevância do ensino do léxico, de modo que os alunos devam conseguir desconfiar das palavras transparentes, quando for o caso, sabendo manter uma distância crítica. Neste aspecto, é interessante notar que nossas observações vão ao encontro das de Pietraróia (1997: 112), que ao pesquisar os percursos de leitura de alunos universitários de francês língua estrangeira, afirma que os itens lexicais são responsáveis por grandes problemas de compreensão:

Os alunos dominam bem as estratégias descendentes de leitura, mas não tratam de modo adequado o léxico, ou melhor, não possuem estratégias mais adaptadas à sua situação para trabalhar as palavras que desconhecem em língua estrangeira. Acredito que seja justamente quanto ao tratamento do lexical (estratégia considerada de baixo nível, segundo a denominação geralmente empregada e que não deixa de ser significativa...) que os alunos de FLE, brasileiros e universitários, apresentam os maiores problemas de leitura.

Concordamos com a autora, pois percebemos em nossa pesquisa que os erros reais não batem com as postulações feitas pelos elaboradores das provas ao selecionar um determinado trecho do texto para a tradução, são erros de compreensão, em sua maioria, devidos ao tratamento do léxico.

Para o ensino da leitura Giasson (1990) propõe exercícios didáticos para cada um dos processos que participam da construção de sentido. Podemos auxiliar esses processos por meio dos exercícios de tradução, que podem ser perceptíveis em seu produto ou trabalhados durante a prática tradutória. Além da importância do aprendizado lexical, esse exercício pode ter consequências para o ensino/aprendizagem da leitura em língua estrangeira, por exemplo, por meio da leitura supervisionada pelo professor que intervêm quando a leitura e tradução são feitas palavra por palavra; por meio da observação da tipologia textual, das referências aos pronomes, dos correferentes, das integrações feitas pelos conectores, da manifestação das inferências lógicas e pragmáticas, das predições, da imagem mental, da integração das novas informações aos conhecimentos anteriores e da metacognição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E NOVAS PERSPECTIVAS

Neste trabalho examinamos traduções de trechos de textos em exames universitários de proficiência, a fim de constatar se essas traduções conseguem avaliar a compreensão dos candidatos. Pela observação das respostas corretas, soluções criativas, sinônimos, referentes, inferências e diferentes tipos de erro presentes nas traduções dos candidatos nos trechos selecionados pelos elaboradores das provas, verificamos que os leitores utilizaram diferentes estratégias para superar uma dificuldade ou reafirmar seu conhecimento. Em nossa análise, notamos que muitos dos erros de leitura são encontrados em estruturas e palavras que não correspondem à postulação inicial, pois não se repetem de maneira ou frequência idênticas nas provas, já que as incompreensões detectadas pela tradução vão além dos falsos cognatos ou outras armadilhas.

Como vimos, os processos de tradução, descritos por Plassard (2007), e suas estratégias, relatadas por Krings (1986), estão imbricados nos processos e estratégias de leitura, tal como descreve Giasson (1990). No capítulo 3, identificamos no *corpus*, com a ajuda da ferramenta computacional *WordSmith Tools*, traços importantes deixados pelos candidatos em suas traduções que evidenciam o uso de estratégias e processos de compreensão. Assim, selecionamos uma amostragem nas traduções que nos possibilita exemplificar os resultados e nossas análises apresentadas no quarto capítulo. Ainda que sejam duas atividades diferentes, notamos que há como acessar alguns dos processos de leitura pelas traduções, como os microprocessos e os processos de integração.

As traduções dos trechos põem em jogo, com certeza, muito mais do que operações de leitura, mas seria possível, como faz observar Turcotte (1994), verificar os processos de leitura sem passar por uma produção? Para o autor, uma avaliação autêntica da leitura pressupõe a produção do leitor, sendo necessárias respostas que revelem as competências que foram executadas na construção do sentido e não a simples opção por uma resposta já preparada por outras leituras, como no caso das questões de múltipla escolha. Por conseguinte, o exercício de tradução, sendo uma produção realizada pelo leitor-tradutor, mostra alguns dos processos feitos nas etapas de compreensão, o que se encaixa no conceito proposto pelo autor do que é uma avaliação autêntica da leitura.

Na literatura sobre a avaliação da tradução, encontramos vários métodos compilados por Waddington (2000), tanto holísticos, baseados na apreciação das

competências, quanto os de análise de erro, que são em sua maioria destinados a tradutores profissionais e tentam estabelecer critérios de avaliação. Dentre os métodos que se constituem pela análise de erro, observamos que existe uma grande variedade de classificações que, por vezes, se repetem com outras nomenclaturas. Destas classificações nos interessou a distinção feita por alguns autores entre o *erro de leitura*, aquele que afeta o sentido: ampliando-o, restringindo-o, modificando-o, contrariando-o ou anulando-o (*non-sens*), do *erro de expressão linguística*, que não interfere no sentido, mas que transgredir regras da língua de chegada, tais como a grafia, acentuação ou concordância.

Numa primeira tentativa de análise recorreremos às “modalidades de tradução”, tal como elaboradas por Vinay e Darbelnet (1977) e reelaboradas por Aubert (1998). Insuficientes para nossa análise, essas categorias podem ser, no entanto, interessantes do ponto de vista descritivo, como a “modalização”, isto é, “descolamento da estrutura semântica de superfície”, ou seja variações sem transgressão de sentido, e erro. Essas distinções, de grande importância para tradução, podem ser reencontradas em outros autores, como em Pym (1998) que diferencia *erro binário*, aqueles para os quais é clara a distinção entre certo e errado, e *não binários*, quando uma tradução não está totalmente certa ou totalmente errada, ou mesmo na tradição didática que distingue os erros de sentido: o falso sentido (*faux sens*) e o contrassenso, dos erros de expressão (*barbarisme et solécisme*).

Como a tradução exterioriza aspectos que foram interiorizados na leitura dos candidatos, observamos nas traduções de algumas palavras, estruturas, pronomes ou frases, representações diferentes, com alterações, mas que, ainda assim, estão dentro do sentido do texto original. Desta maneira, encontramos variações de sentido, algo próprio da leitura que pode ser revelado na tradução. Por vezes, esses gradientes estão próximos das fronteiras, na periferia, onde é o possível lugar das modulações e das formas não binárias. Ao ultrapassar os limites do sentido, que não possuem uma demarcação fixa e regular, chega-se ao erro binário.

Portanto, o corretor em uma prova de proficiência tem que ter uma visão diferente em relação à tradução, devendo atentar para esses gradientes de sentido das formas *não binárias* e ponderar o erro de leitura e o de expressão linguística de formas diferentes, a correção não pode ser totalmente binária. Assim, o exercício da tradução precisa ser encarado como um tipo de questão de compreensão, em que se busca medir

seu detalhamento. Com efeito, é necessário que o corretor saiba distinguir esses tipos de erros, importando-se com as competências de leitura e não com as competências exclusivas de tradução em sua expressão escrita, como o estilo, ritmo ou sonoridade, como se faz na avaliação da tradução profissional. Esses aspectos devem ser considerados para que o construto da avaliação da leitura pelo exercício de tradução seja válido (SCARAMUCCI, 2009).

Um fator que pode criar obstáculo ao uso do exercício da tradução é que os critérios de correção não são elucidados na ocasião da prova, nem explicitados em seus editais. Logo, é compreensível a inquietação por parte dos candidatos que, não raro, chegam a questionar os aplicadores dos exames sobre como a tradução deve ser feita ou como ela será corrigida.

Sendo assim, é preciso que se esclareça previamente que, pelo propósito do exame, o de avaliar a leitura em língua estrangeira, o candidato deve mostrar em sua tradução a compreensão do texto original, respeitando os critérios de textualidade, como a coerência, a coesão e a legibilidade e que, portanto, a correção desse texto traduzido não mede a competência tradutória, mas a competência de leitura em língua estrangeira, que envolve, como vimos, as capacidades linguística e comunicativa.

Por discutir a avaliação da leitura pela da tradução, nosso trabalho pode interessar a candidatos e corretores, principalmente nessa questão que tange o estabelecimento dos critérios de correção. O exercício de tradução permite que os avaliadores se questionem sobre a atividade da leitura e da tradução. No entanto, em nosso *corpus*, os critérios utilizados pelos corretores das provas não foram perceptíveis, uma vez que nem todas as marcações são visíveis ou padronizadas.

No que concerne à ponderação dos erros, ainda há que se discutir e refletir para colocar na prática os diferentes modelos e propostas existentes. De qualquer forma é necessário se basear nos reais erros e dificuldades, e não criar uma gradação para os erros que foram postulados inicialmente na elaboração da prova. A propósito, essa também é a posição de Nord (1995 *apud* Waddington, 2000). De acordo com a autora, a nota total deste tipo de exercício deve ser, justamente, equivalente à soma das dificuldades encontradas nas provas. Assim, a análise das traduções pode contribuir com o trabalho do corretor para estabelecer a pontuação dos diferentes erros localizados nos exercícios de tradução nos exames que os exigem. Só assim seria possível montar uma grade de erros, pois como vimos em nossa pesquisa, não há como postular ou

prever os erros de compreensão, assim como não há correções automáticas para a tradução.

Os argumentos contrários ao uso da tradução como complemento na avaliação da leitura são feitos por aqueles que acreditam que se avalie sem qualquer subjetividade. Ora, os erros são avaliados “subjetivamente”, por um sujeito, isto é, alguém, o corretor, que dá sentido ao texto traduzido enquanto leitor. Nesse caso, não há gabarito possível, o mesmo acontece com as questões dissertativas, são produções de sentido que se complementam.

Aos candidatos que questionam se a literalidade seria vista de forma positiva ou negativa pelos corretores, é necessário que saibam que esse procedimento já é algo esperado e natural pela proximidade do par de língua francês e português. Em contrapartida, devem perceber em quais momentos a literalidade é indispensável e quando ela altera o sentido original, tendo que encontrar outro procedimento tradutório. À questão: “Se não traduzir bem, quer dizer que não entendi o texto?”, o “traduzir bem” compreendido geralmente nas teorias de tradução literária sobre a qualidade nos campos do estilo, sonoridade ou ritmo, não é levado em consideração. “Traduzir bem” em uma avaliação de leitura é mostrar a compreensão, produzindo, para isso, outro texto igualmente coerente.

Pelos exemplos encontrados em nosso *corpus*, as instruções relativas ao exercício de tradução, incluídas de preferência no edital do exame, devem conter critérios claros e pré-estabelecidos, para que as regras do jogo sejam conhecidas por todos. Devem ser dadas, por exemplo, as seguintes informações sobre a correção:

- O candidato deve mostrar a compreensão do texto original, logo é imprescindível a legibilidade do texto traduzido e que este seja coerente;
- Será observada a compreensão de termos e estruturas da língua francesa;
- Não se deve omitir elementos essenciais para a compreensão;
- O candidato deve ser capaz de tomar decisões e, portanto, não pode deixar opções de tradução.

Outra pergunta importante colocada no início de nossa pesquisa era se ao detectar as dificuldades e problemas mais comuns nas traduções feitas para os exames, poderíamos propor exercícios de tradução em um curso voltado para a leitura, a fim de auxiliar os alunos, alguns também futuros candidatos às provas de proficiência, na leitura em FLE. Sim, é possível, compreendendo as estratégias utilizadas, esses

exercícios são um meio de observar o aprendizado e as opacidades na compreensão e, sobretudo, por conta dos benefícios da prática da tradução nas aulas de instrumental, exercitando leituras e releituras do texto original e do texto traduzido e, conseqüentemente, a ativação de inferências e do conhecimento enciclopédico.

Não é necessário um nível avançado de conhecimento de língua para se traduzir, como prova o estudo de Anderman (1998 *apud* Schäffner, 2000), pois o aluno com pouco conhecimento de língua pode começar a exercitar e aprender a traduzir. Segundo o autor, é possível que se traduza no início da aprendizagem de uma língua, ainda que este aprendizado esteja centrado em apenas uma das habilidades linguísticas.

Através de uma progressão de exercícios de tradução individuais, em duplas ou em grupos, é possível trocar experiências de leituras e releituras críticas, confrontadas com o original, entre os alunos pela mediação inicial do professor. A prática da tradução pode manifestar os processos de metacognição na leitura, detectando as interferências nos processos de leitura, regulando a interlíngua, de forma que o leitor passe também a reconhecer as operações de compreensão reveladas nos erros, acertos, inferências e comentários de tradução, fazendo o uso parcimonioso do dicionário, enquanto o professor o auxilia a refletir sobre seus procedimentos e escolhas.

Uma vez que as representações construídas na leitura do original são reconstruídas na produção do texto e reconstruídas mais uma vez na releitura da tradução e confrontada como o original. Essa prática tenta impedir a leitura ingênua e permitir que os alunos se questionem, que percebam o porquê de um erro, encontrando formas para resolvê-lo e conhecendo seus próprios percursos de leitura e tradução, como preconizam os processos metacognitivos da leitura.

A proposta didática de Plassard (2007) é a de que a leitura seja uma estratégia que aprimore a tradução em seus diferentes estágios. Contudo, o percurso na direção oposta, *traduzir para ler*, apresenta um horizonte também amplo, sendo necessário, mais que decifrar um texto em língua estrangeira, reconstruí-lo, para reproduzi-lo em língua materna, re-reconstruindo-o. Construções, reconstruções e “re-reconstruções” fortalecem a leitura através da prática tradutória.

Traduzir para ler é ressaltar a compreensão do texto lido, o texto de partida no texto de chegada, reconstrução do primeiro. Os exercícios de tradução podem não só mostrar armadilhas, falsos cognatos, estruturas particulares, ou outros elementos que

atrapalham a compreensão, mas também fazem com que o leitor arquitete e construa seus sentidos.

A melhora da leitura pela prática da tradução se deveria também às mudanças de posicionamento enunciativo do leitor-tradutor e pelas possíveis intervenções no texto de chegada, sugeridas por outras leituras do texto de partida. No entanto, esta melhora só se torna possível com a presença da própria atividade tradutória, que permite e demanda estas diferentes leituras, pois se estas produzem a tradução, a tradução é também um imperativo para elas, como uma bateria que ao gerar energia, também necessita ser recarregada por ela.

Por essas razões, propomos que a prática da tradução seja introduzida como uma estratégia de leitura, uma nova ferramenta didática para o ensino do francês instrumental. Não propomos exercícios de tradução em substituição de outras práticas, mas como uma forma de explorar, de complementar o curso instrumental e contribuir para a leitura, de forma crítica. Pode-se incorporar ao ensino instrumental exercícios como a tradução comentada ou tarefas como a leitura documentária (PLASSARD, 2007). Sugerimos também o uso das linhas de concordância de um *corpus* de referência em francês, com o intuito de auxiliar os alunos a comparar como uma determinada palavra ou estrutura é utilizada em francês dependendo de seu contexto.

Em um trabalho mais voltado para o professor preparar o aluno, a elaboração de exercícios e atividades é possível a partir da observação do *corpus* de referência em francês propondo exercícios de tradução ou de um *corpus* de tradução de aprendizes ou candidatos. O uso deste segundo tipo de *corpus* pode ser feito para auxiliar os professores, fornecendo um material de apoio, elaborado a partir das dificuldades e erros reais na prática da tradução, transformando os alunos em leitores, além de críticos dos textos originais, também de suas traduções e leituras.

Assim, o *corpus* pode ser usado como um banco de dados para os professores, para extrair os problemas de leitura, ou como exercício na aula. Por outro lado, esperamos que não seja uma base para que elaboradores se inspirem para testes de múltipla escolha, na tentativa de induzir a erros, como muitas vezes acontece, mas que os professores encontrem formas de auxiliar os alunos que, por ventura, apresentem as mesmas dificuldades. Diante de tantas possibilidades, é fácil perceber as contribuições da Linguística de Corpus para o ensino e pesquisas e o porquê da re-usabilidade dos *corpus* ser uma de suas palavras mais frequentes. As ferramentas utilizadas pela

Linguística de Corpus possuem recursos além dos que aqui foram explorados e podem ser usados em pesquisas futuras. Como, por exemplo, criar etiquetas para as omissões veladas, para os diferentes tipos de erros ou diferentes correções, se fosse possível padronizar as correções, a fim de comparar as diferentes visões dos corretores em provas distintas ou em outros casos, comparar e quantificar os tipos de erros e omissões.

Ainda assim, a observação do *corpus* dessa pesquisa pelo *WordSmith Tools* fez com que conseguíssemos analisá-lo em detalhes, como no caso das omissões explícitas e das opções de tradução colocadas em parênteses, quando o candidato não toma uma decisão, e principalmente detectar falhas em certos processos de leitura. Pudemos igualmente identificar outras palavras e construções, algo que, seria mais difícil em uma simples tabela com o mesmo *corpus*, como relatado na classificação com as modalidades (anexo C).

Outro aspecto ainda a ser mais explorado é a comparação das notas dos candidatos em relação à tradução e às questões de compreensão, que demandam um trabalho mais estatístico. Da mesma forma, é preciso que se dê continuidade aos estudos sobre os exames de competência.

Pelos motivos aqui já explicados, a prática da tradução é uma ferramenta pedagógica, um instrumento de análise e também uma estratégia de leitura, que pode ser feita em uma continuidade, através de exercícios durante um curso instrumental de línguas. Nesse tipo de curso, não se trata de formar tradutores e sim leitores em língua estrangeira, embora muitas vezes as estratégias aprendidas beneficiem também a leitura em língua materna. Como dissemos, a prática tradutória permite que o texto passe a ser objeto de leituras ainda mais variadas, onde atuam e se interligam diferentes estratégias. Logo, afirmamos que a prática da tradução é um caminho que contribui para a compreensão de textos em língua estrangeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERMAN, G. **Professional training and the profession: Europeanisation of translators' training.** Bulletin of the institute of Translation and Interpreting, jun - 1998
- AUBERT, Francis Henrik. **Modalidades de Tradução: teoria e resultados.** São Paulo, TradTerm 5, 1998.
- BALLARD, Michel. **Comparatisme et didactique de la traduction.** In IZQUIERDO, Isabel Garcia e VERDEGAL, Joan. Los estudios de traducción: un reto didático. Colleccó "Estudis sobre la traducció" n 5. Publicacions de la Universitat Jaume I. 1998
- BAIN, Daniel, ERARD, Serge e SÉCHAUD, Monique. **Comment repérer et aider les lecteurs précoces au premier cycle secondaire. D'un test de lecture à l'intervention en classe.** In: L'évaluation de la lecture : approches didactiques et enjeux sociaux. Lidil : Revue de Linguistique et de Didactique des Langues Université Stendhal de Grenoble. n°10, julho-1994
- BARTHES, Roland. **Texte (Théorie du),** in: *Encyclopaedia Universalis*, p. 370-374, 1^a Ed. 1996.
- BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus.** Barueri, SP: Editora Manole, 2004
- BOUVET, E. **Reading in a foreign language: strategic variation between readers differing proficiency.** Flinders University Languages Group Online Review, 2002
Disponível em < <http://ehlt.flinders.edu.au/deptlang/fulgor/index.htm>> acessado em 12/10/2009
- CALAQUE, Elisabeth. **Un point de vue sur l'évolution de la compréhension de textes: l'itinéraire de lecture.** In: L'évaluation de la lecture : approches didactiques et enjeux sociaux. Lidil : Revue de Linguistique et de Didactique des Langues Université Stendhal de Grenoble. n°10, julho-1994
- COIRIER, P; GAONAC'H, D; PASSEREAULT, J-M. **Psycholinguistique textuelle: approche cognitive de la compréhension et de la production des textes.** Paris: Amand Colin, 1996
- CONSELHO DA EUROPA. **Quadro Comum de Referência para línguas: aprendizagem, ensino e avaliação.** Porto, Edições Asa, 2001
- COSTE, Daniel. **Leitura e Competência Comunicativa.** FDLM n° 141, 1978. In: GALVEZ, ORLANDI, OTONI (org.) O Texto: leitura & escrita. Campinas, Pontes, 1997.
- DABÈNE, Michel. **L'évaluation de la lecture : approches didactiques et enjeux sociaux.** . In: L'évaluation de la lecture : approches didactiques et enjeux sociaux.

Lidil : Revue de Linguistique et de Didactique des Langues Université Stendhal de Grenoble. n°10, julho-1994

DELISLE, Jean. **L'analyse du discours comme methode de traduction**. Ottawa: Éditions de l'Université d'Ottawa, 1984

DIJK, Teun A. Van e KINTSCH, Walter. **Strategies of Discourse Compréhension**. Nova York: Academic Press, 1983

ECO, Umberto. **De Superman au surhomme**. Paris: Grasset, 1993

FILGUEIRAS, Lillian Virginia de Paula. **Sobre a tradução e sua utilização no ensino de língua estrangeira**. 1996. Dissertação de mestrado. FFLCH-USP, 1996

FROMM, Guilherme. **VoTec : a construção de vocabulários eletrônicos para aprendizes de tradução**. Tese de doutorado. FFLCH-USP, 2008

GEHRING, Sônia. **As modalidades de tradução inglês-português: correlações bidirecionais**. Tese de doutorado. FFLCH-USP, 1998

GERLOFF, P. **Second language learners' report on the Interpretive process: Talk-aloud protocols on translation**. In: HOUSE, Juliane; BLUM-KULKA, Shoshana. (eds.). *Interlingual and Intercultural Communication*. Tübingen: Narr, 1986

GIASSON, Jocelyne. **Compréhension en Lecture**. Québec: Gaëtan Morin éditeur, 1990

GINEZI, Luciana Latarini. **Cafés do Brasil: estudo de variantes em português e inglês na língua falada**. Dissertação de mestrado. FFLCH – USP, 2008

GLAHN, Esther. **Introspection as a Method of Elicitation in Interlanguage Studies**. *Interlanguage Studies Bulletin* 5 - p.119-128, 1980

GONÇALVES, Lourdes Bernardes. **'Dubliners' sob a lupa da lingüística de corpus: uma contribuição para a análise e a avaliação da tradução literária**. Tese de doutorado. FFLCH-USP, 2006

GOUADEC, D. **Le traducteur, la traduction et l'entreprise**. Paris: Afnor Gestion, 1989

_____. **Traduguide n°1 – Traduction signaletique et traduction synoptique (applications anglais-français)**. Paris: La maison du dictionnaire, 1999

GOLDER, C; GAONAC'H, D. **Lire et comprendre: psychologie de la lecture**. Paris: Hachette Éducation, 1998

GRANGER, Sylviane; HUNG, Joseph; PETCH-TYSON, Stephanie. **Computer Learner Corpora, Second Language Acquisition and Foreign Language Teaching**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002

- HEWSON, L. **Images du lecteur**. Paris: Palimpsestes n° 9 - p. 151-164, 1995
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.
- HOUSE, Juliane. **A model for translation quality assessment**. 2 ed. Gunter Narr Verlag Tübingen, 1977
- HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y Traductología**. Madri: Catedra, 2001
- _____. **A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos**. In: PAGANO, A; MAGALHÃES, C; ALVES, F. *Competência em Tradução*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005
- ISER, Wolfgang. **The implied reader: patterns of communication in prose fiction from Bunyan to Beckett**. Baltimore: The Johns Hopkins, 1987
- JAUSS, Hans Robert. **Pour une esthétique de la reception**. Paris: Gallimard, 1991
- JOUVE, Vincent. **A leitura**, São Paulo: Editora da UNESP, 2003.
- KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1990, 3ª ed.
- KERN, R. G. **The role of mental translation in foreign language teaching**. *SSLA* 16, 1994
- KRINGS, Hans P. **Translation problems and translation strategies of advanced german learners of French (L2)**. In: HOUSE, Juliane; BLUM-KULKA, Shoshana. (eds.). *Interlingual and Intercultural Communication. Discourse and Cognition in Translation and Second Language Acquisition Studies*. Tübingen: Gunter Narr, 1986.
- WILSS, W. **Kognition und Übersetzen. Zur Theorie und Praxis der menschlichen und der maschinellen Übersetzung**. Tübingen: Niemeyer, 1888
- LADMIRAL, Jean-René. **La traduction dans l'institution pédagogique**. In: *Langages*, 7e année, n° 28, 1972
- LAMPARELLI, Alvamar. **A naturalidade na tradução : quem garante?** Dissertação de mestrado. FFLCH-USP, 2007
- LANZONI, Hécio. **Exame de proficiência em leitura de textos acadêmicos em inglês: um estudo sobre efeito retroativo**. Tese de doutorado. UNICAMP, Campinas, 2004.
- LAROSE, Robert. **Théories contemporaines de la traduction**. Québec : Presses de l'Université de Québec, 1989) In : In IZQUIERDO, Isabel Garcia e VERDEGAL, Joan. *Los estudios de traducción: un reto didático*. *Colleccó "Estudis sobre la traducció"* n 5. Publicacions de la Universitat Jaume I. 1998

- LEDERER, M e SELESKOVITCH, D. **Interpréter pour Traduire**. Paris, Didier Érudition, 1984.
- LEHMANN, Denis; MOIRAND, Sophie. **Une approche communicative de la lecture**. FDLM 153, p. 72-9, 1980
- MARTINS, Josimeire Cristina. **A terminologia do ecoturismo como espelho de diferentes visões: agências de turismo, ambientalistas e governo**. 2007
- MARCUSCHI, **Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo**. In *Leitura: Teoria e Prática*, Ano 4, Nº 5, junho, 1985
- MINSKY, M. **A framework for representing knowledge**. In: PH. Winston (ed), *The Psychology of Computer Vision*. New York, Mac Graw Hill, 1975
- NORD, Christiane. **Text Analysis in Translation. Theory, Methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis**, 1988
- PERCY, C; MEYER, C; LANCASHIRE, I. (orgs.) **Synchronic corpus linguistics: papers from the sixteenth International Conference on English Language and Research on Computerized Corpora (ICAME 16)**. Amsterdam/Atlanta, Rodipi, 1996.
- PIETRAROIA, Cristina Casadei M. **Percursos de Leitura: léxico e construção de sentido na leitura em língua estrangeira**. São Paulo: Annablume, 1997
-
- _____. **Ainda há lugar para o francês instrumental no século XXI ?** Comunicação apresentada no colóquio internacional “Ciências da linguagem e didática das línguas: 30 anos de cooperação franco-brasileira” (de 19 a 21 de outubro de 2009, na Universidade de São Paulo). Texto disponibilizado pela autora.
- PINHEIRO, Gisele Montilha. **Redações do ENEM: estudo dos desvios da norma padrão sob a perspectiva de corpos**. 2008
- PLASSARD, Freddie. **Lire pour Traduire**. Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, 2007
- PRETI, Dino (org). **Análise de textos orais**. São Paulo, Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999
- PYM, Anthony. **Method in Translation History**. Manchester, St Jerome Publishing, 1998
- RICHARD, J.F. **Les modèles de compréhension basés sur les structures de connaissance**. *Psychologie française*, 36-2 (p. 109-117), Paris, 1991

RIEGEL, M., PELLAT, J-C., RIOUL, R. **Grammaire méthodique du français**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994

ROBERT, LE MICRO – versão eletrônica , 2007

SCARAMUCCI, M.V. R. **Propostas Curriculares e Exames Vestibulares: Potencializando o Efeito Retroativo Benéfico da Avaliação no Ensino de LE (Inglês)** - Indaiatuba, Contexturas N. 5, 2001

_____. **Avaliação da leitura em inglês como língua estrangeira e validade de construto**. Revista Calidoscópico, Vol. 7, n. 1, jan/abr 2009

SCHÄFFNER, Cristina. **Running before walking? Designing a translation programme at undergraduate level**. In: SCHÄFFNER, Christina; ADAB, Bervely (eds). *Developing Translation Competence*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000

SILVA, Regina Márcia Faria; RIDD, Mark. **Tradução consciente: chave mediadora da leitura em língua estrangeira**. Revista Horizontes de Língua Aplicada. Universidade de Brasília, ano 6/ julho 2007

SIQUEIRA, Ana Paula Barioni Leite. **Representações de proficiência e a construção do inglês como língua necessária na pós-graduação**. Dissertação de mestrado. FFLCH-USP, 2009

SIQUIEROLLI, Benice. **Fatores de interferência na aprendizagem da língua francesa por estudantes universitários brasileiros: o léxico**. Tese de doutorado. FFLCH-USP, 2001.

TAGNIN, Stella; TEIXEIRA, Elisa. **Linguística de Corpus e Tradução Técnica – Relato da montagem de um corpus multivarietal de culinária**. São Paulo: TradTerm vol 10, Editora Humanitas, 2004

TEIXEIRA, Elisa Duarte. **A linguística de corpus a serviço do tradutor: proposta de um dicionário de culinária voltado para a produção textual**. Tese de doutorado. FFLCH-USP, 2008

TIRKKONEN-CONDIT, Sonja. **Professional vs. non-professional translation: A think-aloud protocol study**. In: SÉGUINOT, Candance (ed.): **The Translation Process**. Toronto: H.G. Publications; York University, 1989.

TURCOTTE, André. **Compétences et Perceptions du lecteur évaluées de façon authentique**. In: L'évaluation de la lecture : approches didactiques et enjeux sociaux. Lidil : Revue de Linguistique et de Didactique des Langues Université Stendhal de Grenoble. n°10, julho-1994

VEGA, Miguel Ángel. **Textos clássicos de teoría de la traducción**. Madri: Cátedra, 1994

VINAY; DARBELNET. **Stylistique comparée du français et de l'anglais**. Paris: Didier, 1977

VIGNER, G. **Lire: du texte au sens, éléments pour une apprentissage et un enseignement de la lecture**. Paris, Clé International, 1979

WADDINGTON, Christopher. **Estudio comparativo de diferentes métodos de evaluación de traducción general (Inglés-Español)**. Madri: Publicaciones de la Universidad Pontificia Comillas, 2000

ZANOTTO, Paulo. **Tipo de Texto e Modalidade de tradução**. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, 1993.

ANEXO A - Entrevistas com os elaboradores de provas de proficiência

A01 - Educadora de Inglês (EI)

Parte 01

Como é formada a equipe de proficiência em inglês? Qual a constituição e formação dos membros?

EI - Normalmente... Nós pensávamos antes em só pós-graduandos... Convocávamos (alguns) alunos da Letras, de pós-graduação do inglês, né. Mas com o número de casos que depois de um tempo, eles ganhando bolsa, abandonavam a monitoria... a gente passou... a pedir graduação... Seleccionávamos também da graduação, junto com a pós. Estava aberto pros dois. Pela disponibilidade maior de horário DOS graduandos, (deu mais certo) ficamos mais tempos com os graduandos do que com os pós-graduandos. O caso da ((nome de monitora)), por exemplo, que ficou mais de 04 anos com a gente, senão ficou 05, e ela era graduação. Ela estava no começo da graduação e agora já estava só fazendo Licenciatura.

No caso dos pós-graduandos, o programa é sempre língua ou tem de literatura?

EI – (Calhava) de ser língua, mas... NÃO... tinha de literatura, é o caso do ((nome de monitor)), mas ele entrou no ano passado na pós e da Adriana Davos que IA SEGUIR literatura, mas ainda estava fazendo graduação. Ela tava fazendo, então, ainda está na língua e um pouco de literatura, é claro.

Atualmente, quantas pessoas elaboram?

EI- Atualmente... DUAS pessoas elaboram a prova. É difícil. Estou eu e um monitor.

E as mesmas pessoas que elaboram corrigem?

EI- NÃO, não porque ... é múltipla escolha tudo.// Menos o do doutorado. São respostas subjetivas, abertas.

É isso que eu iria falar. Como é formada a prova de inglês? Descreva o exame.

EI - O exame... da parte de compreensão são... 14 questões // de múltipla escolha.

Múltipla escolha sempre?

EI - Pode ser 10 questões, como vai ser na Educação, mas não é o que eu gosto, é muito pouca. Já fiz com 10 questões. seRIA de 10 a 20 questões a prova de múltipla escolha.

E geralmente com uso de dicionário monolíngue?

EI - Com uso de dicionário. Não... monolíngue só para Letras. Até agora, a gente deixou bilíngue, para áreas... né,... Biomédicas, Exatas... menos a Letras. Isso foi requisito deles.

E o tempo disponibilizado?

EI- O tempo disponibilizado ficou... eram 02 horas... ficou 1h30 para essas 14 questões e ... hoje em dia são 02 horas para o candidato do doutorado. EU ACHO que eu gostaria de ter 02 horas para todos / ou 2h30 pro doutorado. Eu acho que no mínimo 02 horas.

E que tipo de exercícios... são demandados pelas questões de múltipla escolha?

EI - Demandados? Eles tem que interpretar! Na maioria das vezes, a interpretação tá no texto todo ou assim... por pedaços, daí você tem parágrafos na sequência. Mas ele tem que ler e interpretar. Não tem língua... explícita, claro que não tem língua explícita, gramática. Mas tem... claro... que através da língua usada ali a gente chega pela interpretação: voz passiva, né / por exemplo, ou referência. Se ele não tá sabendo aquilo... // não consegue interpretar, assinalar a alternativa certa.

Certo. Então não há exercícios de tradução?

EI- Não.

Já houve?

EI- Houve sim, a gente vem mudando a prova. A prova tá com um projeto desde 2001. Então, vem mudando. Eu já fiz com tradução. Já fiz até com língua! “Assinale o verbo”, mas teve muita...

INTERRUPÇÃO

Parte 02.

EI- Sobre a tradução. A gente fez tradução. O IPEN pedia tradução. E a gente contestou, eu a ((nome da monitora)), os outros monitores, porque eu achava muito difícil ... você ... é muito difícil você saber se o aluno que fez tradução ERROU... porque ele traduz tudo e fica CERTO. Agora...

E eram trechos de tradução ou o texto todo?

EI- Eles faziam antigamente o texto todo. Nós nunca fizemos. Nós fizemos... trechos.

Junto com outras questões?

EI - Sim, junto com outras questões. Questões abertas, do tipo assim / complete as frases usando uma subordinativa. Então eles tem que saber se é: “embora chovesse”... né, usar essa subordinativa e completando as frases.

INTERRUPÇÃO

Parte 03

Você estava falando que na tradução você dizia que não conseguia ver se a pessoa entendia realmente.

EI – é... porque ele abre o dicionário, vai pegando as palavras... e fica muito difícil você corrigir... Claro que há o emprego de verbos errados, tal... mas// muitas palavras que estão certas você dá uma nota pra ele, não é? Não ficou ZERO. E às vezes, a gente sabe que o aluno não sabe, mas ele acerto porque ele traduziu COPIANDO do dicionário. Então, pra evitar isso a gente pôs uma redaçõzinha que é... complete ... complete a frase. Tirada do texto...

Isso hoje existe?

EI - Existe na parte dos candidatos ao doutorado./ Que é completar duas frases, traduzir um pequeno trecho, a gente ainda pede. Que tenha algum problema de língua, né. Onde a gente vê se ele sabe traduzir aquele problema, que HAJA uma subordinação ali dentro, haja um contraste ou um conectivo. // E depois pode ter uma referência / ou o que eu gosto de fazer nessa parte pro doutorado, é lidar bem com o texto acadêmico, saber se ele sabe. Aí eu pergunto: “Assinale a frase que contem o objetivo da pesquisa”, ou... a:: “a conclusão da pesquisa”. Geralmente essa parte do doutorado é um *abstract*, é bem pequeno porque só tem meia hora a mais.

Mas você não acha que é mais para expressão escrita?

EI- Não, não... é pra ele reconhecer... // O que é diferente é isso./ O que tem sido difícil pra mim nesse aspecto é isso... Eu preciso fazer uma consulta aos departamentos todos, pra ver o que eles querem de DOUTORANDO. A POLI é bem clara: eles querem alunos que escrevam sim papers que vão pros Estados Unidos... que vão ser publicados. Então eles querem que escreva. Uns até exigem uma REDAÇÃO na parte do doutorado. Redação mesmo: 20 linhas. Isso na POLI. Pros candidatos das outras... das Biomédicas... não se manifestam. A Educação, por exemplo, acha que é uma prova só pra tudo, ou seja, eles depois definem... talvez quem leu melhor, né... que o doutorando tem que ler melhor, acertar mais. Então eu preciso saber dos departamentos o que eles pedem do doutorando... Porque o que eu tenho feito pra contemplar a interpretação é que na parte 2 que só vai pro doutorando... a parte 1 desse aluno vale 2, peso 2. Aí 0 a 10 // essas questões abertas, tal. A gente divide por três. Então também não pune aquele que não sabe escrever... A gente privilegia a leitura. Continua sendo a leitura.

Seria algo a mais?

EI - Sim, algo a mais que teve uma vez, uma época em que os alunos... que todos os alunos do mestrado passaram, vamos dizer// e os doutorandos NÃO porque foram mal na parte 02. Porque a parte 02 punia muito. A parte 2 é essa de escrever. Então eu fiz valer 01, e a outra vale 02. / Senão não tem cabimento, os mestrados todos passarem na mesma prova que o doutorado não passou.

Em relação às traduções que antes você fazia nas provas, como era feita a correção?

EI - A correção você vai indo assim... lendo o que ele traduziu e normalmente, a não ser que tenha “SE eu fizer” né... essa condição... aí a gente sabe se ele sabe traduzir, se não tiver um “EMBORA ELE FIZESSE” // Se não tiver um dificultador desse tipo e ele só for traduzindo: “o objetivo da pesquisa é saber os caminhos...” isso vai ficando tudo muito certo... e a gente olha e fala: bom ... AH, o que ele tem? Tirou 3, tirou 2? Por que? Porque tá tudo certo. O trecho vale 03, tirou 03. Ele tem dicionário. Ele abre e acha, abre e acha. Abre e acha tudo.

E tinha alguma diferença entre os erros? Você priorizavam algum tipo de erro?

EI - Não... de dar menos nota, mais nota?

É.

EI - Erros pequenos, eu realmente desconsidero, eu quando corrijo... eu nem ponho como erro. Pra não ficar com 0,001. Erro pequeno seria um uso errado de um artigo, às vezes um “s”, um plural, não é? Uma concordância de plural, de nome, né.

E outros examinadores usam o mesmo método que você? Em outras provas?

EI - Aqui... do inglês só eu que cuido, então...

Aqui no CL, de outras línguas você sabe?

EI - Não sei, não.

Para finalizar, eu gostaria de saber o que você acha que diferencia o exame de inglês do de outras línguas? O que você acha que é necessário, o que você acha que língua pede como exame? Porque cada exame tem a sua particularidade, né? E qual seria a do inglês?

EI - Pro inglês // é que... que ele domine... que ele domine as estruturas da língua e não tanto o vocabulário, como eu volto a falar... ele abre o dicionário e acha a palavra. Que ele consiga dominar o discurso, entendeu? O discurso do texto... né... Se a argumentação que está sendo feita no texto, que ele encontre a questão central do texto, o porquê que existe esse texto, qual é a polêmica do texto, qual é o debate, qual é a questão central. É a INTERPRETAÇÃO que a gente contempla mesmo. Eu acho que no inglês é isso... acho que ... até em outras línguas. Não tanto que ele saiba dominar ... Há

então uma demanda de entendimento do texto, é entender, compreender e não ler fluentemente, procurando as palavras no dicionário. Aí você leu, você sabe tudo, entendeu tudo. Bom... daí vai qual é a questão central. Ah... eu li sem prestar atenção... Eu vejo na minha aula de leitura, eu tenho aluno que pegam a questão central desse texto... qual é a polêmica, qual é o debate... Outros não, outros... não posso dizer que eles não saibam ler porque eles leram as palavras... mas eles não sabem tirar dali a interpretação, ou seja, não sabe interpretar.

E essa interpretação você acha que fica bem esclarecida nas questões de múltipla escolha?

EI- Ela fica bem/ destrinchada, porque o A, B ou C vai trabalhar naquele PEDACINHO da frase com alguma coisa ou outra... Então, o A, B ou C ou D, faz com que ele MASTIGUE aquele trecho bastante para ele chegar nessa interpretação. Porque... a interpretação que ele faz, né... Na verdade é como se ela fosse//... eu não acredito que as outras línguas não façam isso. Pra mim, a interpretação... pra mim, o que está sendo avaliado ali é a interpretação, seja ela em grego, em suaíli (entendeu?) ... é que ele esteja lendo corretamente, que ele esteja interpretando corretamente a pesquisa, o texto, ou seja lá o que for, e não apenas ler funcionalmente, assim... leu... leu... entendeu tudo/ traduziu tudo, sabe ... todas as palavras... bom // qual é a polêmica falada no texto? Num sabe... não lembra mais.

Mais uma pergunta, nem está aqui (no roteiro). Existe uma relação entre as notas? Por exemplo: das questões de interpretação que estão nas questões de múltipla escolha e esse trecho redigido dos candidatos ao doutorado?

EI- A gente sempre tem... Geralmente sim... geralmente o que vai bem na parte 01, de compreensão e interpretação... ele não vai mal... vai... ele não vai tão MAL na parte 02... Difícil o aluno que vai bem na parte de leitura e erra tudo na... escrita. A não ser que seja... porque ela vale menos ATÉ, né?... os (textos)... as... questões abertas da parte 02... uma é dos objetivos daquela pesquisa do abstract, as outras são ligadas aos textos que eles LERAM... é: “complete as frases... tiradas dos textos”...

O abstract é outro texto?

EI- é outro texto. Por isso que eu acho que é BEM... longa a prova... é bem longa.

Entendi... E quantas pessoas corrigem as questões abertas?

EI – Nas questões abertas pelo menos duas pessoas corrigem. Ah... porque tirou 02 nessa questão... não, mas eu ponho 01... mas eu ponho 1,5. E (ainda) esses, esses alunos... doutorando... tem direito a pedir uma revisão porque eles tem essa questão aberta... então quando eles pedem a revisão MAIS gente ainda corrige. (porque) tem a correção da correção. E as vezes eles conseguem nota... A gente fala... NÃO...

(es)pera... a gente foi muito rígida com ele aqui. Vamos olhar!... mas, re... realmente... ou os alunos tiraram nota muito BAIXA e a gente nem se deu ao trabalho de rever tudo... aqueles alunos que tiraram de 05 até 6,9 (ou) 6,5... que (es)tão com essa nota porque tiraram na parte 02 algo na MÉDIA, agente VÊ, revê... eu...olha... o que pode tirar mais, o que não (es)tá punindo // se é aluno da Biomédicas... ele vai escrever ou não // Tem vários fatores... de pensar o perfil. Agora... não sei se isso vai continuar. Eu...quero sentar com o pessoal dos departamentos... e pedir a eles que me ... que me dêem o perfil de candidato ao doutorado... que tipo de prova eles querem que seja para o doutorando... porque... a POLI... tem seções lá... que não querem nem a parte de múltipla escolha... querem DUAS redações... porque ele tem que escrever MUITO bem... eles rodam pra chuchu... tiram 01, tiram 03, tira 04... ou escrevem ou NÃO ESTÃO... não estão dentro do programa... agora... e os outros? Tem escola que dá mais porcentagem... que exige que acerte tanto por cento a mais do que ... 70%... que acerte 85% ... que seja... que é SABER acertar mais na parte 01... que também é um critério... o que eu preciso é que eles definam... porque eu fico muito perdida...eu me sinto... eu fico pensando se eu não estou sendo mais rigorosa com um ou com outro...

A 02 - Educadora de espanhol (EE)

Quantos exames são aplicados por ano?

EE - Mais ou menos uns seis programas por ano, alguns deles são duas vezes por ano.

Como é formada a equipe de espanhol, qual a formação dos membros?

EE- Bom... hoje em dia tem 04 pessoas, contando comigo... são 03 monitores. ah, não... a gente acabou de contratar uma pessoa. São 04 monitores e eu. É... e a... os monitores todos vem da graduação em espanhol, e 03 deles, dos 04, estão na pós-graduação, fazendo mestrado os 03. Uma pessoa na área de tradução e duas na área de língua.

Quantas pessoas elaboram a prova?

EE- Costumam ser// a gente costuma fazer assim... Existe uma primeira versão da prova, que é feita hoje em dia por duas pessoas... a gente divide a elaboração da primeira versão em duas pessoas e a gente costuma fazer uma reunião entre essas duas pessoas, costuma ser eu e um outro monitor, né... tendo o texto escolhido... a gente discute o que é que a gente pode perguntar... faz um esqueleto da prova e divide o número de questões para cada um elaborar... e aí// essa primeira versão passa por duas revisões, cada revisão feita por um monitor que não tinha visto a prova ainda.

E as mesmas pessoas que elaboram corrigem?

EE- Corrigem os resultados? Sim... Mas é que todas as nossas provas foram múltipla escolha, né...

Existe algum outro exercício além do da múltipla escolha?

EE- Não... uma prova que a gente começou a aplicar no ano passado que exige que a gente faça uma parte escrita. A gente só teve uma experiência com isso no ano passado que não foi muito boa. Eram perguntas dissertativas...perguntas abertas. A gente fez a maioria de interpretação de texto e uma de escrita que foi um desastre... assim...

Os exercícios que são demandados pela múltipla escolha são sempre de compreensão ou tem outro tipo?

EE- Sempre de compreensão...

Não tem exercício de tradução?

EE- É que várias questões acabam envolvendo a tradução, mas a tradução feita por NÓS mesmos né... como uma PARÁfrase ao texto... sempre esse tipo de tradução. Outras questões mais fechadas// assim/ em cima de uma palavra, de um conectOR, do que seja... e aí você pede a interpretação em português... então na verdade é uma tradução.

Sim, mas a tradução isoladamente, nunca foi pedida como exercício?

EE- Não, não... que eu conheça, desde 2007, não.

E nem exercícios de expressão escrita?

EE- Só teve essa experiência, com UMA prova, que não foi boa...

É a mesma prova para o mestrado e doutorado?

EE- É a mesma prova.

Outros examinadores no CL usam o mesmo método de elaboração das provas que você?

EE- Das outras línguas?

Sim.

EE- Sim, mas até onde eu sei ... se usa tradução, que por exemplo a gente não usa... é... mas assim... no geral existe um ... um padrão, assim... de questões de múltipla escolha, com compreensão de texto...

E quem determina isso?

EE- Ninguém determina isso na verdade...

Isso não é estabelecido?

EE- Bom... desde que eu entrei existe assim... uma vontade de se...de se integrar mais, né... essas diferentes equipes de proficiência. Faz 03 anos já isso... mas na verdade isso não aconteceu// a gente nunca sentou pra conversar sobre nossas provas, por exemplo. Cada um falar como é feita a sua, mostrar pro outro e discutir, porque que faz assim e não assado... A gente nunca fez isso...

E quem determina que seja só múltipla escolha?

EE- É... no caso do espanhol... enfim, isso nunca foi determinado de fato... é... existem dois fatores principais para gente continuar com múltipla escolha... o primeiro é a correção... o fato de ser múltipla escolha em primeiro lugar... é... diminui a carga de trabalho para correção... para uma equipe que é pequena, isso é ótimo... e por outro lado também evita muita subjetividade nas correções... o que exigiria muitos pedidos de revisão... enfim... todos esses problemas burocráticos. E por outro lado, a gente acha que.. por exemplo... essa questão que eu falei que foi aberta e que foi um desastre... por que que foi um desastre? Porque era uma questão de escrita em espanhol que as pessoas escreveram em português.

Tinha que escrever em espanhol?

EE- É... tinha que escrever em espanhol a partir do texto... era para terminar uma frase/ é que a gente começava a frase e aí... ele terminaria em espanhol a partir do que ele leu... Só que enfim... as pessoas num... né... A gente sabe que a maioria das pessoas que vão fazer a prova de proficiência em espanhol, nunca estudaram espanhol... Então... a gente talvez com o padrão de múltipla escolha a gente evita reafirmar isso, né... reafirmar uma idéia que não é preciso conhecer essa língua pra ler bem... entendeu?

Mas esse exercício que você mencionou de completar a frase, não é mais de expressão escrita?

EE- Sim, eu não gostaria de fazer uma questão dessa. Por que que a gente fez? Porque o programa pediu que a gente fizesse no mesmo modelo que o inglês... e esse ano, por exemplo, a gente já não vai mais fazer daquele jeito... já conversei com o programa que aquele tipo de questão não funciona e não tá lidando com leitura, tá lidando com escrita... né... não tem porque pedir isso.

Como você definiria o exame de espanhol? Qual a particularidade dele? O que você acha que a língua espanhola exige?

EE- É a particularidade é mesmo essa... a proximidade com o português... Na verdade, a gente tem que lidar com um estereótipo sobre a leitura em espanhol com os brasileiros, né... porque eles se acham proficientes desde sempre, né... em espanhol... então a gente costuma lidar com esses lugares, a gente vai buscar os lugares que por exemplo... a gente sabe que uma pessoa que não conhece a língua não vai lidar bem com aquilo... ou então os lugares que... por estudo... é... por estudos anteriores tá meio que provado que são os lugares problemáticos de leitura do espanhol. Por exemplo, os

elementos de referência... isso é um problema que os brasileiros tem com textos em espanhol.... muito difícil ele conseguir retomar BEM algumas referências, né... então... a gente vai por aí... por esses estereótipos e tentando quebrá-LOS também... exigir dele uma visão de língua estrangeira e não de compreensão natural, assim...

E quais são as críticas mais recorrentes em relação à prova de espanhol?

EE- Que a prova é muito difícil... a gente escuta... eu já escutei mais de uma vez que... a pessoa dizendo que leu o texto MUIto fácil, mas que DAÍ não sabe resolver as questões... e enfim... bom... as questões são de interpretação de texto... então é uma incongruência... e aí... a especificidade do texto... que os textos são LONGos... né... MAis longos do que os de todas as outras provas... eu acho... e isso tem a ver... é uma escolha realmente nossa... Primeiro pra colocar o candidato na situação de leitura que ele tem que ser avaliado... que é a leitura acadêmica... e depois por uma questão da transparência da língua... que fica muito difícil fazer uma prova com um texto muito curto... é... do espanhol em relação ao português fica meio complicado... Geralmente o texto tem 04 páginas, 05 páginas... mais ou menos, uns 20 parágrafos... E a gente sempre faz 02 questões de compreensão geral do texto.

A03. Monitor de Italiano (MI)

Como é formada a equipe de proficiência em italiano? Qual a constituição e formação dos membros?

MI - Atualmente trabalha na equipe somente a monitora (nome da monitora), doutoranda em Literatura Italiana. Normalmente são dois, os monitores.

Quantas pessoas elaboram a prova?

MI - Normalmente a prova é elaborada em conjunto pelos dois monitores que formam a equipe. No caso da última prova, da ECA, a atual monitora trabalhou sozinha.

As mesmas pessoas que elaboram também corrigem?

MI- Sim.

Como é formada a prova de italiano? Descreva o exame. (textos, tipos de questões)

MI- É composta de dois textos, cada um com 10 perguntas de múltipla escolha. O candidato deve acertar 14, das 20 questões (70%).

É permitido o uso de dicionário? Qual?

MI- Sim, é permitido o uso de dicionários monolíngues. Numa situação real, em que o aluno tenha de ler em casa um texto acadêmico, ele pode recorrer ao dicionário. Por que não na prova? Se o aluno não conhece bem a língua, nem com a ajuda do dicionário ele consegue superar o exame.

Qual o tempo disponibilizado?

MI- 2 horas.

Que tipo de exercícios são demandados pelas questões de múltipla escolha?

MI- Perguntas que verifiquem o conhecimento do léxico italiano e de interpretação do texto. Raramente são feitas perguntas gramaticais.

Há exercícios de tradução? Já houve?

MI- Atualmente não há exercícios de tradução nas provas de italiano do Centro de Línguas. Nas provas do departamento de italianística do DLM, existe um exercício de tradução. A prova não é elaborada nem aplicada pelo Centro de Línguas mas por professores do próprio departamento.

A tradução de um trecho é pedida na prova de italiano? Se sim, como é feita a correção? Há um método para a correção? Há diferenciação do tipo de erro? Outros examinadores usam o mesmo método que você no CL?

MI- Não é pedida a tradução de trechos em italiano.

O que você acha que diferencia o exame de italiano do de outras línguas? O que você acha a língua pede italiana pede como exame? Qual é a particularidade do exame?

MI- Nos exames de italiano, temos a preocupação de verificar se o candidato está apto a ler e interpretar textos acadêmicos no idioma. Por isso não são bem-vindas questões maldosas, com pegadinhas e exceções às regras de gramática da língua. Normalmente, um candidato que não está preparado não consegue superar a nota de corte (7.0). O candidato que faz pelo menos 70% da prova demonstra ser capaz de ler textos em língua italiana e é este o objetivo da prova. É verdade, e isso não se pode negar, que a semelhança entre as duas línguas favorece o candidato cuja língua materna é o português. Mesmo assim, um candidato que arrisca a fazer a prova sem conhecer o idioma, não consegue superá-la. Não é necessário elaborar questões absurdas, bastam pequenos detalhes para eliminar quem não conhece a língua.

A 04 - Educadora de francês (EF)

L- Como é formada a equipe de proficiência de francês?

EF- É ... na realidade QUEM indica, né/ a equipe de proficiência é o ((nome do coordenador)) / então, assim, eu tô encarregada, como educadora, das proficiências... mas as pessoas que vão me ajudar na elaboração / são atribuídas pelo ((nome do coordenador)).

L- e qual é a constituição atualmente?

EF- Atualmente tem uma monitora, né // que eu não sei agora qual é a carga horária que ela tem que cumprir na proficiência / mas ela fica tanto com a parte de preparação quanto...ah... responder emails... essa parte mais administrativa... né... de responder emails... ah... é... de respon(der)...é... de fazer os boletos... né... e tudo mais... listas também.

L- é pós-graduanda?

EF- Sim, pós-graduanda.

L- Do programa de língua ou de literatura?

EF- De... língua.

L- E atualmente, então, são duas pessoas que elaboram a prova?

EF- Sim, atualmente, sim.

L- As mesmas pessoas que elaboram corrigem?

EF- Também.

L- Então, como é formada a prova de francês? Descreva o exame.

EF – Ah... tem algumas particulariDAdes... mas no geral a gente procura fazer... procurar um texto de MAIS ou menos... duas páginas... duas a três páginas... e nós elaboramos perguntas... é... de múltipla escolha... referentes a trechos... a certos trechos desse texto... né... em geral, então... são ... 10 questões, 10 a 14 questões conforme o programa... né, então... a Educação, por exemplo... a gente tinha... ah... havia sido já previsto com a faculdade de Educação 10 perguntas pra todos os idiomas, né... inclusive o francês.

L- É sempre múltipla escolha?

EF- Ah...PRA Letras, esse anos... nós decidimos fazer uma parte de tradução somente para alunos que eram do DLM... pra área de língua e literatura francesa. Mas todas as

outras áreas... DLM outras línguas, linguística, DLCV... só tinham as perguntas de múltipla escolha.

L- e porque dessa escolha pela tradução?

EF- No DLM francês? Ha... bom... primeiro porque as pessoas que vão fazer essa prova tiveram toda uma graduaÇÃO, né... no francês... então, espera-se que sejam alunos mais preparaDOS, não é... e aí também a exigência que se tem em relação a eles... ao conhecimento da língua é maior.

L- E em relação ao uso de dicionário?

EF- Bom... em geral a gente deixa... é // os alunos utilizarem um dicionário monolíngue... somente a Educação que havia pedido pra proibir o uso do dicionário... de qualquer dicionário... seja ele monolíngue ou bilíngue.

L- E o tempo disponibilizado é o mesmo em todas as provas?

EF- Duas horas...sim.

L- que tipo de exercícios são demandados pelas questões de múltipla escolha?

EF- De tarefas? Em geral de compreensão geral daquele trecho, né... então... geralmente a gente coloca uma alternativa correta e três outras incorretas.

L- E a tradução é o texto todo?

EF- Não... somente um trecho.

L - Junto com as outras questões?

EF – Sim... Por exemplo // os alunos da área de língua e literatura francesa... eles tinham as perguntas de múltipla escolha e além dessas perguntas a tradução pra fazer.

L -E você acha que você consegue medir a compreensão do candidato através da tradução?

EF- Através da tradução?... ah... é uma BOA pergunta... Eu ainda não sei se eu saberia responder essa pergunta... é... eu acho que dá pra perceber... certas... questões talvez um pouco pontuais... por exemplo nessa prova da Letras... uma palavra que colocou muitos problemas pros candidatos era a palavra “cité”, né... pedia de certa forma um conhecimento não só de mundo né... digamos assim... do que se passa na França... os problemas sociais que existem lá... mas também... o TEXTO ajudava a entender e a traduzir de uma forma um pouco mais adequada... esse termo... né... então dava pra perceber a partir da tradução se o aluno havia mesmo entendido a proposta do texto, né... mas se a tradução avalia a compreensão total daquele trecho eu já não... não saberia responder.

L - Em relação à correção da tradução. Como é feita?

EF- A gente faz uma primeira leitura... né... na verdade... antes de fazer a correção a gente vê... quais são os problemas daquele trecho... né... então... quais são as palavras que causar mais problemas pra tradução... E a partir daí a gente começa a correção verificando o que o aluno teve de dificuldades ou não... Essa tradução que a gente teve da Letras a gente não teve GRANdes dificuldades, né... na verdade... todos os problemas apareceram / a gente já havia previsto nessa primeira... quando a gente escolheu o texto... né // ah... então assim... a gente faz essa primeira leitura / verificando quais são os problemas... né... onde houve problemas de tradução / e aí... depois a gente faz uma seGUNda correção tentando medir... né... se isso é possível... o que seria um erro grave, o que seria um erro médio.

L – É exatamente isso que eu ia perguntar: Existe alguma diferença entre os erros na tradução? Você prioriza algum tipo de erro?

EF- Não... existem... a gente coloca uma nota diferente pra erros que a gente considera GRAve e erros que são considerados médios.

L- o que seriam os graves e os médios?

EF – Os erros graves são aqueles que mudam o sentido da frase, do texto... né... os erros médios às vezes são assim de... é... às vezes erros do português que causam um certo problema na legibilidade do texto... né, então // mas que não perturbam TANTo a leiTURa... digamos assim, do texto, e a compreensão do texto.

L- como é dada a ponderação desses erros?

EF- Como é dada a ponderação?

L- Existe um sistema de ponderação, para quantificar esses erros?

EF- é ... a gente quantifica, né... então a gente coloca / vê quantos erros o aluno fez... que são os erros GRAves... é... e a partir da nota que vai ser atribuída à tradução, a gente verifica quantos pontos nós vamos retirar desses erros... dos erros graves e dos erros médios... então, os erros graves dessa tradução da Letras, a gente tirou 0,2 né... de um total de 06 da tradução... e 0,1 pra erros que são médios...

L- E você sabe se outros examinadores usam o mesmo método que você em outras provas?

EF- Bom... a ((nome de monitora)) que me auxiliou no semestre passado com as traduções... ela fazia mais ou menos a mesma coisa / né... então... na realidade ela que me passou um pouco como se fazer a prova de proficiência e tudo // eu acompanhei nas correções das provas da Letras do ano passado... e foi ela que elaborou esse tipo de critério // então, a gente acaba também considerando a legibilidade do texto... mas...

nessa prova da Letras desse ano... não foi uma coisa que causou tanto problema, né... então a gente não teve que retirar pontos pela legibilidade geral do texto.

L- E no Centro de Línguas, de outras línguas? Você sabe?

EF – Eu acredito que as outras línguas não tenham prova de tradução / que não colocam a tradução dentro das provas de proficiência.

L- E o que você acha que diferencia o exame de francês dos de outras línguas? O que você acha que é necessário? O que a língua francesa pede como exame?

EF- Não sei se há uma grande diferença entre... eu pelo menos não consigo ver diferenças entre uma prova de proficiência do francês e do inglês... ou mesmo do espanhol, né... porque... bom... os problemas existem dependendo da língua, existem... né... é... mas acho que o problema da compreensão do texto não é uma coisa que é específica a cada idioma... né / eu sei que o espanhol PELA proximidade com o português... e // acaba pegando trechos maiores... pras suas questões... né... pra interpretação daqueles trechos... o inglês não... o inglês talvez pegue trechos um pouco menores... mas assim... eu acho que em termos de tipos de perguntas... eu acho que é praticamente a mesma coisa que se faz nos mesmos idiomas, né... Existe sempre aquela pergunta de se encontrar um referente, por exemplo // tanto no espanhol, quanto no francês... quanto no inglês.

L- Então não tem uma particularidade para a prova do francês?

EF – Na verdade muda o pronome... o francês tem pronomes que causam mais dificuldades no espanhol... SIM... então é lógico que a gente acaba priorizando aqueles são diferentes de nossa língua materna...

L- Certo. Ainda a respeito das questões de múltipla escolha, você acha que a interpretação fica bem esclarecida?

EF- A interpretação das questões... eu acho que a paráfrase nunca é exatamente aquilo/ a gente nunca consegue colocar dentro da pergunta exatamente aquilo que o autor quis passar no texto... Mas existe sempre uma leitura que a gente faz daquele trecho... ah... mas também assim... acho que cabe também ao examinador colocar nas outras alternativas, aquelas que ele considera incorretas... elementos que realmente sejam distanciados do texto, da compreensão do texto.

L- Mais uma pergunta: existe uma relação entre as notas da tradução e das questões de interpretação?

EF- Em geral a tradução vale 30, no MÁximo 40% da nota do aluno / né / então, 30% para a tradução e 70% pras questões de múltipla escolha.

L- e na correção... equivalem os comportamentos, os desempenhos?

EF- Também, também... você diz a notação?

L- É, se quem vai mal na tradução...

EF- A gente procurou verificar se a tradução modificava MUITO assim... a nota do aluno e se influenciava na aprovação ou não desse aluno... e em geral, a nota da tradução acabava confirmando, né / o resultado dele na prova de múltipla escolha.

ANEXO B – Textos dos exames de proficiência

B01. ECA 2002 - ECO, Umberto. **De Superman au surhomme**. Paris, Grasset, 1993

Le Mythe de Superman

De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel en passant par Peter Pan, le héros doué de pouvoirs supérieurs à ceux du commun des mortels est une constante de l'imagination populaire. Souvent, la vertu du héros s'humanise, et ses pouvoirs ultra-surnaturels ne sont que la réalisation parfaitement aboutie d'un pouvoir naturel, la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, voire l'intelligence syllogistique et le sens de l'observation à l'état pur que l'on retrouve chez Sherlock Holmes. Mais dans une société particulièrement nivelée, où les troubles psychologiques, les frustrations, les complexes d'infériorité sont à l'ordre du jour, dans une société industrielle où l'homme devient un numéro à l'intérieur d'une organisation qui décide pour lui, où la force individuelle, quand elle ne s'exerce pas au sein d'une activité sportive, est humiliée face à la force de la machine qui agit pour l'homme et va jusqu'à déterminer ses mouvements, dans une telle société, le héros positif doit incarner, au-delà du concevable, les exigences de puissance que le citoyen commun nourrit sans pouvoir les satisfaire.

Superman est le mythe type pour ce genre de lecteurs: ce n'est pas un Terrien, il a atterri chez nous encore enfant en provenance de la planète Krypton qu'une catastrophe cosmique allait détruire. Son père, un grand savant, avait réussi à sauver son fils en le confiant à un vaisseau spatial. Superman grandit sur terre mais il est doté des pouvoirs surhumains. Sa force est pratiquement illimitée, il vole dans l'espace à la vitesse de la lumière, et lorsqu'il la dépasse il brise le mur du temps et peut se transférer à d'autres époques. Par la simple pression de ses mains, il soumet le charbon à une température telle qu'il se transforme en diamant; en quelques secondes, à une vitesse supersonique, il peut abattre une forêt entière, débiter les arbres en planches et construire avec un village ou un navire; il peut perforer des montagnes, soulever les paquebots, abattre ou édifier des barrages; sa vie à rayons X lui permet de voir à travers n'importe quel corps

à des distances pratiquement illimitées, de faire fondre par son seul regard des objets de métal; autre avantage très précieux, sa super-ouïe lui permet d'entendre toutes les conversations, d'où qu'elles viennent. Il est beau, humble, généreux et serviable, il voue sa vie à pourfendre les forces du mal et la police trouve en lui un collaborateur infatigable.

Malgré tout, il est loisible au lecteur de s'identifier à l'image de Superman. En effet, ce dernier vit parmi les hommes sous l'identité mensongère du journaliste Clark Kent, un type apparemment peureux, timide, médiocrement intelligent, un peu gauche, myope, soumis à sa collègue Lois Lane, une femme dominatrice et capriceuse qui le méprise, car elle est éperdument amoureuse de notre héros. D'un point de vue narratif, la double identité de Superman a une raison d'être, puisqu'elle permet d'articuler de façon extrêmement variée le récit de ses aventures, les équivoques, les coups de théâtre, un certain suspense de polar. Mais d'un point de vue mythopoiétique, la trouvaille est carrément géniale: en effet, Clark Kent incarne exactement le lecteur moyen type, bourré de complexes et méprisé par ses semblables; ainsi, par un évident processus d'identification, n'importe quel petit employé de n'importe quelle ville d'Amérique nourrit le secret espoir de voir fleurir un jour, sur les dépouilles de sa personnalité, un surhomme capable de racheter ses années de médiocrité.

B02. ECA 2004 - MAINGUENEAU, Dominique. **Analyser les textes de communication.** Dundod, 1998

Avant-propos

Vivre dans le monde contemporain, c'est être confronté à une multitude de textes aussi éphémères qu'envahissants: tracts, annuaires, journaux, affiches, guides touristiques, « mallings » publicitaires... Énoncés survolés, feuilletés, consultés, rarement *lus*, au sens plein du mot.

Dans l'enseignement secondaire on s'intéresse de plus en plus à ces énoncés peu prestigieux. C'est aussi le cas, bien sûr, dans les cursus à vocation professionnelle (IUT, écoles de journalisme, de sciences politiques, de commerce, de communication...), et même dans les facultés de lettres et de langues traditionnelles où se développent de nouvelles filières: «spécialisées». «appliquées»...

Les instruments dont on dispose pour analyser ces corpus peuvent paraître modestes si on les compare à ceux de la stylistique littéraire, mais on aurait tort de penser que pour analyser ces textes de faible prestige on n'a pas besoin d'outils élaborés. C'est seulement depuis peu que les sciences du langage, s'ouvrant à des problématiques nouvelles, proposent des outils mieux adaptés.

Une des caractéristiques essentielles de la recherche actuelle sur le langage, c'est en effet l'émergence de travaux qui, au lieu de replier le langage sur l'arbitraire de ses unités et de ses règles, abordent les énoncés comme *discours*. Cette ouverture des sciences du langage rencontre les préoccupations de nombre de chercheurs d'autres domaines des sciences humaines, soucieux de prendre en compte la dimension langagière de leurs objets. Il ne s'agit pas à proprement parler d'une discipline, mais d'un espace d'échanges instable entre diverses disciplines, chacune étudiant le discours à travers un point de vue qui lui est propre: analyse de la conversation, théories de l'argumentation, de la communication, sociolinguistique, ethnolinguistique, analyse du discours... (la liste n'est pas exhaustive) se partagent, souvent de manière conflictuelle, ce domaine d'investigation ouvert sur les champs connexes (sociologie, psychologie, histoire...).

Dans ce manuel nous avons adopté le point de vue de l'analyse du discours, qui n'appréhende *ni l'organisation textuelle en elle-même, ni la situation de*

communication, mais s'efforce de les associer intimement. Un texte publicitaire, par exemple, n'est pas étudié seulement comme une structure textuelle, un enchaînement cohérent de signes verbaux, ni comme un des éléments d'une stratégie de marketing, mais comme activité énonciative rapportée à un genre de discours : le lieu social dont il émerge, le canal par lequel il passe (oral, écrit, télévisé...), le type de diffusion qu'il implique, etc., ne sont pas dissociables de la façon dont le texte s'organise. L'analyste du discours peut prendre pour base de travail un genre de discours (une consultation médicale, un cours de langue, un débat politique télévisé...) aussi bien qu'un secteur de l'espace social (un service d'hôpital, un café, un studio de télévision...) ou un champ discursif (politique, scientifique...); mais il ne part d'un genre que pour l'inscrire dans ses lieux et ne délimite un lieu que pour considérer quel(s) genre(s) de discours lui sont associés.

Dans ce livre nous ne cherchons pas à dresser un panorama des problématiques de l'analyse du discours, ni à construire un modèle détaillé de ce qu'est l'activité du discours: nous indiquons seulement ses caractéristiques majeures et proposons un certain nombre d'entrées pour l'analyse de textes écrits, en privilégiant les plus étudiés, la presse et la publicité. Pour étudier sérieusement des corpus oraux il faut disposer d'enregistrements audiovisuels et mobiliser l'énorme appareil conceptuel et descriptif qu'a développé l'analyse conversationnelle. Nous n'avons pas non plus considéré la dimension iconique (photos, dessins, schémas, mise en page...) des textes, de manière à nous concentrer sur le seul matériau *verbal*. Mais ce n'est qu'un choix didactique: un texte publicitaire, en particulier, est fondamentalement image et parole, chez lui le verbal lui-même fait image.

Au-delà de son utilité immédiate, ce livre s'inscrit dans un mouvement qui s'ébauche, celui d'une didactique de la linguistique tournée vers des publics pour lesquels l'étude de la langue n'est pas un souci prioritaire. Cette contrainte nous oblige à ne présumer chez notre lecteur qu'un minimum de connaissances en matière de linguistique. Nous espérons néanmoins qu'au terme de son parcours, il aura envie de porter un regard différent sur les énoncés qui l'entourent, qu'il ne les verra pas seulement comme des instruments univoques au service d'une fin. Il pourra ainsi donner tout son poids à cette formule de Michel Foucault: « Ce dont il s'agit ici, ce n'est pas de neutraliser le discours, d'en faire le signe d'une autre chose et d'en traverser l'épaisseur

pour rejoindre ce qui demeure silencieusement en deçà de lui, c'est au contraire de le maintenir dans sa consistance, de le faire surgir dans la complexité qui lui est propre .»

B03. ECA 2005 - (texto extraído e adaptado de *La lettre de l'information*, n° 125, abril 2005) **Culture en prison : où en est-on?**

L'objectif est clair. Faire des rencontres de Valence une étape importante pour l'évolution de la politique commune entre le ministère de la culture et de justice, destinée à renforcer la présence de projets culturels dans le milieu carcéral. Les 25 et 26 avril, un bilan des actions menées depuis vingt ans sera réalisé. On dégagera également enseignements et perspectives pour l'avenir. Un éclairage spécifique sur les bibliothèques des établissements pénitentiaires sera donné à travers une étude réalisée par l'inspection générale des affaires culturelles en 2004. Elle sera rendue publique à cette occasion. Ces journées proposeront également une série d'ateliers sur des thèmes variés : « La prison dans le territoire » ; « Les espaces culturels en prison » ; « L'accès à la culture des personnes en milieu ouvert » ; « artistes et institutions culturelles : pourquoi intervenir en milieu pénitentiaire ? » ; « Quelle place pour les actions culturelles en milieu pénitentiaire ? » ; « La formation des personnels et des partenaires » ; « Construire un projet culturel ensemble » ; « Élargir le champ des partenaires » ; « Valorisation et diffusion des actions culturelles réalisées en milieu pénitentiaire ». Deux spectacles seront proposés à la Comédie de Valence : *Concertina* par la compagnie des Lumas dans une mise en scène d'Éric Massé et un concert lecture proposé par la Comédie de Valence et mis en jeu par Gilles Fisseau. Un parcours culturel composé de productions d'ateliers artistiques en milieu pénitentiaire donnera également à voir des films, des expositions de photos, de livres...

(...)

Le point de vue de Nicolas Frize : « les oeuvres d'art combattent les discriminations »

Nicolas Frize est compositeur, directeur de l'association Les musiques de la Boulangère (Saint-Denis) et délégué national du groupe « prisons » de la Ligue des Droits de

l'Homme. Très impliqué dans les actions culturelles en milieu pénitentiaire, nous publions son témoignage.

« Si la prison est un espace clos, au sens qu'elle ne diffuse pas au dehors des idées, des biens, des moyens ou des compétences, elle ne peut renoncer à son appartenance au monde, ni se fermer à tout ce qui peut la pénétrer de plus fort, les personnes, les idées, les biens, les moyens et les compétences ! Une prison détient mais elle n'a pas fonction à enclaver ! À l'intérieur d'elle, l'artiste, l'intellectuel, le professionnel y sont attendus. Des personnes – que nous n'aurons pas à nommer ici « détenus », des personnels, très divers, sont menacés d'être « dévorés » par eux-mêmes s'ils n'entretiennent pas de contacts tendus et actifs avec la société.

En prison, mais il en est de même à l'usine, à l'école ou dans l'espace public, la présence artistique comme intellectuelle ou professionnelle n'est pas mue par la culpabilité, la bonté, la morale ou le soin, mais par le droit de tout espace où qu'il soit sur le territoire à disposer et jouir de la totalité des biens culturels, d'où qu'ils viennent, du passé, du présent ou de l'avenir, biens esthétiques, biens scientifiques, biens sociaux, biens critiques, biens communs... La création musicale, chorégraphique, photographique, littéraire..., ne doit manquer à nul m² du territoire : les artistes sont les artisans, les passeurs et les militants de cette présence agissante, comme ailleurs, pas plus ni moins, dans l'esprit du droit, avec passion, vigilance, jubilation, inspiration, application, méthode... Les oeuvres font circuler, entrer et sortir, faire et défaire, éclairer et éteindre, elles mettent en mouvement, exigent du sensoriel de s'extraire du sensible, de l'intime, de forcer la porte de l'extime, du rationnel de se nourrir de l'immatériel, comme se nourrissent sans relâche le figuratif et l'abstrait. Les oeuvres déportent, déplacent, exhortent les identités à accepter de mourir, pour que se dévoilent d'autres raisons d'être, que naissent des métamorphoses.

Les oeuvres combattent les discriminations : leur liberté n'a d'autre finalité que l'égalité des hommes. »

(...)

La formation aux métiers de la culture pour les détenus

Même s'ils sont peu nombreux, des exemples très intéressants de formation aux métiers de la culture se développent ici et là sur l'ensemble du territoire. On peut tout

d'abord évoquer la formation par les responsables de bibliothèques municipales ou départementales des détenus « auxiliaires de bibliothèque ». Ils sont appelés à gérer la bibliothèque de la prison considérée comme le poumon culturel de l'établissement. Pour rester dans le domaine du livre, citons également l'existence d'ateliers de reliure et restauration d'ouvrages. A musique et le son sont abordés notamment à Saint-Maur et à Poissy où Nicolas Frize a mis en place depuis une dizaine d'années une formation aux techniques de numérisation du son et de l'image, en partenariat avec l'Institut National de l'Audiovisuel (INA).

Au Centre de détention de Loops, un stage des techniciens généralistes du spectacle existe depuis quatre ans. Cette formation professionnalisante proposée à quinze détenus chaque année a permis à cinq détenus d'être embauchés dans des structures comme l'Aéronet à Lille à leur sortie. Une vingtaine d'entre eux ont continué ensuite dans le milieu du spectacle. Une demande de validation de cette formation devra être déposée auprès de l'Éducation nationale.

Quant au cinéma, des formations de projectionniste sont également proposées à des détenus dans une perspective de réinsertion dans des cinémas ou des structures professionnelles.

Révolution dans le PAF ! Grâce à un simple décodeur, pas moins de 14 chaînes s'invitent gratuitement dans les foyers. Mode d'emploi d'une petite bombe télévisuelle.

Texte extrait de Marianne, n° 411 Semaine du 05 mars 2005 au 11 mars 2005

Révolutionnaire. Plus fort encore que le passage du noir et blanc à la couleur. Plus important, peut-être, pour les téléspectateurs que la privatisation de TF1 en 1987 et l'avènement des chaînes commerciales privées. Pour une fois, la plupart des experts audiovisuels sont unanimes : la TNT (télévision numérique terrestre) risque bien d'être une sorte de 1789 de la télévision française. Pourquoi ? Parce que, dans des millions de foyers, elle va mettre en compétition 14 chaînes gratuites, TF1, France 2, France 3, Arte, France 5 et M6, mais aussi 8 autres chaînes auxquelles beaucoup n'avaient jamais eu accès. Pas le moindre abonnement à déboursier. Il faut juste s'équiper d'un décodeur. Comment vont réagir les téléspectateurs ? Cette nouvelle donne modifiera-t-elle le paysage publicitaire ? Trop tôt pour le dire.

Lenteurs politiciennes...

Il faut dire que cette « révolution numérique » a joué un peu l'Arlésienne : annoncée depuis la loi du 1er août 2000 qui définissait le cadre juridique de son développement, il faudra attendre le 31 mars 2005 pour la voir enfin débarquer avec ses 14 programmes gratuits en qualité numérique. Mauvaise élève de l'Europe, la France arrive loin derrière la Grande-Bretagne, l'Italie et l'Allemagne, converties depuis longtemps à la TNT. La raison de ce retard ? Politique. Uniquement politique. A un processus législatif toujours très lent se seraient greffées de basses considérations politiciennes : l'alternance de 2002 a considérablement freiné le processus, la commission Boyon chargée de reprendre le dossier de A à Z a systématiquement remis en cause toutes les décisions actées par le gouvernement socialiste. Quant au CSA, il a fait preuve, comme à son habitude, d'une extrême lenteur dans les procédures d'attribution des chaînes. Une lenteur dénoncée par les

nouveaux entrants, comme Claude Berda, PDG d'AB Groupe - lors de la présentation de sa chaîne « numérique » NT1, ce dernier ne s'est d'ailleurs pas gêné pour remercier perfidement le CSA, « élément moteur dans le lancement rapide de la TNT » . Une lenteur encouragée par les grandes chaînes privées hertziennes, et notamment par TF1, qui ne voyaient pas d'un très bon oeil l'arrivée de ces chaînes sans abonnement, susceptibles de capter une part importante du gâteau publicitaire... Autant dire que Médiamétrie, qui calcule l'Audimat des chaînes, est assise sur un volcan. La vraie révolution, celle de la pub, dépendra à coup sûr de ses mesures d'audience.

La TNT payante, c'est pas gagné !

Initialement prévue pour septembre 2005, on susurre au CSA que le lancement des chaînes payantes de la TNT pourrait être retardé jusqu'en mars 2006... Problème technique d'ajustement des normes de diffusion. Mais quand bien même tout serait au point, on ne saurait pas que faire passer dans les tuyaux : les chaînes Comédie, Cuisine TV et Match TV ont finalement renoncé à la TNT. Quant à Planète, Sport+, Canal J, I-Télé et Ciné Cinéma Premier, elles se sont fait retoquer, en octobre 2004, par le Conseil d'Etat, sur requête de TF1. Un nouvel appel à candidatures va donc être lancé, sans doute en mars

Démocratisation numérique

Mais, au-delà de ces imbroglios politico-commerciaux, la TNT est avant tout une innovation technique majeure qui permet le remembrement de tout le paysage audiovisuel hertzien. Avec le système analogique actuel, on était arrivé à saturation du nombre de chaînes sans pouvoir en créer de nouvelles - ce qui, par exemple, obligeait Arte et France 5 à se partager le même canal. Le passage au numérique et à ce qu'on appelle le « multiplexage » libère les ondes. Quand en analogique on ne pouvait faire passer qu'un seul programme par canal, il sera désormais possible d'en proposer 5 ou 6 par multiplexe. D'où, non seulement une augmentation non négligeable de l'offre de chaînes (celles-ci passant de 6 à 14), mais également une nette amélioration de la qualité de diffusion, désormais équivalente à celle sur le câble et le satellite : aide à la navigation, informations sur les programmes, choix

des sous-titres et des langues...

Théoriquement, la TNT offre également la possibilité de passer en son Dolby stéréo et en image 16/9. Hélas, selon TDF (Télédiffusion de France), les diffuseurs auraient plutôt tendance à rester sur du son moyen et de l'image 4/3. Mais ne boudons pas notre plaisir : quand on sait que 75 % des Français (40 millions d'individus tout de même) ne sont abonnés ni au câble ni au satellite, la TNT devrait être un sacré vecteur de démocratisation du numérique et de l'offre multichânes. Encore faudra-t-il se montrer patient, puisque, comme pour l'UMTS et la visiophonie pour le téléphone mobile, la TNT sera dans un premier temps réservée à certains : jacobinisme oblige, priorité sera donnée aux grandes métropoles françaises. Ainsi, au 31 mars 2005, seule 35 % de la population répartie sur 17 sites englobant les principales agglomérations recevront la TNT. On passera ensuite progressivement à 50 % de la population en septembre 2005 (32 sites), 65 % à la fin du premier semestre 2006 (avec une soixantaine de sites) et à un total de 80 à 85 % en 2007 (avec environ 115 sites). Les régions non couvertes, elles, continueront, comme toute la France d'ailleurs, à recevoir l'analogique jusqu'en 2010.

Comment ça marche ?

Question : la TNT, comment ça marche ? Bonne nouvelle, d'après TDF, il ne sera pas nécessaire d'avoir une installation particulière. Dans la plupart des cas, les antennes existantes, dites « râteau », sont compatibles avec la réception de la télé numérique terrestre. Cependant, quelques petits réglages pourront s'avérer nécessaires allant même jusqu'au changement des antennes les plus anciennes. Des prestations qui ne devraient pas vous coûter plus de 150 à 250 € pour une réception individuelle et 25 € environ par appartement pour une antenne collective.

Autre bonne nouvelle, vous n'aurez pas à mettre à la casse vos anciens téléviseurs, dits analogiques. Cependant, il faudra s'équiper d'un décodeur ou d'un adaptateur numérique (100 €) à brancher sur la prise péritel de votre télé. Vous pourrez également acquérir des téléviseurs avec adaptateurs intégrés pour à peu près 100 € de plus qu'un téléviseur analogique. Cependant, selon Hubert Bouan Du Chef

Dubos, directeur marketing produit chez Philips, il faudra attendre septembre pour que l'offre s'élargisse. Au second semestre, les industriels devraient proposer des flats TV numériques (home cinéma avec écran plasma ou LCD) ainsi que toute une gamme de DVD enregistreurs. Mais, dès la fin du mois de mars, Sagem commercialisera des décodeurs double tuner permettant de regarder une chaîne pendant que vous en enregistrez une autre (en qualité numérique). En revanche, attention : ces adaptateurs, comme ces télévisions numériques, ne permettront pas de capter les chaînes payantes de la TNT censément lancées en septembre. Il faudra donc à ce moment-là un autre décodeur qui vous sera sans doute fourni par les diffuseurs et qui permettra également de visionner les chaînes gratuites. En résumé, si vous pensez vous abonner aux chaînes payantes de la TNT, vous avez peut-être intérêt à patienter jusqu'en septembre avant de vous équiper...

Les abonnés du câble et du satellite pourront-ils accéder aux nouvelles chaînes gratuites de la TNT ? La réponse est théoriquement simple. D'après la loi du 9 juillet 2004, les opérateurs auront l'obligation de reprendre les 6 chaînes hertziennes traditionnelles, ainsi que les nouvelles, si ces dernières le souhaitent. Si les broadcasters les reprennent sur leur réseau, vous n'aurez pas besoin de décodeur spécifique. Cependant, pour Patrick Ballarin, chargé de mission auprès du président de Médiamétrie, la question est bien plus complexe qu'il n'y paraît. D'abord, ces nouvelles chaînes n'y auront pas forcément intérêt. De fait, ces petites nouvelles n'auront que peu de rentrées publicitaires à leur lancement, et donc que peu de moyens pour leurs grilles. Pourquoi, dès lors, prendre le risque de se surexposer alors même qu'elles resteront un certain moment en rodage ? Bref, les abonnés du câble et du satellite devront sans doute patienter avant de profiter des nouvelles chaînes de la TNT...

En résumé, la TNT, ce sont les grandes chaînes et quelques nouvelles en exclusivité, gratuites et en numérique. Son dernier plus ? La portabilité. Contrairement au câble et au satellite qui nécessitent branchements complexes et double abonnement, vous pourrez, grâce à la TNT, avoir une télé principale reliée à l'antenne du toit, et un second téléviseur, mobile, que vous * pourrez balader partout grâce à une antenne portative.

Conçue "a minima"

Néanmoins, selon Michel Riguidel, responsable du département informatique de l'Ecole nationale supérieure des télécommunications, la TNT, technologie pourtant innovante, aurait été pensée a minima. En France, la mobilité (la possibilité par exemple de recevoir la télévision dans votre voiture) n'a pas été privilégiée. Ni même l'interactivité d'ailleurs. Quand ils regardent la « Star Ac », nos voisins européens, italiens notamment, ne votent plus par SMS mais avec leur télécommande. De même certains ont-ils troqué la grille de Loto papier contre un simple clic sur leur zapette. Chez nous, rien de tout ça. TNT ou pas, on restera désespérément rivé à un écran qui ne nous répondra pas!

Reste la vraie innovation TNT, c'est-à-dire la possibilité d'ouvrir les ondes aux chaînes locales et notamment à des télés de quartier. Cette idée a certes été entérinée par le CSA, mais il s'est bien gardé de se montrer trop précis quant au calendrier de sa réalisation. Or, en ne proposant cette technologie que de manière tronquée, l'Etat risque de la rendre peu attractive parce que trop proche des offres déjà présentes sur le marché. En outre, Michel Riguidel prophétise que, si la TNT n'évolue pas très vite, elle sera bientôt concurrencée par la télé via Internet quand le réseau aura gagné en rapidité. Moralité : la révolution audiovisuelle se joue dans les mois qui viennent...

INTRODUCTION

L'impasse des études formalistes

C'est au cours des années 1970 que les professionnels de l'analyse des textes en viennent à étudier la lecture. L'oeuvre littéraire que, jusque-là, on tentait de comprendre en la rattachant à une époque, une vie, un inconscient ou une écriture, est soudain envisagée par rapport à celui qui, en dernière instance, lui donne son existence: le lecteur. Les théoriciens s'aperçoivent que les deux questions majeures qu'ils se posent – qu'est-ce que la littérature? comment étudier les textes? - reviennent à se demander pourquoi on lit un livre. Le meilleur moyen de comprendre la «force» et la pérennité de certaines oeuvres n'est-il pas en effet de s'interroger sur ce que les lecteurs y trouvent?

L'intérêt pour la lecture commence à se développer au moment où les approches structuralistes connaissent un certain essoufflement. On se rend compte qu'il est vain de vouloir réduire le texte littéraire à une série de formes. La poétique est dans une impasse: une étude limitée aux structures aboutit à des modèles trop généraux ou trop incomplets. D'une part, en effet, les procédés relevés par les poéticiens comme constitutifs de la littérature se retrouvent en dehors d'elle: Roland Barthes applique la méthode structurale aux films de James Bond, et Greimas retrouve sans peine les grandes formes « littéraires » dans l'énoncé d'une recette de cuisine. D'autre part, la poétique, science du général, échoue à rendre compte de l'originalité de chaque texte: si le recours à la «polyphonie» (la multiplication des points de vue) est bien un des intérêts majeurs de l'oeuvre de Dostoïevski, force est de constater que le procédé ne suscite pas la même fascination chez les auteurs plus médiocres. La valeur d'une oeuvre littéraire n'est pas réductible à l'emploi de telle ou telle technique.

L'insuffisance du structuralisme nécessite donc un renouvellement de l'approche des textes littéraires. Or, au début des années 1980, les progrès de la linguistique ouvrent précisément des nouvelles perspectives.

L'évolution de la linguistique: essor de la pragmatique

C'est l'expansion de la pragmatique qui va entraîner des littéraires à s'intéresser aux problèmes de la réception. Pour décrire le fonctionnement du langage, la

linguistique a ajouté aux deux branches traditionnelles que sont la «syntaxe» (rapport des signes entre eux) et la sémantique (rapport des signes avec ce qu'ils signifient), la «pragmatique» (rapport des signes avec leurs utilisateurs). Cette tripartition est due au philosophe américain C. Morris (*Foundations of the theory of signs*, 1983). Conformément à l'étymologie (le mot grec *pragma* signifie «action»), la pragmatique analyse ce que les locuteurs «font» avec le langage. Cette branche particulière de la linguistique s'est rapidement développé à partir des années 1960. Retenons les deux ouvrages majeurs de J.L. Austin, *How to do things with words* (paru en 1962 et traduit en français sous le titre *Quand dire, c'est faire*), et de O. Ducrot, *Le dire et le dit* (1984). En mettant en évidence l'existence de verbes performatifs, comme «jurer» ou «maudire», qui ont la particularité d'accomplir ce qu'ils désignent, Austin constate que le langage, loin de se contenter de décrire, peut créer à lui seul un état de faits. A partir de ce principe, Ducrot va montrer comment la parole est toujours dirigée vers un destinataire qu'elle tente d'influencer plus ou moins explicitement.

Ce qui ressort des études pragmatiques, c'est donc l'importance de l'interaction dans le discours. Si le langage sert moins à renseigner qu'à agir sur autrui, un énoncé ne peut se comprendre par la seule référence à son émetteur. C'est le couple formé par celui qui parle (le locuteur) et celui à qui l'on parle (l'allocutaire) qu'il convient de prendre en compte.

L'influence de la pragmatique sur l'étude des textes est donc claire. Si dans le parler quotidien, le langage est toujours au service d'un effet à produire, le phénomène ne peut qu'être exacerbé dans une oeuvre littéraire où l'agencement des termes doit fort peu au hasard. Comprendre une oeuvre ne peut, dès lors, se réduire à en dégager la structure ou à la rattacher à son auteur. C'est la relation mutuelle entre écrivain et lecteur qu'il faut analyser.

Critique littéraire et théorie de la lecture

Mais qu'est-ce qu'étudier la lecture? Si l'objet de la critique est l'oeuvre, quel est celui des théories de la réception? les performances du lecteur? le texte qui leur sert de support? l'interaction entre les deux? ... Mais la lecture se réduit-elle à un échange bipolaire? Le rapport à l'oeuvre n'est-il pas aussi à voir avec les pratiques culturelles, les modèles idéologiques, les invariants psychanalytiques? Prendre en compte ces divers paramètres, ne nous ramène-t-il pas au champ traditionnel des études littéraires?

De fait, il existe deux façons d'aborder le problème. Analyser la lecture, c'est s'interroger soit sur la façon dont on lit un texte, soit sur ce qu'on lit (ou peut lire) dans un texte. Or, si l'examen du « comment » de la lecture confère aux théories de la réceptions une certaine spécificité, le problème de son « contenu » conduit souvent, le relâchement terminologique aidant, à s'interroger sur le ou les sens du texte. Dès lors, l'étude de la lecture se confond avec celle de l'oeuvre.

Les chercheurs ont constamment hésité entre les deux approches. Schématiquement, on peut distinguer, parmi les grandes perspectives, les travaux de l'École de Constance, l'analyse sémiotique, les études sémiologiques, et les théories du réel.

L'École de Constance est la première grande tentative pour renouveler l'étude des textes à partir de la lecture. Alors que, jusque-là, on s'intéressait essentiellement au rapport texte/auteur, l'« approche allemande » propose de déplacer l'analyse vers la relation texte/lecteur. L'École de Constance se divise cependant en deux branches bien distinctes: «l'esthétique de la réception » de Hans Robert Jauss, et la théorie «du lecteur implicite» de W. Iser.

L'«esthétique de la réception», née au début des années 1970, part de la volonté de repenser l'histoire littéraire. Jauss fait le constat suivant: l'oeuvre littéraire – et l'oeuvre d'art, en général – ne s'impose et ne survit qu'à travers un public. L'histoire, c'est donc moins l'histoire de l'oeuvre que celle de ses lecteurs successifs. La littérature, activité de communication, doit être analysée à travers son impact sur les normes sociales.

La théorie du «lecteur implicite» de Iser date, elle, de 1976. Alors que Jauss s'intéressait à la dimension historique de la réception, Iser s'attache à l'effet du texte sur le lecteur particulier. Le principe de Iser, c'est que le lecteur est présupposé du texte. Il s'agit donc de montrer, d'une part comment une oeuvre organise et dirige la lecture, et d'autre part la façon dont l'individu-lecteur réagit sur le plan cognitif aux parcours imposés par le texte.

L'approche sémiotique de Umberto Eco, telle qu'elle est exposée dans *Lector in fabula*, est très voisine de celle de Iser. Le modèle de Eco date de 1979 et propose une analyse de la lecture « coopérante ». L'objectif est d'examiner comment le texte programme sa réception et ce que doit faire le lecteur (ou, plus exactement, ce que

« devrait » faire un lecteur modèle) pour répondre de façon optimale aux sollicitations des structures textuelles.

Les analyses sémiologiques sont dues principalement à Ph. Hamon et M. Otten. Développées dans les années 1980, elles reposent sur la volonté d'étudier la lecture à partir du détail du texte. Il n'est plus ici question de grands modèles théoriques, mais d'analyses ponctuelles, toujours très fines, qui mettent en évidence telle ou telle caractéristique de l'acte de la lecture. M. Otten, dans une tentative de synthèse, propose cependant d'appréhender l'activité lectrice à travers trois champs précisément circonscrits: le texte à lire, le texte du lecteur, le rapport du texte au lecteur. Dès lors, on retrouve nombre d'emprunts aux systèmes de Iser et d'Eco.

Une nouvelle approche de la lecture, axée sur la prise en compte du lecteur réel, a été inaugurée par les deux essais de Michel Picard : *La Lecture comme jeu* (1986) et *Lire le temps* (1989). Ce que Picard reproche aux chercheurs qui l'ont précédé, c'est d'analyser les lectures théoriques opérées par des lecteurs abstraits. Il est temps, selon lui, d'en finir avec ces lectures hypothétiques (qui, peut-être, n'ont jamais existé) pour étudier la seule lecture véritable: la lecture concrète du lecteur réel. A la différence du lecteur désincarné des modèles de Iser et d'Eco, le lecteur réel appréhende le texte avec son intelligence, ses désirs, sa culture, ses déterminations socio-historiques et son inconscient. C'est une perspective voisine – quoique plus psychanalytique – qui a été la nôtre dans *L'Effet-personnage dans le roman* (1992).

Ces différentes théories, auxquelles nous ne cesserons de nous référer, se veulent, pour la plupart, d'une portée générale et prétendent s'appliquer à l'ensemble du corps littéraire. Cependant, nombre d'effets de lecture étant liés à la linéarité de l'oeuvre, les chercheurs – sans négliger les autres genres – ont pris la grande majorité de leurs exemples dans le champ narratif. Nous les suivrons dans cette option.

“*A la recherche du temps perdu* est à la fois l’histoire d’une époque et l’histoire d’une conscience. Ce dédoublement et cette conjonction en font la profonde, la surprenante originalité, ce qui donne à l’oeuvre de Proust cet accent si particulier, si nouveau et à la fois si souhaité que Charles Du Bos la saluait comme une oeuvre ‘inespérée’. En effet, d’ordinaire, et plus particulièrement dans la coutume française, le romancier qui peint une société s’efface derrière sa peinture, ne marquant sa présence que par la couleur de celle-ci, et son relief ; et l’analyse du *moi*, comme un Constant, un Nerval, un Fromentin, ne décrit qu’indirectement, et par suggestions rapides, le cadre où ce *moi* évolue...Mais il y a plus. Par cet entrelacement de l’impression subjective et du jugement objectif, Marcel Proust ajoute ce qu’on pourrait appeler une troisième dimension à son tableau: la dimension du temps. En même temps qu’il raconte ce qui est vu (vision romanesque), il raconte comme il a été conduit à voir (vision subjective), et il raconte pourquoi il a été amené à décrire son temps (vision du mémorialiste). Enfin – quatrième dimension – il tire une leçon de portée générale de ces trois visions et de leurs rapports : il inclut, à la fin du Temps retrouvé, c’est-à-dire à la fin du roman lui-même, une esthétique très consciente, qui forme à la fois la justification de son oeuvre et la justification de sa vie. Telle est la syntèse puissante et singulière dont on va tâcher, dans cet ouvrage, d’analyser les éléments essentiels.

Ces quatre visions doivent toujours être présentes à l’esprit du lecteur qui veut bien entendre Proust: tous les contresens sur son oeuvre (ils abondent) proviennent de l’oubli de l’une ou de l’autre, ou du refus de les intégrer et de les organiser dans le jugement critique. Je n’en relèverai qu’un, pour le moment, à titre d’exemple: on a reproché à Proust la frivolité de ses intérêts, de ses passions et du monde qu’il décrit (...): c’est confondre l’approfondissement spirituel, intellectuel d’un objet, avec cet objet pris en lui même. La science choisit-elle ses champs d’investigation d’après leur plus ou moins de dignité ? Ce serait retomber dans les préjugés scolastiques. Ce qui nous importe, dans le cas de Marcel Proust, c’est qu’il ait su épuiser toute la substance sensible qu’il considérait, et l’ordonner toute entière à son intelligence ; c’est qu’il ait su mener son expérience jusqu’au bout il inclut, à la fin du Temps retrouvé, c’est-à-dire à

la fin du roman lui-même, une esthétique très consciente, qui forme à la fois la justification de son oeuvre et la justification de sa vie. Telle est la syntèse puissante et singulière dont on va tâcher, dans cet ouvrage, d'analyser les éléments essentiels.

Ces quatre visions doivent toujours être présentes à l'esprit du lecteur qui veut bien entendre Proust: tous les contresens sur son oeuvre (ils abondent) proviennent de l'oubli de l'une ou de l'autre, ou du refus de les intégrer et de les organiser dans le jugement critique. Je n'en relèverai qu'un, pour le moment, à titre d'exemple: on a reproché à Proust la frivolité de ses intérêts, de ses passions et du monde qu'il décrit.

B07. Letras 2007 - LEROY, Géraldi & BERTRAND-SAVIANI, Julie. **Les revenus des écrivains** – in : *La vie littéraire à la Belle Époque*. Paris, PUF, 1998, p.95-96)

Les livres de souvenirs et les correspondances des écrivains sont traversés d'innombrables récriminations visant leurs éditeurs . Ceux-ci sont harcelés d'exigences qu'ils ne veulent ou ne peuvent pas toujours satisfaire. Suggestions et réclamations se succèdent sur le choix du papier, sur la typographie à adopter, sur le format et la mise en page les plus souhaitables. Les coquilles particulièrement soulèvent la colère des auteurs qui ont l'impression que, par l'inattention des correcteurs, leur oeuvre ressort gravement défigurée. Les considérations commerciales interfèrent avec les considérations esthétiques. Les éditeurs se voient fréquemment accusés de différer exagérément la sortie des livres et de rater telles opportunités qui en auraient augmenté la diffusion; il leur est vivement reproché de ne pas se soucier de la publicité, de négliger l'approvisionnement des libraires, de tricher sur le calcul et le versement des droits d'auteur. Claudel, dont l'ouverture de l'esprit n'était pas la qualité la plus remarquable, prétendit même être en droit d'adresser des remontrances d'ordre moral à Gallimard: il jugeait intolérable d'être publié dans une maison qui éditait des pédérastes!

A l'égard de leur oeuvre, les auteurs entretiennent un rapport double. D'une part, ils se sont peu ou prou dépositaires de la vision romantique exaltant le travail artistique désintéressé. Ils sont toujours tentés de voir en leur éditeur un héritier de ces bourgeois de la Monarchie de Juillet indifférents aux considérations esthétiques, surtout préoccupés de l'avancement de leurs affaires. Devant la difficulté de se faire publier comme ils l'entendent, ils crient à l'incompréhension et au prosaïsme. Mais, en même temps, ils souhaitent normalement une rétribution qui récompense les ouvrages de l'esprit quand ceux-ci sont appréciés par le public. Le rapport avec l'éditeur est donc ambigu, oscillant entre la déclamation idéaliste et la discussion d'affaires. Si opposés que soient les intérêts des deux interlocuteurs, ils n'en sont pas moins solidaires: ils forment un couple parfois tumultueux mais dans une certaine mesure unis pour le meilleur et le pire. N'oubliez pas, écrivait Claude à Gallimard le 6 juillet 1921, 'que nous sommes liés par contrat perpétuel qui constitue entre nous une espèce de mariage'. Péguy, bien placé pour apprécier ce type de rapports, s'exaspérait de voir que les

candidats à la publication, en accablant unilatéralement les éditeurs, se refusaient à prendre en compte les contraintes du marché du livre. »

Anexo C - Classificação das traduções dos candidatos do exame de proficiência em francês da ECA em 2002 nas modalidades tradutórias de Aubert (1998).

01. Omissão, **02.** Transcrição, **03.** Empréstimo, **04.** Decalque, **05.** Tradução Literal, **06.** Transposição, **07.** Explicitação/Implicação, **08.** Modulação, **09.** Adaptação, **10.** Tradução Intersemiótica, **11.** Erro, **12.** Correção e **13.** Acréscimo

	Texto Original – trecho 1 13 palavras	Tradução
A1	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules à Siegfried, de Roland à Pantagruel passando por Peter Pan
A2	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [04.02] [04.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel, passando por Peter Pan
A3	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [04.02] [04.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hercule a Siegfried, de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan
A4	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [04.02] [04.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel, passando por Peter Pan
A5	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.05]	De Hércules a Siegfrid, de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan,
A6	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfrid, de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan,
A7	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfrid, de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan,
A8	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant	De Hércules à Siegfrid, de Roland à

	[02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	Pantagruel e passando por Peter Pan,
A9	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules à Siegfried, de Roland à Pantagruel e passando para Peter Pan,
A10	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules à Siegfried, de Roland à Pantagruel, passando por Peter Pan,
A11	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.11] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel, passando-se por Peter Pan,
A12	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan,
A13	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan,
A14	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan,
A15	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan,
A16	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan,
A17	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan,
A18	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules à Siegfried, de Roland à Pantagruel, passando por Peter Pan,
A19	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan,

A20	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan,
A21	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan,
A22	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02][05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel, passando por Peter Pan,
A23	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules à Siegfried, de Roland à Pantagruel, passando por Peter Pan,
A24	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.08] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel, passam por Peter Pan,
A25	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.11] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules a Siegfried, de Roland a Pantagruel, passando-se por Peter Pan,
A26	De Hercule à Siegfried, de Roland à Pantagruel [03.02] [05.05] en passant [02.06] par [01.05] Peter Pan [02.02]	De Hércules à Siegfried, de Roland à Pantagruel, passando por Peter Pan,
02= 133 05= 153 06= 46 08= 02 11= 04		total : 338

	Texto original – trecho 2	Tradução
	19 palavras	
A1	le héros [02.05] doué de [02.11] pouvoirs supérieurs [02.05] à ceux du [03.01] commun des mortels [03.05+06] est une constante [03.05] de l'[02.06+08] imagination populaire [02.05].	E a vista mais comum dos mortais que o herói deve possuir poderes superiores é uma constante na imaginação popular.
A2	le héros doué [03.08] de pouvoirs supérieurs [03.05] à [01.01] ceux du	Os heróis dotados de poderes superiores dos comuns mortais são uma constante na

	[02.06] commun [01.08] des mortels [02.06] est [01.08] une constante [02.05] de l' [02.06+08] imagination populaire [02.05].	imaginação popular.
A3	le héros [02.05] doué [01.11] de pouvoirs supérieurs [03.05] à ceux du [03.06] commun des mortels est une constante [06.05] de l' [02.06+08] imagination [01.08] populaire [01.05].	O herói detêm de poderes superiores ao comum dos mortais e essa é uma constante no imaginário popular.
A4	le héros doué [03.08] de pouvoirs supérieurs à ceux [05.05] du [01.08] commun [01.11] des mortels [02.01] est une constante [03.05] de l' [02.06] imagination populaire.[02.05]	Os heróis dotados de poderes superiores à aqueles dos pobres (comuns) é uma constante da imaginação popular.
A5	le héros doué [03.08] de pouvoirs supérieurs [03.05] à ceux [02.06] du commun [02.08] des mortels [02.06] est une constante [03.05] de l' [02.06] imagination populaire. [02.05]	Os heróis dotados de poderes superiores aos dos comuns mortais é uma (característica) constante da imaginação popular.
A6	le héros doué de pouvoirs supérieurs [06.05] à ceux [02.06] du commun des mortels est une constante [07.05] de l' [02.06+08] imagination populaire. [02.05]	O herói dotado de poderes superiores àqueles do comum dos mortais é uma constante na imaginação popular.
A7	Le héros doué de pouvoirs supérieurs [06.05] à ceux [02.06] du commun des mortels est une constante [07.05] de l' [02.06+08] imagination populaire.[02.05]	O herói dotado de poderes superiores aos do comum dos mortais é uma constante na imaginação popular.
A8	le héros doué de pouvoirs supérieurs [06.05] à ceux [02.06] du commun des mortels est une constante [07.05] de l' [02.06] imagination populaire.[02.05]	O herói dotado de poderes superiores àqueles do comum dos mortais é uma constante na imaginação popular
A9	le héros [02.08] doué de pouvoirs [03.11] supérieurs [01.08] à ceux	Os heróis possuem uma procedência superior, acima do normal, em relação aos mortais é

	[02.06] du commun [02.01] des mortels [02.06] est une constante [03.05] de l' [02.06+08] imagination populaire.[02.05]	uma constante na imaginação popular.
A10	le héros doué de [04.05] pouvoirs [01.11] supérieurs [01.08] à ceux du [03.06] commun des mortels est une constante [06.05] de l' [02.06] imagination populaire.[02.05]	O herói dotado de proveer (poderes) superdotados aos comum dos mortais é uma constante da imaginação popular.
A11	le héros doué [03.08] de [01.05] pouvoirs [01.08] supérieurs [01.05] à ceux du [03.06] commun [01.08] des mortels [02.05] est [01.08] une constante [02.05] de l' [02.06+08] imagination populaire. [02.05]	Os heróis dotados de qualidades superiores aos comuns dos mortais, são uma constante na imaginação popular.
A12	le héros doué de pouvoirs supérieurs [06.05] à ceux [02.06] du [01.08] commun des mortels [03.06+08] est une constante [03.05] de l' [02.06+08] imagination populaire.[02.05]	O herói dotado de poderes superiores aos dos mortais comuns, é uma constante na imaginação popular.
A13	le héros doué [03.08] de pouvoirs supérieurs [03.05] à ceux [02.06] du [01.01] commun [01.08] des mortels est une constante [05.05] de l' [02.06] imagination [01.08] populaire.[01.05]	Os heróis dotados de poderes superiores em relação aos comuns dos mortais é uma constante do imaginário popular.
A14	le héros doué de pouvoirs supérieurs [06.05] à ceux [02.06] du [01.08] commun des mortels [03.06+08] est une constante [03.05] de l' [02.06+08] imagination populaire. [02.05]	O herói dotado de poderes superiores aos dos mortais comuns é uma constante na imaginação popular.
A15	le héros doué [03.08] de pouvoirs supérieurs [03.05] à ceux [02.06] du [01.08] commun des mortels [03.06+08] est une constante [03.05] de l' [02.06] imagination populaire.[02.05]	Os heróis dotados de poderes superiores àqueles dos comuns mortais é uma constante da imaginação popular.

A16	le héros doué de pouvoirs supérieurs [06.05] à ceux [02.06+07] du [01.08] commun [01.08+06] des mortels [02.11] est une constante [03.05] de l' [02.06+08] imagination populaire. [02.05]	O herói dotado de poderes superiores aos poderes dos normais comuns é uma constante na imaginação popular.
A17	le héros [02.05] doué de [02.06+08] pouvoirs supérieurs [02.05] à ceux [02.01] du commun des mortels est une constante [07.05] de l' [02.06+08] imagination populaire [02.05].	O herói com poderes superiores acima do comum dos mortais é uma constante na imaginação popular.
A18	le héros doué [03.08] de pouvoirs supérieurs [03.05] à ceux [02.06] du [01.08] commun des mortels [03.06] est une constante [03.05] de l' [02.06] imagination populaire. [02.05]	Os heróis dotados de poderes superiores aos dos mortais comuns é uma contante da imaginação popular
A19	le héros doué de pouvoirs supérieurs [06.05] à ceux du [03.11] commun [01.05] des [01.08+06] mortels est une constante [04.05] de l' [02.06] imagination populaire. [02.05]	Que o herói dotado de poderes superiores tem algo em comum com os mortais é uma constante da imaginação popular.
A20	le héros doué de pouvoirs supérieurs [06.05] à ceux [02.06] du commun [02.08] des mortels [02.06] est une constante [03.05] de l' [02.06] imagination populaire. [02.05]	O herói dotado de poderes superiores aos dos comuns mortais é uma constante de imaginação popular.
A21	le héros doué de pouvoirs supérieurs à [07.05] ceux [01.11] du [01.01] commun des mortels est une constante [06.05] de l' [02.06+08] imagination populaire. [02.05]	O herói dotado de poderes superiores à média comum dos mortais é uma constante na imaginação popular.
A22	le héros doué de pouvoirs supérieurs [06.05] à ceux [02.06] du [01.05] commun des mortels [03.06+08] est une constante [03.05] de l' [02.06] imagination populaire. [02.05]	O herói, dotado de poderes superiores aos do mortal comum, é uma constante da imaginação popular.

A23	le héros doué de pouvoirs supérieurs [06.05] à ceux [02.06] du commun des mortels est une constante [07.05] de l' [02.06] imagination populaire.[02.05]	O herói dotado de poderes superiores àquele do comum dos mortais é uma constante (presença) da imaginação popular.
A24	le héros doué [03.08] de pouvoirs supérieurs [03.05] à [01.01] ceux du [02.06+08] commun des mortels est une constante [06.05] de l' [02.06] imagination populaire.[02.05]	Os heróis dotados de poderes superiores desses comuns dos mortais é uma constante da imaginação popular.
A25	le héros doué [03.08] de pouvoirs supérieurs [03.05] à ceux [02.06] du commun des mortels est une constante [07.05] de l' [02.06] imagination populaire.[02.05]	Os heróis dotados de poderes superiores àqueles do comum dos mortais é uma constante da imaginação popular.
A26	le héros doué [03.08] de pouvoirs supérieurs [03.05] à ceux [02.06] du commun [02.08+06] des mortels est une constante [05.05] de l' [02.06] imagination populaire.[02.05]	Os heróis dotados de poderes superiores aos comuns dos mortais é uma constante da imaginação popular.
05= 289 06= 127 08= 52		11= 14 01= 12 total: 494

	Texto original – trecho 3	Tradução
	22 palavras	
A1	Souvent, la [01.05] vertu [02.11] du héros [02.08] s'humanise [02.11] et ses pouvoirs [02.05] ultra-surnaturels [01.08] ne sont [01.11] que [02.06] la réalisation [02.01] parfaitement [01.08] aboutie d'un [03.08] pouvoir naturel [02.08]	Segundo a vertente dos heróis humanistas, seus poderes muito além do natural, não levam a perfeição se não forem complementados pelos poderes natos,
A2	Souvent, la vertu [03.05] du héros [02.08] s'humanise et ses pouvoirs ultra-surnaturels [06.05] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation parfaitement	Constantemente, a virtude dos heróis se humaniza e seus poderes ultra-sobrenaturais não são mais que a realização perfeitamente

	aboutie d'un pouvoir naturel [08.05]	resultante de um poder natural,
A3	Souvent [01.01], la vertu [02.08] du héros [02.05] s'humanise [02.08] et ses pouvoirs [03.05] ultra-surnaturels [01.08] ne sont que la réalisation parfaitement aboutie d'un pouvoir naturel [11.01]	_____, as virtudes do herói se humanizam e seus poderes sobrenaturais
A4	Souvent [01.11], la vertu [02.05] du héros [02.08] s'humanise et ses pouvoirs ultra-surnaturels [06.05] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation parfaitement [03.05] aboutie [01.11] d'un pouvoir naturel [04.05]	Sempre, a virtude dos heróis se humaniza, e seus poderes ultra sobrenaturais não são mais que a realização perfeitamente atingível de um poder natural,
A5	Souvent, [01.06] la vertu [02.05] du héros [02.08] s'humanise et ses pouvoirs ultra-surnaturels [06.05] ne sont [01.05] que [03.06] la réalisation parfaitement [03.05] aboutie [01.06] d'un pouvoir naturel [04.05]	Com muita frequência, a virtude dos heróis se humaniza, e os seus poderes ultra-sobrenaturais são somente a realização perfeitamente bem sucedida de um poder natural;
A6	Souvent,[01.06] la vertu du héros s'humanise et ses pouvoirs ultra-surnaturels [11.05] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation parfaitement [03.05] aboutie [01.01] d'un pouvoir naturel [04.05]	Muitas vezes, a virtude do herói se humaniza, e seus poderes ultra-sobrenaturais não são mais do que a realização perfeitamente ____ de um poder natural,
A7	Souvent, la vertu du héros s'humanise et ses pouvoirs ultra-surnaturels [11.05] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation parfaitement [03.05] aboutie d'un pouvoir naturel [04.05]	Frequentemente, a virtude do herói se humaniza, e seus poderes ultrasobrenaturais são somente a realização perfeitamente concluída de um poder natural,
A8	Souvent, la vertu du héros s'humanise et ses pouvoirs [10.05] ultra-surnaturels [01.08] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation parfaitement [06.05] aboutie [01.11] d'un pouvoir naturel [04.05]	Constantemente, a virtude do herói se humaniza, e seus poderes sobrenaturais não são que a realização perfeitamente contida de um poder natural,
A9	Souvent, la vertu [03.05] du héros [02.08] s'humanise [02.06] et [01.05] ses [01.08] pouvoirs [01.11] ultra-	Frequentemente a virtude dos heróis são humanizadas e sua procedência sobre natural não implica que realizações

	<p>surnaturels [01.08] ne sont que [03.11] la réalisation [02.08+06] parfaitement [01.08] aboutie d' un [03.08] pouvoir [01.01] naturel [01.05]</p>	<p>perfeitas tendem a uma ____ natural,</p>
A10	<p>Souvent, la vertu [03.05] du héros [02.08] s'humanise et ses pouvoirs [05.05] ultra-surnaturels [01.08] ne sont que [03.11] la réalisation parfaitement [03.05] aboutie [01.08] d'un pouvoir naturel [04.05]</p>	<p>Frequentemente a virtude dos heróis se humaniza e seus poderes sobre-naturais não estão que a realização perfeitamente resultar de um poder natural,</p>
A11	<p>Souvent, la vertu [03.05] du héros [02.08] s'humanise et [03.05] ses [01.11] pouvoirs [01.08] ultra-surnaturels [01.11] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation parfaitement aboutie d' un [06.05] pouvoir [01.08] naturel [01.05]</p>	<p>Frequentemente, a virtude dos heróis se humaniza, e essas qualidades supernaturais não são mais do que a realização perfeitamente resultante de uma qualidade natural,</p>
A12	<p>Souvent, la vertu du héros s'humanise et ses pouvoirs ultra-surnaturels [11.05] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation parfaitement [03.05] aboutie [01.06] d'un pouvoir naturel [04.05]</p>	<p>Frequentemente a virtude do herói se humaniza, e seus poderes ultrasobrenaturais são somente a realização perfeitamente bem-sucedida de um poder natural,</p>
A13	<p>Souvent, [01.06] la vertu [02.05] du héros [02.08] s' [01.05] humanise [01.08] et ses pouvoirs [03.05] ultra-surnaturels [01.11] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation parfaitement [03.05] aboutie [01.11] d'un pouvoir naturel [04.05]</p>	<p>Muitas vezes, a virtude dos heróis se humanizam e seus poderes ultranaturais não são mais que a realização perfeitamente dada de um poder natural:</p>
A14	<p>Souvent, la vertu du héros s'humanise et ses pouvoirs ultra-surnaturels [11.05] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation [02.05] parfaitement [01.08] aboutie [01.01] d'un pouvoir naturel [04.05]</p>	<p>Frequentemente, a virtude do herói se humaniza e seus poderes ultrasobrenaturais são apenas a realização perfeita de um poder natural,</p>
A15	<p>Souvent, [01.06] la vertu [02.05] du héros [02.08] s'humanise et ses pouvoirs [05.05] ultra-surnaturels [01.08] ne sont que [03.08+06] la [01.08] réalisation parfaitement [02.05]</p>	<p>Muitas vezes, a virtude dos heróis se humaniza e seus poderes sobrenaturais não passam de uma realização perfeitamente confinada de um poder natural,</p>

	aboutie [01.11] d'un pouvoir naturel [04.05]	
A16	Souvent, la vertu [03.05] du héros [02.08] s'humanise et ses pouvoirs ultra-surnaturels [06.05] ne sont [01.05] que [02.06] la [01.05] réalisation parfaitement [02.08+06] aboutie [01.01] d'un pouvoir naturel [04.05]	Frequentemente, a virtude dos heróis se humaniza e seus poderes ultra-sobrenaturais são apenas a expressão perfeita da realização de um poder natural,
A17	Souvent, la vertu du héros s'humanise et ses pouvoirs [10.05] ultra-surnaturels [01.08] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation parfaitement aboutie [04.01] d'un pouvoir [03.05] naturel [01.11]	Frequentemente a virtude do herói se humaniza e seus poderes sobrenaturais ligados a um poder natural, não são, na verdade, nada além de um poder humano como
A18	Souvent [01.11], la vertu [02.05] du héros [02.08] s' [01.05] humanise [01.08] et ses pouvoirs [03.05] ultra-surnaturels [01.08] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation parfaitement [03.05] aboutie [01.06] d'un pouvoir naturel [04.05]	Sempre a virtude dos heróis se humanizam e seus poderes sobrenaturais são somente a realização perfeitamente bem sucedida de um poder natural,
A19	Souvent, la vertu du héros s'humanise et ses pouvoirs ultra-surnaturels [11.05] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation parfaitement aboutie d'un pouvoir naturel [08.05]	Frequentemente a virtude /coragem do herói se humaniza, e seus poderes ultra-sobrenaturais não são nada mais que a realização perfeitamente resultante de um poder natural,
A20	Souvent, la [02.05] vertu [01.11] du héros s'humanise et ses pouvoirs [07.05] ultra-surnaturels [01.08] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation [02.05] parfaitement [01.08] aboutie d' [02.06+08] un pouvoir naturel [03.05]	Frequentemente a realidade do herói se humaniza e seus poderes acima do natural não são mais que a realização perfeita que leva a um poder natural,
A21	Souvent, la vertu du héros s'humanise et ses pouvoirs ultra-surnaturels [11.05] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation parfaitement [03.05] aboutie [01.06] d'un pouvoir naturel [04.05]	Frequentemente, a virtude do herói se humaniza, e seus poderes ultra-sobrenaturais não são mais que a realização perfeitamente bem-sucedida de um poder natural,
A22	Souvent, la vertu du héros s'humanise et ses pouvoirs [10.05] ultra-surnaturels	Frequentemente, a virtude do herói se humaniza e seus poderes sobrenaturais não

	[01.08] ne sont que [03.06+08] la [01.08] réalisation parfaitement [02.05] aboutie [01.06] d'un pouvoir naturel [04.05]	passam da realização perfeitamente bem sucedida de um poder natural,
A23	Souvent, la vertu du héros s'humanise et ses pouvoirs ultra-surnaturels [11.05] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation parfaitement aboutie d'un pouvoir naturel [08.05]	Frequentemente, a virtude do herói se humaniza, e seus poderes ultra-sobrenaturais não são mais que a realização perfeitamente conduzida de um poder natural,
A24	Souvent, la vertu [03.05] du héros [02.08] s'humanise [02.01] et ses pouvoirs ultra-surnaturels [04.05] ne sont [01.05] que [02.06] la réalisation [02.08+06] parfaitement [01.05] aboutie [01.11] d'un pouvoir naturel [04.05]	Frequentemente, a virtude dos heróis sobre humanos e seus poderes ultra-sobrenaturais são somente realizações perfeitamente levados de um poder natural,
A25	Souvent [01.11], la vertu [02.05] du héros [02.08] s'humanise et ses pouvoirs ultra-surnaturels [06.05] ne sont que [03.06] la [01.08] réalisation [01.05] parfaitement [01.01] aboutie [01.11] d'un pouvoir naturel [04.05]	Desta maneira, a virtude dos heróis se humaniza, e seus poderes ultra-sobrenaturais não passam de uma realização adaptada de um poder natural,
A26	Souvent, la vertu du héros s'humanise et ses pouvoirs [10.05] ultra-surnaturels [01.08] ne sont [01.05] que [02.06] la [01.05] réalisation parfaitement [02.06+08] aboutie [01.11] d'un pouvoir naturel [04.05]	Frequentemente, a virtude do herói se humaniza, e seus poderes sobrenaturais não são mais do que a perfeita realização continuada de um poder natural,
05 = 387 08 = 62 06 = 70		11 = 26 01 = 27 total: 572

	Texto original – trecho 4	Tradução
	28 palavras	
A1	la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière [07.05], voire [01.06] l'intelligence	A acústica, a rapidez, a habilidade guerreira; de fato a inteligência lógica e o

	[02.05] syllogistique [01.08] et le sens [03.05] de l' [02.06] observation [01.05] à l'[02.06] état pur [02.05] que [01.07] l'on [02.08] retrouve chez [02.08] Sherlock Holmes.[02.02]	senso de observação em seu estado puro (aguçado) nos faz ir ao encontro de Sherlock Holmes.
A2	la ruse, la rapidité, l'habileté [06.05] guerrière,[01.06] voire [01.01] l'intelligence syllogistique et le sens [06.05] de l'[02.06] observation [01.05] à l'[02.06] état pur que [03.05] l' on [02.06] retrouve chez [02.05] Sherlock Holmes.[02.02]	A astúcia, a velocidade, a habilidade de guerrear, a inteligência silogística e o senso da observação ao estado puro que nós encontramos em Sherlock Holmes.
A3	la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, voire l'intelligence syllogistique et le sens de l'observation à l'état pur que l'on retrouve chez Sherlock Holmes.[28.01]	
A4	la ruse, la rapidité, l'[05.05] habileté [01.11] guerrière,[01.05] voire [01.01] l'intelligence syllogistique et le sens [06.05] de l' [02.06] observation [01.05] à l'[02.06] état pur que [03.05] l'on retrouve [03.06+08] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A astúcia, a rapidez, a atividade guerreira, a inteligência silogística e o senso de observação no estado puro que podemos encontrar em Sherlock Holmes.
A5	La ruse, la rapidité, l'habileté guerrière,[07.05] voire [01.01] l'intelligence syllogistique et le sens [06.05] de l' [02.06] observation [01.05] à l' [02.06] état pur que [03.05] l'on [02.06] retrouve chez [02.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A astúcia, a rapidez, a habilidade guerreira, _____ e _____ a inteligência silogística e o senso de observação no seu estado puro que nós encontramos em Sherlock Holmes.
A6	La ruse, la rapidité, l'habileté guerrière,[07.05] voire [01.11] l' [01.07] intelligence syllogistique et le sens [05.05] de l'[02.06] observation [01.05] à l'[02.06] état pur que [03.05] l'on retrouve [03.06] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A sagacidade, a rapidez, a habilidade guerreira, à percepção com inteligência silógica e o senso de observação no estado puro que se encontra em Sherlock Holmes.

A7	la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, [07.05] voire [01.06] l'intelligence syllogistique et le sens [06.05] de l'[02.06] observation [01.05] à l'[02.06] état [01.05] pur [01.08] que [01.05] l'on retrouve [03.06] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A astúcia, a rapidez, a habilidade guerreira, e mesmo a inteligência silogística e o senso de observação em estado natural que encontramos em Sherlock Holmes.
A8	la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, [07.05] voire [01.11] l'intelligence [02.05] syllogistique [01.08] et le sens [03.05] de l'[02.06] observation [01.05] à l'[02.06] état pur que [03.05] l'on [02.06] retrouve chez [02.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A esperteza, a rapidez, a habilidade guerreira, ver a inteligência lógica e o senso de observação ao estado puro que a gente encontra em Sherlock Holmes.
A9	la ruse, la rapidité, l'habileté [06.05] guerrière, [01.06] voire [01.11] l' [01.08] intelligence [01.05] syllogistique [01.08] et [01.05] le sens de l'observation à l'état pur que l'on retrouve [13.11] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A astúcia, a rapidez, a habilidade de guerra, a visão da inteligência lógica e sua preocupação com todo o pano, senta-se com Sherlock Holmes. Obs do corretor: muito fraca!
A10	la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, [07.05] voire [01.11] l'intelligence [02.05] syllogistique [01.04] et le sens [03.05] de l'[02.06] observation [01.05] à l' [02.06] état pur que [03.05] l'on [02.06+08] retrouve chez [02.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A astúcia, a rapidez, a habilidade guerreira, olha a inteligência syllogística, e o sentido de observação a estado puro que nos reencontra em Sherlock Holmes.
A11	la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, [07.05] voire [01.01] l' [01.07] intelligence syllogistique et le sens [05.05] de l' [02.06] observation [01.05] à l' [02.06] état [01.08] pur [01.01] que [01.05] l'on [02.06+08] retrouve [01.11] chez [01.07] Sherlock Holmes. [02.02]	O artifício, a rapidez, a habilidade guerreira, inteligência silogística e o senso de observação à maneira que nos lembra Sherlock Holmes.
A12	la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, voire l'intelligence syllogistique et le sens [14.05] de l'[02.06] observation	A astúcia, a rapidez, a habilidade guerreira, até a inteligência silogística e o sentido de observação em estado puro, como o que se

	[01.05] à l' [02.06] état pur que [03.05] l'on retrouve [03.06] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]	encontra em Sherlock Holmes.
A13	la ruse, la rapidité, l'habileté [06.05] guerrière, [01.06] voire [01.11] l'intelligence syllogistique et le sens [06.05] de l' [02.06] observation [01.05] à l' [02.06] état pur que [03.05] l'on retrouve [03.06] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A astúcia, a rapidez, a habilidade para a guerra, vide a inteligência silogística e o senso de observação em estado puro, que encontramos em Sherlock Holmes.
A14	la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, [07.05] voire [01.06+08] l'intelligence syllogistique et le sens [06.05] de l' [02.06] observation [01.05] à l'[02.06] état pur que [03.05] l'on retrouve [] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A esperteza, a rapidez, a habilidade guerreira, ou mesmo a inteligência silogística e o senso de observação em estado puro que encontramos em Sherlock Holmes.
A15	la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, [07.05] voire [01.06] l'intelligence syllogistique et le sens [06.05] de l'[02.06] observation [01.05] à l' [02.06] état pur que [03.05] l'on retrouve [03.06] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A astúcia, a rapidez, a habilidade guerreira e até mesmo a inteligência silogística e o senso de observação em estado puro que encontramos em Sherlock Holmes.
A16	la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, [07.05] voire [01.01] l'intelligence [02.05] syllogistique [01.06] et le sens [03.05] de l'[02.06] observation [01.05] à l'[02.06] état pur que [03.05] l'on retrouve [03.06] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A astúcia, a rapidez, a habilidade guerreira, _____ a inteligência de silogismo e o sentido de observação no estado puro que se encontra em Sherlock Holmes.
A17	la ruse, la rapidité, l'habileté [06.05] guerrière, [01.06] voire [01.01] l'[01.05] intelligence syllogistique [02.08] et le sens [03.05] de l'[02.06] observation [01.05] à l'[02.06] état pur [02.05] que [01.06] l'on [02.08] retrouve [01.11] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A astúcia, a rapidez, a habilidade de guerrear, a capacidade logística e o senso de observação – que em estado puro, nos remete, nos reporta, a Sherlock Holmes.

A18	la ruse, la rapidité, l'habileté [06.05] guerrière, [01.06] voire [01.01] l'intelligence syllogistique et le sens [06.05] de l' [02.06] observation [01.05] à l'[02.06] état [01.05] pur [01.11] que [01.05] l'on [02.06] retrouve [01.11] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A astúcia, a rapidez, a habilidade (bélica) de guerreiro, a inteligência silogística e o senso de observação ao estado para que nós voltemos à Sherlock Holmes.
A19	la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, [07.05] voire [01.06] l'intelligence syllogistique et le sens [06.05] de l'[02.06] observation [01.05] à l'[02.06] état pur [02.05] que [02.06] l'on retrouve [03.06+08] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A astúcia, a rapidez, a habilidade guerreira, na verdade a inteligência silogística e o senso de observação em seu estado puro, tal qual verificamos em Sherlock Holmes.
A20	la ruse,[02.05] la [01.07] rapidité, [01.05] l'[01.07] habileté guerrière, [02.05] voire [01.06] l'intelligence syllogistique et le sens [06.05] de l'[02.06] observation [01.05] à l'[02.06] état [01.08] pur [01.11] que [01.05] l'on retrouve [03.06+08] chez [01.07] Sherlock Holmes. [02.02]	A esperteza, rapidez, habilidade guerreira, até mesmo a inteligência silogística e o senso de observação ao modo de ser que se reencontra Sherlock Holmes.
A21	la ruse, la rapidité, l'habileté [06.05] guerrière,[01.06+08] voire [01.01] l'intelligence syllogistique et le sens [06.05] de l' [02.06] observation [01.05] à l' [02.06] état pur que [03.05] l'on [02.08] retrouve [01.11] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A astúcia, a rapidez, a habilidade para a luta, a inteligência silogística e o senso de observação em estado puro que nos remetem a Sherlock Holmes.
A22	la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, [07.05] voire [01.06] l' [01.05] intelligence syllogistique [02.08] et le sens [03.05] de l' [02.06] observation [01.05] à l' [02.06] état pur [02.06+05] que [01.05] l'on retrouve [03.06] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]	A astúcia, a velocidade, a habilidade guerreira, como acontece com a capacidade dedutiva e o senso de observação que encontramos em seu estado mais puro em Sherlock Holmes.
A23	la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, [07.05] voire [01.11] l'intelligence	A esperteza, a rapidez, a habilidade guerreira, ver a inteligência silogística e o

	<p>sylogistique et le sens [06.05] de l' [02.06] observation [01.05] à l' [02.06] état pur que [03.05] l'on [02.06] retrouve [01.08] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]</p>	<p>senso de observação ao estado puro que a gente reencontra (acha) em Sherlock Holmes.</p>
A24	<p>la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, [07.05] voire [01.11] l'intelligence syllogistique et le sens [06.05] de l' [02.06] observation [01.05] à l'état pur que [05.01] l'on retrouve [03.11] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]</p>	<p>A astúcia, a rapidez, a habilidade guerreira, vejo a inteligência silogística e o sentido de de observação retrabalhou-se em Sherlock Holmes.</p>
A25	<p>la ruse, la rapidité, l'habileté guerrière, [07.05] voire [01.06] l'intelligence syllogistique et le sens [06.05] de l' [01.06] observation [01.05] à l' [02.06] état pur que [03.05] l'on retrouve [03.06] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]</p>	<p>A esperteza, a rapidez, a habilidade guerreira, e mesmo a inteligência silogística e o senso de observação em estado puro que encontramos em Sherlock Holmes.</p>
A26	<p>la ruse, la rapidité, l'habileté [06.05] guerrière, [01.06] voire [01.11] l'intelligence [02.05] syllogistique [01.08] et le sens [03.05] de l' [02.06] observation [01.05] à l'état pur [04.01] que [01.05] l'on [02.08] retrouve [01.05] chez [01.05] Sherlock Holmes. [02.02]</p>	<p>A astúcia, a rapidez, a habilidade de guerriar, ver a inteligência de argumentação e o senso de observação são situações para que nos encontremos em Sherlock Holmes.</p>
<p>01 = 46 02 = 50 04 = 01 05 = 411 06 = 161 07 = 7 08 = 20 11 = 32 total = 728</p>		

Anexo D. *WordList* dos trechos originais

		WordSmith Tools			
Total		0	0	0	0
Max		0	0	0	0
Min		0	0	0	0
Mean		0	0	0	0
Sd.		0	0	0	0
1/8		0,9526	0,9526	0,0021	0,0021
2/8		0,0268	0,0268	0,8351	0,8351
3/8		0,0103	0,0103	0,0701	0,0701
4/8		0,0021	0,0021	0,0289	0,0289
5/8		0,0062	0,0062	0,0227	0,0227
6/8		0	0	0,0186	0,0186
7/8		0	0	0,0165	0,0165
8/8		0	0	0	0

N	Word	Freq.	%	Texts	%	Lemmas
1	DE	54	5,3254	7	100	
2	L	32	3,1558	6	85,714	
3	À	31	3,0572	6	85,714	
4	LA	30	2,9586	7	100	
5	LES	22	2,1696	5	71,429	
6	DU	18	1,7751	5	71,429	
7	LE	18	1,7751	5	71,429	
8	UN	18	1,7751	6	85,714	
9	ET	17	1,6765	7	100	
10	QUE	14	1,3807	5	71,429	
11	DES	13	1,2821	6	85,714	
12	EN	13	1,2821	6	85,714	
13	D	12	1,1834	6	85,714	
14	EST	11	1,0848	5	71,429	
15	UNE	11	1,0848	6	85,714	
16	IL	10	0,9862	5	71,429	
17	OU	10	0,9862	6	85,714	
18	POUR	10	0,9862	5	71,429	
19	DANS	9	0,8876	5	71,429	
20	NE	9	0,8876	5	71,429	
21	QU	9	0,8876	4	57,143	
22	ON	8	0,789	4	57,143	
23	QUI	7	0,6903	3	42,857	
24	BIENS	6	0,5917	1	14,286	
25	CES	6	0,5917	4	57,143	
26	ILS	6	0,5917	3	42,857	
27	MAIS	6	0,5917	4	57,143	
28	PAR	6	0,5917	4	57,143	
29	PAS	6	0,5917	4	57,143	
30	SE	6	0,5917	3	42,857	

31	SONT	6	0,5917	4 57,143
32	AUTRE	5	0,4931	3 42,857
33	C	5	0,4931	3 42,857
34	N	5	0,4931	4 57,143
35	OEUVRE	5	0,4931	3 42,857
36	S	5	0,4931	3 42,857
37	SUR	5	0,4931	4 57,143
38	A	4	0,3945	4 57,143
39	ANALYSER	4	0,3945	3 42,857
40	COMME	4	0,3945	2 28,571
41	DISCOURS	4	0,3945	2 28,571
42	PEU	4	0,3945	4 57,143
43	PEUT	4	0,3945	2 28,571
44	SES	4	0,3945	3 42,857
45	SI	4	0,3945	3 42,857
46	SON	4	0,3945	2 28,571
47	VOUS	4	0,3945	1 14,286
48	#	3	0,2959	2 28,571
49	AU	3	0,2959	2 28,571
50	DONC	3	0,2959	2 28,571
51	ESPACE	3	0,2959	2 28,571
52	ÊTRE	3	0,2959	3 42,857
53	FAUDRA	3	0,2959	1 14,286
54	FIN	3	0,2959	2 28,571
55	GENRE	3	0,2959	1 14,286
56	LANGAGE	3	0,2959	2 28,571
57	LEUR	3	0,2959	2 28,571
58	LITTÉRAIRE	3	0,2959	3 42,857
59	MOINS	3	0,2959	3 42,857
60	OEUVRES	3	0,2959	1 14,286
61	OÙ	3	0,2959	2 28,571
62	TOUJOURS	3	0,2959	3 42,857
63	ADAPTATEURS	2	0,1972	1 14,286
64	ARTISTIQUE	2	0,1972	2 28,571
65	AVEC	2	0,1972	2 28,571
66	BIEN	2	0,1972	2 28,571
67	CE	2	0,1972	2 28,571
68	CELUI	2	0,1972	1 14,286
69	CEUX	2	0,1972	2 28,571
70	CHAÎNES	2	0,1972	1 14,286
71	CHEZ	2	0,1972	2 28,571
72	COMPRENDRE	2	0,1972	1 14,286
73	COUPLE	2	0,1972	2 28,571
74	DÉCODEUR	2	0,1972	1 14,286
75	DÈS	2	0,1972	2 28,571
76	DOIT	2	0,1972	2 28,571
77	DONT	2	0,1972	2 28,571
78	DROIT	2	0,1972	1 14,286
79	D'UN	2	0,1972	1 14,286
80	ÉGALEMENT	2	0,1972	1 14,286
81	ESPRIT	2	0,1972	2 28,571
82	ESTHÉTIQUES	2	0,1972	2 28,571
83	HÉROS	2	0,1972	1 14,286

84	JUSTIFICATION	2	0,1972	1 14,286
85	LECTEUR	2	0,1972	2 28,571
86	LUI	2	0,1972	2 28,571
87	MÊME	2	0,1972	2 28,571
88	MOMENT	2	0,1972	2 28,571
89	NUMÉRIQUE	2	0,1972	1 14,286
90	NUMÉRIQUES	2	0,1972	1 14,286
91	OUTILS	2	0,1972	1 14,286
92	PARLE	2	0,1972	1 14,286
93	PART	2	0,1972	2 28,571
94	PLUS	2	0,1972	2 28,571
95	POLITIQUE	2	0,1972	1 14,286
96	POUVOIRS	2	0,1972	1 14,286
97	PRENDRE	2	0,1972	2 28,571
98	PRÉSENCE	2	0,1972	1 14,286
99	PROUST	2	0,1972	1 14,286
100	SEPTEMBRE	2	0,1972	1 14,286
101	SERVICE	2	0,1972	2 28,571
102	TÉLÉVISEURS	2	0,1972	1 14,286
103	TERRITOIRE	2	0,1972	1 14,286
104	TEXTES	2	0,1972	2 28,571
105	TRAVAIL	2	0,1972	2 28,571
106	ABONDENT	1	0,0986	1 14,286
107	ABOUTIE	1	0,0986	1 14,286
108	ABSTRAIT	1	0,0986	1 14,286
109	ACCEPTER	1	0,0986	1 14,286
110	ACQUÉRIR	1	0,0986	1 14,286
111	ADAPTATEUR	1	0,0986	1 14,286
112	ADAPTÉS	1	0,0986	1 14,286
113	AFFAIRES	1	0,0986	1 14,286
114	AGENCEMENT	1	0,0986	1 14,286
115	AGIR	1	0,0986	1 14,286
116	AGISSANTE	1	0,0986	1 14,286
117	AILLEURS	1	0,0986	1 14,286
118	AINSI	1	0,0986	1 14,286
119	ALLOCUTAIRE	1	0,0986	1 14,286
120	ANALOGIQUE	1	0,0986	1 14,286
121	ANALOGIQUES	1	0,0986	1 14,286
122	ANALYSTE	1	0,0986	1 14,286
123	ANCIENS	1	0,0986	1 14,286
124	APPLICATION	1	0,0986	1 14,286
125	ARTISANS	1	0,0986	1 14,286
126	ARTISTES	1	0,0986	1 14,286
127	ASSOCIÉS	1	0,0986	1 14,286
128	ATTENDRE	1	0,0986	1 14,286
129	ATTENTION	1	0,0986	1 14,286
130	AURAIT	1	0,0986	1 14,286
131	AUSSI	1	0,0986	1 14,286
132	AUTEUR	1	0,0986	1 14,286
133	AUTEURS	1	0,0986	1 14,286
134	AUTRES	1	0,0986	1 14,286
135	AUTRUI	1	0,0986	1 14,286
136	AUX	1	0,0986	1 14,286

137	AVANCEMENT	1	0,0986	1 14,286
138	AVENIR	1	0,0986	1 14,286
139	BASE	1	0,0986	1 14,286
140	BESOIN	1	0,0986	1 14,286
141	BONNE	1	0,0986	1 14,286
142	BONTÉ	1	0,0986	1 14,286
143	BOUAN	1	0,0986	1 14,286
144	BOURGEOIS	1	0,0986	1 14,286
145	BRANCHER	1	0,0986	1 14,286
146	CAFÉ	1	0,0986	1 14,286
147	CAPTER	1	0,0986	1 14,286
148	CASSE	1	0,0986	1 14,286
149	CENSÉMENT	1	0,0986	1 14,286
150	CEPENDANT	1	0,0986	1 14,286
151	CERTAINE	1	0,0986	1 14,286
152	CET	1	0,0986	1 14,286
153	CETTE	1	0,0986	1 14,286
154	CHAÎNE	1	0,0986	1 14,286
155	CHAMP	1	0,0986	1 14,286
156	CHEF	1	0,0986	1 14,286
157	CHORÉGRAPHIQUE	1	0,0986	1 14,286
158	CIRCULER	1	0,0986	1 14,286
159	CLAIRE	1	0,0986	1 14,286
160	COMBATTENT	1	0,0986	1 14,286
161	COMMERCIALISERA	1	0,0986	1 14,286
162	COMMUN	1	0,0986	1 14,286
163	COMMUNS	1	0,0986	1 14,286
164	COMPARE	1	0,0986	1 14,286
165	COMPTE	1	0,0986	1 14,286
166	CONSCIENTE	1	0,0986	1 14,286
167	CONSIDÉRATIONS	1	0,0986	1 14,286
168	CONSIDÉRER	1	0,0986	1 14,286
169	CONSTANTE	1	0,0986	1 14,286
170	CONSULTATION	1	0,0986	1 14,286
171	CONTRESENS	1	0,0986	1 14,286
172	CONVIENT	1	0,0986	1 14,286
173	CORPUS	1	0,0986	1 14,286
174	COURS	1	0,0986	1 14,286
175	CRÉATION	1	0,0986	1 14,286
176	CRITIQUE	1	0,0986	1 14,286
177	CRITIQUES	1	0,0986	1 14,286
178	CULPABILITÉ	1	0,0986	1 14,286
179	CULTURELS	1	0,0986	1 14,286
180	DÉBAT	1	0,0986	1 14,286
181	DÉCODEURS	1	0,0986	1 14,286
182	DÉFAIRE	1	0,0986	1 14,286
183	DÉGAGER	1	0,0986	1 14,286
184	DÉLIMITE	1	0,0986	1 14,286
185	DÉPLACENT	1	0,0986	1 14,286
186	DÉPORTENT	1	0,0986	1 14,286
187	DÉPOSITAIRES	1	0,0986	1 14,286
188	DEPUIS	1	0,0986	1 14,286
189	DÉSINTÉRESSÉ	1	0,0986	1 14,286

190	DEUX	1	0,0986	1 14,286
191	DÉVOILENT	1	0,0986	1 14,286
192	DEVRAIENT	1	0,0986	1 14,286
193	DIFFUSEURS	1	0,0986	1 14,286
194	DIRE	1	0,0986	1 14,286
195	DIRECTEUR	1	0,0986	1 14,286
196	DISCOURSIF	1	0,0986	1 14,286
197	DISCRIMINATIONS	1	0,0986	1 14,286
198	DISPOSE	1	0,0986	1 14,286
199	DISPOSER	1	0,0986	1 14,286
200	DITS	1	0,0986	1 14,286
201	DOIVENT	1	0,0986	1 14,286
202	DOUBLE	1	0,0986	1 14,286
203	DOUÉ	1	0,0986	1 14,286
204	DUBOS	1	0,0986	1 14,286
205	DVD	1	0,0986	1 14,286
206	ÉCLAIRER	1	0,0986	1 14,286
207	ÉCOLE	1	0,0986	1 14,286
208	ÉCRIVAIN	1	0,0986	1 14,286
209	ÉDITEUR	1	0,0986	1 14,286
210	EFFET	1	0,0986	1 14,286
211	ÉGALITÉ	1	0,0986	1 14,286
212	ÉGARD	1	0,0986	1 14,286
213	ÉLABORÉS	1	0,0986	1 14,286
214	ÉLÉMENTS	1	0,0986	1 14,286
215	ELLES	1	0,0986	1 14,286
216	ÉMETTEUR	1	0,0986	1 14,286
217	ÉNONCÉ	1	0,0986	1 14,286
218	ENREGISTREURS	1	0,0986	1 14,286
219	ENREGISTREZ	1	0,0986	1 14,286
220	ENTENDRE	1	0,0986	1 14,286
221	ENTRE	1	0,0986	1 14,286
222	ENTRER	1	0,0986	1 14,286
223	ENTRETIENNENT	1	0,0986	1 14,286
224	ESSENTIELS	1	0,0986	1 14,286
225	ESTHÉTIQUE	1	0,0986	1 14,286
226	ÉTAT	1	0,0986	1 14,286
227	ÉTEINDRE	1	0,0986	1 14,286
228	ÉTUDE	1	0,0986	1 14,286
229	ÉTUDES	1	0,0986	1 14,286
230	EXALTANT	1	0,0986	1 14,286
231	EXARCEBÉ	1	0,0986	1 14,286
232	EXEMPLE	1	0,0986	1 14,286
233	EXHORTENT	1	0,0986	1 14,286
234	EXIGENT	1	0,0986	1 14,286
235	EXTIME	1	0,0986	1 14,286
236	EXTRAIRE	1	0,0986	1 14,286
237	FAIBLE	1	0,0986	1 14,286
238	FAIRE	1	0,0986	1 14,286
239	FAUT	1	0,0986	1 14,286
240	FIGURATIF	1	0,0986	1 14,286
241	FINALITÉ	1	0,0986	1 14,286
242	FOIS	1	0,0986	1 14,286

243	FONT	1	0,0986	1 14,286
244	FORCER	1	0,0986	1 14,286
245	FORME	1	0,0986	1 14,286
246	FORMÉ	1	0,0986	1 14,286
247	FORMENT	1	0,0986	1 14,286
248	FORT	1	0,0986	1 14,286
249	FOURNI	1	0,0986	1 14,286
250	FRIVOLITÉ	1	0,0986	1 14,286
251	GAMME	1	0,0986	1 14,286
252	GRATUITES	1	0,0986	1 14,286
253	GUERRIÈRE	1	0,0986	1 14,286
254	HABILETÉ	1	0,0986	1 14,286
255	HASARD	1	0,0986	1 14,286
256	HERCULE	1	0,0986	1 14,286
257	HÉRITIER	1	0,0986	1 14,286
258	HOMMES	1	0,0986	1 14,286
259	HÔPITAL	1	0,0986	1 14,286
260	HUBERT	1	0,0986	1 14,286
261	HUMANISE	1	0,0986	1 14,286
262	IDENTITÉS	1	0,0986	1 14,286
263	IMAGINATION	1	0,0986	1 14,286
264	IMMATÉRIEL	1	0,0986	1 14,286
265	IMPORTANCE	1	0,0986	1 14,286
266	INCLUT	1	0,0986	1 14,286
267	INDIFFÉRENTS	1	0,0986	1 14,286
268	INDUSTRIELS	1	0,0986	1 14,286
269	INFLUENCE	1	0,0986	1 14,286
270	INSCRIRE	1	0,0986	1 14,286
271	INSPIRATION	1	0,0986	1 14,286
272	INSTRUMENTS	1	0,0986	1 14,286
273	INTÉGRER	1	0,0986	1 14,286
274	INTÉGRÉS	1	0,0986	1 14,286
275	INTELLECTUELLE	1	0,0986	1 14,286
276	INTELLIGENCE	1	0,0986	1 14,286
277	INTERACTION	1	0,0986	1 14,286
278	INTERÊTS	1	0,0986	1 14,286
279	INTÉRÊTS	1	0,0986	1 14,286
280	INTERLOCUTEURS	1	0,0986	1 14,286
281	INTIME	1	0,0986	1 14,286
282	JE	1	0,0986	1 14,286
283	JOUIR	1	0,0986	1 14,286
284	JUBILATION	1	0,0986	1 14,286
285	JUGEMENT	1	0,0986	1 14,286
286	JUILLET	1	0,0986	1 14,286
287	LÀ	1	0,0986	1 14,286
288	LANCÉES	1	0,0986	1 14,286
289	LANGUE	1	0,0986	1 14,286
290	LEURS	1	0,0986	1 14,286
291	LIBERTÉ	1	0,0986	1 14,286
292	LIEU	1	0,0986	1 14,286
293	LIEUX	1	0,0986	1 14,286
294	LOCUTEUR	1	0,0986	1 14,286
295	L'OFFRE	1	0,0986	1 14,286

296	LORS	1	0,0986	1 14,286
297	MANQUER	1	0,0986	1 14,286
298	MARKETING	1	0,0986	1 14,286
299	MARS	1	0,0986	1 14,286
300	MÉDICALE	1	0,0986	1 14,286
301	MEILLEUR	1	0,0986	1 14,286
302	MESURE	1	0,0986	1 14,286
303	MÉTAMORPHOSES	1	0,0986	1 14,286
304	MÉTHODE	1	0,0986	1 14,286
305	METTENT	1	0,0986	1 14,286
306	METTRE	1	0,0986	1 14,286
307	MIEUX	1	0,0986	1 14,286
308	MILITANTS	1	0,0986	1 14,286
309	MODESTES	1	0,0986	1 14,286
310	MOIS	1	0,0986	1 14,286
311	MONARCHIE	1	0,0986	1 14,286
312	MONDE	1	0,0986	1 14,286
313	MORALE	1	0,0986	1 14,286
314	MORTELS	1	0,0986	1 14,286
315	MOURIR	1	0,0986	1 14,286
316	MOUVEMENT	1	0,0986	1 14,286
317	MUE	1	0,0986	1 14,286
318	MUSICALE	1	0,0986	1 14,286
319	MUTUELLE	1	0,0986	1 14,286
320	NAISSENT	1	0,0986	1 14,286
321	NATUREL	1	0,0986	1 14,286
322	N'AUREZ	1	0,0986	1 14,286
323	NI	1	0,0986	1 14,286
324	NOURRIR	1	0,0986	1 14,286
325	NOURRISENT	1	0,0986	1 14,286
326	NOUVELLE	1	0,0986	1 14,286
327	NOUVELLES	1	0,0986	1 14,286
328	NUL	1	0,0986	1 14,286
329	OBSERVATION	1	0,0986	1 14,286
330	OPPOSÉS	1	0,0986	1 14,286
331	ORGANISER	1	0,0986	1 14,286
332	OUBLI	1	0,0986	1 14,286
333	OUVRAGE	1	0,0986	1 14,286
334	OUVRANT	1	0,0986	1 14,286
335	PAN	1	0,0986	1 14,286
336	PANTAGRUEL	1	0,0986	1 14,286
337	PARAÎTRE	1	0,0986	1 14,286
338	PARFAITEMENT	1	0,0986	1 14,286
339	PARFOIS	1	0,0986	1 14,286
340	PARLER	1	0,0986	1 14,286
341	PASSANT	1	0,0986	1 14,286
342	PASSÉ	1	0,0986	1 14,286
343	PASSEURS	1	0,0986	1 14,286
344	PASSION	1	0,0986	1 14,286
345	PASSIONS	1	0,0986	1 14,286
346	PAYANTES	1	0,0986	1 14,286
347	PENDANT	1	0,0986	1 14,286
348	PENSER	1	0,0986	1 14,286

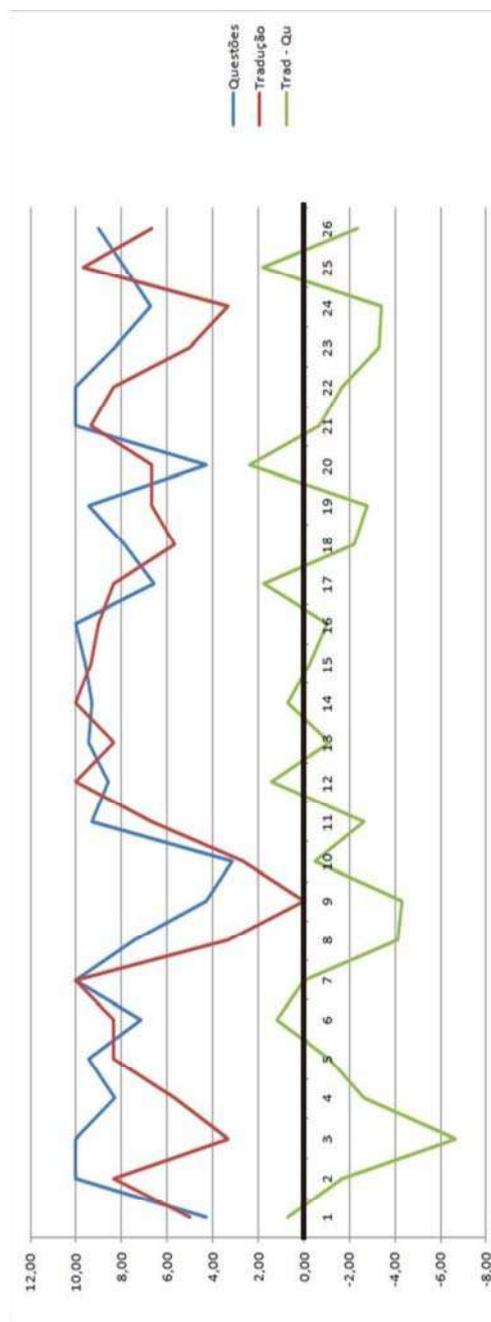
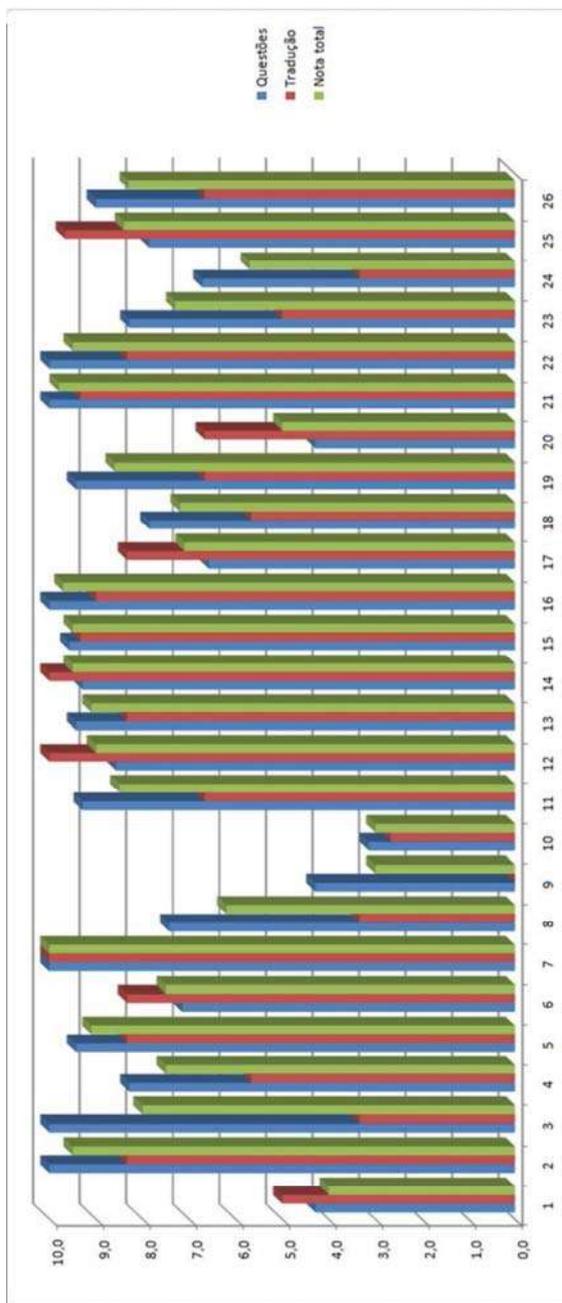
349	PÉRITEL	1	0,0986	1	14,286
350	PERMETTANT	1	0,0986	1	14,286
351	PERMETTRA	1	0,0986	1	14,286
352	PERMETTRONT	1	0,0986	1	14,286
353	PETER	1	0,0986	1	14,286
354	PEUVENT	1	0,0986	1	14,286
355	PHÉNOMÈNE	1	0,0986	1	14,286
356	PHILIPS	1	0,0986	1	14,286
357	PHOTOGRAPHIQUE	1	0,0986	1	14,286
358	POPULAIRE	1	0,0986	1	14,286
359	PORTE	1	0,0986	1	14,286
360	POURREZ	1	0,0986	1	14,286
361	POURTANT	1	0,0986	1	14,286
362	POUVOIR	1	0,0986	1	14,286
363	PRAGMATIQUE	1	0,0986	1	14,286
364	PRAGMATIQUES	1	0,0986	1	14,286
365	PRÉOCCUPÉS	1	0,0986	1	14,286
366	PRÈS	1	0,0986	1	14,286
367	PRÉSENT	1	0,0986	1	14,286
368	PRÉSENTES	1	0,0986	1	14,286
369	PRESTIGE	1	0,0986	1	14,286
370	PRISE	1	0,0986	1	14,286
371	PRISON	1	0,0986	1	14,286
372	PROBLEMATIQUES	1	0,0986	1	14,286
373	PRODUIRE	1	0,0986	1	14,286
374	PRODUIT	1	0,0986	1	14,286
375	PROFESSIONNELLE	1	0,0986	1	14,286
376	PROPOSENT	1	0,0986	1	14,286
377	PROPOSER	1	0,0986	1	14,286
378	PROU	1	0,0986	1	14,286
379	PROVIENNENT	1	0,0986	1	14,286
380	PUBLIC	1	0,0986	1	14,286
381	PUISSANTE	1	0,0986	1	14,286
382	PUR	1	0,0986	1	14,286
383	QUALITÉ	1	0,0986	1	14,286
384	QUATRES	1	0,0986	1	14,286
385	QUEL	1	0,0986	1	14,286
386	QUOTIDIEN	1	0,0986	1	14,286
387	QU'UN	1	0,0986	1	14,286
388	RAISONS	1	0,0986	1	14,286
389	RAPIDITÉ	1	0,0986	1	14,286
390	RAPPORT	1	0,0986	1	14,286
391	RATIONNEL	1	0,0986	1	14,286
392	RATTACHER	1	0,0986	1	14,286
393	RÉALISATION	1	0,0986	1	14,286
394	RÉDUIRE	1	0,0986	1	14,286
395	RÉFÉRENCE	1	0,0986	1	14,286
396	REFUS	1	0,0986	1	14,286
397	REGARDER	1	0,0986	1	14,286
398	RELÂCHE	1	0,0986	1	14,286
399	RELATION	1	0,0986	1	14,286
400	RELÈVERAI	1	0,0986	1	14,286
401	RENSEIGNER	1	0,0986	1	14,286

402	REPROCHÉ	1	0,0986	1 14,286
403	RESSORT	1	0,0986	1 14,286
404	RETROUVE	1	0,0986	1 14,286
405	RETROUVÉ	1	0,0986	1 14,286
406	REVANCHE	1	0,0986	1 14,286
407	ROLAND	1	0,0986	1 14,286
408	ROMAN	1	0,0986	1 14,286
409	ROMANTIQUE	1	0,0986	1 14,286
410	RUSE	1	0,0986	1 14,286
411	SA	1	0,0986	1 14,286
412	SAGEM	1	0,0986	1 14,286
413	SANS	1	0,0986	1 14,286
414	SCIENCES	1	0,0986	1 14,286
415	SCIENTIFIQUE	1	0,0986	1 14,286
416	SCIENTIFIQUES	1	0,0986	1 14,286
417	SECOND	1	0,0986	1 14,286
418	SECTEUR	1	0,0986	1 14,286
419	S'ÉLARGISSE	1	0,0986	1 14,286
420	SELON	1	0,0986	1 14,286
421	SEMESTRE	1	0,0986	1 14,286
422	SENS	1	0,0986	1 14,286
423	SENSIBLE	1	0,0986	1 14,286
424	SENSORIEL	1	0,0986	1 14,286
425	S'ÉQUIPER	1	0,0986	1 14,286
426	SERA	1	0,0986	1 14,286
427	SERT	1	0,0986	1 14,286
428	SEULE	1	0,0986	1 14,286
429	SEULEMENT	1	0,0986	1 14,286
430	SHERLOCK	1	0,0986	1 14,286
431	SIEGFRIED	1	0,0986	1 14,286
432	SINGULIÈRE	1	0,0986	1 14,286
433	SOCIAL	1	0,0986	1 14,286
434	SOCIAUX	1	0,0986	1 14,286
435	SOIENT	1	0,0986	1 14,286
436	SOIN	1	0,0986	1 14,286
437	SOIT	1	0,0986	1 14,286
438	SOLIDAIRES	1	0,0986	1 14,286
439	SORTIR	1	0,0986	1 14,286
440	SOUVENT	1	0,0986	1 14,286
441	STRUCTURE	1	0,0986	1 14,286
442	STUDIO	1	0,0986	1 14,286
443	STYLISTIQUE	1	0,0986	1 14,286
444	SUPÉRIEURS	1	0,0986	1 14,286
445	SURNATURELS	1	0,0986	1 14,286
446	SURTOUT	1	0,0986	1 14,286
447	SYLLOGISTIQUE	1	0,0986	1 14,286
448	SYNTÈSE	1	0,0986	1 14,286
449	TÂCHER	1	0,0986	1 14,286
450	TÉLÉ	1	0,0986	1 14,286
451	TÉLÉS	1	0,0986	1 14,286
452	TÉLÉVISÉ	1	0,0986	1 14,286
453	TÉLÉVISEUR	1	0,0986	1 14,286
454	TÉLÉVISION	1	0,0986	1 14,286

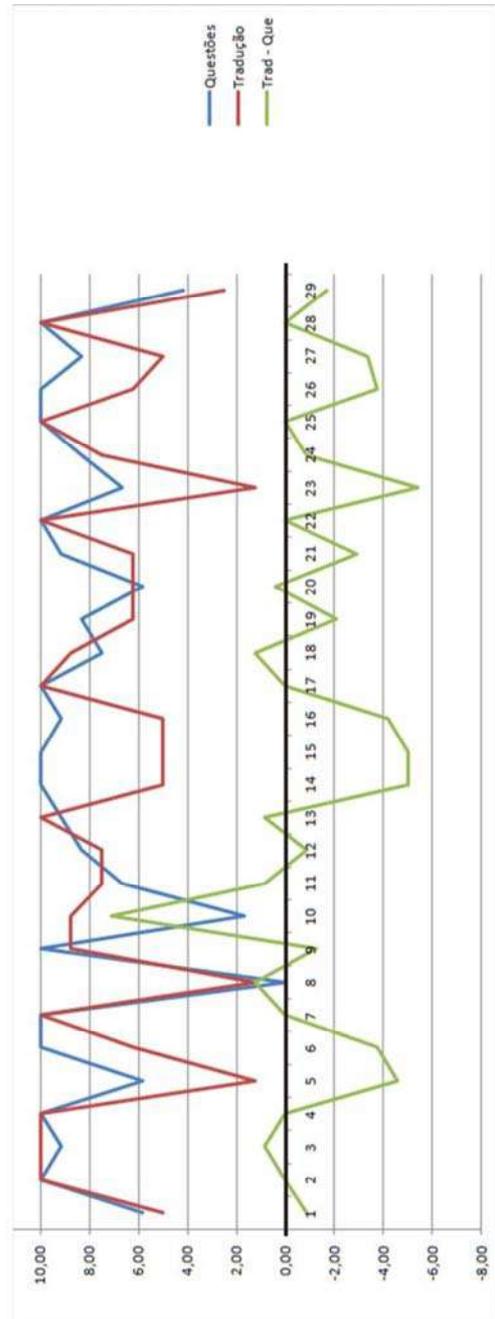
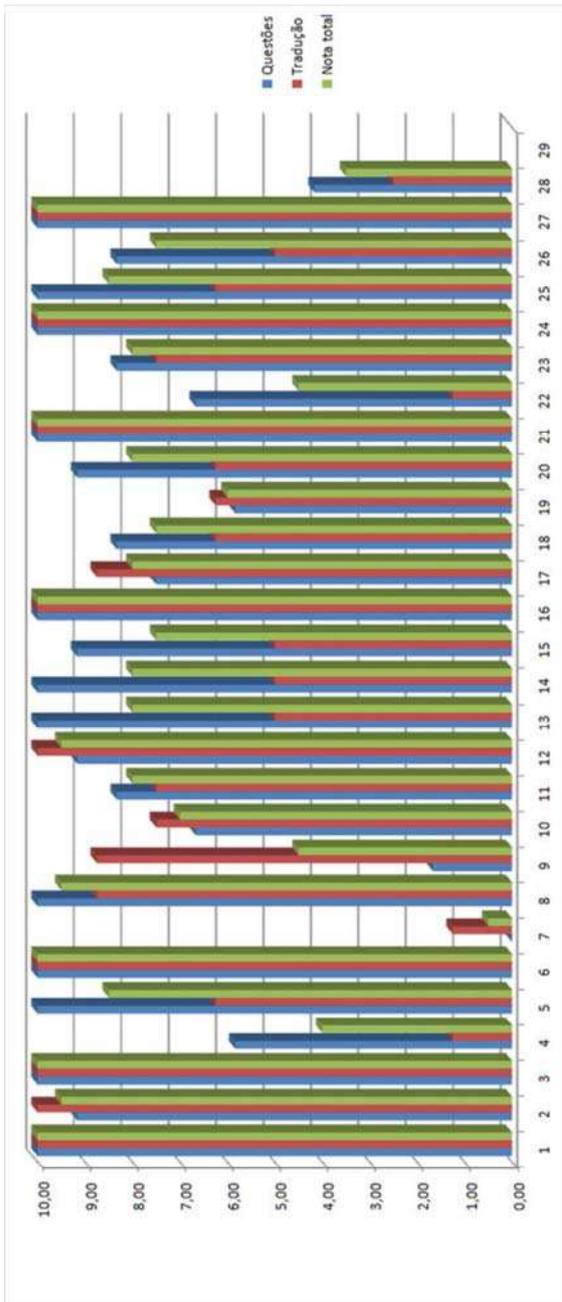
455	TELLE	1	0,0986	1 14,286
456	TEMPS	1	0,0986	1 14,286
457	TENTÉS	1	0,0986	1 14,286
458	TERMES	1	0,0986	1 14,286
459	TITRE	1	0,0986	1 14,286
460	TNT	1	0,0986	1 14,286
461	TORT	1	0,0986	1 14,286
462	TOTALITÉ	1	0,0986	1 14,286
463	TOUS	1	0,0986	1 14,286
464	TOUT	1	0,0986	1 14,286
465	TOUTE	1	0,0986	1 14,286
466	TRÈS	1	0,0986	1 14,286
467	TUMULTUEUX	1	0,0986	1 14,286
468	TV	1	0,0986	1 14,286
469	ULTRA	1	0,0986	1 14,286
470	UNIS	1	0,0986	1 14,286
471	USINE	1	0,0986	1 14,286
472	VA	1	0,0986	1 14,286
473	VERTU	1	0,0986	1 14,286
474	VEUT	1	0,0986	1 14,286
475	VIE	1	0,0986	1 14,286
476	VIENNENT	1	0,0986	1 14,286
477	VIGILANCE	1	0,0986	1 14,286
478	VISION	1	0,0986	1 14,286
479	VISIONNER	1	0,0986	1 14,286
480	VISIONS	1	0,0986	1 14,286
481	VOIR	1	0,0986	1 14,286
482	VOIRE	1	0,0986	1 14,286
483	VOS	1	0,0986	1 14,286
484	VOTRE	1	0,0986	1 14,286

Anexo E – Gráficos das provas (relação nota das questões – nota na tradução)

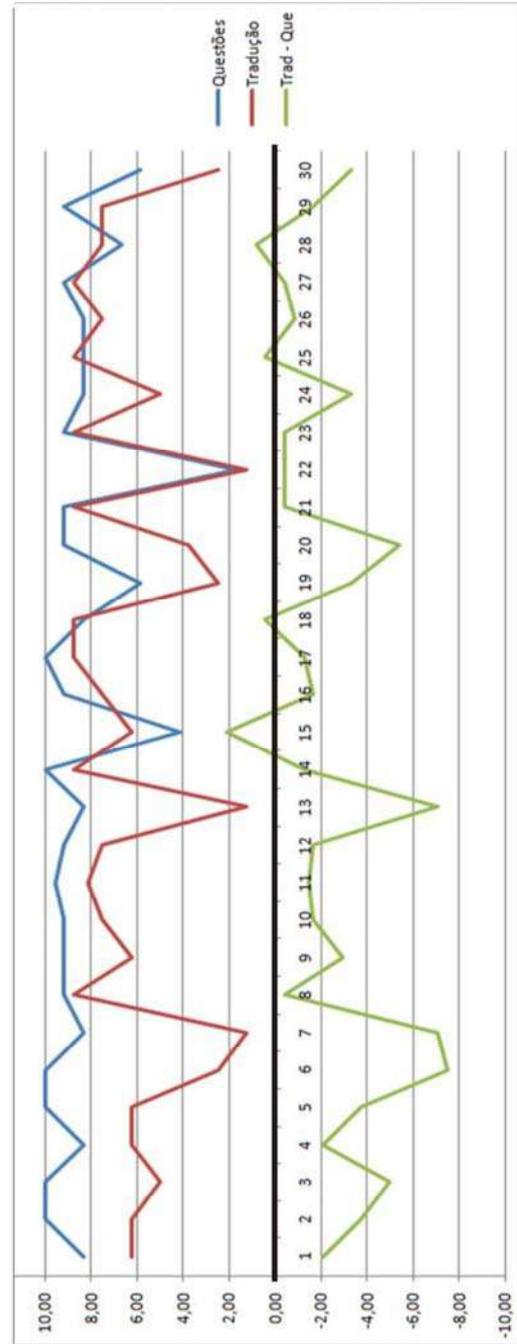
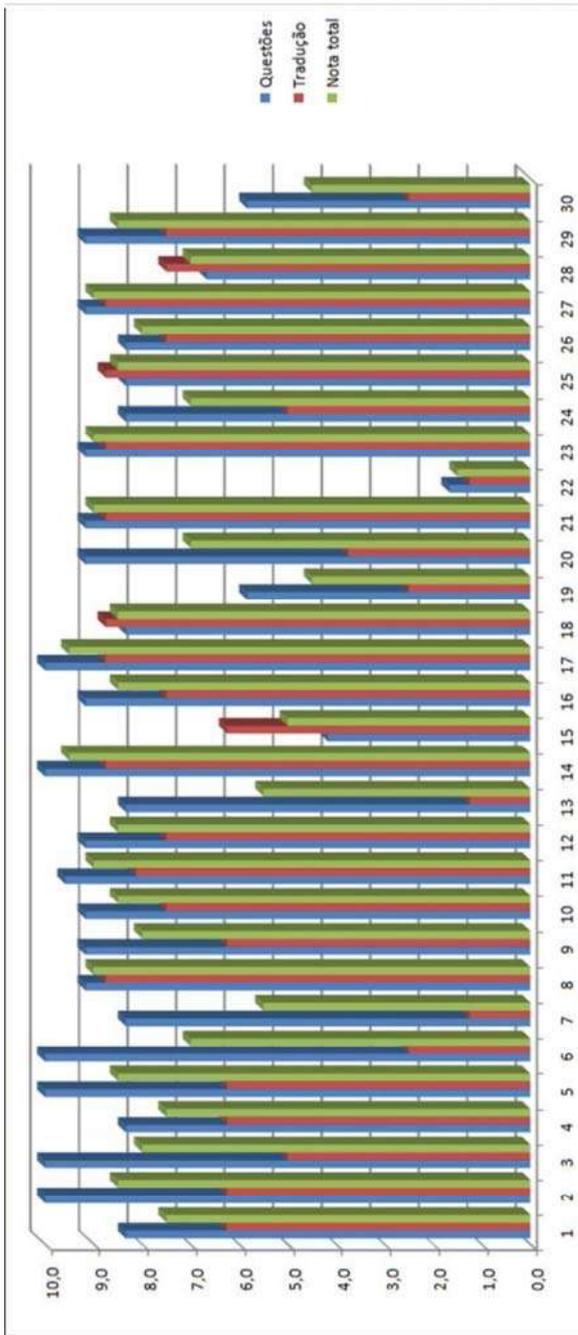
E01. ECA – 2002



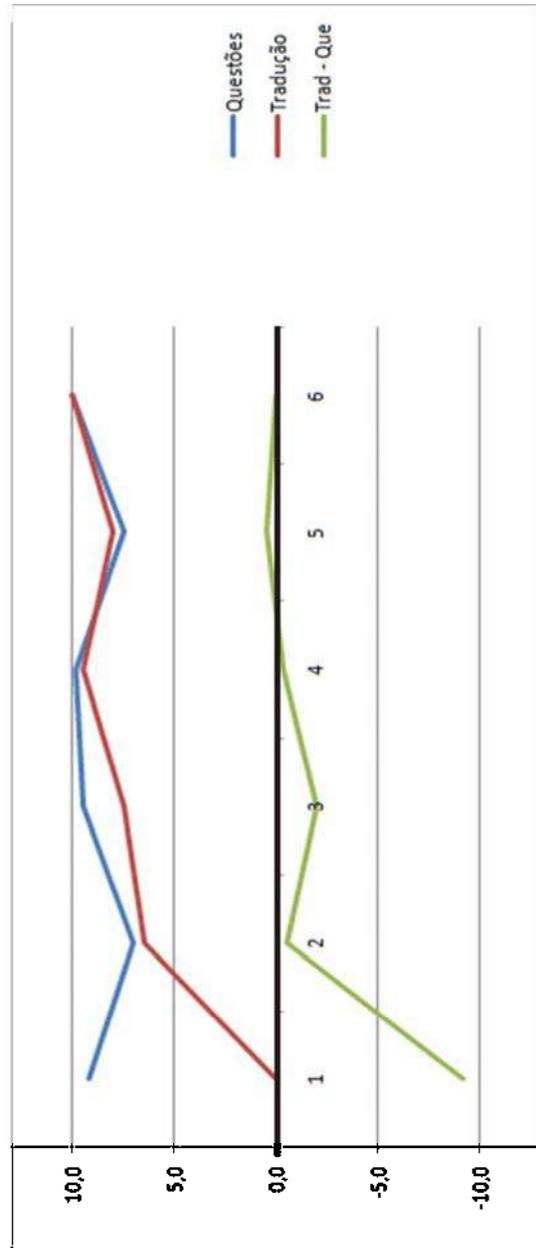
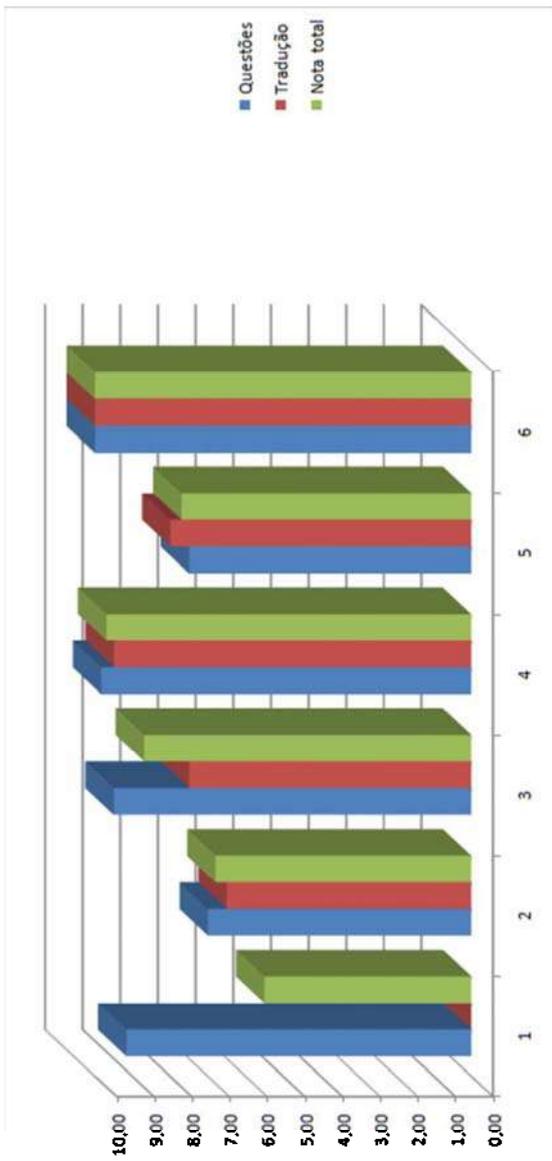
E02. ECA – 2004



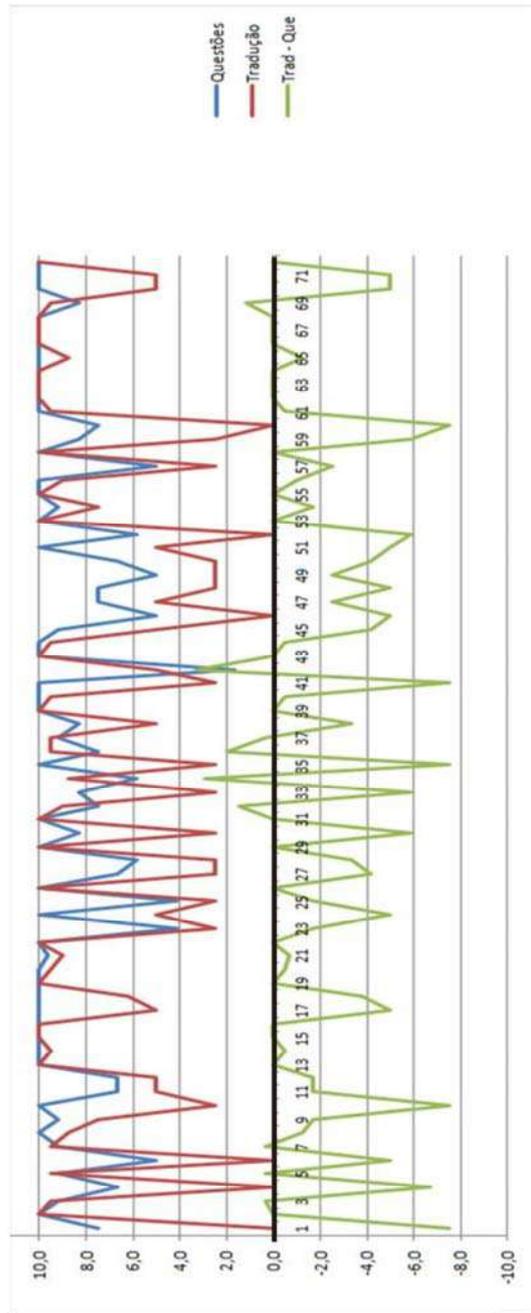
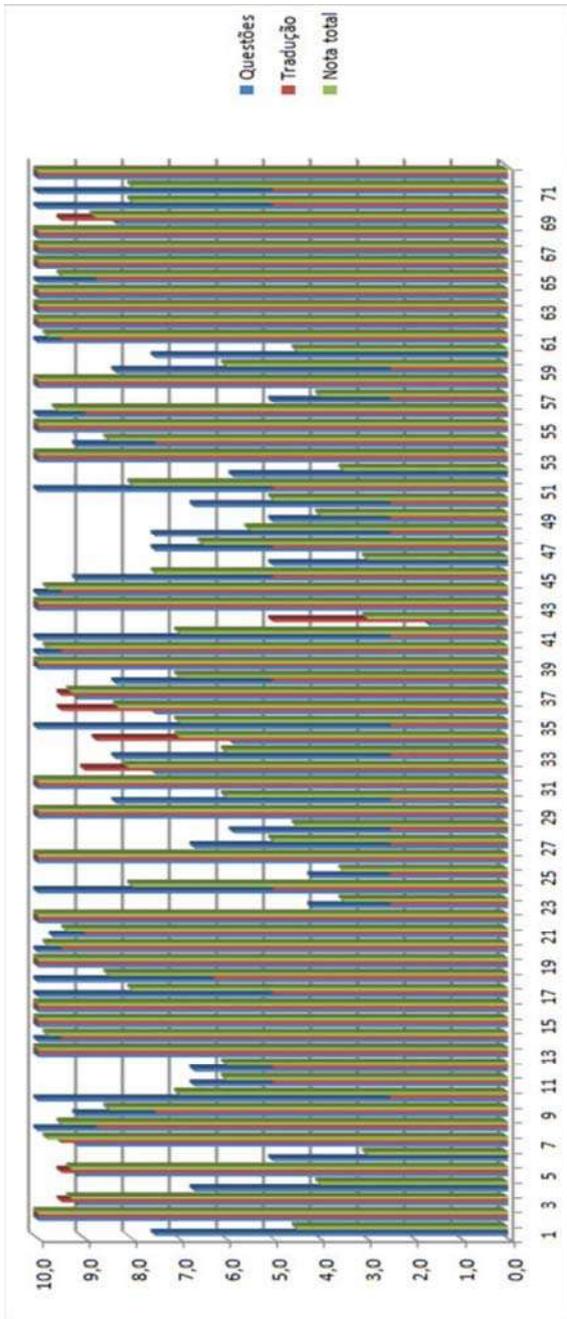
E03. ECA – 2005



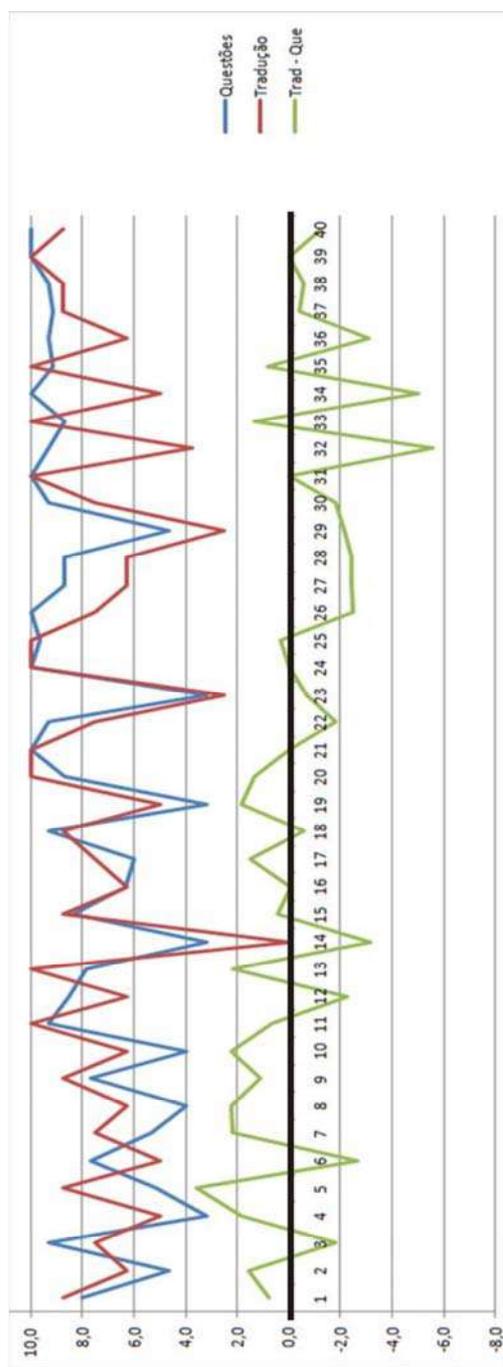
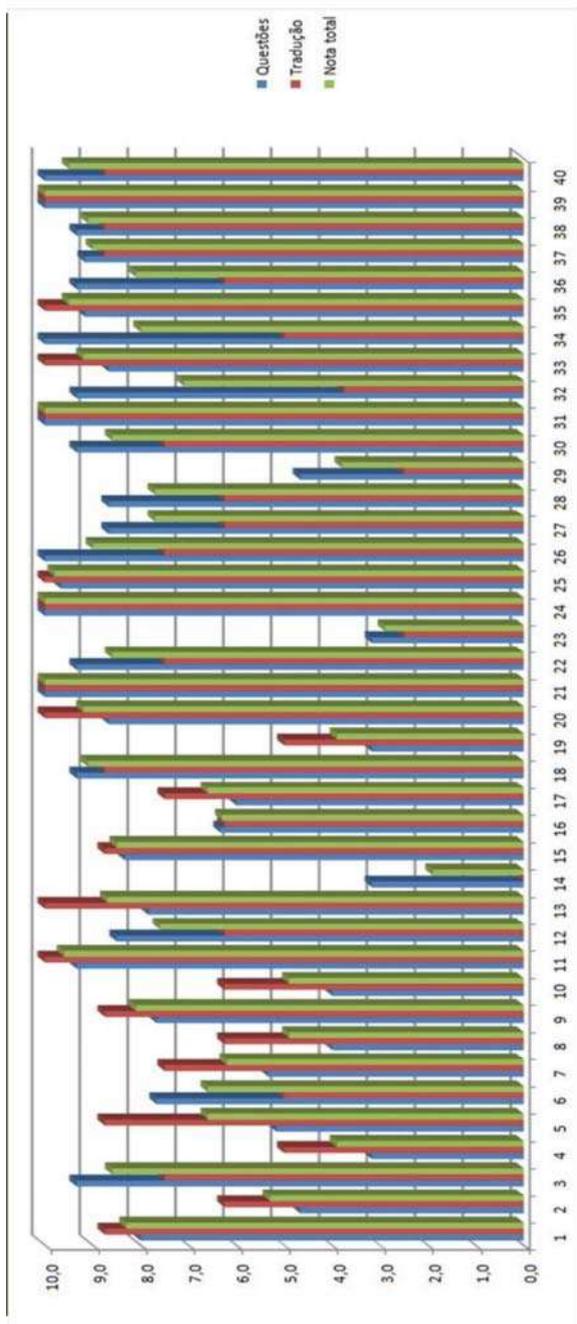
E04. ECA – 2006



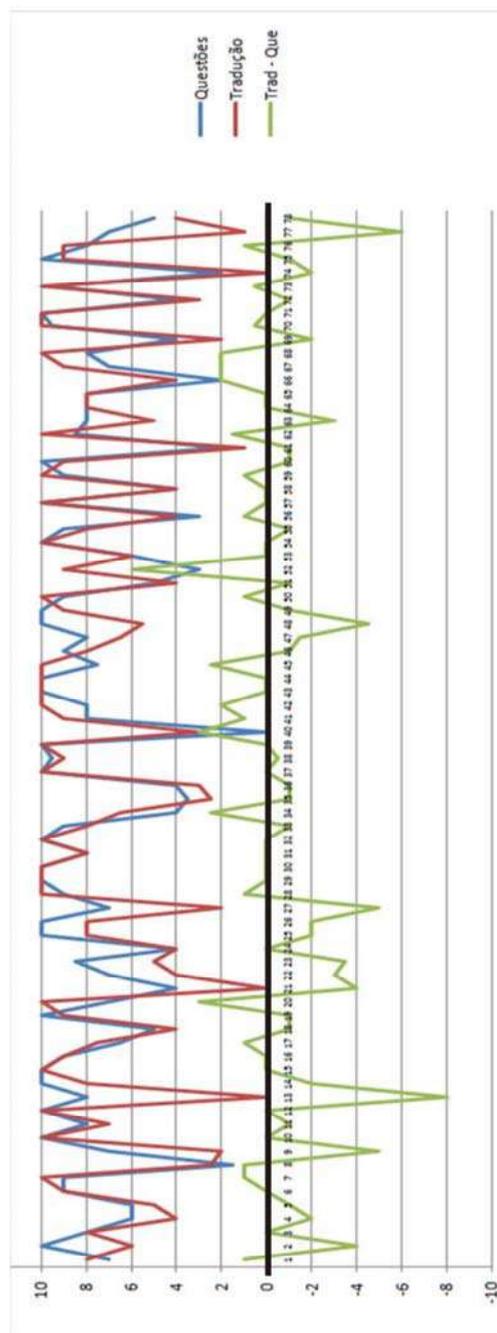
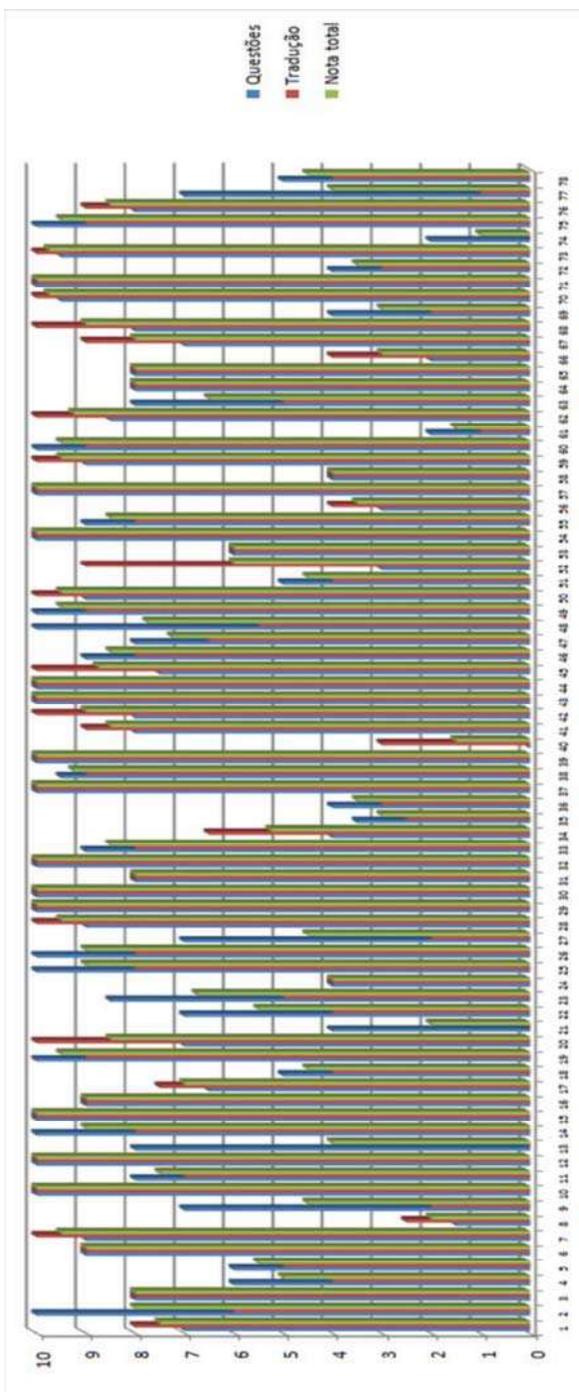
E05. Letras – 2004



E06. Letras – 2006



E07. Letras – 2007



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)